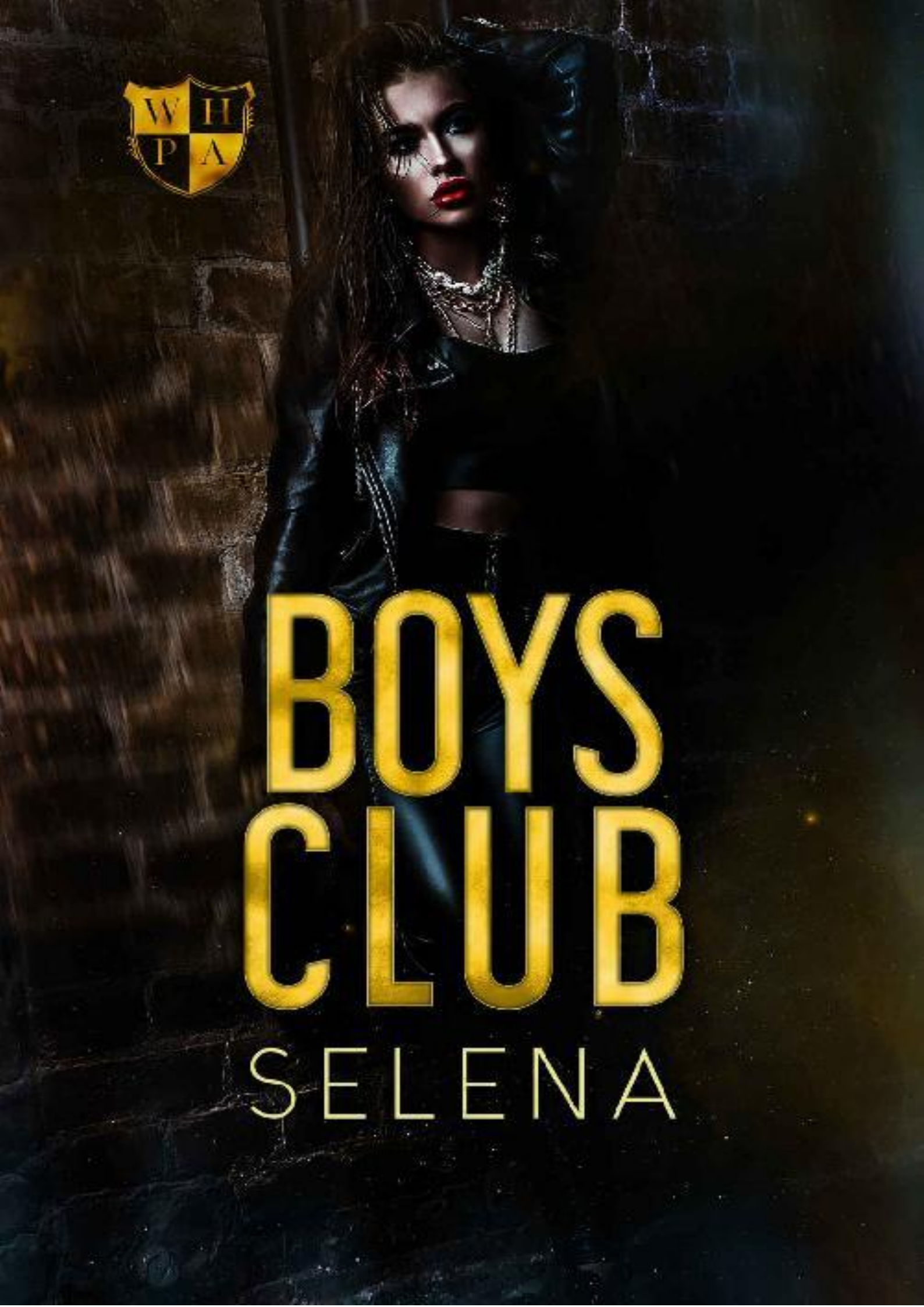


A woman with long dark hair, wearing a black leather jacket over a black crop top, is positioned in the upper half of the image. She is looking towards the camera with a serious expression. The background is dark and textured, resembling a stone wall or a similar material. The lighting is dramatic, highlighting her face and the texture of her clothing.

BOYS CLUB

SELENA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ENCHANTED

Pages



1 ano

↔ Tradução: Livia

↔ Revisão: Camila

↔ Conferência: Allib

↔ Formatação: Thame

AVISO

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Enchanted Pages. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- ↗ Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais;
- ↗ Não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- ↗ Não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- ↗ Não faça montagens do livro com trechos em português;
- ↗ Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

***Meu nome é Harper Apple, e as pessoas dizem que sou
podre até a medula.***

E eles estão certos.

*Eu consegui o que queria. Curvei-me perante os tiranos,
apostei tudo o que tinha e ganhei. Eu finalmente ganhei um
lugar cobiçado como uma garota Dolce na mesa dos garotos
mais poderosos da escola.*

Agora vou destruí-los.

*Navegar pelos corredores de Willow Heights como uma garota
Dolce não é tarefa fácil, e fazer isso com segundas intenções
apenas torna isso mais difícil. Com os meninos Dolce sempre
observando e o Bitch Pack ansioso para me ver cair, nada é
garantido. Não consigo esquecer nem por um momento que
tudo isso é um jogo, que Royal ainda pretende me quebrar.*

Não se eu puder quebrá-lo primeiro.

*Embora meu coração e meu corpo pertençam a Royal Dolce,
não posso deixar que seus jogos distorcidos quebrem minha
mente também. Eu tenho que ficar afiada e ganhar a única
coisa que ainda não consegui - a confiança dele.*

*Mas quando eu descobrir seus segredos, serei forte para
revelá-los a seu inimigo? Ou minha própria lealdade mudaram
junto com meu coração?*

A vida é para ser vivida, não controlada; e a humanidade ganha-se continuando a jogar face à derrota certa.

— Ralph Ellison, *Homem Invisível*

Aviso de conteúdo: este livro é extremo. Se você tiver QUALQUER limite rígido, não continue. Se continuar, faça-o com cautela.

1

Harper Apple

Na segunda-feira depois de transarmos, Royal me fantasia. Eu não estou prestes a agir desesperadamente, especialmente porque ele pensa que eu quero ser sua namorada, então eu o ignoro de volta e vou cuidar da minha vida. Não é fácil, no entanto. Meu maldito coração está em nós. Eu sabia que sexo com ele não seria casual. Eu sabia que meu coração já estava muito envolvido com ele, e minha cabeça muito fodida por ele, para que nossa conexão não tivesse sentido. E a maneira como ele agiu depois só me puxou mais fundo.

Ele disse que queria fazer isso de novo e tomou medidas para provar isso, fazendo-me acreditar que ele quis dizer isso. Eu deveria saber melhor do que acreditar em uma palavra de seus lábios mentirosos. Mas eu fiz.

Estou chateada e sim, machucada pra caralho, mas tento não me importar com o desinteresse de Royal. Tento não entrar em pânico ao pensar que ele terminou comigo, e não porque captei sentimentos, mas porque preciso de respostas. Eu não terminei com ele. Estou apenas começando. Acabei de entrar no círculo dos meninos - ou pensei que tinha. Ele agiu assim. Agora, ele está me dando o tratamento completo.

A última vez que um menino fez isso comigo, eu tinha treze anos e não sabia como lidar com isso. Mas estou mais velha, se não mais sábia, agora. E Royal Dolce não é Colin Finnegan. Ele não sai pela escola dizendo a todos que desistiu fácil. Ele não diz nada. E ninguém mais.

Isso é o que me dá esperança de que não estraguei todo o plano mestre antes de aprender uma maldita coisa sobre ele.

Se alguém ainda não sabia que eu sou o brinquedinho de Royal, eles sabem agora. Há até uma foto da façanha que fiz na sexta-feira no jogo no blog de Dixie, ou pelo menos foi o que me disseram. Seja qual for o caso, ninguém sequer menciona o vídeo ou diz a palavra *boquete* para mim, o que é um alívio bem-vindo. Não posso deixar de pensar que tem menos a ver com minha placa proclamando-me como a vadia de Royal, e mais a ver com ele aparecendo na pedreira e declarando para toda a cidade que eu era *dele*.

Já que Dixie não testemunhou a briga na noite de sexta-feira, eu esperava que essa parte escapasse de seu blog, mas aparentemente Gloria a informou sobre os detalhes sangrentos, então agora toda a escola sabe que Royal me “resgatou” de alguns idiotas - e é claro que eles acham que ele é algum tipo de herói, embora eu tivesse acabado com eles se ele não tivesse aparecido para limpar os dois últimos para mim.

Mais do que isso, todos sabem que sou intocável.

Se isso é tudo que recebo em troca da porra do Royal, eu aceito.

Eu deslizo ao lado de Dixie na aula, na tarde de terça-feira antes do resto do grupo chegar e finalmente tenho a chance de falar com ela a sós pela primeira vez em uma semana. Faz dez dias que Royal quase matou nosso amigo.

— Você já ouviu falar de Colt? — Eu pergunto, olhando para a porta. Eu sei que ela mantém isso no DL, e não estou tentando colocá-la em problemas com ninguém.

— Sim, — diz ela. — Ele está acordado, mas vai ter que fazer algumas grandes cirurgias reconstrutivas.

— Foda-se, — eu digo, balançando a cabeça, como se isso pudesse afastar a imagem do meu amigo antes do ataque, seu cabelo loiro brilhante até as orelhas e tons de grife que não pareciam combinar com a aspereza do belo, menino rebelde tatuado com olhos amargos e sorrisos cautelosos. Tento não pensar naquele rosto sendo golpeado pelos punhos de Royal, os dentes estalando, o nariz cedendo, o som dos golpes ficando mudos quando não estavam mais atingindo os ossos.

Agarro minha mesa, tentando não vomitar o café da manhã que acabei de tomar.

— Sim, — diz Dixie. — É ruim, Harper. Ele pode ter que colocar uma placa de metal em parte do rosto. Eles o destruíram. Sua voz falha na última palavra, e ela enxuga uma lágrima.

— Sinto muito, — eu digo, sentindo-me totalmente fodida por ter dormido com o garoto que fez isso com Colt apenas uma semana depois. — Eu não sabia que era tão ruim. Quero dizer, eu sabia, mas... pensei que ele

voltaria. Minha própria garganta aperta com o pensamento de nunca mais ver meu bravo e ferido amigo novamente.

— A família dele acha que ele vai terminar o ano online, — diz ela. — Isso é o que Preston fez no ano passado depois de... você sabe.

— Eu realmente não sei, — eu digo, baixando minha voz para um sussurro. Eu sou uma cadela fofqueira como qualquer outra garota. Quero ouvir todos os boatos sobre os Dolces. — O que eles fizeram?

— Eu sabia que estava chegando, — ela sussurra. — Eu tentei dizer a ele. A única razão pela qual o deixaram ficar foi por causa de Mabel, e mesmo essa proteção não dura...

Ela para no meio de sua palavra, e eu me viro para ver Baron passeando, seu pirulito enfiado no canto de sua boca. Seus olhos deslizam sobre nós, estudando a indiferença em seu rosto, embora o súbito silêncio de Dixie deva revelar que estávamos falando sobre ele. Sem nos reconhecer, ele se senta à mesa do outro lado da sala onde se senta com Glória e seus amigos. Ele deve estar acostumado com a atenção. Eu não quero me perguntar ou me importar se ele odeia isso tanto quanto Royal, mas eu odeio.

Dixie não termina seu pensamento, como se estivesse com medo de que ele tivesse um microfone espião que pudesse levar sua voz até o canto mais distante.

— Posso te perguntar uma coisa sobre os Darlings? — Eu sussurro, inclinando-me para perto dela para que ela não tenha medo de que ele ouça. — Algum deles está na prisão?

— Sim, — ela sussurra, com os olhos arregalados. — O pai de Preston. Ele foi condenado por assassinato, mas quase todo mundo sabe que ele foi incriminado por *você-sabe-quem*.

Seu olhar corta para Baron, que está olhando para a tela de seu laptop enquanto ele inicia.

— Ele é o tipo de pessoa que iria querer vingança por isso?

— Oh, sim, — diz ela. — Totalmente. Colt diz que ele é um verdadeiro bastardo. Por quê?

— Apenas imaginando, — eu digo com um encolher de ombros, mas meu coração está disparado no meu peito. É a melhor pista que consegui até agora. Não que eu tenha tentado muito, mas se ele é o Sr. D... Isso pode explicar por que ele pode movimentar dinheiro e me pagar a fiança, mas ele não vai me encontrar pessoalmente.

Quinn e Susanna chegam, interrompendo qualquer conversa sobre isso por enquanto. A aula começa e começamos nossa tarefa, mas logo a conversa se volta para o futebol, como de costume.

— Você vai ao jogo de novo? — Dixie pergunta, de volta ao seu jeito vivaz de sempre. — Aquela roupa que você usava era uma loucura! Coloquei uma foto no blog.

— Foi o que ouvi.

— Você é tão louca, — diz ela, balançando a cabeça. — Você me lembra da...

Eu arqueio uma sobrancelha. — Da...?

Ela acena com a mão desdenhosa. — Mal posso esperar para ver o que você vai inventar esta semana. Quero dizer, como você pode superar isso?

— Eu não estava planejando.

— Você tem que fazer isso, — ela grita. — Este é o último jogo antes do feriado de Ação de Graças. E temos uma nova rotina de dança. Quinn coreografou ela mesma.

Eu estreito meus olhos para Dixie. Superficialmente, se você não a conhecesse melhor, pensaria que ela é apenas uma cadela fofqueira e burra. Você nunca saberia que seu coração está partido pelo garoto que ela ama. De uma forma estranha, ela é o maior mistério desta escola. Ela é como uma celebridade que está sempre “ligada” em público, que tem essa persona, mas você nunca conhece a verdadeira ela, a garota por baixo do rosto público. Ela derrama o chá sobre todos os outros, está por dentro de cada sussurro e boato, mas até eu parar e pensar sobre isso, nunca percebi que não há nada sobre *ela* nessas postagens.

Eu me pergunto se alguém já pensou em perguntar a ela o que está acontecendo com ela, não apenas as últimas fofocas.

— Todo mundo acha que você tem coragem, — Dixie diz antes que eu possa mudar de assunto.

— Não acredito que você fez aqueles cartazes, — diz Susanna, embora eu não consiga dizer se ela admira isso ou pensa que estou desesperada. — Quero dizer, as Waltons estão obcecadas – tipo, esperando ao lado do telefone que eles liguem. Mas você é tipo, *agressiva*.

— Espere, espere, espere, — eu digo, levantando a mão. — Eu não estou perseguindo Royal.

Ela e as outras garotas trocam um olhar.

— Bem, isso mostra que você é dele, com certeza, — diz Quinn.

— Então, você vai ao jogo? — Dixie pergunta novamente, parecendo toda animada, como se eu pudesse dar a ela mais assuntos para seu blog esta semana.

— É, não. Futebol não é realmente minha praia, — eu admito.

Deixo de fora a parte sobre como é Femme Fight Friday, e não posso perder mais uma semana no Slaughter Pen.

— Mas é um grande jogo, — Quinn diz, seus olhos se arregalando. — Nós estamos jogando contra Ridgedale.

— Eu pensei que Faulkner High era o grande jogo, — eu digo. Até eu já ouvi falar desse jogo. Você teria que ser cega para não saber sobre isso. Mas as outras escolas são apenas nomes para mim.

— Temos a nova rotina de dança de Quinn, — Dixie oferece.

Eu dou de ombros. — Seria legal ver vocês dançando de novo, mas já tenho planos. Talvez outra hora.

— Como você pode ter planos? — Quinn pergunta. — Todos estarão no jogo. Quero dizer, além de Faulkner, é o nosso maior jogo. Eu literalmente nunca perdi o jogo contra Ridgedale. Meus pais gostam de me contar como me colocaram no carrinho quando eu tinha seis meses para vir a esse jogo. Meu pai é um ex-aluno de Ridgedale High, então eles realmente gostam disso.

— Você não estava lá *todos os* anos, — diz Gloria presunçosamente, virando-se da mesa ao lado, para onde foi trabalhar com uma de suas amigas.

— Por que você não conta a ela sobre o ano em que esteve em um quarto acolchoado?

Eu levanto uma sobrancelha para Quinn, que está congelada.

— Ninguém aqui está falando com você, — eu digo para Gloria quando fica claro que Quinn não vai falar. — Cuide da sua vida, bruxinha malvada.

— Looney Quinn do hospício, — Gloria canta, encontrando meus olhos e girando um dedo em um círculo ao lado de sua orelha no sinal universalmente reconhecido para louco. Ela age como se eu devesse estar nisso, mas, novamente, me encontro do lado de fora, sem conhecer a história de ninguém. Já estou meio acostumada com isso, mas ainda é irritante.

— Então, de qualquer maneira, — eu digo, virando-me e sorrindo para minhas companheiras de mesa. — Vocês estão dançando, então vocês realmente *têm* que ir a todas essas coisas, não é?

— Bem, sim, — diz Quinn. — Mas eu iria mesmo se não estivesse no time. O que mais há para fazer na sexta à noite? Praticamente toda a cidade fecha às sextas-feiras.

— Não toda a cidade, — murmuro baixinho. Afinal, as lutas devem continuar. Ninguém no Slaughter Pen se preocupa com futebol - pelo menos não muitos deles. Os regulares pulam o jogo para vir nos assistir lutar toda semana. As grandes cadeias de lojas, restaurantes e postos de gasolina estão abertos, mas é só isso. Acho que para as pessoas que gostam de fazer parte da cena social, os jogos são onde isso acontece. Foi assim na ESF também. O futebol é rei. Eu sempre soube disso. Eu simplesmente não me importo.

— Royal vai esperar você no jogo, — diz Gloria. — Você não pode simplesmente ignorá-los. Ele é o zagueiro.

— E eu não sou a namorada dele, — eu digo, dando-lhe um olhar. Percebo que todos os outros na sala ficaram em silêncio com a menção do nome de seu rei. Até a professora está assistindo, como se ela também quisesse saber com quem Royal está fodendo. Eu ouvi rumores sobre ele gostar de garotas mais velhas. Talvez ela pense que tem uma chance.

— Você é uma garota Dolce agora, — diz Gloria. — Você tem que ir.

— Hum, não, — eu digo. — Nenhuma dessas coisas é verdade.

— Se você diz, — ela murmura, balançando a cabeça. — Tenho certeza de que veremos você no jogo. Só espero que um pouco menos de você do que vimos na semana passada.

Eu a ignoro pelo resto da aula. Na aula de ciências, onde me sento com Royal, ele é legal e indiferente comigo antes de escolher um parceiro diferente para nossa semana de estudo ao ar livre. Acho que ele é o tipo de cara de uma vez, afinal. Estou cansada demais para protestar quando DeShaun vem me reivindicar como sua parceira. Qualquer que seja. Se Royal está tentando foder comigo fazendo seu amigo ficar de olho em mim, ele pode se matar. E se ele acha que vou dizer algo a DeShaun sobre ele, ele deveria me conhecer melhor.

Concentro-me em raspar as pedras no interior da fonte como se minha vida dependesse disso. Agora, parece que sim. Tento não pensar em Royal, em como sou idiota. Ok, então eu quebrei minhas regras por ele. Eu derrubei minhas paredes e agora estou pagando. Não como se eu realmente esperasse mais. Isso não vai me matar. Isso não vai me quebrar. Pode partir meu coração, mas vou sobreviver. É o que eu faço, porra.

Depois do almoço de quarta-feira, estou jogando meu lixo fora quando Gloria se aproxima e agarra meu braço. — Eu preciso falar com você.

— Achei que as garotas Dolce eram legais demais para carregar o próprio lixo, — digo, arqueando uma sobrancelha para a criada caloura.

— Apenas cale a boca e venha comigo, — ela diz, me arrastando para o banheiro. Seu esquadrão segue, mas Gloria levanta a mão quando chegamos à porta do banheiro. Ela estende a mão e aperta a mão de Eleanor quando ela começa a protestar. — Isso é entre mim e Harper. Negócios reais. Você entende, certo?

Sem esperar que a irmã responda, Gloria me puxa para o banheiro do café. Ao ver um grupo diante dos espelhos, Glória estala os dedos para elas e aponta para a porta. — Fora.

— Mas nós...

Ela põe a mão no quadril e gira a cabeça daquele jeito cadela que as garotas fazem. — Você ouviu isso, Harper? Acho que ela disse não para mim.

— Eu não ouvi isso.

Ela se volta para as meninas. — É melhor você ficar feliz por minha garota aqui não ter ouvido você desta vez, — diz ela. — Da próxima vez, alguém pode estar prestando mais atenção.

— Isso é realmente necessário? — murmuro para ela.

As garotas resmungam e reviram os olhos enquanto passam por nós e abrem as portas. — Você pode acreditar nelas? — Glória bufa. — A atitude de algumas cadelas nesta escola, eu juro.

Eu não posso deixar de rir. — Você está falando sério agora?

Ela abre um sorriso como se pudesse ver a ironia. — Mas de verdade, — ela diz, cobrindo seu coração e revirando os olhos para trás em sua cabeça. — Você e Royal, oh meu *Dens*. É verdade?

— Não sei do que você está falando.

— Sim, você sabe.

— Você tem algo para falar comigo? — Eu pergunto, cruzando os braços e olhando. — Ou é só isso? Porque se for, essa conversa já acabou. Não há eu e Royal.

Ela abre a torneira e verifica cada uma das cabines antes de voltar ao espelho e abrir sua bolsinha. — Nunca se sabe, — ela diz, encontrando meu olhar cético no espelho.

— Você acha que alguém vai se esconder no banheiro para ouvir nossa conversa?

— A fofoca é o coração que bombeia o sangue desta escola, — ela diz antes de se virar para mim, seu quadril apoiado na pia. — Apenas... Tenha cuidado, ok? Apesar da minha aspereza, eu realmente gosto de você, Harper.

— E você quer me dizer para ter cuidado com Royal, que ele vai me destruir, que ele é perigoso e não alguém para se brincar. Confie em mim, eu sei. Eu fui avisada. Eu experimentei isso em primeira mão. E agora estou pagando.

Ela me dá um olhar engraçado. — Essa é a sua decisão final?

— O que você está falando?

Ela suspira e revira os olhos. — Royal é... eu nunca o vi assim para uma garota, ok? Ele tem muito orgulho, e pode não dizer, mas a bola está do seu lado, Harper. Por favor, tome a decisão certa.

— Foda-se, Glória. Eu também tenho meu orgulho.

— Tudo bem, — diz ela. — Se é isso que você quer, pelo menos deixe-o saber.

Eu estreito meus olhos para ela. — E o que? Colocar-me lá fora de novo? Estou disponível 24 horas por dia, sete dias por semana, como você e suas irmãs, e também posso ser uma garota Dolce?

— Não é isso que estou dizendo.

— Mas foi isso que você me disse depois da minha primeira viagem ao porão, lembra? Continue, e se eu sobreviver a eles, um dia estarei onde você está. Bem, aqui estou eu. Tão perto que posso prová-lo. Agora você está me dizendo que eu tenho que me provar para ele de alguma forma? Novamente?

— Exatamente, — diz ela, agarrando minha mão e apertando. — Você pode imaginar? Poderíamos ser amigas, Harper. Você poderia ser uma garota Dolce como nós. Como eu.

Seus olhos imploram para mim, e eu me pergunto por que ela precisa tanto de um amiga. Ela tem suas irmãs, e as outras três garotas oficiais da Dolce, e depois todo um esquadrão de aspirantes que as seguem com camisetas de futebol e se sentam na mesa ao lado como cachorros esperando que alguém jogue um osso para elas ... Ou como abutres circulando o trono, esperando que um dos membros da realeza caia para que possam ascender.

— O que você quer que eu faça? — Eu pergunto, puxando minha mão e atirando-lhe um sorriso legal. — Lutar com você por ele? Porque estou pronta para uma revanche. Você não é tão ruim.

— Ele provavelmente gostaria disso, — diz ela, devolvendo meu sorriso. — Isso definitivamente provaria que você o quer.

— Não tenho certeza se preciso provar alguma coisa para ele, — eu digo. — Mas se é isso que é preciso para ganhar um lugar na mesa dele, vamos lá. Mas estou avisando. Se estivermos lutando por Royal, eu vencerei.

— Pare de ser tão conflituosa, — diz ela, balançando a cabeça. — Estou tentando ser sincera com você. Não preciso lutar pelo Royal Dolce. Eu já tenho algo mais valioso do que o pau dele.

Eu a olho de cima a baixo. — Você está grávida ou algo assim?

— O que? — ela pergunta, virando-se para o espelho e pressionando a mão em seu abdômen plano, como se eu estivesse sugerindo que ela está gorda.

Eu rio, e ela olha. — Não, sua idiota, — ela estala. — Sua *amizade*. Além de minhas irmãs, Royal é meu melhor amigo no mundo inteiro, Harper. Às vezes até antes das minhas irmãs. Acredite em mim, quando você chegar aqui, precisará de todos os amigos de verdade que conseguir.

Eu balanço sobre meus pés. — Ok...

— Ele não é alguém para se brincar, — diz ela, tirando o batom. — Mas não estou aqui para avisá-la sobre o grande lobo mau em sua cama. Você já sabia disso antes de levá-lo para a cama. Foi por isso que você o convidou para entrar, não foi? As presas e garras são emocionantes.

— Parece que você descobriu tudo.

— O que estou tentando dizer é que há mais no Royal Dolce do que presas e garras, — diz ela. — Ele é... Bem, eu não vou dizer que ele é um cara legal, ou qualquer coisa assim, mas há mais nele do que você imagina. Ele é um menino de verdade sob aquela fantasia de lobo. Se você o quer, deixe-o saber agora, antes que ele pense que você não quer. E se você não...

— Espere, você está me dizendo que Sua Majestade Royal Dolce precisa de *garantias*?

— Estou lhe dizendo que se você brincar com aquele garoto e machucá-lo... eu vou te cortar como uma cadela. Você acha que estou falando merda sem nada para apoiá-la, porque você acha que *me* conhece. Mas não sou uma garotinha rica e mimada que não consegue defender a si mesma e aos dela.

— Eu sei disso, — eu digo. — Você deu o melhor que conseguiu naquela luta.

— Bom, — diz ela, abrindo os lábios vermelhos e colocando o batom de volta na bolsa. — Então imagine isso, mas com uma faca na mão.

Eu suspiro em frustração. — Ainda estou confusa. Você está dizendo que Royal é seu, e eu preciso recuar? Ou que eu deveria fazer um movimento? Você não pode ter as duas coisas.

— Estou dizendo que há coisas que você não sabe sobre ele, coisas com as quais você pode não ser capaz de lidar, não importa o quão durona você seja. Não estou contando isso para protegê-la dele, Harper. Estou lhe dizendo que não tenho certeza de suas intenções e quero saber.

— Então você está protegendo-o de *mim*?

— Isso é exatamente o que estou fazendo, — diz ela. — Eu acho você legal pra caralho, mas Royal é meu garoto. Eu cuido dele. Portanto, se houver algo no passado, presente ou futuro dele, qualquer coisa que ele possa fazer ou que você possa descobrir que possa fazer você ir embora, e você se importa com ele, então seja uma boa pessoa e simplesmente vá embora agora mesmo. Mas se você pode lidar com qualquer coisa que ele jogue em você, ele precisa saber disso, Harper. E ele precisa saber disso logo.

— Eu não vou implorar por sua atenção, — eu a advirto. — Eu não vou ser uma pequena idiota desesperada como suas irmãs. Sem ofensa.

— Eu não estou pedindo isso para você, — diz ela. — Mas vendo a cara dele quando ele fala sobre você... *Droga*.

Royal está falando de mim? Pela primeira vez, meu coração e minha cabeça concordam com isso. Só pode ser uma coisa boa.

E aí está - a esperança, o mestre mais cruel do mundo.

— Você está me dizendo para mandar uma mensagem para ele? — Eu pergunto, engolindo em seco com o pensamento de me expor novamente, depois que ele me ignorou a semana toda. Parece tão desesperado. Mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas e toda essa merda. Eu preciso solidificar minha posição na multidão deles. Ninguém disse que seria fácil, ou que eu conseguiria sem sacrifício. Se me tornar vulnerável é a única maneira de fazer isso acontecer, então eu farei. Afinal, estou tentando fazer com que ele faça o mesmo. É justo, mesmo que eu não goste.

— Tudo o que estou dizendo é que nunca vi Royal Dolce perder a cabeça por causa de uma garota, — diz Gloria. — Não pensei que fosse possível.

Então, agora, estou pensando em duas coisas. Primeiro, se você for legal o suficiente e forte o suficiente, como eu acho que você é, você vai deixá-lo saber se você sente o mesmo. E se não, bem, estou pensando que agora, você é a única que é perigosa, não ele. E meus instintos geralmente estão certos.

Meu coração aperta no peito e tenho que apoiar a mão na borda da pia. Não que eu acredite por um segundo que ele não seja perigoso ou que não vá me destruir. Estou me segurando, com medo de deixá-lo entrar totalmente, de dar a ele meu coração e facilitar as coisas para ele. Mas ele está se segurando também. E quando eu descobrir os segredos que podem me fazer ir embora, vou destruí-lo tanto quanto ele está planejando o mesmo para mim. Nós dois estamos dançando muito perto da superfície, ambos empurrando o outro o mais longe que podemos. Um de nós vai ter que quebrar ou ceder e cair.

E foda-se se eu estou quebrando primeiro.

Mas posso enviar-lhe uma mensagem. Eu posso fazer isso. Se ele não responder, então é isso. Vou ter que encontrar outra maneira de obter seus segredos.

As palavras de Gloria ecoam na minha cabeça, no entanto. Ele é um menino de verdade. Um menino com sentimentos. Alguém que pode se machucar. Ela é uma boa pessoa, uma boa amiga.

Eu não sou uma boa pessoa. Mas uma boa pessoa não será capaz de derrubar os Dolces. Apenas um monstro pode lutar contra esse tipo de monstro e esperar vencer.

O sinal toca, sinalizando que estamos atrasadas para a aula. Eu preciso dar algo a ela. Ela merece uma resposta.

— Eu não vou embora, — eu digo. — Aconteça o que acontecer, vale a pena para mim. Cada momento. Mesmo que seus segredos destruam a nós dois.

Ela balança a cabeça, engolindo em seco. — Eu pensei que você diria isso. Mas espero que você pense sobre isso. Certifique-se de que você realmente gosta dele antes de dizer qualquer coisa. Eu não acho que você pode mudar de ideia depois de fazer isso.

— Espere, você não me arrastou até aqui para me convencer a enviar uma mensagem para ele?

— Eu arrastei você até aqui para dizer para ser honesta com ele, — ela diz, sua voz suavizando. — Não brinque com a cabeça dele. Se você cortar suas perdas agora, ele ficará chateado, mas ele pode ficar bem. Se você machucá-lo... Harper, ele já está tão quebrado, acho que não sobreviverá nem mesmo à menor fratura. Mais uma ferida, e ele se despedaçará em um milhão de pedaços, e nunca seremos capazes de juntá-lo novamente.

— Eu acho que ele é mais forte do que você pensa, — eu digo. — Se isso matar um de nós, será eu.

— Eu não estou preocupada com você, — diz ela, agarrando sua bolsa e pendurando-a sobre o ombro. — É preciso mais do que um garoto para quebrar garotas como nós.

Quem é ela

O lado de fora

Quem forçou seu caminho para dentro

Ela veio, ela viu, ela conviveu

Deslizou para a minha cama

Procurando por sujeira

É assim que ela funciona —

Uma garota querida.

Esta cidade era dela

Ela poderia ter possuído

Mas ela não sabe disso

Ela não quer o que é nosso

Só para destruir

É assim que ela pensa —

Uma garota querida.

Ela não pertence aqui

Ninguém a quer

Mas ela não vai embora

Até que o dano esteja feito

Um herdeiro traiçoeiro

Com veneno em seu sangue —

Uma garota querida.

Harper Apple

Depois da minha conversa com Gloria, envio uma mensagem rápida para Royal à noite. Eu não ouço nada de volta. É uma pena parecer desesperada, mas me consolo com o fato de que não sou a primeira garota a se jogar em cima dele. O que é pior do que ser ignorada é que estou de volta à estaca zero, sem nenhuma ideia de como obter acesso ao seu círculo íntimo.

Por mais que eu não queira usá-la dessa forma, posso ter que passar por Gloria. Não importa o quão estúpido seja meu coração, meu cérebro ainda está funcionando muito bem. Meu cérebro me diz que Royal sendo um idiota é a melhor coisa que poderia ter acontecido esta semana, enfiando na minha cabeça que ele não é meu namorado. Ele é meu inimigo. Se ele tivesse investido em mim, eu poderia ter esquecido, poderia ter sido arrebatada pela atração sedutora de seu poder, apaixonada demais pela febre de Dolce para lembrar que tudo isso é mentira.

Ele me ignorando me dá tempo para reorientar, para colocar minha cabeça no jogo. Ainda preciso descobrir algo sobre os Dolces, algo que possa derrubá-los. E Gloria conhece seus segredos.

Preciso saber o que ela sabe, algo que pode destruí-los de uma vez por todas. Eu nem preciso de todos os seus segredos. Apenas um. Algo melhor do que o pai deles ser um exuberante ou um canalha, melhor do que o fato de eles terem uma sala de estupro embaixo da escola. Preciso de um segredo tão vergonhoso quanto o segredo que eu tinha, aquele que Royal expôs na frente de toda a escola.

Por que eu não deveria fazer o mesmo com ele?

Se eu fosse uma garota como Lo, se tivesse algo a perder, a fita minha dando um boquete em uma professor velho e feio teria me destruído. Mas eu não tinha uma reputação brilhante, nem dinheiro, nada. Ainda assim, ele tornou minha vida um inferno, expôs minha vergonha e humilhação mais sombrias. Meu desespero. Todo mundo sabe o que eu sou. Ele pode pensar que eu esqueci isso, mas nunca vou esquecer.

Então agora é a minha vez de desenterrar a roupa suja dele, algo tão bom quanto o vídeo que ele fez de mim chupando o Sr. Behr. Não sei que segredos os Dolce têm, mas eles os têm. Pessoas ricas não são ricas legalmente. Os Dolce têm esqueletos e estou prestes a desenterrá-los. Não desistirei até encontrá-los, a única peça de roupa suja que pode arruiná-los, um segredo que pode derrubar um império. Mesmo que eu tenha que passar pela ex do Royal para conseguir.

No final da semana, ainda não descobri como. Está me deixando louca pra caralho. Cinco dias passando pela mesa de Royal no café e me recusando a olhar para ele. Cinco dias me forçando a não olhar para o meu telefone como uma cadela patética. Cinco dias ignorando-o na aula que compartilhamos, querendo gritar de frustração. Eu pensei que tinha colocado um pé na porta. Pior, não sei onde escorreguei. Revejo nossa última troca um milhão de vezes. Ele disse que era para eu estar pronta para ele na segunda-feira, mas ele não fala comigo na aula, me assedia no café ou me arrasta para o porão para foder.

E aqui estou eu, obcecada como qualquer outra vadia burra em Willow Heights. Eu comprei o jogo dele e me odeio por isso. Entre o calor e o frio, não sei dizer se estou escaldado ou congelada na metade do tempo, e a parte fodida é que não me importo. Eu quero mais. Não estou cem por cento interessada em ser a namorada dele, mas uma parte idiota do meu cérebro de macaco continua empurrando a alavanca, esperando que desta vez eu consiga uma guloseima.

Sexta de manhã, estou no meu armário antes da escola quando ouço um silêncio cair sobre o corredor. Royal Dolce está caminhando em minha direção. Nada mais pode chamar a atenção de todos tão rápido.

Eu fico tensa, sempre pronta para o outro sapato cair. Só porque ele me ignorou, não sou burra o suficiente para pensar que ele acabou comigo. Ele está ganhando tempo, esperando para atacar, provavelmente amando que isso está me matando. Porque ele me conhece bem o suficiente para saber que não sou o tipo de garota que vai embora sem dar uma explicação. Eu quero respostas, e ele sabe disso. Ele também sabe que estou impaciente pra caralho, e pelo olhar presunçoso em seu rosto, ele sabe o alívio que esse confronto é para mim.

Eu digo ao meu coração acelerado para ir se foder, e dou a Royal um olhar frio quando ele encontra meu olhar. Só porque nunca namorei não significa que não possa jogar este jogo também.

Ignorando minha fingida indiferença, Royal para e tira a bolsa do ombro, abrindo-a e tirando um maço de tecido dourado e preto. — Esteja no meu jogo esta noite, — diz ele, empurrando o tecido em minhas mãos. — Nisso.

— Sim, veja, eu meio que já tenho planos, — eu digo. Foda-se se eu vou pular para obedecer depois que ele me ignorou a semana toda. Se ele me queria em seu jogo, deveria ter dito algo antes de eu marcar uma luta.

— Cancele-os, — diz ele. — Esteja lá. Vista isso.

Eu o encaro e abaixo minha voz para um sussurro, passando por trás da porta do meu armário para que ninguém possa ler meus lábios. — Fodemos uma vez e você acha que pode me dizer o que fazer e como me vestir?

Ele me dá o sorriso idiota que faz meus malditos mamilos endurecerem só de vê-lo. — Eu já estava dizendo a você o que fazer e como se vestir, — diz ele presunçosamente. — E nós fodemos mais de uma vez. Se bem me lembro, você gozou, tipo... — Ele finge contar nos dedos antes de terminar, — Seis vezes?

Meu rosto esquenta com a memória de quantos orgasmos ele me deu na semana passada, mas não vacilo. — Seu ponto é?

Ele pega o pano que ainda esta segurando e o sacode. É uma camisa, embora não seja real. É uma das minúsculas que as garotas usam nos jogos, com o número dele nas costas - o número um, é claro. — Vai usar isso. Todas as garotas Dolce as usam às sextas-feiras.

— Oh, agora eu sou uma garota Dolce?

Ele desliza a mão sobre meu quadril logo acima do topo da minha calça jeans e me empurra de volta contra o armário, avançando até que nossos corpos estejam quase se tocando. — Não, torta de cereja. Você é *minha* garota Dolce, — ele diz, com a cabeça abaixada, então nós dois estamos atrás da porta do armário. — Agora vá colocar isso. Quero ver meu número nas suas costas o dia todo. Não poderei vê-lo esta noite.

— Por que você acha que vou torcer por você essa noite?

— Porque você vai estar de costas, — diz ele, varrendo o polegar ao longo do topo da minha calça jeans, escovando minha pele nua sobre o cume do meu quadril. — Onde você pertence.

O pequeno contato é mais erótico do que se ele estivesse se esfregando contra mim, e eu tenho que lutar para manter minha cabeça no lugar.

— Não de joelhos? — Eu pergunto, batendo meus cílios para ele. Estou fodendo com ele, mas também estou testando-o, observando a menor reação quando insinuo a conversa que tive com o Sr. D. — Ou... De quatro?

— Baby, eu não me importo se você está de cabeça para baixo, — diz ele. — Enquanto minhas bolas estiverem batendo na sua boceta, eu sou um homem feliz.

Ou ele é o melhor mentiroso do mundo, ou não é o Sr. D. Não que eu realmente pensasse que fosse, mas é bom eliminar uma pessoa.

— Então, é assim que isso vai funcionar? — Eu pergunto. — Você me ignora a semana toda, e então na sexta eu visto sua camisa e vou ao seu jogo, e você me fode como recompensa e depois volta a fingir que eu não existo na próxima segunda-feira?

Ele coloca um dedo nos meus lábios. — Sem perguntas, lembra?

Eu olho para ele, mas ele apenas acena para alguém no corredor, e um segundo depois, Gloria e seu Bitch Pack chegam, todas vestindo camisetas semelhantes, seus cabelos em rabos de cavalo altos, com números pintados em seus rostos. Apenas Gloria ostenta o número um na bochecha. As irmãs dela têm os números dos outros garotos Dolce, e as outras três garotas têm outros números, que presumo que pertençam a DeShaun, Cotton e Dawson.

— Vamos, então, — Gloria diz, entrelaçando seu braço no meu. — Tenho maquiagem. Vamos consertar você no banheiro.

— Obrigado, Lo, — diz Royal, colocando um braço em volta da cintura e inclinando-se para beijar sua testa. — Você é uma boneca.

Gloria e seu esquadrão me escoltam pelo corredor até o banheiro. Eu tive bastante atenção ultimamente, então eu não luto contra isso e faço uma cena. Mas uma vez dentro do banheiro, eu me afasto e me viro para encará-las. — Que porra foi essa? Eu tenho um primeiro período de teste. Não tenho tempo para essa merda.

— Não olhe para nós como se fôssemos atacá-la, — diz Gloria, revirando os olhos. — Você é uma garota Dolce agora. Você tem que interpretar o papel.

— E se eu não fizer isso?

Todos elas ficam parados piscando para mim como se fosse incompreensível que eu não queira parecer o clone delas.

— Oh, Deus abençoe seu coração, — Gloria diz finalmente, me dando um olhar de pena. — Você acha que é uma escolha?

— Por que você diria não? — Leonor pergunta. — É *Royal Dolce*. É como... Se alguém lhe desse o Canary Diamond e você dissesse: *Não, obrigada. Estou bem. Prefiro ter um diamante normal*.

— Eu não entendo, — diz Everleigh. — Já somos seis e seis deles. Por que ela se torna uma garota Dolce? Royal já tem você, Lo. Ele é o zagueiro e você é a melhor garota.

Glória suspira. — Royal pode ter quantas garotas Dolce quiser. Se ele quer seis para si, ele as consegue. Não estamos aqui para questioná-los. Estamos aqui para dar a eles o que eles querem.

— E por que faríamos isso? — Eu pergunto, cruzando os braços e olhando para ela.

— Porque eles nos dão o que queremos, — diz ela, revirando a bolsa. Ela pega uma blusa preta de gola rulê como a que todos estão usando e a entrega para mim. — Coloque isso sob a camisa. Então eu vou fazer o seu cabelo.

— Teste, lembra?

— Se você está tão preocupada em ir para a aula, pare de brincar e coloque isso, — ela estala, me empurrando em direção a uma baia. — Pense assim. Royal é o rei. Eu sou a rainha. Você é a amante dele. Nós duas nos conhecemos e estamos bem uma com a outra, mesmo que não possamos dizer isso em público.

— Ohhh, — diz Everleigh. — Então ele aparece na festa com você, mas sai com ela.

— Exatamente, — diz Glória. — Eu fico com as fotos, ela fica com a conversa suja.

Eu estreito meus olhos para ela. — Você está bem com isso? E você espera que eu também?

— Sim e sim, — diz ela. — Agora, o primeiro período está prestes a começar, então se apresse.

Não tenho certeza de como me sinto sobre tudo isso, mas não vou perder meu teste, então rapidamente visto a camisa e coloco a camisa por cima, amarrando-a no quadril como as outras garotas. Gloria fica atrás de mim e puxa meu cabelo em um rabo de cavalo alto e apertado, então se afasta. — Está bom por hora, — diz ela. — Vamos pintar seu rosto mais tarde.

O sino toca, e eu xingo baixinho e saio correndo do banheiro para a aula. — Você está atrasada, — a professora retruca sem levantar os olhos. Mas então ela me vê, seus olhos me observando com o olhar. — Oh. Uma de vocês. Você está bem, apenas sente-se.

Eu faço o meu caminho para o meu lugar, embora eu esteja naquela estranha realidade do País das Maravilhas novamente. A professora não vai me dar uma bronca por estar atrasada porque estou com a camisa do Royal? Cristo. Cada vez que penso ter aprendido a extensão do poder dos Dolces, ele vai além.

Todo mundo está me olhando, sussurrando. Tenho certeza de que haverá um blog no final do período, informando a todos que não sou apenas a vadia de Royal, sou uma garota Dolce agora. Exatamente onde eu queria estar há tanto tempo. Eu nem sei como me sinto sobre isso ou o que acabou de acontecer. Foi a mensagem que enviei na quarta-feira depois que Gloria me convenceu a entrar em contato primeiro, aquela que ele nem se deu ao trabalho de responder? Tudo o que eu disse foi que esperava que ele estivesse bem. O intocável Royal Dolce realmente precisa que eu me importe com ele?

Isso realmente não importa. O que importa é que estou um passo mais perto daquele segredo com o qual Gloria me provocou. Eu queria entrar com eles desde a primeira vez que nos conhecemos, e agora eu posso. Apesar de tudo que eles fizeram, apesar de guerrear com eles desde que pus os pés em Willow Heights, de alguma forma, consegui. Estou dentro. Agora é hora de começar o verdadeiro trabalho.

De alguma forma, não é tão emocionante quanto eu esperava. Achei que adoraria derrubá-los, destruindo-os por dentro. Mas não tenho certeza se ainda quero isso. Eles são brutais, terríveis e insanos, mas também são complicados,

tristes e humanos. E a verdade é que eles não são apenas fascinantes. Eu gosto deles. Não apenas Royal. Duke é um idiota desagradável, mas não é mau. Ele brinca, mas quando estávamos no rio, ele me segurou para me aquecer. Embora eu não conheça Baron também, ele está crescendo em mim também. Ele é leal e cuida de seus irmãos.

E Royal... não quero nem olhar para essa bagunça. Só sei que estou dentro e não quero sair. Agora não. Eu quero mais. Quero saber mais, fazer mais. Eu quero transar com ele de novo. Não foi apenas bom, foi alucinante. Se isso é tudo o que somos, eu aceito. Ele não é Maverick.

Não que eu me arrependa do que Mav e eu tivemos. Foi divertido e fácil, e aprendi algo com isso - casual não é meu estilo. Mas não sou casual com Royal. Mesmo que seja por ele, acho que posso viver com isso. vou ter que viver. Porque é tarde demais para mim. Algo nos conecta desde o momento em que nos conhecemos. Algo em sua alma reivindicou a minha muito antes de suas palavras. E o meu aceitou sua reivindicação. Mesmo quando não admitia, não sabia, sempre foi dele.

Agora que cedemos a isso, não há como recuar. Quando ele olhou nos meus olhos enquanto estava dentro de mim, foi a coisa mais poderosa que já experimentei. Não importa se foi naquele momento que as pessoas diriam que foi sexo 'ruim', ou que ele veio cedo demais. Na verdade, isso só me diz que ele sentiu isso também. Que nossa conexão foi tão intensa que ele não poderia se conter mesmo que tentasse.

Saber que não vai durar, que não pode, só torna a decisão mais fácil. Não sou do tipo que se entrega às coisas sem pensar bem. Mas com ele, eu sou. Ele faz eu me sentir louca, ousada, apavorada e animada. Posso deixar meu coração ter isso por enquanto, meu corpo ter prazer no dele, sem mudar de ideia. Eu não esqueci o que ele fez. Ele ainda lançou aquele vídeo depois de prometer que não o faria. Se as faculdades descobrirem isso, ele pode ter arruinado todo o meu futuro. Ele destruiu a vida do meu amigo, pelo menos a versão atual, e o fez abandonar a escola. E ele destruiu tantas pessoas antes de nós.

A família dele precisa ser derrubada. E quando eu fizer isso, vai me matar também. Se eles souberem quem fez isso, não tenho dúvidas de que vão literalmente me matar. Se eles nunca souberem, e eu conseguir algo bom o suficiente para fazer o Sr. D agir e ir atrás deles com seu dinheiro, ainda vai me matar ver Royal cair com eles. Mesmo assim, sei que tem que ser feito. Sua

família é perigosa para todos e prejudicial para esta cidade. Ninguém deveria ter tanto poder. Ninguém deve ser imune a todas as consequências.

Enquanto isso, porém, vou me permitir ter isso. É grande, assustador e consumidor, e eu já sei que vai doer mais do que qualquer coisa que já senti. Mas também sei que valerá a pena. Royal vale a pena. Ter ele por um dia, uma semana ou alguns meses valerá a pena. Se eu não me deixar experimentar isso, sei que vou me arrepender pelo resto da minha vida. Que nunca vou me sentir exatamente como me sinto agora por outro cara. Não há outro Royal Dolce.

Então, eu não tiro a camisa e faço uma cena com os Dolces só para provar que eles não podem me controlar. Eles podem. Eles apenas colocariam de volta em mim à força, de qualquer maneira. Eu a uso e me sinto estranhamente exposta, talvez até mais do que depois que o vídeo foi lançado. Agora, ninguém está assobiando e comentando. Eu poderia lidar com os comentários obscenos. Mas quando eles me observam com uma espécie de reverência silenciosa, isso me deixa dez vezes mais autoconsciente. Antes, eu podia levantar minhas defesas e me esconder atrás de uma parede de não dar a mínima. Agora, não há do que me defender.

Depois do primeiro período, Duke me abraça quando saio da sala de aula e caminha comigo até o segundo período. As meninas sorriem timidamente e se afastam para nós. Acho que estão apenas admirando Duke, ou talvez pensem que somos um casal. Mas na próxima aula, Baron me chama para a mesa deles. Três meninos e três meninas já estão sentados ali, mas ele puxa uma cadeira e a coloca na ponta da mesa retangular. Claro, o professor não protesta.

— Deixe-me fazer sua maquiagem, — diz Everleigh, pegando um pouco de pó facial e um pincel minúsculo. Ela fica sentada pintando minhas bochechas no meio da aula. Ninguém diz uma palavra. Quando ela termina, ela me dá um pequeno espelho compacto de sua bolsa. Acho que ela desenhou um pênis no meu rosto, mas não, na verdade é o número de Royal em preto e dourado. Na minha outra face, ela desenhou um elmo de cavaleiro.

Ela me entrega um pouco de batom vermelho e rímel preto, e eu coloco. Eu pareço... Estranha. Como uma deles. Olhando para mim, você nem consegue mais dizer que sou uma pobre lixo branco.

— Quente, — diz DeShaun Rose, dando-me um polegar para cima e uma piscadela.

— Gostaria de ter notado você primeiro, — diz Dawson Walton.

— Ignore-os, — Everleigh diz, como se estivéssemos envolvidos em algo.
— E me lembre de pegar um colar para você. Todas nós usamos um.

Todas as três garotas colocaram as mãos no pequeno amuleto D na corrente em volta do pescoço de uma vez.

— Acho que estou bem com isso, — eu digo, não tenho certeza se posso lidar com algo mais surreal. — Obrigada.

— Bem, Duke vai te dar uma marca mais... Permanente, de qualquer maneira, — diz Everleigh. Ela e outra garota riem. Eu nem sei o nome das amigas dela, as garotas Dolce, que agora deveriam ser minhas amigas. Não sei nada sobre elas, nem mesmo se gosto delas, e elas só têm sido mordazes comigo. Criticaram minhas roupas, meus sapatos, meu jeito de falar e minha sexualidade. Agora, de repente, porque eu tenho o pau certo em mim, somos amigas.

Eu me sinto como Alice procurando a porta do tamanho certo neste mundo bizarro de diversão.

Baron e DeShaun me acompanham até minha próxima aula. Eu sei que eles estão tentando ser protetores ou algo assim, mas eu sinto que tenho uma escolta policial. Antes do almoço, coloco minhas coisas no armário e me pego desejando um pouco de normalidade. Tudo que eu quero é fugir para as arquibancadas, longe de olhares indiscretos, e fumar um baseado com Colt. Mas Colt não está aqui. Colt não entende a normalidade. Ele está em um hospital em algum lugar esperando por uma cirurgia, ou talvez em casa com a cabeça engessada que o faz parecer uma múmia. Meu coração dói por ele, e não consigo afastar a tristeza ou o fantasma dele que me assombra enquanto vou para o almoço.

Quando chego ao refeitório, Royal e Gloria estão parados no pequeno corredor lateral que leva à porta externa, como se soubessem que eu ficaria tentada a fugir hoje. Eu me pergunto se Royal já se sentiu assim, se ele quer escapar dos olhares indiscretos e se ele consegue. Ele disse uma vez que as pessoas querem olhar para ele como um animal no zoológico, então ele simplesmente aceita. Quanto tempo ele levou para chegar a esse ponto?

— Aí está você, — Gloria diz, acenando e sorrindo tão grande que seu nariz enrugua da maneira mais fofa. Seu rabo de cavalo loiro balança enquanto ela pula até mim e agarra minha mão, me arrastando de volta para Royal. — Ok, vamos entrar juntas, então todo mundo vai saber que estamos bem. Preparada?

Eu levanto uma sobrancelha para Royal. — Você esperou por mim? Isso é tão querido. A próxima coisa que eu sei é que você estará carregando meus livros e me levando para a aula. E eu aqui pensando que você não queria uma namorada.

— Cale a boca e a ouça, — diz ele, olhando para mim. — Quando todo mundo está olhando, você não pode simplesmente fazer o que quiser.

— Você quer dizer como você?

Ele balança a cabeça. — Eu não. Eu faço o que precisa ser feito. E você também. Entendeu?

— Eu realmente tenho uma escolha?

— Nunca.

— Ok, então, — eu digo. — Achei que fosse esse o caso. É por isso que estou vestindo sua camisa. Não porque quero ser sua namorada, mas porque sei que você simplesmente vai me segurar, me despir e me forçar a isso se eu não fizer.

Ele abre um sorriso para Gloria e aponta para o topo da minha cabeça. — Essa tem a Aprendizagem lenta, — diz ele, como se eu não pudesse ouvi-lo. — Mas ela finalmente está entendendo.

— Você deveria tentar ser menos previsível, — eu digo. — Seria mais difícil escolher minhas batalhas se eu achasse que realmente venceria algumas delas.

— Quer dar as mãos? — Gloria pergunta, estendendo uma mão para mim e passando a outra por seu longo rabo de cavalo loiro.

Eu me afasto com uma careta. — Não sou realmente de dar mão, — eu digo. — A menos que você queira dizer que somos um casal, nesse caso você é totalmente meu tipo, e eu sairia com você.

— Sem mãos dadas, — Royal estala, colocando-se entre nós. — E vocês duas não têm permissão para namorar.

— Acho que alguém se sente ameaçado pela ideia de que não será o centro das atenções, — digo, abrindo um sorriso maroto para Gloria enquanto entramos no café.

— Não gosto de garotas, desculpe, — ela diz, torcendo o nariz. — Quero dizer, sou a favor de esmagar o patriarcado, mas a ideia de comer boceta só me dá ânsia de vômito.

— Não reclame até tentar, — eu digo levemente, jogando um cotovelo no quadril de Royal. — Certo, grandalhão?

Sua mandíbula está tão apertada que ouço o som de dentes quebrando, mas ele não diz nada.

Chegamos à fila da comida e pego um prato, mas Royal segura meu pulso. — Você é uma garota Dolce agora, — diz ele. — Aja como tal.

Acho que ele está falando sobre meu flerte com Gloria, mas então uma caloura pega um prato e para na minha frente, lambendo os lábios nervosamente e olhando entre mim e Royal. — Vou pegar o seu prato, — diz ela. — O que você quer?

— Hum, posso pegar minha própria maldita comida.

A mão de Royal pousa na minha nuca, gentil, mas ameaçadora, no entanto. Sei da violência de que são capazes. Lembro-me de seus dedos em volta da minha garganta nos trilhos na primeira vez que nos encontramos, antes mesmo de saber quem ele era. Agora eu sei como andar na linha perigosa em sua presença.

— Tudo, — eu digo para a garota.

Royal se inclina para baixo, seus lábios escovando meu cabelo. — Seja boazinha, e você será a única coisa no menu hoje à noite, — ele murmura, então libera seu aperto no meu pescoço e dá um passo para o lado para instruir sua própria garçonete. Um arrepio de calor passa por mim quando me lembro de sua boca entre minhas coxas.

Droga, ele é bom.

— Você é paga para isso? — Pergunto à garota enquanto ela coloca o tabule no meu prato. Preciso colocar minha cabeça de volta no jogo. Não posso perder o foco nem por um momento, ou outro jogador pode me derrubar.

— Não com dinheiro, — diz ela.

— Favores sexuais? — Eu pergunto, com ciúme queimando quando penso no que Royal acabou de me dizer.

Ela engole em seco, com os olhos esbugalhados. — Não! Quero dizer, se eles quiserem, eu *totalmente*... Mas não se preocupe. Hoje é meu primeiro dia servindo. Royal nunca escolheria alguém que o serviu para servir sua garota. Isso seria, tipo, desrespeitoso.

Reviro os olhos como se isso não importasse, mas não consigo deixar de olhar para a garota segurando o prato de Royal para sua aprovação e pensando no pau dele na boca dela. Royal não tem nenhum respeito por mim ou qualquer outra garota, tanto quanto eu posso dizer. — Então eu acho que é exatamente o que ele faria, — murmuro.

— Salada?

— Tudo, — eu digo novamente, não tenho certeza se vou conseguir ir para casa e comer antes do jogo.

— Certo, — ela diz, mexendo nas pinças como se ela achasse que eu poderia arrancar seus dentes por perguntar.

— Então, você atende os Dolces, e eles não fazem nada por você?

Seu rosto está vermelho como uma beterraba, e acho que ela está começando a suar. — Bem, quero dizer, eles são os Dolces.

Ela levanta meu prato e decido não atormentá-la com mais perguntas. Eu digo a ela que parece bom, e Gloria dá o braço ao meu enquanto seguimos Royal, nossos três servidores nos seguindo.

— Não tenho certeza de quem é a cabeça que vai explodir primeiro, a de Royal ou a do seu servidor, — Gloria sussurra, rindo em meu ombro.

Sentamo-nos à mesa, com Royal à nossa frente. Não estou feliz por estar de costas para a sala, mas observar a expressão de Royal me dá pistas sobre se

devo ficar preocupada. Ele não olha com a mesma intensidade que Baron, mas ao contrário de Duke, que está flertando e fazendo palhaçadas, sabendo que seus irmãos o alertarão se acontecer alguma merda que ele precise saber, Royal está sempre observando.

Ele também pode estar comendo e oferecendo um pequeno sorriso para seus irmãos e amigos, e pode parecer casual quando seus olhos se erguem para a sala atrás de mim, mas sei que ele está absorvendo tudo. Assim como no início da aula, onde ele não esconde o rosto no telefone como todo mundo. Ele está ciente de seus arredores em todos os momentos. Às vezes eu tenho que me lembrar que ele é mais do que o rei idiota por aqui. Ele também é uma vítima de sequestro.

— Nós veremos você na festa hoje à noite, certo, Jailbird? — Duke diz, um pé batendo no meu debaixo da mesa, trazendo minha atenção de volta ao presente. — Você vai usar algo sacana como na semana passada?

— Eu não tinha ouvido falar sobre uma festa, — eu digo, levantando uma sobrancelha. — Obrigada por tornar isso estranho.

Ele sorri e coloca um braço nas costas da cadeira de Royal. — Meu filho não te contou sobre a festa? Acho que isso significa que você pode cavalgar comigo esta noite.

— Não, — diz Royal, sem tirar os olhos do prato enquanto espeta um tomate cereja.

Todos os caras riem como se fosse a merda mais engraçada de todas.

— Ok, então aqui está o acordo, — diz Duke, inclinando-se sobre a mesa. — Há uma festa depois de cada jogo, não apenas na semana passada. Vida louca que levamos, hein? Ele pisca para mim, esperando minha resposta com um grande sorriso.

— E este está na sua casa, mas você esqueceu meu convite?

— Não, não, — diz ele, balançando a cabeça. — Veja, nós não damos festas. Nós apenas aparecemos para elas.

— Então, você é muito legal para dar uma festa, mas não muito legal para ir à casa dos seus amigos, — eu digo. — Parece correto.

— Ela é mal-humorada, — diz DeShaun, passando por Duke para dar um pequeno empurrão em Royal. — Eu gosto dela.

Royal olha para cima, seus olhos escuros encontrando os meus, um pequeno sorriso puxando o canto de seus lábios. Sua voz é baixa, como se ele não se importasse que alguém ouvisse, mas suas palavras, seu sorriso, seu olhar são apenas para mim. — Eu também.

— Idem, — eu digo, abaixando minha cabeça para pegar minha salada enquanto tento descobrir o que diabos está acontecendo comigo e por que parece que ele acabou de me empurrar de um penhasco e eu não dou a mínima para isso Eu não tenho um paraquedas.

— Oh Deus, abençoe — Gloria murmura ao meu lado. — Vocês vão quebrar meu coração, não vão?

Inclinando a Balança

Qual é o valor de um nome?

Poderia um bastardo Darling responder

Melhor que um filho pródigo

Quem desistiu de tudo

Por uma hora no banco de trás

Com uma princesa Dolce?

Qual o valor de uma família?

Poderia um pai explorador responder

Melhor que uma mãe ausente

Quem desistiu de tudo

Para uma temporada de festas de final de ano

Em vestidos Gucci?

Qual é o valor do sangue?

Poderia um teste de DNA responder

Melhor do que a alma tola

Quem teria que desistir de tudo

Por uma chance de vingança exata

Em uma garota que não carrega

O nome de família dela?

Harper Apple

Em casa, entro em contato com o Sr. D, informando-o sobre meu progresso da semana. Minha cabeça está tão fodida. Não sei o que Royal está fazendo comigo, mas seja o que for, não estou imune. Não consigo resistir nem quando tento. Então, eu não tento. Afinal, estou dentro! Estou tão dentro.

Esta semana inteira, pensei que fazer sexo com Royal foi um erro, que tinha jogado todas as minhas cartas cedo demais. Mas se isso me aproximar o suficiente para descobrir seus segredos, vale a pena o coração partido. Eu sei que ele vai quebrá-lo de qualquer maneira. O que importa se eu ajudar, se eu quebrar meu próprio coração?

Estou tão perto agora que posso sentir. Eu posso prová-lo. Gloria sabe de algo, mas não confia em mim. Ela não vai derramar nada... Ainda. Quando ela disse que nunca o tinha visto assim, pensei que ela estava falando merda. Ele nem se incomodou em me mandar uma mensagem de volta. Mas depois de hoje, não tenho tanta certeza. Se o que ela disse for verdade...

Ele mesmo vai me contar? Desnudar sua alma para mim?

Meu coração faz alguma coisa de garota estúpida no meu peito toda vez que repito suas palavras no almoço. Aparentemente, sou uma vadia básica como qualquer outra garota burra que se apaixonou por ele. Ah bem. Não é como se alguém dissesse que eu era especial.

Eu ignoro meu coração de cadela idiota e me deleito com os elogios do Sr. D. Então visto a jaqueta de Royal, que ainda tenho da semana passada, e saio para esperar por Gloria, que insistiu que viria me buscar antes do jogo. Eu me sinto um pouco estranha por entrar no carro dela na frente de Blue, como se eu a estivesse a traindo fazendo amizade com vadias ricas. Então evito seu olhar enquanto subo no banco de trás do Mustang ao lado de Eleanor.

— Vamos passar por aqui e comer hambúrgueres no caminho, — diz Gloria. — Você comeu?

— Sim, — eu minto, não prestes a receber caridade das Waltons. Provavelmente vai acabar no blog de Dixie. Eu não teria pensado que as Waltons consumiriam o tipo de calorias em fast food, mas alguns minutos depois, paramos no drive-thru da Boehner Burgers.

— Tem certeza que você não quer nada? — Gloria pergunta, ajustando o espelho para me ver. Só então, o cheiro de batatas fritas atinge meu nariz, e meu estômago decide que é um bom momento para rosnar como uma motocicleta acelerando seu motor.

Everleigh ri. — Você obviamente não comeu o suficiente. É assim que você fica tão magra?

— Magra? — Eu pergunto. — Você viu minha bunda?

Ela suspira. — Eu morreria por sua aparência. Quero dizer, tentei treinar a cintura, mas acho que não funcionou. Você pode dizer?

— Sim?

Não sei muito bem como falar com garotas como as Waltons, que se preocupam com essas merdas. Eu poderia dizer a ela que o verdadeiro motivo da minha cintura fina é a falta de nutrição, mas, de alguma forma, não acho que seja isso que elas estão procurando.

— Sério? — ela pergunta, parecendo tão satisfeita que não tenho como admitir que não tenho ideia do que ela está falando.

Glória devolve dois sacos com manchas de graxa florescendo no papel. Minha boca está cheia de água.

— Acabei de receber quatro iguais, — diz ela. — Vocês podem me pagar de volta na próxima vez.

— Obrigada, — eu digo, com muita fome para realmente me importar tanto que eu devo a ela. É como cinco dólares, e ela está carregada.

Todos nós comemos. O carro está cheio do cheiro de comida frita e ketchup, a conversa das três irmãs, uma velha canção pop de Aria Airheart e o crepitar da antecipação. Embora eu não participe muito, é difícil não ser pega pela empolgação delas. Chegamos ao jogo e Gloria aponta para uma seção de pelo menos uma dúzia de meninas vestindo camisetas e paradas em um canto

na frente da arquibancada. Ninguém me olha feio quando me junto a elas na frente. Quando entro no grupo de garotas, elas me absorvem como uma ameba. Dixie sorri e acena enquanto a equipe de dança sai usando botas de cowboy e vestidos esvoaçantes para ficar na beira do campo, esperando a coreografia de Quinn.

Então, deve ser assim que é ser aceita.

É estranho, mas não é ruim. Nós assistimos as garotas fazerem uma coreografia de alguma música antiga da Taylor Swift, e então os caras entram em campo. Torcemos por Willow Heights e, no final do intervalo, Royal corre e pula na grade, elevando-se sobre nós. As outras garotas riem e piscam para ele como se ele fosse um astro do rock. Ele pega a frente da minha jaqueta — a jaqueta dele — e me puxa contra a grade, então fico encostada nele apenas com as barras de metal frias entre nós. — Você acha que isso é seu agora, hein? — ele diz, sorrindo para mim. — Eu pensei que você não queria ser minha namorada.

Eu bufo. — Por favor. Vestir sua jaqueta é um movimento totalmente normal.

Duke pula ao lado de Royal e dá um tapinha nas costas dele. Então ele enfia algo no bolso da minha calça jeans, sorrindo para mim. — Vá buscar um lanche, Presidiária. Tem que manter sua resistência para mais tarde.

Ele pisca e desce do corrimão, correndo embora metade das garotas atrás de mim estejam clamando por sua atenção.

— Então, é assim que me sinto quando vocês não me odeiam, — eu digo, puxando a nota de cinco de Duke enfiadas no meu bolso.

— Não fique confortável, — diz Royal. — Ainda te odiamos.

— Idem.

Ele se inclina e beija minha testa antes de pular do corrimão e correr atrás de seu irmão.

— Oh meu Deus, — geme um fã atrás de mim. — Você é tão sortuda. Como você conseguiu Royal Dolce?

Eu dou de ombros e finjo que não ouvi ela e as calouras especulando. Eu transei com Royal, claro, mas muitas garotas fizeram isso. Não o denunciei por causa de nossa viagem ao porão, mas muitas garotas também passaram por isso. A única coisa especial que fiz foi possivelmente tentar matá-lo. Mas eu não estou oferecendo essa informação.

Depois do jogo, Baron me agarra e me arrasta para o Range Rover. Eleanor e Everleigh chegam aos saltos, ainda com seus uniformes de torcida. — Podemos ir com vocês? — Everleigh pergunta, pendurada no braço de Duke e piscando os olhos para ele.

— Gloria correu para casa para preparar as coisas de última hora antes da festa, — acrescenta Eleanor, passando a mão pelo outro braço de Duke.

— Ninguém anda conosco, — diz ele, passando a mão pela parte de trás da perna de cada garota e por baixo da saia. — Mas uma de vocês pode montar no meu pau mais tarde, e a outra pode montar no meu rosto.

— Tudo bem, — diz Everleigh, rindo e fingindo que está tentando se esquivar dele, mas caindo contra ele em vez disso.

— Então e ela? — Eleanor choraminga, me dando um olhar fedorento.

Eu levanto uma sobrancelha e balanço meu rabo de cavalo atrás do meu ombro. — E quanto a mim?

Ela projeta o queixo e revira os olhos. — Nada.

— Não, vá em frente. Se você tem algo a dizer sobre mim, não seja uma vadia, apenas diga! Eu posso lidar com isso.

Ela olha de mim para algo por cima do meu ombro, que percebo ser Royal quando ele aparece logo atrás de mim, não me tocando, mas pairando sobre mim. — Vá em frente, — diz ele, sua voz baixa, mas misturada com ameaça. — Diga.

Eleanor bufa e cruza os braços. — Eu só não entendo por que ela pode ir com você, e nós não. Estamos com você há mais de um ano. Ela acabou de chegar.

Royal apenas fica parado olhando para ela enquanto ela olha para os postes de luz ou para qualquer lugar, menos para ele. Por fim, ela deixa cair os braços

sobre o peito e encontra seu olhar. — Tudo bem, — ela murmura. — Eu entendo.

Sem dizer uma palavra, ele se vira e entra no carro. Eu não sei o que diabos ela entende, mas eu sei de uma coisa. Alguém acabou de me proteger.

Royal apenas me protegeu.

Meu coração está brilhando como a porra de um vaga-lume dentro do meu peito. Nada mais importa a noite toda. Vamos a uma festa organizada pelas Waltons, que, ao que parece, moram na mesma rua dos Dolces. Embora *Royal* diga que sou seu brinquedo, na verdade não sou diferente de nenhuma das outras garotas Dolce, que são brinquedos e saques para os gêmeos. Ninguém faz distinção também. E embora apenas seis meninas fiquem com os seis meninos na escola, há pelo menos uma dúzia de meninas que vestiram suas camisetas e ficaram comigo no jogo. Depois de alguns drinques, Everleigh explica que elas são ex-garotas Dolce ou esperançosas - elas não são a favor agora, mas a qualquer momento, uma das seis pode ser expulsa em favor de uma delas.

Eu decido jogar com calma e não pairar e me agarrar a *Royal*, mas aparentemente esse sentimento não é mútuo, porque toda vez que eu me afasto, eu me viro para encontrar *Royal* me observando do outro lado da sala. Eu não amo multidões ou bêbados desagradáveis, mas posso me virar em uma festa, então eu me misturo e tomo uma bebida e tento ignorar o calor do olhar de *Royal* em mim. Após cerca de uma hora, ele se aproxima e passa um braço em volta de mim por trás. Ele coloca sua mão enorme na minha barriga - juro que seus dedos percorrem todo o meu tronco - e se inclina, pressionando sua boca em meu ouvido. — Vamos sair daqui.

Um formigamento passa por mim com seu toque e o calor de sua respiração fazendo cócegas em minha orelha. Eu coloco minha mão na dele, fechando os olhos e me inclinando contra ele por um segundo. Talvez eu não tenha estado pairando, mas estaria mentindo se dissesse que minha mente não esteve nele a cada segundo desde que chegamos aqui. Imaginando se ele ia me humilhar na frente de todo mundo, ou ficar com alguma outra garota para me provar que não estamos juntos, ou me ver conversando com um cara e fazer uma cena, ou apenas me puxar possessivamente de volta para ele do jeito que ele fez antes.

Ele manda uma mensagem para os irmãos na saída e entramos no Range Rover. Meu coração está batendo forte e engulo em seco em antecipação enquanto circulamos pela estrada de cascalho que atravessa o bairro em direção à casa dele. Mas, em vez de estacionar, ele continua dirigindo. Não pergunto para onde estamos indo. Eu sei que ele não vai responder, e esta noite, não há raiva saindo dele. Então, eu abro a janela e aumento a música, deixando o ar frio do inverno e a batida forte de *Harlow e os Honey Badgers* varrer o carro.

Eu observo a estrada, as curvas familiares que ele faz que nos levam de volta à ponte onde, apenas algumas semanas atrás, ele quase me matou. Ele encosta e fecha as janelas antes de desligar o motor. Sem dizer uma palavra, ele estende a mão para mim e me puxa para seu colo, então estou montada nele. Inclinando o banco um pouco para trás, ele se mexe embaixo de mim e enfia a mão na frente da minha calça jeans, falando pela primeira vez desde que saímos da festa.

— Pronta para eu destruir essa doce boceta?

Envolvo meus braços em volta de seu pescoço e o beijo. — Estou pronta desde segunda-feira, — digo, brincando com o cabelo macio na parte de trás do seu pescoço. — Você perdeu. Isso é o que acontece quando você não fala comigo a semana toda.

Ele abre meu botão e zíper e desliza a mão para dentro, segurando meu monte nu. Ele deixa cair a cabeça para trás contra o assento, suas narinas queimando enquanto ele toma uma respiração longa e lenta, seus dedos se movendo suavemente contra a minha carne macia. — Você a manteve raspada e pronta para mim a semana toda? Esperando que eu ligasse?

— Como uma boa menina.

Ele passa a outra mão do meu joelho, sobre minha coxa e ao redor da minha bunda. Segurando meu quadril, ele observa meu rosto enquanto afunda um dedo em mim. Meus lábios se abrem quando um arrepio de prazer passa por mim, fazendo meus dedos dos pés se curvarem e minha pele formigar por todo o meu corpo. Soltando meu quadril, ele se inclina para frente e pega seu telefone fora do console, abrindo-o enquanto lentamente circula seu dedo dentro de mim, atingindo todas as minhas paredes.

— É por isso que esperei a semana toda, — diz ele, entregando-me o telefone. — Eu não quero usar camisinha com você, Harper. Eu quero gozar

tão profundamente dentro deste delicioso buraquinho que você estará andando comigo dentro de você por dias depois.

Meu núcleo lateja com suas palavras, e ele ri, pulsando seu dedo dentro de mim em resposta. Eu li o e-mail em seu telefone e ele me mostrou os dois anexos com o resultado do nosso laboratório - ambos limpos. — Essa é uma ótima notícia, — eu digo, balançando contra sua mão, minhas palavras ofegantes com desejo. — Desde que nenhum de nós corra riscos com outras pessoas.

— Você está me pedindo para ser exclusivo? — Ele pergunta, trabalhando outro dedo em mim. Sua própria respiração é pesada, e posso sentir sua ereção pressionando contra minha bunda enquanto seus dedos se esforçam dentro de mim.

— Eu estou pedindo para você manter nós dois seguros, se não estivermos usando proteção, — eu digo. — Eu vou fazer o mesmo. Gravidez não é a única DST.

— Vou mantê-la segura, — diz ele, puxando os dedos para fora e espalhando-os entre minhas dobras antes de acariciar meu clitóris algumas vezes. — Agora eu quero ver você afundar essa boceta apertada e molhada na minha ponta e pular nela até que nós dois gozemos. Você pode fazer isso por mim, minha prostituta perfeita?

Eu sorrio e pressiono meus lábios nos dele, segurando seu rosto entre minhas mãos. — Eu posso fazer isso, — eu sussurro. — Se você puder ficar aqui comigo.

Eu obedeço, não só porque ele é um filho da puta mandão e ele me disse para fazer isso, mas porque eu quero. Eu amo o jeito que seu lindo rosto está completamente cativado em êxtase enquanto ele observa seu pau grosso me abrir. Eu amo as palavras sujas que saem de seus lábios, embora eu odeie quando ele me chama dessas mesmas coisas quando não está dentro de mim. Eu amo o jeito que ele perde o controle quando não consegue mais aguentar meu ritmo, o jeito que ele me vira de costas e me fode rápido e áspero, embora pareça que eu quase desloquei um quadril antes que a noite acabe. Adoro quando seus olhos começam a perder o foco e eu o sinto se afastando, posso envolver minhas pernas em torno dele e segurar seu rosto entre minhas mãos e falar com ele até que ele volte para mim.

Eu amo o jeito que ele xinga selvagemmente e rosna como um animal quando sente minhas paredes se apertarem ao redor dele enquanto eu gozo. E acima de tudo, eu amo o calor inebriante e esfumaçado em seus olhos cor de café preto quando ele me penetra tão fundo que dói, me prendendo no assento e me forçando a ter um pulso extra de tamanho quando ele goza em meu machucado, núcleo dolorido. Eu amo que ele esteja comigo, bem aqui, que seus olhos estejam tão cheios de luxúria e desejo e talvez até emoção que mal consigo me lembrar do vazio.

Ficamos lá até perto do amanhecer, embora ele me puxe para o banco de trás depois da primeira vez. Tento não pensar no que Duke disse sobre o banco de trás vendo muita ação, ou considerar porque ele tem um cobertor na parte de trás do carro e quem mais poderia estar debaixo dele com ele. Em vez disso, eu me obrigo a ficar no momento, assim como eu quero que ele faça. Nós fodemos, nos abraçamos e conversamos, e ele me conta mais sobre sua irmã, e eu conto um pouco sobre minha mãe, e então transamos de novo.

Ao amanhecer, ele me leva para casa. Começo a sair do carro, lembrando como ele quase me empurrou porta afora da última vez. Eu não preciso de um lembrete de que ele acha que eu fedo. Para uma garota que mora em um chiqueiro como a minha casa, e que nem sempre toma um banho quente, isso é sempre uma questão de autoconsciência. Antes que eu possa descer, Royal me agarra pela frente de sua jaqueta e me puxa para trás, beijando-me com força na boca. — Mantenha minha jaqueta durante o intervalo, — diz ele. — E me envie uma foto sua vestindo ela e nada mais.

Eu bufo com isso. — Você realmente acha que estou te mandando nudes depois do que você fez com aquele vídeo?

— Merda, — diz ele, com o rosto sério. — Eu-eu não pensei sobre isso.

— E? — Eu pergunto, levantando uma sobrancelha.

— Talvez eu não devesse ter feito isso, — ele murmura.

— E? — Eu pressiono.

— E eu entendo, — diz ele, recostando-se em seu assento e olhando para a frente. — Você nunca vai me enviar fotos.

— Vou te dizer uma coisa, — digo, inclinando-me sobre o console para roçar um leve beijo em sua bochecha. — Você trabalha em seu pedido de desculpas e eu vou enviar algo sexy enquanto isso, mas sem nudes.

Ele geme e desliza a mão atrás da minha cabeça antes que eu possa me afastar. — Mal posso esperar mais dez dias para ver sua linda boceta rosa aberta para mim,— diz ele, mordendo meu lábio inferior e apertando até que eu respire fundo, pressionando meus joelhos juntos. — Se você não vai me enviar fotos, eu vou vir aqui.

— Aqui? — Eu pergunto, o pânico crescendo dentro de mim. Uma coisa é transar com um cara rico. Não vou permitir que ele veja minha casa.

— Eu não me importo onde estamos, Cherry Pie. Eu esqueço onde estou quando estou dentro de você.

— A ponte, então, — eu digo, puxando-o para um beijo, meu coração disparando tão alto que sei que só há um caminho a seguir a partir daqui. — Domingo?

— Domingos não são bons para mim, — ele diz, sua mandíbula apertada. — Que tal amanhã?

— Não posso, — eu digo, pensando nos jogos de pôquer onde não vou ganhar o suficiente para cobrir todas as lutas que perdi. — Estou ocupada aos sábados.

Ele se afasta, seus olhos se estreitando. — Por quê?

— Eu trabalho, — eu digo. — Se você vai ficar com todas as minhas sextas-feiras, não pode ficar com o sábado também.

— Você não luta no sábado. Isso é...

— Quando você luta, — eu termino para ele. — E eu jogo cartas.

— O que você faz? — ele pergunta, pegando sua carteira. — Eu cuido disso.

— Não vou aceitar dinheiro de você.

Ele hesita como se estivesse decidindo se deve discutir, então acena com a cabeça. — Ok, então segunda-feira.

— Segunda-feira, — eu concordo, o sorriso bobo no meu rosto certamente arruinando qualquer jogo que eu possa ter enquanto saio do carro e corro até a casa.

Clichê

Uma garota em nada além da

minha jaqueta

E meias até os joelhos

Seu sorriso uma provocação

Como a mão entre suas pernas.

Uma garota na minha camisa

Meu número nas costas dela

Meu nome no topo como se eu fosse o dono dela

Então eu posso ver enquanto eu transo com ela

Por trás.

Uma garota de joelhos

No chão do meu quarto

Seus olhos azuis bebês largos

Como eles encontram o meu

Enquanto ela engole meu esperma.

Uma garota como ela

Faz tudo novo

Como nunca foi feito antes

E embora eu reconheça todos os clichês ruins

Eu só quero mais.

Harper Apple

Durante o feriado de Ação de Graças, nos encontramos na tarde de segunda, quarta e sábado antes de nossas outras obrigações. Eu checo com o Sr. D na sexta-feira, embora eu não tenha muito a dizer a ele além dos detalhes de sexo escabrosos que ele quer. Acho que contar a ele sobre minha vida sexual é melhor do que transar com ele.

Eu também escapuli para o Canil do Abate, ansiosa para conseguir minha dose depois de tanto tempo sem lutar, para sentir meus punhos se conectarem com a carne e a satisfatória trituração de osso contra osso. Infelizmente, saio sem nada, já que sofri uma rara perda. É sempre uma aposta lutar contra Merciless, uma lutadora mascarada que obviamente não aprendeu boxe em uma bolsa pendurada em seu porão. Ela tem sutileza, assim como velocidade, força e habilidade, e ouvi rumores sobre uma carreira profissional em seu futuro. Ela sempre chuta minha bunda. Mas continuo apostando porque um dia vou vencê-la, e o pote vai pagar todas as vezes que não joguei.

Na escola, na segunda-feira seguinte, as coisas são surreais. Eu sou uma garota Dolce, e todo mundo sabe disso. Sou tratada como o resto delas e, embora nunca tenha desejado sinceramente ser uma delas, não posso fingir odiar isso. Eu poderia passar sem a atenção, mas a proteção que ela oferece não tem preço. Quando ando pelo corredor, me sinto intocável, mesmo quando estou sozinha. Ninguém se atreve a me criticar por causa das minhas roupas, ninguém fode com meu armário e ninguém fala uma palavra sobre o vídeo.

Minha principal preocupação agora é manter minhas notas altas e me preparar para as provas finais, o que é um pouco difícil, já que Royal quer ficar até quase o amanhecer de segunda, quarta e sexta nas próximas semanas. Também luto para pensar em algo para dizer ao Sr. D. Ele ainda quer informações sobre os Dolces, e quanto mais tempo fico com Royal, mais difícil é revelar qualquer coisa ao Sr. D sem me sentir a escória que sou.

Uma tarde, Royal ouve meu estômago roncar quando subo no Rover e me provoca até eu admitir que não tenho comida em casa. Em vez de ir para a ponte, ele pega a estrada para a cidade e me leva ao Cliff's, uma churrascaria

minúscula. No momento em que entro e vejo a iluminação ambiente e as toalhas de mesa brancas, sei que não pertencço.

É um daqueles momentos em que sou puxada de volta à realidade, quando me lembro que, embora nossos mundos possam ter colidido por um breve momento, existimos em lados diferentes do universo. Não importa quanto tempo dure esse sonho sexy, eventualmente vamos acordar e voltar para nossas casas, longe um do outro. Garotas como eu não conseguem ficar no mundo Dolce por muito tempo.

— Não seja estúpida, — Royal diz quando eu protesto que é muito sofisticado. Todos os outros estão vestidos a rigor. Embora não estejamos seguindo o código de vestimenta, Royal entra como se fosse o dono do lugar e cumprimenta a recepcionista e o garçom pelo nome. Eles quase caem sobre si mesmos para nos sentar.

Royal estende o braço por cima da mesa e pega minha mão. — Relaxe, — diz ele. — Todo mundo come.

— Nem todo mundo come aqui, — eu sussurro. — Este deve ser o restaurante mais chique de Faulkner.

— Da próxima vez eu vou levar você para Little Rock, — ele diz com um sorriso presunçoso. — Mais seleção.

Não consigo evitar a autoconsciência dolorosa que me acompanha durante toda a refeição. Eu não pertencço aqui, e tudo no lugar grita isso. No entanto, posso dizer com segurança que é a melhor comida que já comi na minha vida. Tão bom que até me sinto culpada por consumi-la, como se meu estômago não fosse digno de um bife tão suculento. Ainda bem que o cardápio não tem preços porque nem quero saber quanto custa. Essa sensação surreal do País das Maravilhas permanece comigo durante a refeição, aquela que tenho toda vez que passo por outra porta no mundo de Royal e sou lembrada de que não entendo o universo dentro do qual ele existe.

Eu tenho que me lembrar que tudo isso é falso. Que ele está apenas brincando, não importa o quão real pareça. Ele já me disse que vai se cansar de brincar comigo e me jogar fora. Sou o brinquedo dele, nada mais que uma puta que não recebe.

Após a refeição, um belo homem negro de gravata vem à nossa mesa para perguntar como estava nossa comida. Royal realmente se levanta, apertando a mão do cara. — Perfeito como sempre, Sr. Rose.

Percebo então a semelhança entre ele e DeShaun, que deve ser seu filho.

— Temos que manter nossa estrela alimentada, — diz o Sr. Rose. — O último jogo dos playoffs está chegando.

Espanta-me como as pessoas ricas operam. Todos se conhecem, como se fosse algum clube secreto. Inferno, talvez seja. Talvez ser um membro dos Swans signifique nunca ter que pagar por refeições no restaurante mais caro da cidade. Pelo menos, essa é uma das razões que me dou para não termos que pagar. Talvez ele alimente os Dolce sempre que eles vêm porque trouxeram seu filho para seu grupo elitista, ou talvez ele deva ao Sr. Dolce.

Seja qual for o caso, isso só me faz sentir mais como se nunca fosse entender o mundo deles, como se nunca fosse realmente conhecer Royal. Nossas vidas têm sido tão diferentes, como podemos realmente nos conhecer?

Eu continuo me lembrando que isso não importa. Estamos apenas fodendo. Ele ainda vai me jogar fora quando encontrar outro brinquedo. Ainda estou planejando derrubar a família dele se conseguir as informações de que preciso. Pelo menos... acho que estou.

— Então, isso acabou de acontecer, — eu digo enquanto entramos no carro. O habitual desejo nebuloso de ir ao rio com ele foi interrompido, trazendo-me de volta à realidade.

— É só jantar, — ele diz, me entregando uma bala de menta que ele pegou na tigela perto da porta ao sair. — Todo mundo come. Não se preocupe, Cherry Pie. Ainda vou comer você quando chegarmos lá.

— Então, nós nos sentamos juntos na hora do almoço, eu vou aos seus jogos, e eu vou a festas com você, embora aparentemente as garotas não possam andar com você, — eu digo, contando nos meus dedos. — Depois das festas, sou a única garota com quem você sai. Estamos fodendo três ou quatro vezes por semana, e agora você está me levando para jantar em restaurantes chiques.

— Eu posso te levar a restaurantes de merda se você preferir, — ele diz, sorrindo para mim do banco do motorista.

Desembrulho o pequeno rebuçado transparente, reconhecendo a forma de losango como um dos rebuçados Dolce Sweets. Pessoas ricas e suas malditas conexões. — Só estou me perguntando em que ponto você vai admitir que gosta de mim e que não sou apenas um brinquedo para você, — eu digo, colocando a hortelã na minha boca.

— Quando o inferno congelar, — diz ele.

— Tudo bem, — eu digo, virando-me para a janela e sorrindo para mim mesma. — Apenas certificando-se de que ainda estamos claros sobre isso.

— Eu vou te foder na bunda hoje à noite, — diz ele. — Isso vai lembrá-la exatamente para o que você está aqui.

— De jeito nenhum. Você é grande demais para anal.

Ele sorri e aperta meu joelho. — Não foi uma pergunta.

— Ainda sim teve uma resposta.

— Uma bunda como essa é construída para bater, — diz ele. — Caso contrário, é um desperdício.

— Sinto muito que, para sua mente distorcida, a forma como o corpo de uma garota é construído de alguma forma leva você a interpretá-lo mal como querer um pau na bunda, — eu digo. — Mas isso não estará acontecendo.

— Oh, está acontecendo, — diz ele. — Desculpe pela sua mente pequena, a maneira como eu te tratei de alguma forma leva você a acreditar que você pode dizer quando, onde e como eu fodo você. Você é uma garota Dolce. Seu único propósito é se curvar e me deixar usar qualquer um dos seus três buracos que eu queira encher de esperma. Eu não dou a mínima se você quer, ou gosta, ou fica de joelhos e implora por isso. Você é meu brinquedo. Cada centímetro do seu corpo, por dentro e por fora, é meu para fazer o que eu quiser. E esta noite, eu vou gozar profundamente nessa bunda grande e bonita.

— Então acho que estou me demitindo.

Royal ri disso, mas é um som frio e amargo. — Você não pode desistir de ser uma garota Dolce, assim como não pode escolher se tornar uma.

Engulo em seco, considerando o que ele fará se eu pular do carro em movimento. — E se eu lutar? — Eu pergunto.

— Então você sabe o que acontece, — ele diz, sua voz casual, quase entediada. Ele não está ameaçando. Ele está afirmando um fato.

— Então, porque você é maior e mais forte, você vai pegar o que quiser à força se eu não der?

— Não, veja, eu não preciso *tomar* nada, — diz ele. — Eu já tenho. Eu possuo você, Apple. Sua bunda é minha todas as noites. Eu posso fazer o que eu quiser, e esta noite, eu vou foder. O quanto você gosta depende de você.

Talvez eu tenha uma mente pequena, como ele disse, porque, em vez de deitar obedientemente, no momento em que o carro para na ponte, eu pulo e corro. Eu sou uma lutadora. Está no meu sangue. Não tenho coragem de me submeter ao que não quero sem ao menos tentar.

Corro para a ponte. Eu sei que a água é funda o suficiente para pular.

Mas Royal é mais rápido. Eu ouço seus passos pesados nas tábuas de madeira atrás de mim, e então sua mão está no meu cabelo. Eu paro bruscamente, meu couro cabeludo queimando onde sua mão puxou meu cabelo. Ele envolve o outro braço em volta da minha cintura, puxando minha cabeça para trás contra seu ombro. — Isso foi realmente estúpido, Harper, — ele rosna em meu ouvido.

Eu tento pisar em seu pé, mas ele me pega, me levando para frente através da ponte enquanto eu chuto, arranho e cuspo, a adrenalina me alimentando. Quando chegamos ao outro lado, ele me solta, empurrando-me para a frente na margem onde velhos rastros de pneus marcavam a lama, agora coberta de grama seca por causa do inverno. Eu caio intencionalmente, rolando pela encosta em vez de tentar manter meus pés e escolher meu caminho para baixo. Eu ouço Royal xingando acima de mim, mas um segundo depois, ele salta e me agarra, me arrastando para uma parada novamente.

Ele pula em cima de mim, montando em meus quadris, os joelhos prendendo minhas costelas do jeito que fizeram com Colt antes de espancá-lo quase até a morte. Fiquei complacente, fiquei confortável, por apenas um minuto. Baixei a guarda, deixei-me acreditar que todas as noites felizes de orgasmos significavam algo para ele só porque significavam algo para mim. Sou

igual a minha mãe, viciada na euforia do homem, bêbada nos orgasmos. E agora eu vou pagar por essa fraqueza.

A adrenalina sobe pelo meu sangue, e eu dou um bom gancho de esquerda antes de Royal agarrar minhas duas mãos em uma das dele.

— Acho que minha putinha não quer aproveitar nada, — ele rosna, inclinando-se sobre mim, respirando com dificuldade, seus olhos brilhando. Eu já posso ver sua bochecha escurecendo onde eu o marquei, e estou feliz que isso vai deixar uma marca.

— Saia de cima de mim, — eu rosno, tentando arrancar minhas mãos livres.

Ele cospe um bocado de sangue no meu rosto. Ele borrifava sobre minhas bochechas e na minha boca e olhos, e por um segundo, estou chocada demais para reagir.

— Agora, — ele diz, sua mão apertando meus pulsos até meus dedos começarem a ficar dormentes. Ele se abaixa e arrasta seu pau para fora da frente de suas calças. — Vou lhe dar uma chance de molhá-lo antes de colocá-lo para secar. Acho que você pode adivinhar o que acontece se eu sentir seus dentes.

— Vou acabar como uma prostituta desdentada? — Eu atiro de volta para ele, uma ponta de provocação em minha voz.

— Veja, você é inteligente o suficiente para saber disso, mas você não poderia imaginar que lutar só pioraria as coisas para *você*. Não faz diferença para mim. Foder sua bunda virgem será tão bom se você estiver implorando por mais ou me implorando para parar.

— Eu não imploro.

— Bom, — diz ele, ajoelhando-se sobre mim. — Cadelas patéticas não fazem nada por mim. Agora use essa boca para algo que vai te ajudar, não te machucar.

Ele empurra seu pau contra meus lábios, e é tudo que posso fazer para não morder a porra dele. Mas sei que não posso mordê-lo antes que ele me nocauteie, e não pretendo ser jogada no rio para me afogar enquanto estiver inconsciente. Eu abro meus lábios, e ele bombeia em minha boca algumas

vezes, sua mão ao redor da base de seu pênis para que ele possa se afastar rapidamente se eu tiver alguma ideia.

Quando ele está bom e molhado da minha boca, ele se senta. — Isso não foi tão difícil, foi?

— Nada difícil, — eu digo com um sorriso. — Quase flácido.

— A julgar pela sua reação, acho que você nunca levou uma bronca antes, — diz ele. — Seja uma boa menina, e eu serei gentil. Seja uma pirralha, e eu vou te foder como uma. Entendeu?

Eu cerro os dentes e olho para ele, querendo nada mais do que arrancar seus malditos dentes.

— Agora, vire-se, levante sua saia e abra essa bunda suculenta para mim do jeito que você abre sua boceta.

Quando não me mexo, ele me vira e senta na parte de trás das minhas coxas, puxando minha saia para cima e minha calcinha para baixo. — Ok, — eu digo, finalmente quebrando enquanto o terror me invade. Nunca fiz isso, mas não significa que não saiba que vai doer. — Obedeço se você não me machucar de propósito.

— Basta olhar para esta bunda, — diz ele, correndo os dedos sobre minha pele nua com tanta delicadeza que me faz estremecer. Eu sei que sua gentileza é uma mentira. — Ela é feita para ser fodida, se é que eu já vi uma assim.

Ele agarra minha bunda com as duas mãos, apertando com tanta força que todo o meu corpo fica tenso, e sei que terei hematomas no formato de suas impressões digitais amanhã.

— Eu disse que iria obedecer, — eu suspiro. Eu disse a mim mesma que faria qualquer coisa para entrar com os Dolce, para obter seus segredos. Não tracei uma linha em algum lugar da minha mente, em algum lugar que fosse longe demais. E isso não é muito longe. É algo que casais normais fazem.

Royal ri e afrouxa seu aperto em minha carne. — Agora coloque suas mãos de volta aqui e abra para eu brincar.

Quando o faço, com o rosto queimando de ódio e humilhação, ele molha os dedos na boca e força um para dentro, passando pelos músculos contraídos. Só dói um pouco, mas é só um dedo.

— Que brinquedinho tão sujo, — ele ronrona. — Uma vadia deveria saber como enfiar na bunda, agora não deveria?

Eu cerro os dentes quando ele adiciona um segundo dedo, me esticando. Sei que vai doer menos, mas a humilhação não vale a pena. Eu prefiro ter a dor. Eu mordo minha língua e fervero, jurando que quando eu descobrir o que vai quebrá-lo, eu vou gostar de fazer isso tanto quanto ele está gostando disso. Depois de um minuto, ele cospe na mão e molha o pau novamente antes de se ajoelhar e empurrá-lo contra a minha entrada. — Apenas relaxe, — ele me diz, apoiando a mão no meu ombro para me prender no chão antes de forçar-se para dentro.

Eu suspiro com a dor aguda e pungente, pior do que eu esperava. Lágrimas borram minha visão e fico tensa, embora esteja tentando não ficar. — Royal, — eu suspiro. — Não posso.

— Você pode, — diz ele enquanto empurra mais fundo, ajoelhando-se para ver seu pau afundar em mim. — Seja boazinha e mantenha-o aberto para mim, e eu serei bom para você, minha putinha suja.

Lágrimas pingam na grama, e fico feliz que meu cabelo esteja cobrindo meu rosto e ele não possa ver. Eu não estou chorando. Meus olhos estão lacrimejando de dor, só isso.

Ele empurra mais fundo a cada passagem até que esteja totalmente dentro de mim. A dor se dissipa assim que ele é enterrado profundamente, e ele começa a se mover dentro de mim, me persuadindo com falsas sutilezas e elogios, como se eu concordasse com isso. Se eu pensasse que sua promessa de gentileza era sincera, teria um rude despertar, mas sei que não devo acreditar em uma palavra que sai da boca de Royal Dolce. Ele é paciente apenas até que esteja enterrado até o fim dentro de mim. Então ele me fode áspero e duro, suas bolas batendo na minha boceta com cada estocada profunda.

Mordo o lábio e tento não chorar, tento relaxar e respirar fundo e admito que me sinto um pouco bem também, junto com a dor. Eu aperto meus olhos fechados e rezo para que ele termine logo. O cuspe não durou o suficiente, e eu prefiro que ele goze rapidamente do que continuar sem mais lubrificante. Ele

se move mais rápido, grunhindo quando seus quadris batem contra a minha bunda, e sei que ele não vai notar meu desconforto, que não estou aqui para ele, não sou humana. Eu sou apenas algo para bater até a submissão, algo para enterrar seu pau. Ele está me usando para seu próprio prazer, e agora, o meu é irrelevante para ele.

Tenho certeza de que se pudesse ver seus olhos, veria que ele também não está aqui, que não é o Royal que conheço e amo fazendo isso comigo. Mas esse é o problema. Todo mundo me disse que ele é complicado, e ele é, mas é mais do que isso. Nada dele é brilhante, feliz e leve. Ele é totalmente sombrio. Mas mesmo na escuridão, sua humanidade brilha apenas às vezes. Um lado dele é apaixonado, possessivo e protetor, e eu posso amar e entender esse lado. O outro lado... Não é nenhuma dessas coisas. O outro lado é cruel, frio e vingativo. E não há como separar isso dele. Ele é quem ele é, e isso faz parte dele. A parte que gosta de machucar as pessoas.

Sei que se o amo e o aceito de verdade, não posso amar apenas um lado. E, no entanto, se eu me amo, não posso amar o outro lado dele. É impossível amá-lo sem me entregar.

E eu não estou longe o suficiente para fazer isso.

— Você sabe por que você não é material para namorada? — Ele pergunta, abaixando-se sobre o cotovelo e afastando meu cabelo, traçando um dedo sobre a tatuagem no meu ombro. — Porque você queria ser uma garota Dolce. Você queria ser minha putinha, e agora você é. Uma namorada não me deixaria foder a bunda dela na beira da estrada.

— Eu não *deixei*, — eu rosno, feliz por meus olhos estarem secos de novo, então ele não vai me ver chorar.

Ele se apoia nas mãos e responde com uma série de estocadas brutais que trazem as lágrimas de volta. Então ele se afasta e me rola, afastando-se enquanto se ajoelha sobre mim. Ele não gozou, mas ainda está duro, e está me certificando de que está me poupando de mais tormento. Como se eu devesse ser grata por essa pequena misericórdia.

— Agora, eu disse que comeria você, então abra suas pernas e eu vou te dar o que você veio buscar.

— Foda-se, — eu digo, sentando-me.

— Eu vou, — diz ele, me empurrando para trás, seus olhos estranhamente vazios. — Com minha língua. Então abra as pernas e deixe-me ver essa linda boceta que eu gosto tanto de lambar.

— Eu prefiro te chupar depois que você estiver na minha bunda do que deixá-lo entre as minhas pernas agora.

— Eu não dou a mínima para o que você prefere fazer, — diz ele, com a mão no meu peito, me segurando. — Abra suas pernas, ou eu as abro para você.

Engulo em seco, tão assustada com seus olhos vazios e voz sem tom que não tenho certeza de como reagir. Quando ele está assim, ele é imprevisível e estranho, um monstro sem moral, sem sentimentos. Estou com muito medo do que ele fará se eu desobedecer. Acho que não posso aguentar muito mais dor esta noite, e sei que esse lado dele vai além de me machucar. Ele vai me matar.

Talvez ninguém mais entendesse o porquê, mas eu gosto da minha vida. Ou pelo menos valorizo. Eu tenho algo pelo que viver. Então eu abro minhas pernas e ele afunda entre elas. Embora eu ainda esteja com dor, e eu prefira segurar isso e minha raiva do que ceder, sua língua é boa quando me molha. Sou rancorosa demais para ceder facilmente e me contenho, tentando pensar em outra coisa enquanto fico ali deitada olhando para as primeiras estrelas que pontilham o céu crepuscular.

Penso nos segredos que ele não me contou, os que compartilhou com Gloria. O que ela tem que eu não tenho? Ela era sua garota Dolce, e agora eu sou. Quando recebo os segredos?

Se ele não me disser, preciso começar a procurar. Fiquei presa em seu mundo por um momento, o turbilhão, o drama e o perigo de ser seu brinquedo de merda. Mas isso é um sonho. Isso é realidade.

A hora de brincar acabou. É hora de começar a procurar, hora de colocar esse homem perigoso de joelhos, hora de destruir sua família do jeito que ele está me destruindo.

Royal conhece bem meu corpo depois de apenas algumas semanas, sabe como me fazer gozar mesmo quando não quero. Ao contrário de suas sessões habituais, ele não se contorce e enfia o rosto em mim e geme enquanto desce em mim. Ele está parado e quieto, tão quieto que posso ouvir os sons úmidos

de sua língua me devorando. Ele tem os movimentos baixos, porém, e depois de um tempo, não consigo me segurar. Ele força minha vergonha e humilhação enquanto perco o controle contra minha vontade, fumegando de fúria enquanto o faço. Eu gozo, mas meu coração não está nisso. É apenas físico, um prazer que está apenas no meu corpo.

Quando termino, ele se recosta e limpa a boca com as costas da mão.

— Posso me mover agora, Sua Majestade? — Eu pergunto. — Ou você vai me foder mais?

— Eu terminei, — diz ele, levantando-se e estendendo a mão.

Eu o afasto com um tapa e me levanto, estremecendo de dor. Minhas mãos tremem enquanto eu puxo minha calcinha e arrumo minha saia, então caminho de volta pela ponte. O eco dos meus passos nas tábuas de madeira bloqueia os dele de uma maneira muito satisfatória, então me concentro nisso, em vez da dor que me atravessa a cada passo. Quando chego ao Range Rover, viro-me para encontrar Royal atrás de mim, seu rosto frio e calmo, obviamente não afetado pela minha raiva.

— Eu deveria fazer você ir para casa agora, — diz ele.

Apenas o pensamento faz meu coração disparar. Cada passo é uma tortura. Prefiro rastejar debaixo da ponte e dormir no frio do que voltar para casa a pé.

— Eu te odeio, — eu digo baixinho.

— Garota esperta, — ele diz com um sorriso malicioso, jogando meu cabelo para trás e dando um beijo rápido na minha testa antes de abrir a porta e entrar. Ele liga o motor, e estou com muito medo da ideia de voltar para casa para me segurar no meu orgulho. Eu me apresso e salto para o banco do passageiro antes que ele possa decolar. Não tenho certeza do que é pior: andar ou sentar.

Royal não diz nada durante todo o caminho para casa. Não tenho certeza do que mudou, mas sei que qualquer pequena fase de lua de mel em que estávamos, acabou. Uma coisa é transar com um cara que tentou me matar quando ele até me levou para tomar anticoncepcional, conversando comigo enquanto a noite cai e nós deitamos emaranhados no banco de trás dele, quando

ele está dando boa cabeça e bom pau. É outra quando ele está me tratando como merda.

Quando ele estaciona na frente da minha casa, tiro sua jaqueta e a devolvo. — Até mais, Royal.

Ele olha para sua jaqueta antes de pegá-la relutantemente. — Você está devolvendo minha jaqueta? — ele pergunta, e se eu não o conhecesse melhor, acho que ele parece ofendido. — Por que eu comi você na bunda?

— Porque eu não consigo mais lidar com essa merda de *Jekyll e Hyde*¹, — eu digo. — Um dia, você é divertido e sexy, e no outro, você é um maldito monstro.

— Sou sempre um monstro, — diz ele. — Eu te falei isso.

— Sim, bem, estou cansada de fingir que isso está levando a algum lugar que obviamente não está. Posso não ser uma namorada, mas você também não é um namorado. E usar sua jaqueta parece muito que estamos namorando. Acho melhor nós dois lembrarmos que isso nunca pode acontecer, que somos inimigos e sempre seremos.

— Sempre fomos, — diz ele depois de um momento. — Estávamos perdendo isso de vista. Achei que esta noite poderia servir para lembrá-la de onde nós dois estamos, e parece que funcionou.

— Bem, parabéns, — eu digo, abrindo a porta. — Mensagem recebida.

— Você ainda é uma garota Dolce, — diz ele. — Você virá quando nós chamarmos.

— Nós? — Eu pergunto, meu pulso batendo em meus ouvidos.

— Quando *eu* ligar, — diz ele. — Você é minha, Harper. Não pense que isso mudou. Na verdade, você deveria saber melhor do que ninguém exatamente o que isso significa.

¹ Doutor Jekyll e seu alter ego violento Mister Hyde são personagens originalmente do livro "O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde", a clássica história de 1886 sobre o lado negro da natureza humana. Esta alma bifurcada se tornou um dos personagens mais icônicos da literatura, ambos horror e ficção científica.

— Entendi, — eu digo, batendo a porta e subindo o caminho rachado para a casa. Não sei quando me tornei propriedade dele ou como sair disso. Suportá-lo até que ele termine comigo parece muito cruel.

Lá dentro, fico sob o chuveiro quente até a água esfriar. Depois subo na cama sem me vestir e fico olhando para o teto. É apenas uma hora depois do anoitecer, mas não consigo reunir a motivação para me levantar. Não vou contar ao Sr. D sobre esse encontro, e ele é o único amigo a quem conto essas coisas, por mais triste que isso seja. Outras pessoas provavelmente acham que Royal está me fodendo, mas não é algo que eu saio anunciando. Na verdade, ele tornou isso muito público, enquanto eu não fiz nada além dos pôsteres do jogo no mês passado.

Mas eu preciso de alguém. Eu preciso de uma amiga, e não das falsas garotas Dolce que me aceitam porque Royal mandou. Passei anos cultivando um ar de não precisar de ninguém, e funcionou muito bem. Agora, quando preciso de um amigo, não tenho ninguém. Depois de um tempo, pego meu telefone e abro o aplicativo *OnlyWords*. Eu fico olhando para ele por um longo tempo, debatendo o que dizer. Por fim, envio o texto.

BadApple: *Como você pode amar Royal depois que ele terminou com vc?*

ThatsLo: *oh Deus*

ThatsLo: *Ele disse isso?*

BadApple: *Ainda não*

ThatsLo: *Agente firme. Fica melhor.*

BadApple: *Mas é?*

ThatsLo: *sim definitivamente*

BadApple: *Ok*

ThatsLo: *O que ele fez?*

BadApple: *Basicamente, não aceitar não como resposta*

ThatsLo: *ah sim. Eles nunca fazem, não é?*

BadApple: *você fodeu com todos eles?*

ThatsLo: *entre nos?*

BadApple: *Eu não sou Dixie. Lábios selados.*

ThatsLo: *sim*

Tento não me importar com isso, não sentir a pontada do ciúme e da traição. Royal e Lo são amigos, moram no mesmo bairro e transaram. Ou ainda fodem, sei lá. Não é como se ele tivesse me dito que éramos exclusivos ou algo assim. Na verdade, o oposto. Ele me disse que poderia fazer o que quisesse. Mesmo quando eu disse a ele que estaríamos seguros se não estivéssemos com outras pessoas, ele realmente não respondeu. Mesmo que tivesse, não confio nem um pouco naquele idiota.

ThatsLo: *você está bem? eu achei que vc sabia*

BadApple: *Eu sabia. Ou Assumi de qualquer maneira*

ThatsLo: *eles eram muito selvagens conosco quando começamos no ano passado. Mas então 1 dia parou, sem explicação, nada.*

BadApple: *eles se desculparam?*

ThatsLo: *lol*

ThatsLo: *não*

ThatsLo: *não é o estilo deles. Eles nunca vão se desculpar, então não espere*

BadApple: *Você perdoou mesmo assim?*

ThatsLo: *sim*

ThatsLo: *estávamos no meio deles, sabe? No topo. Vale a pena. Eles nunca terminaram e nos chutaram no meio-fio, então não tenha medo de que ele faça isso quando terminar de bagunçar você. Os gêmeos ainda fazem o chamado de saque de vez em quando, mas não é a mesma coisa que antes. Tipo, eles eram bárbaros diretos para nós.*

BadApple: *você disse não?*

ThatsLo: *Não me lembro. Mas você não pode fazer isso. Não funciona. Eles pegam o que querem. Melhor apenas se divertir e não esperar nada.*

Engulo em seco, minha garganta doendo. Um tremor percorre meu polegar enquanto digito uma resposta.

BadApple: *não sei como faço isso*

ThatsLo: *talvez fosse diferente de nós*

BadApple: *como?*

ThatsLo: *não sei, apenas é. Royal é como ... se fixado em você.*

BadApple: *sorte minha*

ThatsLo: *é sorte. Ele não faz isso. Nunca. Tenha cuidado, ok? Por vocês dois.*

BadApple: *obrigada*

ThatsLo: *Falando no diabo... . Ele está aqui.*

BadApple: *na sua casa?*

ThatsLo: *sim*

BadApple: *vocês ainda estão fodendo?*

Eu me xingo assim que envio aquela mensagem, fechando os olhos e desejando poder cancelar o envio. Que porra estou pensando? Eu pareço uma namorada ciumenta, o que ele deixou bem claro que eu não sou, nem nunca serei. E é claro que Gloria não responde. Ela está com Royal, que aparentemente teve que parar na casa dela depois de me foder na beira da estrada, provavelmente para se lembrar de como são as garotas com classe e bocetas douradas.

Porra, porra, porra.

Eu sou uma psicopata completa até mesmo por me importar. Eu odeio isso. Eu odeio estar com ciúmes pra caralho, e tudo que eu quero fazer é dirigir até a casa de Gloria e bater na cara dela por deixá-lo vir com o pau ainda molhado. E pelo que ela disse, ela fará o que ele quiser, porque é melhor do que lutar com ele. Então, se ele for lá e quiser foder, ela vai se curvar.

É isso que eu tenho que fazer para obter seus segredos? Para ser digna deles? Apenas pare de lutar e seja uma vadia patética?

Mas isso não é justo. Gloria não é patética. De alguma forma, ela consegue ser elegante pra caralho enquanto ainda permite que todos a fodam. Não sei como ela faz isso.

E a melhor pergunta, como ela evita amá-lo? De se apegar, esperar mais, *querer* mais?

Eu pulo e caminho pelo meu quarto, saboreando a dor em cada passo. Eu me odeio pra caralho agora. Eu odeio Royal também, e Gloria, e os gêmeos, e todo mundo nessa porra de mundo. Quando meu quarto é muito pequeno para conter minha turbulência, coloco um moletom e vou para o porão para socar o saco no canto até meus dedos ficarem em carne viva e latejando. Mesmo assim, minha cabeça ainda está fodida de seis maneiras desde domingo.

A rainha

Ninguém nunca a tinha visto,

Havia rumores de que ela não existia,

Quando um estranho pegou a coroa,

E colocou-o em sua própria cabeça.

Os súditos do reino exalaram,

Pacificados pela ideia

Que a adição de uma rainha

Tornaria seu rei de alguma forma humano.

Então a realeza permitiu ela

Não porque eles acreditaram que ela era digna

Mas porque ela tinha culboos,

E eles não tinham ninguém melhor.

Harper Apple

Na manhã seguinte, o Rover de Royal estaciona no estacionamento e todos se viram para observá-lo, como sempre fazem. Medo, emoção e perigo o seguem aonde quer que ele vá, e eles estão aqui para isso.

Estamos aqui para isso. Eu gostaria de ser imune a essa merda, de não ser como todas as outras garotas por aqui, mas a verdade é que eu sou. Sinto uma estranha solidariedade para com elas, embora me tratassem como lixo até um mês atrás e só mudassem quando seu mestre mandou. Sob todas as roupas e maquiagens caras ou achados baratos em brechós, somos iguais. Eu gostaria de ser diferente, para que Royal soubesse que ele é mais para mim do que um show, mas aposto que cada uma dessas garotas deseja a mesma coisa.

Aposto que todos esperam que ele diga algo a elas, pense que elas são diferentes, especiais. Mas elas não são. Nenhuma de nós somos. Somos todas vadias idiotas acompanhando cada movimento dele. E embora meu tolo coração anseie por alguma segurança depois da maneira como ele me tratou ontem à noite, sei que não vou conseguir. Eu sou dispensável para ele, assim como qualquer outra garota aqui.

Em vez de ocupar a primeira vaga do estacionamento, a mais próxima da escola, ele dirige pela fileira central. Direto para mim.

Meu coração salta no meu peito. Aí vem mais problemas que eu não preciso.

Talvez eu queira, no entanto. O drama, a emoção e a adrenalina - é viciante de alguma forma, e deve ter colocado suas garras em mim porque há uma pequena sensação de deflação quando não entendo.

Ele não para e começa a merda comigo. Ele para em uma vaga e estaciona. Um murmúrio percorre os alunos no estacionamento, que obviamente sabem de quem é aquele lugar, mesmo que eu não saiba. Percebo que meus pés ficam mais lentos, me pego esperando junto com todos os outros. Meu pulso acelera quando vejo uma loira no banco do passageiro se endireitar depois de pegar sua bolsa do chão... Ou chupar o pau dele. Quem diabos sabe.

Eu não deveria me importar.

Eu não me importo. Ele nunca me prometeu porcaria nenhuma.

A loira diz alguma coisa, se inclina e lhe dá um beijo rápido na bochecha.

Glória Maldita Walton. Aquela cadela disse que éramos amigas, e então ela me largou no segundo que ele apareceu na casa dela ontem à noite, interrompendo nossa conversa e nunca respondendo a minha última mensagem. Ele passou a noite com ela?

Ela se vira e abre a porta, saindo do carro e indo em direção ao prédio. Algumas pessoas correm para alcançá-la, suas amigas se aglomeram para saber a fofoca. Mas ainda estou presa ao chão, ainda observando Royal. Ele bate com o punho na parte superior do volante, depois inclina a cabeça para trás no encosto, os olhos fechados, por um longo momento.

Meu coração desaba sobre si mesmo. Ela me disse que não era nada.

É obviamente algo para ele, no entanto. Quero confrontá-lo, mas não vou deixá-lo saber que isso me afeta. Nós basicamente concordamos que a diversão acabou. Mas não sou uma vadia burra que vê a merda acontecer, tira conclusões precipitadas e passa um mês deixando um mal-entendido fermentar e causar drama desnecessário. Eu quero a verdade e vou consegui-la. Afastando-me assim que Royal abre a porta para sair, corro pelo estacionamento, passando pela multidão de amigos de Gloria para chegar até ela. Eu agarro seu cotovelo e a giro.

— Você disse que não havia nada acontecendo entre você e Royal.

Algumas garotas trocam olhares, mas se prendem a cada palavra, esperando o desenrolar do drama. Eu não dou a mínima. Estou acostumada a ser o show de horrores, e elas sabem que Royal tem duas garotas Dolce, então provavelmente estão prendendo a respiração desde que ele me elevou a essa posição. Bem, estou pronta para dar a elas o confronto pelo qual todos anseiam.

Gloria ergue uma sobrancelha bem cuidada, como se estivesse surpresa por eu confrontá-la. — As coisas mudam, querida, — diz ela. — Tente acompanhar.

— Oh, então ele estalou os dedos e você veio correndo como uma cadela no cio, — eu digo. — E quando isso acabar em uma semana, você vai voltar a dizer a todos que você é uma dama.

— Não, veja, eu sou uma dama, — ela diz, me dando um olhar aguçado. — Ao contrário de algumas pessoas, não preciso abrir as pernas para chamar a atenção.

Ela se vira e entra, e acho que essa é toda a resposta de que preciso. Eu mantenho minha cabeça erguida e entro, me concentrando em não cambalear como um pato porque minha bunda ainda parece que foi fodida com uma faca ontem à noite. Eu vou para o meu armário, raiva fervendo dentro de mim. Acho que é hora de parar de brincar com Royal e colocar minha cabeça de volta no jogo. Eu me dei bem com ele, mas não me adiantou em nada. Claro, orgasmos são bons, mas eu quero o que Gloria tem - seus segredos, sua confiança.

Qual é o segredo dela, o segredo para ganhar a confiança dele?

Estou quase no primeiro período quando vejo Dixie entrando e agarro seu braço. — Preciso falar com você, — digo, ignorando seus protestos e puxando-a de volta pelo corredor até o banheiro mais próximo.

Algumas garotas estão paradas nos espelhos, mas eu puxo uma de Gloria e ordeno que saiam, e elas obedecem. Afinal, sou uma garota Dolce. Posso muito bem usar meu domínio enquanto o tenho.

— E aí? — Dixie pergunta. — Você precisa que eu poste algo sobre você e Royal? Ou o seu lado da história desta manhã? Ouvi dizer que você se meteu com Gloria no estacionamento.

— Já? — Eu pergunto em descrença. Então eu balanço minha cabeça. — Não. Eu não tenho nada para você. Na verdade, preciso da sua ajuda.

— Claro, — diz ela, olhando para a porta. — Eu sei das fofocas. Mas eu já disse para você não se envolver com os Dolces. Você viu o que eles fizeram com Colt, e ele está longe de ser a primeira pessoa com quem foderam. Não sei de que outra forma posso ajudar.

— Preciso saber como Gloria se aproximou dele, — digo.

— Bem, — diz ela, lambendo os lábios e olhando para a porta novamente. — Não sou exatamente imparcial. Você sabe como me sinto sobre Colt. E Lo

é uma boa pessoa, Harper. Você pode estar chateada com ela e Royal, mas não vou dizer nada de ruim sobre ela. Ela é minha amiga.

— Eu não estou pedindo sujeira sobre ela, — eu digo. — Eu só quero saber o que está acontecendo com eles.

— Eu não sei, — ela admite. — Eles têm um relacionamento estranho e tóxico. Fora do registro, ela me disse que eles são apenas amigos. Mas eu sei que ela está decidida a ganhar a rainha do baile, e ele será seu par. Ele era o acompanhante dela em tudo no primeiro ano e no baile este ano...

— Espere, você acha que ela está apenas armando para parecer que eles estão juntos para a porra do baile de formatura?

Seus olhos se arregalam. — A rainha do baile é importante aqui, Harper. Você tem que fazer campanha. Fica bem nas inscrições para a faculdade e, se há uma coisa que Gloria deseja, é ir para uma boa escola. Tipo, Ivy League.

Eu relaxo um pouco, recostando-me em uma pia. — Então, eles estão apenas tentando parecer um casal para que as pessoas acreditem e votem neles?

Ela torce os lábios para um lado e verifica a porta novamente antes de abaixar a voz para um sussurro. — Ok, eu gosto de Gloria, mas como você pode imaginar, as pessoas não compartilham todos os seus segredinhos sujos comigo. Ouvi algo diferente de... Uma fonte.

— Que eles não são apenas amigos? — Eu pergunto, meu peito apertando.

— Ouvi dizer que eles vão ao Hockington Hotel uns dois domingos por mês. Não sei nenhum detalhe, mas minha fonte trabalha do outro lado da rua e os viu saindo juntos umas cinco vezes.

— O hotel de encontros, — eu digo, caindo para trás e fechando os olhos. Isso explica todos os recibos de hotel que vi em sua gaveta quando bisbilhotei sua mesa.

Claro, nunca estive no Hockington, já que é o único hotel chique de Faulkner, mas todo mundo já ouviu falar desse nome. Às vezes, eles realizam bailes de formatura e outras danças, que provavelmente é onde ganhou o apelido de hotel de encontros, embora também seja chamado de Hookington and Hooker Hotel pelas jovens da cidade. Ainda assim, não há razão para dois

garotos locais conseguirem um quarto lá, a menos que estejam escondendo isso de seus pais – obviamente dos pais dela, já que seu pai não pareceu nem um pouco perturbado por eu passar a noite.

Como Royal disse, você não fode uma garota respeitável na beira da estrada. Aparentemente, o banco traseiro de seu carro também é bom demais para Gloria. Ele vai me foder lá o dia todo, mas para Gloria, é o melhor hotel da cidade. Ele me disse que os domingos não eram bons para ele. Ele não me disse que tinha outro encontro naqueles dias. Devo agradecer por tê-lo dois ou três dias por semana e ela só uma vez?

Porque isso não vai acontecer.

— Sinto muito, — diz Dixie. — Eu sei que não é o que você queria ouvir. Eu nem sei se é verdade. Você sabe que ele não sai com garotas do ensino médio, e as pessoas o viram pela cidade com outras garotas, tipo, garotas mais velhas. Então talvez não seja o que você pensa.

— Mas ele nunca namorou ninguém em Willow Heights, certo? No último ano e meio, ele só saiu com ela. Ele fica com outras garotas?

A testa de Dixie enruga enquanto ela pensa, seus olhos se movendo para o canto do teto. — Acho que não, — diz ela lentamente. — Os gêmeos são totalmente homens prostitutas. Eles pularam logo no primeiro ano, quando se mudaram para cá, e começaram a namorar. Mas Royal é mais esquivo. Ele nunca namorou ninguém desde que veio para Willow Heights. Gloria o prendeu para todas as funções da escola desde que chegou aqui, embora eles não estejam oficialmente namorando. Sei que alguns garotos esperam que ele seja gay, mas ele nunca pareceu realmente interessado em ninguém. Até você.

— E quanto a Mabel?

— Oh, — diz ela, com os olhos arregalados. — De jeito nenhum. Ela é uma querida. Quero dizer, eles foram atrás dela e, tipo, a torturaram. Ouvi dizer que eles fizeram um acordo com ela para deixar Colt em paz, e é por isso que ele ainda frequenta aqui. Mas eles definitivamente não estavam namorando-a de verdade.

Lembro-me de como os gêmeos enlouqueceram quando usei as roupas de Mabel, e acho que há mais nessa história do que Dixie sabe. Mas essa não é minha história para contar, então mantenho minha boca fechada sobre isso.

— Obrigada, — eu digo. — Isso foi muito útil. Vamos para a aula.

O sinal tocou há um tempo atrás, mas ainda tenho meus privilégios de garota Dolce até ser revogado, então a professora deixa passar. Sento-me na aula pensando no que Dixie disse. O que a Glória disse. A mudança repentina de Royal na noite passada foi porque ele já estava se preparando para terminar comigo, e ele tinha que passar a mensagem através da minha cabeça dura? Pelo que sei, minha atitude de merda o fez procurar algo mais fácil, algo descomplicado que ele pode obter de uma amiga de confiança.

E o que ela sabe sobre ele que eu não? Ela fez parecer que ele gostava de mim, como se eu pudesse machucá-lo de uma forma que ela não podia. Mas ele obviamente não confia em mim, como não deveria. É só porque eu era amiga de Colt? Ou porque não vou entrar na linha e obedecer a todos os seus comandos? E então há a possibilidade de que ele saiba que estou tramando algo. Que ele ou um de seus irmãos é o Sr. D. Mas quanto mais o tempo passa, mais eu duvido. Eles já teriam me parado, sabendo que quero destruir a família deles.

Sexta-feira é o último jogo dos playoffs estaduais, e todos estão muito concentrados nisso para perceber que não estou tão próxima de Royal, que ele não fica rondando possessivamente ao meu redor ou me expulsar do esquadrão na fila do refeitório ou entre as aulas. E ele está muito ocupado para garotas Dolce ou até mesmo me assediar para ir ao jogo dele, que é em Little Rock. Pela primeira vez desde o Dia de Ação de Graças, pulo o jogo e vou para a Femme Fight Friday no Slaughter Pen. É estranho e vazio sem o Dínamo no portão cobrando ingresso e limpando depois das lutas. Mais uma vez, sinto aquele arrepio, como se o fantasma dele estivesse me observando.

Mas eu não luto por ele. Eu luto por mim.

Hoje à noite, eu luto duro e por muito tempo, acertando uma porrada de socos. Toda vez que meu punho se conecta, imagino o rosto de Royal e o corpo de Royal sofrendo o abuso. Embolso uma grande pilha de notas pela vitória e saio sorrindo. Meus dedos estão quebrados e sangrando, cada centímetro de mim parece machucado, um olho está meio fechado pelo inchaço e meu lábio está cortado até a merda por dentro.

Nunca me senti melhor.

Quando chego ao estacionamento, estou zero por cento surpresa o ao ver o Baron Dolce parado contra a lateral de seu pequeno Tesla elegante, um

pirulito enfiado em sua bochecha. Penso em ignorá-lo e ir embora, mas não quero fazer uma cena na frente do meu local de trabalho. Não que alguém se importasse. Todos ficam torcendo, empolgados por uma partida extra pela qual não precisavam pagar. Mas eu sou uma profissional.

Também sei que não vale a pena correr. Eu fiz isso outro dia, e não me levou a lugar nenhum. Eu não duvidaria que Baron fizesse a mesma coisa aqui, na frente de uma multidão. E francamente, minha bunda não aguentou. Dias depois, ainda estou tão dolorida que teria pulado a luta se não fosse tão masoquista.

— Entre no carro, Jailbird, — Baron chama, gesticulando preguiçosamente para mim. — Nós vamos a uma festa.

— Estou muito suada, — digo, mas me aproximo mesmo assim. Já lutei o suficiente esta noite.

Embora seja o carro de Baron, Royal está no banco do motorista, mas não olha em nossa direção. Baron cruza os braços, movendo o doce de um canto da boca para o outro com a língua. Ele me observa observando Royal.

— O que quer que você tenha feito com ele, desfaça, — ele diz quando eu encontro seus olhos novamente.

— Eu? — Eu pergunto, levantando uma sobrancelha. — E o que ele fez comigo?

Baron me estuda, embora eu não consiga ver seus olhos bem o suficiente para ler sua expressão através do reflexo em seus óculos. — O que ele fez para você?

Eu bufo. — Não vou lá.

Esse é o tipo de cara que vai me chamar de vagabunda o dia todo, mas no minuto em que fico chateada com um pouco de anal, de repente me torno uma pequena puritana frígida. Inferno, ele e Duke provavelmente fizeram isso mais vezes do que eu fiz sexo normal. Eles não entenderiam que não é sobre o que ele fez, é sobre o jeito que ele fez, o jeito que ele me tratou.

Se ele tivesse me perguntado, me dado uma opinião sobre o assunto, ele poderia ter me convencido. Não é como se eu achasse que anal é algo para se enlouquecer. Eu só gostaria de participar da decisão de tê-lo. Com um pouco

de conversa doce e persuasão, Royal poderia me fazer qualquer coisa na cama. Ele é bom nisso e eu sou tão aventureira quanto qualquer outra garota. Mas ele não se incomodou. Ele queria me mostrar onde eu estava, e ele com certeza fez um bom trabalho nisso.

— Faça certo, — diz Baron, o tom em sua voz é um aviso. Ele abre a porta de trás e eu entro. Sou instantaneamente engolfada por uma nuvem de fumaça de maconha e cerveja.

Baron desliza ao meu lado, e Royal coloca o carro em movimento e pisa fundo no acelerador, jogando todos nós contra os bancos. Duke grita e segura uma garrafa de cerveja. Ele bate contra a janela quando ele tomba enquanto Royal sai do estacionamento, cantando os pneus e cuspidando fumaça como se estivesse correndo nas ruas novamente.

— Segure seus peitos, — Duke grita. — A Merda está prestes a cair!

Eu olho para Baron e murmuro: — Ele está bem?

Ele percebe meu aceno para Royal e dá de ombros. — Por que você não pergunta a ele?

— Perguntar o quê? — Royal pergunta. O carro dá uma guinada para a frente e então dispara pela rua tão rápido que me dá um nó no estômago.

— Então este é o seu jogo? — Eu pergunto. — Você coloca seus ganchos em mim, me enrola e me faz pensar que algo pode acontecer, e então você puxa o tapete debaixo de mim. Enxágue, repita e talvez jogue algumas tentativas de assassinato para torná-lo mais divertido.

— Esse é o seu jogo? — ele pergunta. — Porque você é muito boa nisso.

— Bem, se você vai matar nós dois neste carro, você pode querer deixar seus irmãos saírem. Tenho certeza de que eles merecem, mas você provavelmente não concorda.

— Eu sei dirigir, porra.

— Eu honestamente não sei por que você está chateado, — eu digo. — Eu fiz o que você queria outro dia.

Duke abre outra garrafa de cerveja e a vira, bebendo metade antes de arrotar alto. — Eu odeio quando mamãe e papai brigam, — ele diz, então cai na gargalhada, parecendo não perceber que é o único rindo de sua própria piada.

Entramos na estrada que passa pela escola e, por um segundo, minha mente volta para aquele porão. Mas o estacionamento está cheio de carros esperando, com as luzes acesas, como se a escola acabasse de terminar e eles estivessem saindo. Nós derrapamos até parar em uma nuvem de pneus em chamas, e Duke abaixa a janela e dá uma guinada na maior parte do caminho, acenando para o carro na frente da fila - o Mustang de Gloria.

Ela está com a capota abaixada, os assentos cheios com suas irmãs e amigas. Todas elas gritam como se tivessem visto uma estrela do rock quando avistam Duke. Gloria acena de volta e buzina, seu cabelo loiro despenteado do jeito que fica quando ela está em seu estado mais real. Quase todos os carros no estacionamento começam a buzinar atrás dela.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto.

— Uma festa surpresa, — diz Baron, exibindo um sorriso animado. — Ninguém sabe onde vai estar até que os levemos até lá.

— Incluindo os anfitriões, — diz Duke, uivando de tanto rir e batendo no joelho. É quase meia-noite, e ele deve ter bebido desde o fim do jogo para já estar bêbado. — Chupe, Preston!

— Ele não estará lá, — diz Baron. — Ele correu como um maricas infectado no segundo em que saiu daqui e não sai de seu pequeno buraco de minhoca por nada.

— Besteira, — diz Royal. — Nós vamos pegá-lo desta vez. Ele não vai se safar dessa.

— Com o que? — Eu pergunto.

— Alguém está fodendo com nossos carros, — diz Baron. — Ele destruiu o Rover esta noite.

— Oh, merda, — eu digo. — É por isso que você está tão chateado, Royal?

— Foda-se, — diz ele. — Não finja se importar.

— Ele riscou os carros deles no mês passado, como uma putinha, — diz Duke. — Que tipo de cara risca um carro? Isso é uma merda mesquinha bem aí.

— Como você sabe que era Preston? — Eu pergunto. — Tenho certeza que você não chega aonde está sem fazer inimigos.

— Tinha que ser um Darling, — diz Baron. — Ninguém mais ousaria foder conosco.

Eu mordo meu lábio, não prestes a confessar isso. Não quando Royal está com raiva, e Baron está realmente sendo semi-decente esta noite. Na comoção do dia em que troquei a chave dos carros deles, esqueci tudo. Eles quase mataram Colt e depois a mim, e um pouco de tinta arranhada era a última coisa em minha mente. Sei que estou sendo covarde, mas não conheço esse tal de Preston nem devo lealdade a ele. Dixie praticamente disse que ele era mau, e eu prefiro que eles destruam a casa dele do que a minha cara. Eu sei quando calar a boca e viver outro dia.

Alguns minutos depois, paramos em um bairro chique no lado norte da cidade, embora longe do bairro Dolce. Este é todo de grandes casas modernas, ao contrário do estilo antebellum no bairro de Dolce. Royal digita um código para entrar no condomínio fechado com uma grande placa de pedra onde se lê Windemere Estates. Droga, essas pessoas são ricas. Até o bairro deles parece chique como o inferno.

Entramos por uma estreita estrada de asfalto, o carro de Glória logo atrás de nós e, atrás dele, um desfile de carros ao longe, até onde posso ver.

— Vou mandar uma mensagem para Cotton para estacionar na estrada, — diz Baron. — Não queremos que os policiais entrem.— Seus dedos voam sobre o telefone enquanto ele digita. Ele começa a me explicar sem tirar os olhos do telefone. — Todo mundo que não puder entrar no bairro vai estacionar na rua, bloqueando as duas pistas, para que ninguém possa entrar. Esses maricas vão guinchar como porcos assim que aparecermos.

Deve haver uma centena de carros atrás de nós, então não há como os policiais conseguirem passar se todos estacionarem no acostamento e depois na estrada. É muito brilhante, de uma forma genial do mal.

Royal puxa um caminho sinuoso para uma mansão que é ainda maior que a dos Dolces, já que não é constrangida por tentar parecer antiga. Tem três andares, com enormes janelas de vidro, revestimento de pedra cinza e suportes e guarnições de madeira. É uma casa bonita, ainda que ostensiva, o tipo de mansão com que as crianças sonham quando ainda pensam que, quando crescerem, tudo é possível. Tem até uma fonte na frente, e posso ver atrás dela um brilho azul de uma piscina.

— Vamos destruir essa cadela como os maricas que moram aqui, — grita Duke, abrindo a porta e saindo cambaleando.

Os outros carros estão parando atrás e ao nosso lado, enchendo todo o caminho estreito e nos bloqueando. As luzes da casa se acendem, assim como as luzes externas nos dois últimos andares. Vejo uma câmera de segurança acima da porta e uma placa dizendo que eles têm um sistema de alarme, e meu instinto é dar o fora. Joguei Ding-Dong Ditch o suficiente para saber que você não mexe com as casas que podem identificá-lo mais tarde.

Duke tropeça até a varanda e começa a fazer palhaçadas na frente da câmera. Nós três saímos do carro, e Baron corre e levanta Duke com as mãos. Duke arranca a câmera da parede com um grito rebelde que deve acordar toda a vizinhança. Ao nosso lado, alguém grita, e eu me viro para ver Cotton e DeShaun balançando um barril para frente e para trás entre eles. Eles o soltam e ele voa como um aríete através das janelas panorâmicas com um estrondo estilhaçante.

Os Dolces não dão a mínima para as consequências.

Claro que não. Eles estão acima das consequências.

O interior da casa é repentinamente inundado de luz, mas ninguém se intimida. Duke se joga na porta com o abandono de um bêbado que não sente dor. Outros festeiros quebram janelas e um fluxo de pessoas escala os canteiros de flores e os arbustos para mergulhar. Em menos de um minuto, é o caos total.

Harper Apple

Dentro da casa, posso ouvir pessoas correndo, quebrando merda e gritando. Um grupo de jogadores de futebol está arrancando as vigas de sustentação da varanda, tentando arrancar tudo da casa. Há um estrondo gigante que sacode o chão, e eu me viro para ver parte da fonte rolando pela entrada, a água correndo pelo chão atrás dela. A porta da frente se abre, trazendo minha atenção de volta enquanto sou empurrada para dentro com a enxurrada de corpos. A casa treme com os passos do rebanho em disparada. Eu saio do caminho de uma luminária caindo e entro em uma sala de estar, onde um punhado de caras está jogando um couro macio pelas janelas panorâmicas.

Gritos histéricos enchem um corredor lateral, e eu me viro para ver alguns caras carregando uma mulher loira de camisola pelo corredor. — Lindsey, — ela uiva de terror, tateando o ar.

— Vamos lá, — diz Royal, agarrando minha mão e me puxando em direção a um conjunto de escadas sinuosas, do tipo que você vê alguém descer nos filmes durante a grande cena do baile. É uma escada para fazer uma entrada — e nós estamos entrando.

— Fes-ta, fest-ta, — gritam como um refrão atrás de mim, e olho por cima do ombro para ver toda a equipe atrás de nós, levantando os punhos.

— Hora de quebrar alguma merda, — Royal diz, pegando fotos da parede na escada e virando-se para esmagá-las contra o corrimão. Ele entrega alguns para mim, e o que posso dizer, eu gosto de quebrar merda. Por um minuto, eu me pego nisso, a histeria arrebatadora disso, a demolição alegre, a mentalidade da máfia. Com um grito, eu me inclino sobre o corrimão para jogar as fotos no chão. Tenho certeza de que essas pessoas têm seguro, de qualquer maneira, e destruir a casa de uma pessoa rica é um sonho que eu nunca soube que tinha até este momento. Eu pego mais fotos, quebrando-as no corrimão e no andar de baixo com abandono.

Estou prestes a lançar outro quando vejo um rosto familiar olhando para mim do quadro.

De alguma forma, não entendi quando ouvi a mulher gritando por sua filha. Esta é a casa de Lindsey Darling - o equivalente da Faulkner High a Gloria Walton, a abelha rainha, a líder de torcida e presidente do corpo estudantil e candidata perfeita para qualquer escola da Ivy League. Frequentei a escola com ela nos últimos dois anos e, embora ela nunca tenha trocado uma palavra comigo, todo mundo a ama. Ela não é uma cadela como Gloria. Ela sorri para todos, até para mim, quando passa no corredor.

Mas eu não a conheço, sou arrastada escada acima e então esqueço tudo sobre ela. Royal me arrasta para um quarto, virando-se para me puxar para seus braços. Ele me beija com força na boca, e eu o beijo de volta, arranhando suas costas, arrastada pelo caos. Ele empurra sua coxa entre as minhas, pressionando seu músculo sólido contra a maciez entre minhas coxas. Ao mesmo tempo, suas mãos embalam meu corpo, uma delas atrás da minha cabeça, sua enorme palma cobrindo a parte de trás da minha cabeça, e a outra mão na parte inferior das minhas costas, trazendo-me contra ele. O contato me deixa instantaneamente sem fôlego e molhada de desejo.

Eu abro para ele - minhas coxas, meus lábios, meu coração tolo. Inclinando minha cabeça, deslizo minha língua sobre a dele, aprofundando o beijo, agarrando-me a seus ombros e confiando nele para me apoiar, deixando-o me dobrar para trás com a força do beijo, com toda a necessidade que posso sentir irradiando dele. Minha própria mágoa e raiva da última semana se entrelaçam com o alívio que sinto por me juntar a ele novamente, sendo absorvida de volta em sua órbita de modo que, por um momento, me sinto parte de algo em vez de rejeitada e sozinha. Nós não falamos. Não precisamos de palavras. Só precisamos um do outro, a única coisa que não podemos ter.

A luz pisca, inundando a sala e nos interrompendo quando Baron e Duke avançam. — Há tempo para isso mais tarde, — diz Baron, puxando Royal quando ele passa.

Royal empurra sua língua contra a minha mais uma vez, moendo seus quadris para frente e flexionando seu quadril contra meu centro quente antes de se afastar lentamente, me deixando sem fôlego e latejando de luxúria. Ainda segurando a parte de trás da minha cabeça em sua palma enorme, ele me puxa

para frente e pressiona sua testa na minha. — Continua, — ele sussurra contra meus lábios molhados.

— A destruição não espera por ninguém, — grita Duke, arrancando uma flâmula de Willow Heights da parede. Ele pula na cama grande, pulando para cima e para baixo com um brilho frenético em seus olhos, como se não estivesse apenas se divertindo, mas com a intenção de jogar bolas na parede até bater e queimar. Baron tem a mesma alegria maníaca em seus olhos enquanto corre para uma estante de troféus do outro lado da enorme sala. Ele chuta o vidro para dentro, e ele cai sobre seus pés. Alcançando os cacos irregulares à esquerda das portas, ele pega um grande troféu de futebol e o balança como um taco de beisebol, quebrando a caixa de vidro e jogando mais troféus no chão.

— Não destrua a cama, — diz Royal. — Eu quero transar com ela mais tarde.

Duke pula e tropeça em um banheiro anexo e, um segundo depois, mais vidros se estilhaçam. Eu olho em volta para o quarto, simples e limpo com um ar de desuso. Ao contrário do quarto de Mabel, porém, este parece que alguém viveu aqui uma vez, como se ele pudesse voltar. Tem uma sensação masculina impessoal, mas sofisticada, embora isso esteja sendo rapidamente suprimido pelo caos que os gêmeos estão causando. Royal se junta, arrancando uma enorme obra de arte da parede acima da cômoda e jogando-a no chão.

— Vamos queimar esse filho da puta, — Duke grita, cambaleando para fora do banheiro com um isqueiro na mão.

— Como fizemos com o rosto dele, — diz Baron, com um sorriso enorme que é mais do que um pouco desequilibrado. — Isso vai ensiná-lo a não foder com nossos carros.

— Você acha que ele está aqui? — Duke pergunta. — Onde uma barata se esconderia?

Ele se vira para mim e todos esperam, como se eu tivesse a resposta. Quero dizer a eles que isso se esconderia à vista de todos, que estou bem na frente deles. Eu sei que eles não estão fazendo isso só porque eu roubei o carro deles, mas isso faz parte. Deixei-os acreditar que era outra pessoa. E estou aqui, sabendo que contarei ao Sr. D tudo o que eles fizerem nesta casa esta noite. Eu sou a porra da barata.

— No porão? — Digo, porque uma barata não se denuncia se puder evitar.

Duke e Baron atacam de volta por onde vieram. Eu olho para Royal, mas nosso momento está perdido. Ele está ocupado arrancando as gavetas das cômodas e quebrando-as nas molduras. A vontade de entrar no caos desapareceu com nosso beijo apaixonado. Eu me viro e saio do quarto, de repente me sentindo um pouco enjoada.

Eu ouço uma comoção no corredor, os ecos de risadas cruéis que já ouvi muitas vezes em minha vida. Minha mãe, os meninos Dolce, babacas de Faulkner... Há uma certa risada que vem de um valentão quando eles encurralam uma presa mais fraca e são pegos na pressa de destruí-la.

Sigo nessa direção e passo por um grupo de pessoas paradas em outro quarto, do lado de fora de uma porta de armário aberta. Lá dentro, no fundo de um armário com metade do tamanho do meu quarto, uma pequena figura encolhida no canto dos fundos. Ela está vestindo uma camisa de pijama com babados e shorts combinando, o rosto manchado de lágrimas, o cabelo loiro fino em desordem. Eu mal a reconheço sem um rosto cheio de maquiagem, salto alto e suas roupas de grife. Ela parece simples, jovem e indefesa sem ele.

— Vocês são pagãos, — eu digo, passando por Dawson e agarrando Lindsey sob os braços.

Ela grita e se afasta de mim, hiperventilando e chorando ao mesmo tempo. Eu dou um tapa no rosto dela, sentindo a picada satisfatória da minha palma contra sua bochecha molhada. Nunca pensei que daria um tapa na filha dos pais fundadores, mas aqui estou. Tempos desesperados.

Todo mundo torce, mas eu não fiz isso por eles. Lindsey suga em um suspiro chocado, e eu a coloco de pé. — Vamos tirar você daqui, — eu digo, pegando um sobretudo da seção de jaquetas que é tão grande quanto todo o meu guarda-roupa. Eu a arrasto no meio da multidão de alunos zombadores de Willow Heights que me vão por estragar a diversão deles, mas não ousam contradizer uma garota Dolce. Do lado de fora do quarto, paro para colocar a jaqueta nos ombros de Lindsey. — A maioria das pessoas aqui nem sabe quem você é, — eu digo. — Se recomponha e você pode sair pela porta da frente sem que ninguém preste atenção em você.

Ela balança a cabeça em silêncio, limpando o ranho do nariz e na manga sem perceber.

— Ótimo, — eu digo, e agarro sua mão com força na minha e a arrasto pelo corredor e pelas escadas, embora ela se encolha toda vez que passamos por alguém. Ninguém está aqui para ela, no entanto. Eles estão aqui apenas para desmontar a casa dela peça por peça.

A sala está vazia, exceto por um tapete e o sistema de som, que está tocando música alta. Alguém está fazendo uma barraca de barril e um grupo de pessoas dança nos cacos de vasos quebrados e na sujeira dos vasos de plantas esmagados. Lindsey começa a chorar, mas eu a puxo pela sala de estar, pelo hall de entrada, onde mais cerâmica quebrada se espalha pelo chão e um lustre de cristal pende de lado, pendurado a meio caminho do chão.

— Guerra de comida, — grita uma voz da cozinha, e ouço barulhos e gritos, objetos quebrando no chão e nas paredes. Imagino toda a comida nos armários de uma casa como esta, como provavelmente poderia alimentar mamãe e eu por um mês. Não há tempo para isso agora, no entanto.

No exterior, o alpendre encontra-se totalmente desmontado, exceto o pátio em pedra e os degraus. Os suportes e telhados estavam espalhados pelos arbustos e em um lado do quintal. DeShaun está abrindo valas no gramado em sua caminhonete levantada enquanto Gloria, Cotton e alguns de seus amigos do futebol torcem por ele e oferecem orientações.

— Minha casa, — Lindsey murmura, soando em estado de choque e distante.

— É só uma casa, — digo, embora saiba que isso significa algo diferente para pessoas com casas como esta. Ainda assim, não sei o que dizer a uma garota como Lindsey, uma garota com algo a perder.

— Meu carro está na garagem, — diz ela, caminhando em direção à entrada da casa.

Eu pego o braço dela. — A estrada está bloqueada.

— Vou sentar nele, — diz ela. — Eles não vão me encontrar.

— Se eles chegaram à garagem, eles vão, — eu digo. — Você precisa ir para outro lugar. Você conhece alguém na vizinhança, em algum lugar perto o suficiente para caminhar?

— S-sim, — diz ela, engolindo em seco. — Chase mora na mesma rua.

Claro que sim. O pai dele é dono de todas as concessionárias de carros da cidade. Ele é rico pra caralho.

— Então vá lá, — eu digo.

Ela agarra minha mão, agarrada, seus olhos enormes e apavorados. — Eu não posso ir sozinha, — ela lamenta. — Venha comigo.

Eu olho para a casa, mas não há nada para mim lá. Eu fiz meu pequeno ato de vandalismo, quebrando algumas fotos, mas a merda extrema, como derrubar a varanda, está um pouco fora da minha casa do leme. Quando olho para Lindsey, tão perdida e pequena, suspiro. — Tudo bem, — eu digo. — Mas eu só estou deixando você. Não quero que ninguém me veja com você.

Ela balança a cabeça, fungando e limpando o nariz novamente. Começamos na direção que ela indica, embora nos certifiquemos de cortar caminho pelo quintal e ao longo das cercas das pessoas em vez de caminhar na estrada. Meio quarteirão depois, acho que estamos seguras, e puxo Lindsey para a estrada, para não tropeçarmos no escuro. Quando finalmente chegamos à calçada, percebo que Lindsey está descalça. Porra. Peguei um casaco para ela, mas não peguei sapatos. Ela nem disse nada quando atravessamos a cerâmica quebrada. Talvez ela esteja em choque.

— Você está sangrando, — eu digo.

— Oh Deus, — diz ela, balançando e agarrando-se a mim como se fosse desmaiar.

— Você provavelmente só se cortou um pouco, — eu digo. — Eles estão doendo?

— Eu... eu não sei, — ela sussurra.

— Por que você não se senta por um minuto e verifica se não há cacos de vidro aí?

Ela balança a cabeça. — Não posso. Faz você.

— De jeito nenhum. Vou carregá-la antes de ir cutucar seu sangue.

— Você consegue? — ela pergunta, engolindo em seco, seus grandes olhos azuis se enchendo de lágrimas.

Eu suspiro, decidindo que será mais fácil e rápido carregá-la do que lidar com sua bunda lamentável agora. — Tudo bem, — eu digo, agachando-se para que ela possa subir nas minhas costas. Ela não pode pesar cem quilos encharcada, mas ainda é cansativo. Sou forte, mas não sou muito maior que ela.

Mais uma vez, a riqueza ao meu redor me faz sentir como se tivesse entrado em outra dimensão. Eu cambaleio pelo quarteirão, me perguntando por que diabos os ricos têm que ter bairros tão grandes com árvores e merda entre suas casas. Estou literalmente carregando uma garota rica nas costas porque ela não suporta ver o próprio sangue. Isso é uma merda. Sinto que há uma metáfora ali, ou pelo menos alguma ironia cruel, mas estou muito ocupada carregando a bunda dela para apontar isso.

— Aqui, — diz ela, inclinando-se para o lado em direção a uma entrada pavimentada que serpenteia por uma colina suave.

— Não estou carregando você morro acima, — eu digo. — Mas você pode usar meu telefone para ligar para ele.

Ela pega meu telefone e sai andando pela grama. Eu olho ansiosamente para a casa dela, querendo estar lá para o que quer que esteja acontecendo, mesmo que eu não faça parte disso. Lindsey soluça ao telefone por alguns minutos enquanto tento não escutar. Claro, a garota é patética pra caralho, mas considerando o que aconteceu com ela, provavelmente estou sendo muito dura com ela. Não tenho certeza se há algo no mundo que possa me quebrar o suficiente para me fazer parar de lutar, desistir e apenas sentar lá e chorar.

Depois de um tempo, ela volta e me entrega meu telefone. Eu fico até ver os faróis no topo da entrada da garagem, e então eu me afasto. Lindsey não demonstrou nenhum sinal de reconhecimento, provavelmente pensando que sou apenas uma vadia de Willow Heights, mas isso não significa que terei sorte novamente. Tive aulas com Chase, e ele não vai ficar tão abalado a ponto de não notar um rosto familiar. Então eu me escondo atrás de uma magnólia, grato pela folhagem cheia de nossa versão de uma sempre-viva nesta época do ano.

Quando o carro chega, pega Lindsey e vai embora, corro de volta para a casa dos Darling. Do lado de fora, parece a casca de uma casa, como se uma bomba tivesse explodido por dentro. Cada uma das enormes janelas se foi. Pedacos irregulares da guarnição de madeira se destacam onde foram arrancados. A varanda quebrada, os móveis quebrados e os afetos pessoais espalham-se pelo quintal, incluindo fotos de família, roupas e livros. Vejo um troféu quebrado em um triste emaranhado de arbustos pisoteados. Dentro de casa, a festa fervilha. Alguém colocou luzes estroboscópicas coloridas que piscam pelas janelas escancaradas, e a música se espalha pelo gramado rasgado onde a caminhonete de DeShaun está estacionada, a cama cheia de garotas dançando com garrafas de cerveja erguidas.

Eu fico lá observando por um minuto, meu pobre coração de menina quebrando com todo aquele desperdício. Aposto que poderia ter vendido aquela mobília e metade das outras coisas aqui sendo pisoteadas. Não sei nada sobre arte, mas aposto que as pinturas, os vasos e a cerâmica podem manter nossas contas pagas por anos. Todos destruídos. O excesso, o desperdício, a gula da destruição - fica engraçado na minha barriga.

— Harper Apple, venha aqui e dance comigo, — DeShaun diz, segurando a mão para mim. Eu pego, e ele me puxa para a caçamba da caminhonete, onde todo mundo está moendo. Ele empurra um copo de cerveja na minha mão e me dá um sorriso. — O primeiro é grátis.

Eu arqueio uma sobrancelha para ele. — Isso é porque um é tudo que vocês precisam para fazer uma garota desmaiar para que você possa estuprá-la?

— Há uma dúzia de pessoas aqui que acabaram de me ver entregar aquela cerveja para você. Se eu colocasse alguma coisa nela, em primeiro lugar, estaria praticamente morto e, em segundo lugar, ninguém aqui encostaria um dedo em você, mesmo se você estivesse desmaiada sem um pedaço de roupa. Agora tire esse olhar tenso do seu rosto e sinta a música, baby.

— Bem, obrigada, eu acho, — eu digo, tomando um gole da cerveja. Ele toca seu copo no meu e coloca a mão na minha cintura, sorrindo para mim enquanto dançamos. Ele não me empurra, porém, o que eu aprecio, mesmo sabendo que é por respeito a Royal, não a mim.

— Eu conheci seu pai outro dia, — eu digo. — Eu não sabia que vocês eram donos do Cliff's.

— Melhor churrascaria em Arkansas, três anos consecutivos — diz ele. — Você foi lá com Dolce?

— Sim, — eu digo, um gosto ruim voltando com a memória daquela noite e o conhecimento de que ele foi para a casa de Gloria depois. Sei que verde-ciúme não fica bem em ninguém, então resisto à vontade de perguntar a DeShaun sobre eles ou de olhar em volta e ver se ela ainda está por aqui. Não vou pensar no que ela pode estar fazendo se estiver lá dentro, se Royal a teria puxado para aquele quarto e a beijado, se ele vai transar com ela na cama de Preston porque não estou lá para foder quando ele estiver pronto.

— Sabe, eu conheço Royal há algum tempo, — diz DeShaun. — Ele não fica ferido.

— Foi o que ouvi.

— Escute, eu vou ser direto com você, — diz ele. — Eu sou um cara mano antes de vadias. Se vocês terminarem, há cem por cento de chance de eu ter o meu filho de volta, não o seu. Mas acho você muito legal, Harper Apple.

— Obrigada, — eu digo. — O sentimento é mútuo.

— Dito isso, cuidado, ok? Você está viajando em águas desconhecidas, e essas águas são como o Triângulo das Bermudas. Sabe o que estou dizendo?

— Para que eu possa desaparecer e nunca mais ser ouvida?

— Estou dizendo para não mexer com a cabeça dele, — diz ele. — As águas do Triângulo Dolce estão infestadas de tubarões, um casal de kraken e o próprio Godzilla. Você cruza com um Dolce, e não volta mais dele.

— Como eles? — Eu digo, apontando para a casa.

— Exatamente como eles, — diz ele.

— E o que você ganha com isso?

— Isto, — diz ele, abrindo os braços, uma cerveja ainda na mão. Ele sorri e eu absorvo tudo. O drama e o caos, o fluxo interminável de bebida e garotas, o glamour estilo Gatsby das noites de devassidão e destruição. Sim, eu posso ver por que os caras vão para o Dolces também.

— Há um deles agora. — DeShaun acena com a cabeça atrás de mim, e eu me viro a tempo de ver Duke saindo pela porta, seu cambaleio bêbado levando-o para o lado em vez de para a frente em direção às escadas. Ele sai do lado da varanda de pedra, tudo o que resta dela, e cai no chão.

— Mm'ok, — ele murmura, segurando sua garrafa de cerveja no alto. Todos ao nosso redor explodem em gargalhadas e aplausos.

Eu suspiro e pulo da carroceria da caminhonete, correndo e agarrando sua mão. Eu tento puxá-lo para cima, mas ele pesa uma tonelada a mais do que eu e, em vez de levantá-lo, acaba me puxando para baixo com ele. Meu joelho cai sobre uma foto emoldurada da família de Lindsey, estilhaçando o vidro. Eu o pego e bato no vidro dele. Lá está Lindsey, e a senhora que eles carregaram antes, que deve ser a mãe dela. Um jovem loiro que deve ser seu irmão, e um loiro mais velho que deve ser seu pai.

O pai de Preston, o Darling que está preso e não pode lutar contra os Dolce, mas que pode estar reunindo informações sobre eles para quando for solto. O que ele fará quando eu contar a ele sobre esta noite?

Eu quero olhar mais, para olhar em seus olhos, como se isso pudesse de alguma forma me dizer se ele é o Sr. D. Mas Duke pega a foto e a puxa para fora do porta-retratos, amassando-a em seu punho. — Foda-se Preston Darling bem na bunda com uma granada, — diz ele, com os olhos semicerrados. — Ele tentou estuprar minha irmã.

— Duke, — eu estalo, agarrando seu queixo. — Levante-se. Eu levo você até o carro.

— Cherrie pie, — ele murmura, sorrindo torto para mim. — Leve-me até o carro e monte em mim, baby. Vou estourar aquela cereja para você.

— A menos que você tenha uma máquina do tempo que o levará de volta vários anos, você está muito atrasado para isso, — eu digo. — Agora, você provavelmente deveria vomitar agora se Baron é cuidadoso sobre seus assentos.

— Eu não vomito, — calúnia Duke. — Que tipo de boceta você acha que eu sou?

— Vamos, — eu digo, encolhendo os ombros debaixo do braço. Até isso pesa uma tonelada. Esses meninos são grandes pra caralho. Eu me esforço para

ficar de pé, meio arrastando, meio carregando ele até o carro de Baron, já que parece que estou de babá esta noite. Abro a porta e ele cai, caindo de cara no banco. Enfio suas pernas para dentro e fecho a porta.

Assim que me viro, Royal paira sobre mim. Meu coração pula. Eu nunca sei quando ele vai ficar chateado com algo que eu fiz ou deixei de fazer o que ele queria, e quando ele vai ser humano. Estamos na estrada e, embora eu ainda tenha uma visão completa da casa e do quintal, seu rosto está na sombra, de costas para a casa bem iluminada.

— Eu estive procurando por você, — diz ele.

Eu engulo e pressiono as palmas das minhas coxas. — Aqui estou.

Ele dá um passo à frente e meu batimento cardíaco começa a acelerar. — Você é boa com ele.

— Não é a primeira vez que enfio um idiota bêbado em um carro.

Ele me apoia contra o Tesla. — Eu vi você sair com Lindsey.

— Ela não fez nada com você. — Eu pressiono minhas palmas no metal frio para me aterrar. — Ela não merece isso.

— Ela não merece você, — diz ele, levantando a mão para acariciar meu cabelo para trás. Alívio me inunda, e posso finalmente respirar, sabendo que ele não está chateado com isso.

— Acho que você não encontrou Preston, — eu digo.

— Não esperava.

— O que você teria feito se tivesse?

— Nós o teríamos arrastado, — diz ele, diminuindo a distância entre nós e me pressionando contra o carro. Ele empurra sua coxa entre as minhas novamente, embalando meu rosto e se inclinando para me beijar. Tento me concentrar em sua boca e não na imagem deles matando o irmão de Lindsey daquela maneira particularmente bárbara e caipira. Arrastar é exatamente o que parece - amarrar alguém a um caminhão e arrastá-lo atrás dele até que ele morra.

Ele interrompe nosso beijo, empurrando meu queixo para trás e mergulhando mais para baixo para beijar meu pescoço, enviando arrepios

através de mim. Estou tão atraída por ele que não consigo suportar. — Você é doente, — eu sussurro, enterrando minha mão em seu cabelo grosso e escuro.

— Você ama isso, — diz ele, balançando contra o ápice das minhas coxas. A costura do meu jeans morde minha carne quase dolorosamente enquanto sua língua traça a concha da minha orelha.

— Machucar as pessoas te excita? — Eu pergunto, jogando minha cabeça para trás contra o carro, mas agarrada aos ombros dele, amando o tamanho deles, a forma como minhas mãos apenas começam a cobrir os enormes músculos.

— Você me excita, — diz ele, acariciando minha camisa para baixo, seu queixo raspando contra o volume do meu peito enquanto ele passa a língua sobre a minha pele. — Às vezes eu só preciso destruir algo antes que aconteça.

Seus dedos desfazem meu jeans, deslizando pela frente. Eu pego seu pulso, tentando desacelerar minha respiração e parar minha cabeça de girar. — Eu não me depilo há alguns dias, — eu digo.

— Eu posso sentir isso, — diz ele, seus dedos abrindo meus lábios para encontrar meu clitóris inchado.

Prendo a respiração e quase fico fraca, mas meu próprio senso de autopreservação entra em ação e começo a me contorcer contra ele. — Eu lutei esta noite. Eu não tomei banho.

— Bom, — diz ele, afastando-se para observar meu rosto enquanto desliza um dedo pela minha fenda encharcada. — Eu quero lamber sua boceta suja até você fazer uma bagunça em todo o meu rosto, Harper. Quero sentir seu cheiro em cima de mim quando for para casa esta noite. Vou gozar só de pensar no seu gosto.

— Eu pensei que você não gostasse... — Eu paro com um suspiro quando ele enfia um dedo dentro de mim.

— Eu disse para você não acreditar em uma palavra do que eu digo, — ele diz, bombeando seu dedo ritmicamente em mim. — Eu amo o jeito que você cheira, o jeito que você prova, o jeito que você goza. Isso me faz perder a porra da cabeça. Agora incline-se para trás e enrole suas pernas em volta do meu pescoço e deixe-me chupar o gozo de sua boceta.

— As pessoas podem nos ver, — digo, fechando os olhos e agarrando o carro, com medo de desmaiar se tentar ficar de pé sobre minhas pernas trêmulas. Estamos muito longe da casa para que alguém nos veja em detalhes, mas eles poderão dizer o que estamos fazendo.

— Deixe-os assistir, — diz Royal, abrindo meu zíper. — Eles nunca viram seu rei de joelhos.

Royal Dolce

— Você tem certeza disso? — Harper pergunta, mas não há convicção em sua voz, nenhuma luta nela. Seus braços estão espalhados ao longo do topo do carro de Baron, sua cabeça para trás, seu cabelo caindo ao seu redor. Saber que dei a ela tanta felicidade apenas tocando sua boceta me deixa tão duro que minhas bolas doem. Vou esvaziá-las dentro dela enquanto ela jorra para mim esta noite.

— Tenho certeza de que poucas coisas valem a pena se ajoelhar, — eu digo, deslizando seu jeans até os joelhos, bloqueando-a de vista com meu corpo e afundando minha mão entre suas coxas lisas. — Mas isto é uma delas.

Isso é uma maldita mentira. Não tenho mais certeza de uma porra de coisa. Só sei que mesmo dois dias sem ela é demais. Eu sei que a quero demais, mais do que deveria, mais do que posso pagar. Era para ser um trabalho fácil arruiná-la. Descomplicado. Ela nem saberia o que a atingiu antes de partirmos. Ela não deveria se meter em nossos negócios, nossas vidas, nossas almas.

Mas ela não nos deixava em paz, mesmo quando a avisávamos, quando tentávamos ser meio decentes porque ela não pedia o sangue venenoso que corria em suas veias. Dissemos a ela para ficar longe, mas ela continuou voltando para mais. E agora ela vai conseguir.

Porque ainda não terminei com ela.

Tudo isso, esta noite, o que fizemos na casa de Preston, foi por ela. Isso vai me dar semanas com ela, talvez meses. Nós revidamos os Darlings, o que significa que eu não tenho que revidar neste caso. Ainda não. Posso tomar meu tempo, devastar cada centímetro de seu corpo e alma, antes de ir embora.

Só não tenho certeza de qual de nós isso destruirá.

— Isto? — ela pergunta, sua mão deslizando sobre a minha, tocando sua carne encharcada e inchada. — Não me diga que uma boceta pode deixar um nobre de joelhos como um mortal comum.

Meu pau lateja dolorosamente forte dentro do meu jeans ao vê-la se tocando, seu olhos azul bebê embaçado com luxúria quando ela olha para mim, sua expressão uma mistura de taciturna e sensual, como se ela estivesse sendo má de propósito, me desafiando mesmo agora, quando ela está pingando para mim. Ela gosta do meu castigo mais do que quer que eu saiba, gosta quando eu a fodo forte e cru, quando dói um pouco. É quando ela goza mais forte.

— Não é a boceta, — eu digo, deslizando seu dedo dentro de sua abertura com o meu. — É Você, Harper.

Eu posso sentir o cheiro de sua boceta, a excitação aquecida perfumando o ar com seu cheiro forte. Eu envolvo minhas mãos em torno de sua cintura fina e caio de joelhos na grama, prendendo-a no carro enquanto me abaixo sob seus joelhos. Seus jeans prendem seus tornozelos juntos, mas suas coxas nuas envolvem meu rosto, do jeito que eu gosto. No momento em que os sinto apertar minha cabeça quando ela está perto, é o momento em que sei que a vitória é minha.

Eu a lambo bem e devagar, aquecendo-a e saboreando o gosto de sua boceta crua e molhada. Eu circulo seu clitóris lentamente com a ponta da minha língua, dando voltas e mais voltas até que ela esteja choramingando, movendo seus quadris em pequenos movimentos indefesos.

Eu sei que você quer mais, querida, mas você vai ter que esperar por isso.

Eu a provo mais profundamente, e ela ofega para o céu, com a cabeça para trás, as mãos tentando se agarrar ao teto liso do Tesla do Baron. Eu não me importo se Duke está desmaiado lá dentro. Se ele acordar, pode fazer anotações. Eu circulo a abertura de Harper com minha língua, amando como ela está molhada, como ela está quente para mim, como se ver os destroços do que fizemos só a fizesse me querer mais.

Eu empurro minha língua dentro dela, e seu corpo fica rígido como se tivesse sido eletrocutado, e ela dá um gritinho ofegante. Eu adoro vê-la gozar, ver sua casca dura quebrar quando eu bato no centro suculento. Toda a sua atitude malcriada desaparece, e ela é suave e aberta e... *Minha*.

— Royal, — ela suspira, enterrando a mão no meu cabelo, puxando minha cabeça mais fundo, montando meu rosto como uma vagabunda. Eu adoro isso.

Eu me afasto, não dando a ela o que ela quer.

— Diga, — eu ordeno. — Me diga o que você quer.

— Faça-me gozar, — ela suspira. — Por favor, Deus, deixe-me gozar.

— Eu devo ser um Deus, — eu digo. — Porque acho que acabei de ouvir você implorar.

Eu empurro dois dedos de uma vez, não preparando-a com um como eu costumo fazer. Ela não protesta ou zomba de mim. Ela está perdida demais no prazer que estou dando a ela. Sua cabeça cai para trás no teto do carro com um baque, e seus quadris se erguem, seus joelhos se abrindo, me convidando a entrar, ainda sou eu quem comanda o show. Ela é minha, cada pedacinho dela, da maneira que eu quiser tomá-la. Posso forçá-la gozar mesmo quando ela não quer, do jeito que fiz depois que comi a bunda dela.

Ou posso permitir que ela goze assim, gemendo na noite fria de dezembro, seu hálito quente subindo em espiral de sua boca a cada suspiro. Mas ela precisa saber que a escolha é minha, não dela. Eu pressiono meus lábios de volta em sua carne inchada, chupando suavemente seu clitóris até que suas paredes se apertem em torno de meus dedos longos, enterrando os nós dos dedos profundamente dentro dela. Seu clitóris pulsa contra minha língua no mesmo ritmo dos espasmos que atravessam seu corpo, agarrando meus dedos em seu pequeno e escorregadio torno.

Eu nem espero ela terminar antes de me levantar. Ela trava seus tornozelos atrás dos meus quadris, e eu abro o zíper e dirijo para dentro dela com força, enterrando-me profundamente com um impulso poderoso. Seus olhos se arregalam e sua boca se abre, sugando uma respiração audível. Eu não espero que ela se ajuste. Eu sei que ela pode aguentar. Ela está pingando com seu próprio esperma, e ela está acostumada com a minha aspereza. Ela gosta quando bato com força, quando faço doer. E gosto de saber que sou o maior que ela já teve, que posso ir mais fundo, onde ninguém jamais esteve. Eu gosto do jeito que ela se fecha como um punho em volta de mim quando eu forço meu pau todo para dentro, para aquele ponto que a deixa sem fôlego.

Quando estou prestes a explodir dentro dela, seus olhos se abrem e sua cabeça aparece do carro de Baron, onde ela está deitada, perdida em sua felicidade. — Espere, — diz ela. — E a Glória?

— Que porra é essa, Harper?

— Você transou com ela? — ela pergunta.

— Cale a boca e pegue, minha putinha perfeita, — eu rosno, envolvendo um braço em volta de seus quadris e trazendo-a para mim rapidamente para combinar com cada estocada, quicando sua bunda nua contra o carro.

— Saia se você estiver transando com outras garotas, — ela diz através de respirações ofegantes.

— De jeito nenhum, — eu retruco, esmagando suas costas contra o carro. — Agora, porra, eu vou gozar.

Eu a sinto começar a pulsar em volta do meu pau, sua boceta me chupando como uma boquinha, e eu perco todo o controle. Toda vez que gozo dentro dela, juro que me perco, esqueço quem sou, onde estou, o que estou fazendo. É como um blecaute por um segundo, e tenho medo de que uma dessas vezes eu acorde e a encontre morta debaixo de mim. Porque não confio em mim mesmo quando perco o controle. Matá-la não está fora do reino das possibilidades. E sim, a destruição é o fim do jogo, mas eu já fiz tanta merda que não preciso ver uma garota morta com meu pau dentro dela.

— Royal? — Sua voz questionadora e persuasiva me traz de volta a mim mesmo, seus dedos macios em minhas bochechas, me segurando enquanto ela espera que minhas peças voltem ao lugar.

Pequenas vibrações ainda estão passando por ela, ordenhando meu pau, e seus olhos azuis estão cheios de uma gentileza que eu sei que dura apenas um minuto.

— Para onde você vai quando faz isso? — ela pergunta.

E porque eu não posso dizer a ela, mas eu não quero apagar a expressão honesta de seu rosto ainda, aquela que fode com a minha cabeça acima de tudo, que diz que ela se preocupa comigo de uma forma que eu não tenho o direito de aceitar, eu evito a armadilha.

— Estou bem aqui agora, querida, — eu digo, segurando seu rosto entre minhas mãos do jeito que ela está segurando o meu. Eu me inclino e dou um beijo gentil em seus lábios, e ela fecha os olhos, e sei que, por enquanto, estou seguro. Ela não pressiona e eu não fiz nada estúpido, como deixá-la entrar do

jeito que ela me deixou entrar, do jeito que eu quero. Não posso ceder a essa tentação. Eu já cedi a muitos fodidos.

Mesmo que arruiná-la me mate, saberei que é por minhas próprias mãos. Já estou brincando com fogo, manuseando veneno, toda vez que toco nela. A única coisa que nunca permitirei é que ela vença, que os Darlings retomem aquilo pelo qual trabalhamos tanto. Tudo isso, tudo o que ganhamos, não é nada comparado ao que eles tiraram de nós. Poderíamos pegar tudo o que eles possuem, destruir todas as pessoas que carregam seu sangue, e ainda não seria um preço alto o suficiente para o que eles já têm. A única coisa que nunca permitirei é que a morte de Crystal não signifique nada, não tenha sido em vão.

Portanto, não importa o que Harper faça, não importa como ela se sinta ou como eu me sinto, isso não muda o final. Não importa o que aconteça comigo, desde que ela pague. Posso me autodestruir, desde que a leve comigo. Nunca deixarei que outro Darling machuque minha família, o que significa que morrerei antes de deixá-la me deixar em pedaços e ir embora intacta.

Cada dia que espero nos aproxima um pouco mais disso, mas todos os dias encontro uma nova desculpa para mantê-la um pouco mais. No final, não importa quantas casas eu destrua e quanto tempo eu espere, o relógio acabará cedo demais.

Harper Apple

Quando deixamos os restos da festa, o amanhecer ilumina o céu oriental. Baron tem tudo coordenado até o último carro, que tem que sair primeiro. Os policiais se foram, embora eu assuma que eles apareceram em algum momento. A casa não é mais uma casa, apenas uma casca. Parece triste e quebrado na luz forte da manhã, com apenas os suportes e algumas das paredes externas restantes. Eu deveria me sentir culpada por ajudar a demoli-la, transar com Royal na cama de um estranho e roubar uma jaqueta de couro do armário. Mas tudo em que consigo pensar é que o crime de viver esse estilo de vida enquanto moro em um lixão na terra das gangues é pior do que o que fiz.

Royal me deixa em casa, mas abre a janela, me chama e pega minha mão, puxando-me de volta para me beijar, como se ele também não pudesse se despedir. — Mantenha essa boceta raspada para mim durante as férias, — diz ele. — Vou buscá-la na segunda-feira.

Concordo com a cabeça e o beijo de volta, aliviada por estar em boas relações com ele novamente, mesmo que ele não tenha me dado o que eu queria. Não tenho certeza se ele o fará. Mas ele me dá o que pode e, por enquanto, digo a mim mesma que é o suficiente. Ele não me disse que não estava transando com Gloria, mas ainda quer transar comigo. Só vou ter que ser paciente, esperar que ele se revele quando estiver pronto.

Não é meu ponto forte, com certeza.

Entro e caio na cama.

De manhã, abro o aplicativo *OnlyWords* no computador para preencher o Sr. D. Mas já há uma mensagem esperando, de alguém para quem nunca enviei uma mensagem antes. Eu o abro, meu coração batendo forte antes mesmo de lê-lo.

SilverSwan: *Esta é a conta da Harper Apple?*

Eu encaro a mensagem, um nó de pavor no meu estômago. Eu deveria estar animada para cavar mais fundo, para descobrir se essa pessoa é um

membro do clube sobre o qual o Sr. D perguntou, mas tudo que posso pensar é que já estou entre os Dolces e seus inimigos jurados, e eu mal consigo me convencer de que sairei viva. Não preciso de mais um mistério, de um milhão de perguntas sem respostas, ou de mais uma pessoa que sabe mais sobre mim do que eu sobre eles.

BadApple: *Quem está perguntando???*

SilverSwan: *Eu estou.*

BadApple: *Quem é?*

SilverSwan: *Obrigado.*

BadApple: *Não sei do que você está falando*

SilverSwan: *Pelo que você fez por Lindsey.*

BadApple: *quem é essa?*

Não há resposta. Meu coração está martelando. É o Sr. D, em outra conta? Ele não queria que eu soubesse que ele é o pai de Lindsey por algum motivo? Ou é outra pessoa, alguém que pode ter ouvido falar da casa de alguém que estava lá? Lembro-me das palavras de Colt no restaurante. Ainda há aliados Darling nesta cidade, escondidos, onde os Dolces não os verão. Mas tem que ser um Darling, ou alguém próximo a eles, se ele está me agradecendo por salvar Lindsey. E não seria Chase London, já que ele não frequenta a WHPA e não poderia ser Midnight Swan.

BadApple: *Rua Midnight Swan?*

SilverSwan: *Se precisar de alguma coisa, deixe-me saber.*

BadApple: *Eu preciso saber quem você é*

SilverSwan: *Um homem que sempre paga suas dívidas.*

Eu empurro minhas mãos para trás do teclado, um arrepio percorrendo minha espinha como aconteceu na primeira vez que o Sr. D me enviou uma mensagem. Quantos Darlings existem? E por que eles continuam me encontrando? Não salvei Lindsey para que alguém ficasse em dívida comigo. Eu não quero uma recompensa. Eu só fiz isso no calor do momento porque eu sei o que é ser um alvo, e ela não parecia ser capaz de lidar com isso sozinha.

Mas, por alguma razão, o último comentário desse Darling me assusta mais do que se ele tivesse vindo direto e me ameaçado. O que diabos isso significa, alguém que paga suas dívidas?

E se ele pagar suas dívidas, ele deve saber que não me deve merda nenhuma. Eu devo a eles, todos os Darlings. Peguei a bolsa deles. Quase matei Colt. Peguei as roupas da irmã dele. Fui a uma festa na casa de uma delas, ajudei a destruí-la e dancei nas ruínas. Roubei uma jaqueta do armário de Preston e gozei com tanta força para seu inimigo que seus lençóis de algodão egípcio estavam arruinados quando terminamos.

Quando penso em todas as coisas que fiz desde que conheci Royal, não me sinto uma pessoa muito boa. E eu sei que disse que seria preciso uma pessoa tão ruim quanto ele para acabar com seu reinado, mas eu realmente quero me tornar como eles se é isso que é preciso para derrubá-los?

As linhas da minha vida estão se confundindo até que eu não consiga distinguir o prazer da dor, o medo do desejo e, pior de tudo, a realidade do jogo. Já andei muito no País das Maravilhas, e sinto-me desequilibrada quando saio daquele mundo, como se não tivesse mais certeza de quem sou e do que quero em meu próprio mundo. Eu odeio isso.

Detalho a noite para o Sr. D, desde o frenesi no início da festa até a escuridão no final, onde tudo era feio, e vi jogadores de futebol cagando na banheira de hidromassagem e Cotton Montgomery carregando uma garota inconsciente para sua casa. Depois de terminar com ele, faço uma pausa antes de fechar a pequena caixa preta de bate-papo. Minha mente continua voltando para o Silver Swan, que sempre paga suas dívidas. Parece uma ameaça. E preciso de informações para o Sr. D, de qualquer maneira.

Então eu digito uma mensagem na caixa de bate-papo.

BadApple: *você estava na festa ontem à noite?*

WHGossipgrrl: *não, mas eu ouvi sobre isso. VOCÊ?*

BadApple: *Sim*

WHGossipgrrl: *Quer ser uma das minhas fontes?*

BadApple: *como um informante?*

WHGossipgrrl: *não boba*

WHGossipgrrl: *como se você me desse sua perspectiva*

BadApple: *foi o caos e a loucura de sempre*

WHGossipgrrl: *ouvi falar que você e Royal estavam fodendo como coelhos em todos os lugares*

BadApple: *omg Dixie. Nem mesmo.*

WHGossipgrrl: *é você, acho que você pode querer dar o seu lado*

BadApple: *temos 17 anos*

WHGossipgrrl: *todo mundo tem 17 anos*

BadApple: *ok... Tenho 17 anos e ele é Royal Dolce. Não é autoexplicativo?*

WHGossipgrrl: *O que isso explica?*

BadApple: *sem comentários*

WHGossipgrrl: *lol*

BadApple: *você está me dando merda?*

WHGossipgrrl: *não. Eu relato, não julgo.*

BadApple: *besteira*

WHGossipgrrl: *isso é tudo?*

BadApple: *Sem registro. Você está brava comigo?*

WHGossipgrrl: *não. Entendo. Eu era da mesma forma com Colt. Starstruck. Chicoteada.*

BadApple: *Eu não estou chicoteada*

WHGossipgrrl: *ok.*

WHGossipgrrl: *logo após o que ele fez com Colt. Achei que vocês eram amigos.*

A culpa róí dentro de mim. Ela está certa. Eu sou uma maldita traidora. Estou muito envolvida. Estou me afogando nisso - em Royal, e minha obrigação para com o Sr. D, e minha própria promessa de vingança. Eu queria isso por algo que ele fez com Colt, mas para ser honesta comigo mesma, meus sentimentos por Royal eclipsaram minha amizade com Colt por muito tempo. Mas não posso esquecer o que ele fez comigo, que lançou aquele vídeo mesmo depois que deixei ele me usar como uma puta de merda. Tenho que continuar dizendo a mim mesma que, mesmo quando é bom, não consigo acreditar. Mesmo que eu o tenha perdoado pelo vídeo, ele me ensinou uma lição muito importante naquele dia: não se pode confiar nele.

BadApple: *Eu sou amiga de Colt. Mas não me diga que você poderia resistir aos meninos D. Olhe para eles. Eles têm tudo. Poder. Dinheiro. Beleza. Perigo.*

WHGossipgrrl: *Eu prefiro caras como Colt*

BadApple: *risos*

WHGossipgrrl: *o quê? Você acha que estou dizendo isso para me salvar a cara porque eles não me querem?*

BadApple: *não. Estou dizendo que você é mais um bad boy tatuado com uma alma torturada e demônios do passado*

WHGossipgrrl: *então?*

BadApple: *então isso descreve os caras que nós duas gostamos*

WHGossipgrrl: *...*

WHGossipgrrl: *ponto levantado*

BadApple: *desculpe. Posso te perguntar algo mais? você disse que não tem tudo*

WHGossipgrrl: *Não sei muito sobre os meninos D, se é isso que você quer. Eu era amiga de C, mas depois que ela se foi, eles cerraram as fileiras. A menos que eles queiram uma certa interpretação de alguma coisa, eles não falam comigo.*

BadApple: *e? se você fosse amiga da irmã deles, acho que eles gostaram de você*

WHGossipgrrl: *longa história.*

BadApple: *explique por favor*

WKGossipgrrl: *basicamente eu e meu primo (não Quinn, primo diferente, Dolly) éramos os únicos amigos de C, e nós a encorajamos a seguir seu coração porque ela estava apaixonada por Dev Darling. Dolce não gostou disso e meio que nos culpou por isso, embora não diretamente. Eles não nos machucaram como aos Darling, mas definitivamente nos odiaram depois.*

BadApple: *você conhece os gêmeos muito bem?*

WKGossipgrrl: *Quero dizer, não realmente. Um pouco desde o primeiro ano, mas eles fazem o que Royal diz, então me deixaram de fora quando C morreu.*

BadApple: *Me desculpe*

WKGossipgrrl: *tudo bem. Não era próxima dos meninos, apenas C.*

BadApple: *você viu aquelas tatuagens que eles têm nos braços?*

WKGossipgrrl: *os cisnes?*

BadApple: *Sim!*

WKGossipgrrl: *é essa sociedade secreta na WHPA*

BadApple: *é?*

WKGossipgrrl: *não sei muito sobre isso. É exclusivo e antigo AF. Tipo, os fundadores da escola começaram Os Cisnes da Meia-Noite. Dolly realmente nos contou sobre isso. C estava tentando descobrir por que tinha haver com o sequestro do Royal. Perguntei a Colt, mas ele nunca diria muito.*

BadApple: *Colt está nisso???*

WKGossipgrrl: *sim, Darling, são membros do OG. Os meninos D assumiram o controle como todo o resto.*

BadApple: *como você entra*

WKGossipgrrl: *lol*

BadApple: *serio*

WKGossipgrrl: *não sei*

WKGossipgrrl: *Onvi dizer que são apenas meninos*

BadApple: caramba. Colt falaria comigo?

WHGossipgrrl: provavelmente não. Voto de sigilo. Além disso, ele não está mais no MS.

BadApple: É Royal? ele não tem tatu

WHGossipgrrl: você não perguntou a ele?

BadApple: risos

WHGossipgrrl: Não sou eu quem pode perguntar ao Royal

BadApple: deixe-me adivinhar. Você deve estar se referindo a Gloria e sua boceta dourada

WHGossipgrrl: Lo é boa pessoa

BadApple: Eu sei. Apenas sendo uma vadia ciumenta

WHGossipgrrl: Eu sei uma coisa ou duas sobre isso

Eu me levanto e ando. Preciso de informações e agora não é hora de me orgulhar. Vou até a geladeira, mas está vazia como sempre. Encontro um pacote de macarrão ramen no armário e me sento na frente do computador novamente, abrindo o plástico e mastigando o macarrão crocante antes de entrar novamente.

BadApple: ei

ThatsLo: e aí?

BadApple: Você sabe sobre as tatuagens de cisne dos meninos?

ThatsLo: Eu as vi

BadApple: você sabe o que eles são, certo?

ThatsLo: o que você sabe?

BadApple: Que eles estão em uma sociedade secreta chamada Midnight Swans.

ThatsLo: isso é tudo que eu sei

BadApple: Royal está dentro?

ThatsLo: *Claro*

BadApple: *ele não tem a tatuagem?*

ThatsLo: *não sei, porque você não pergunta a ele?*

É a segunda pessoa que me diz isso. Claro que Royal não vai me contar nada, mas ele provavelmente vai descobrir que eu estava procurando informações sobre ele, de qualquer maneira. Eu poderia muito bem perguntar. Afinal, ele e Gloria são amigos, possivelmente amigos de foda. E eu sei melhor do que ninguém que conversa de travesseiro é o único tipo de conversa que Royal Dolce faz.

De repente, eu me pergunto se ele goza com ela agora que eu o “consertei”, e isso me deixa vermelha. Eu juro, eu gosto dessa garota, mas se ela é a foda do Royal, não posso ser responsabilizada pelo que vou fazer.

BadApple: *obrigada, vou fazer isso.*

ThatsLo: *quer ir ao shopping?*

BadApple: *lol o que é?*

ThatsLo: *você sabe. Compras?*

BadApple: *as pessoas ainda vão a shoppings?*

ThatsLo: *você não ouviu? elas estão saindo do negócio. Está tudo à venda!*

BadApple: *todo o shopping está fechando?*

ThatsLo: *sim!*

BadApple: *meio que prova meu ponto, não é?*

ThatsLo: *vamos lá, estou entediada.*

BadApple: *vc tem 2 irmãs e irmão*

ThatsLo: *Eu converso com eles o tempo todo. Não te verei nas próximas 2 semanas. Por favor? Me deve um hambúrguer, de qualquer maneira.*

ThatsLo: *Por favooooooooooooorrrrr???*

Um sorriso tonto e estúpido se forma em meu rosto, e eu mordo meu lábio e me sento mais ereta, meus dedos pairando sobre o teclado. Sinto uma euforia estranha, como quando estou flertando ou saindo com garotas exageradas como Jolene. Mas Gloria não gosta de garotas e não é paqueradora nem exuberante. Ela está entediada. Levo um segundo para perceber o que está me deixando tão tonta. É a emoção de se conectar com alguém, de se sentir desejável. Não de uma forma sexual, mas apenas sendo uma pessoa com quem alguém quer sair, alguém digno de conexão humana, cuja companhia é desejada.

Faz-me sentir dez tipos de patética que o convite de alguém para o shopping idiota de Faulkner me faz querer gritar como uma pré-adolescente que acabou de receber uma resposta ao e-mail de fã que ela enviou para *Just 5 Guys*. Não que eu tenha sido tão idiota. Pelo menos eu nunca admitiria que era.

Eu não vou ao shopping há cinco anos, no entanto. Ninguém nunca me convidou para passear no shopping com eles ou mesmo ir às compras. Ter um amigo é assim? E se Lo é minha amiga, devo a Royal muito mais do que ele imagina. Eu me sinto como uma criança que acabou de acordar no Natal e ganhou o presente que sempre quis, mas nunca acreditou que iria ganhar, como um pônei ou um pai.

ThatsLo: *Sério? Você está me negando um hambúrguer de \$ 5?*

BadApple: *não me envergonha*

ThatsLo: *estou brincando de qualquer maneira. Eu sei que você não tem \$ 5.*

BadApple: *foda-se. Vou comprar a porra de um hambúrguer. Mas você não tem medo que as pessoas vejam vc comigo? Eu sou uma vadia, lembra?*

ThatsLo: *Você é uma garota doce.*

BadApple: *então, de repente, não sou uma prostituta, vagabunda ou lixo ???*

ThatsLo: *exatamente. Royal nunca namoraria uma vadia.*

BadApple: *Não estamos namorando*

ThatsLo: *Ele te levou no Cliff's. É para lá que os caras levam as garotas que querem impressionar.*

Começo a perguntar como ela sabe, mas penso melhor. Nossa escola é uma fodida fossa de fofocas. Se ela acha que sou legal porque estou com Royal, não quero destruir sua ilusão ainda. Não vou dizer a ela que Royal definitivamente não estava tentando me impressionar, já que ele praticamente me forçou a fazer anal depois só para provar um ponto e me degradar. Assim como ele me levou a um restaurante chique para provar que é meu dono, que pode me tratar tão bem quanto quiser a qualquer momento, porque sou o brinquedo dele.

Mas não quero pensar nisso agora, ou em como ainda fico chateada quando penso nisso. Quero aproveitar este momento - o dia surreal em que vou ao shopping com Gloria Walton.

***ThatsLo:** não importa o que você era antes. Uma vez que você é uma garota doce, seu passado é apagado. É elite agora.*

***BadApple:** isso é foda*

***ThatsLo:** não questione. Apenas Apprecie. Te pego em 30 min.*

***BadApple:** ok*

Eu termino meu macarrão ramen e me preparo, descobrindo-me agonizando sobre o que vestir mais do que quando estou indo para a escola e todo o corpo discente estará julgando, ou mesmo quando vou encontrar Royal. Isso parece um teste, e eu quero impressionar. Eu até uso maquiagem. No momento em que saio de casa, estou me sentindo confiante pra caralho, como se estivesse bem e digna de andar ao lado de uma Walton.

— Essa é a caminhonete do seu pai? — Gloria pergunta enquanto se afasta do meio-fio.

— Da minha mãe, — eu digo, apertando o cinto de segurança. — Não tenho, pai.

— Sinto muito, — diz ela, dando-me aquele olhar de pena que me faz revirar os olhos. Esqueço que tem gente que acha isso uma tragédia.

— Está tudo bem, — eu digo. — Eu nunca o conheci, então não sinto falta dele. Eu mal me lembro que outras pessoas têm dois pais.

— Talvez isso seja sorte, — ela diz, saindo da parte de merda da cidade.

— Royal disse algo nesse sentido, — eu digo, lembrando quando ele disse que gostaria de não ter conhecido seu pai. Isso é muito triste quando penso nisso. Sim, o pai dele é um tarado, mas minha mãe não é uma joia, e eu nunca diria isso sobre ela.

— Sim, — diz ela, balançando a cabeça. — O pai dele é outra coisa.

— E você? O Papai Querido está na foto?

— Claro, — diz ela, olhando para mim com o canto do olho. — Ele só ficou na Geórgia para fechar alguns negócios antes de se juntar a nós, mas estará aqui assim que terminar.

— Você não se mudou para cá, tipo, há mais de um ano?

— Você não pode apressar a perfeição, — ela diz levemente. — Agora, devemos comprar e depois comer, ou comer e depois comprar?

Eu sei quando uma conversa acabou, então eu voto nas compras primeiro. Se há uma coisa que reconheço é quando alguém está salvando sua dignidade por meio da evasão. Inferno, eu sou uma profissional nisso. É por isso que não tenho amigos íntimos. Muitos segredos. E Gloria é apenas mais uma amiga como Blue, alguém que não quer compartilhar seus segredos e com quem eu não vou compartilhar os meus. Mesmo se eu quisesse baixar a guarda e ser a melhor amiga de uma Walton, como poderia? Afinal, meu segredo é que sou uma delatora, contando os segredos de seu melhor amigo para um homem que quer destruí-lo.

Então fazemos compras, comemos e rimos qualquer um pensaria que somos duas vadias básicas invadindo as prateleiras de liquidação e deixando bagunça nos provadores em uma tarde de sábado. Por algumas horas, até eu quase posso acreditar, posso me sentir normal, me divertir e fingir que, porque ambas carregamos uma etiqueta de Dolce Girl, somos iguais. Mas sei que é tudo encenação, que sob a superfície não somos nada parecidas. Sob a superfície, ela é uma garota rica que se preocupa com o que as pessoas vão pensar quando souberem que seus pais estão se divorciando. E eu sou uma vagabunda do estacionamento de trailers que compartilha detalhes chocantes de sua vida sexual online por dinheiro.

A única coisa que temos em comum é que ambas estamos fazendo o que temos que fazer para sobreviver, mesmo que a sobrevivência signifique algo

completamente diferente para cada uma de nós. Talvez seja por isso que ela descobre os segredos de Royal, chega perto de onde eu nunca posso chegar. Porque eu só entro no mundo dele quando ele abre a porta e me faz o favor por um momento, certificando-se de que estou tendo o privilégio e que há um preço, do jeito que ele fez quando me levou ao Cliff's. Glória não precisa de convite. Ela já vive em seu mundo.

Um mundo onde você se preocupa com os problemas conjugais de seus pais e seu pai sendo um idiota, em vez de não ter pai e se preocupar se terá que fazer truques para pagar o aluguel. As pessoas em seu mundo sempre têm uma maneira de sair da cidade. As portas se abrem quando eles se aproximam. As pessoas no meu mundo passam a vida esculpindo portas nas paredes de suas prisões com colheres de chá e pagando aos guardas para olharem para o outro lado com qualquer moeda que tenham, sejam detalhes sexuais chocantes ou segredos de outras pessoas. É por isso que quase nunca saímos, e por isso serei eu quem sairá.

Royal Dolce

— O que diabos é isso? — Papai exige, batendo seu laptop na mesa e girando-o para nos encarar. São onze da manhã de um sábado e acabamos de rolar nossas bundas cansadas para fora da cama depois de festejar até o amanhecer. Como sempre, papai está de gravata, o cabelo cuidadosamente penteado para trás, parecendo cada centímetro do homem de negócios que é. Ele nunca está de folga e espera o mesmo de nós. Cada decisão é pesada, cada risco calculado, antes que um movimento seja feito. Afinal, somos os Dolces. Cada decisão, risco e movimento serão examinados por todos que *não são* Dolce.

Na tela está uma foto das consequências da festa da noite anterior. Meu sangue esfria e minhas mãos se fecham em meu colo. Quem tirou fotos?

— Esse é um joguinho que eu gosto de chamar de fumar as vespas, — diz Duke, sorrindo com o orgulho de um idiota que já teve sucesso.

— Não é um jogo, — meu pai se irrita, sua voz baixa enquanto ele olha para o meu irmão. — Esta é a casa de Joseph Darling.

— É a casa de Preston, — diz Baron com um encolher de ombros, selecionando um muffin da bandeja sobre a mesa. — Royal está comprando um carro novo. Acho que ele vai conseguir uma casa nova.

— Preston não mora lá, — papai diz lentamente.

— Nem *Joseph*, — eu digo, fixando meu pai com um olhar mordaz. — Que porra isso importa? É uma casa Darling.

— E você deve me dizer antes de pensar em um esquema como este, — ele retruca.

— Fazemos coisas assim o tempo todo, — diz Duke. — Embora talvez não tão extremo. Olhe para isso. — Ele limpa as migalhas das mãos e puxa o laptop para mais perto, rindo da imagem da casa esqueleto deixada para trás quando terminamos de descascar a pele e a carne dos ossos, drenando o sangue vital que faz dela um lar.

— Quando se trata dos Darlings, devo ser informado antes de você fazer *qualquer coisa*, — diz papai, com a voz quase tremendo de raiva.

— Tanto faz, — eu digo, pegando meu suco de laranja. — O que isso importa? Você teve sua vingança. E isso é apenas o blog de Dixie Powell. Ninguém fora do ensino médio lê essa merda.

— Eu leio, — papai diz, sua voz gelada. — E se eu ler, os outros pais preocupados lerão.

Pai preocupado. Quase cuspo meu suco de laranja de tanto rir. Mas meu cérebro está correndo por tudo o que foi postado naquele blog, incluindo o vídeo que carregamos quando Baron invadiu. Não é de se admirar que ele estivesse em cima dela quando a trouxe para casa. Ele acha que ela gosta deles velhos. Inferno, pelo que sei, ela gosta. Ela poderia ter fodido papai em vez de mim se eu não os tivesse interrompido quando o fiz.

— Vou descobrir quem tirou a foto, — eu digo, minha voz neutra. — Eles serão punidos de acordo.

— Sem fotos permitidas, — Baron concorda, inclinando-se sobre o ombro de Duke. — Mas é um tiro muito bom.

— Não é sobre a foto, — papai diz. — É sobre o que você fez - sem me consultar.

— Que porra é essa, — eu digo, recostando-me na cadeira. — Qual é o problema?

— Importa porque a Sra. Darling é uma Delacroix, — papai diz, aquela ponta de frieza ainda em seu tom. — E temos negócios com essa família. Não derrubamos a única família importante nesta cidade e não o fizemos sozinhos.

— Você quer dizer que não estávamos sozinhos na derrota dos Darlings, — Baron corrige. — E eles não são a única família importante na cidade.

Acho que a cabeça do papai vai explodir. Este provavelmente não é o momento para o meu irmão espertinho corrigir sua gramática, mas é engraçado pra caralho, no entanto.

Papai aponta um dedo para baixo na mesa, seus olhos queimando com ameaça. — Por causa dessa pequena façanha, podemos perder o contrato do terreno no leste de Faulkner.

— E... O que você quer que façamos? — Eu pergunto. — Enviar nossas condolências pela perda de sua casa? Beber e jantar, com a Sra. Darlings, até ela esquecer que fomos nós que mandamos o marido dela para a cadeia? O que exatamente você está propondo, *pai*?

— Espero que você conserte isso, — ele rosna. — O que tiver que fazer, faça. Agora, porra.

— Como vamos saber quais negócios clandestinos você está fazendo? — Baron pergunta. — São os Darlings. Você sabe o que fazemos com os Darlings.

— Sim, — acrescenta Duke. — Eu não sabia que deveríamos checar com você toda vez que pregamos uma peça.

— Vocês, rapazes, não digam mais nada, — papai diz, jogando as mãos para cima. — De agora em diante, os negócios da Darling são *meus* negócios.

— Então é por isso que você nos afastou de Lindsey no verão passado, — eu digo, cruzando os braços sobre o peito. — Não porque ela vai para Faulkner. Porque você está na cama com os Darling agora.

— Posso comprar um carro novo para você, Royal, — diz ele, virando os olhos raivosos em minha direção. — Mas Se eu perder este contrato... Esse é o único terreno com localização e espaço para fazer o que eu quero fazer.

— Certo, — eu digo. — Tudo bem se eles me tirarem da estrada, desde que você consiga seu cassino.

— Eu não conto a você todos os detalhes do negócio porque espero que *você* me diga quando vai fazer uma jogada contra os Darlings, — papai resmunga. — Eu com certeza não deveria descobrir depois do fato!

— Eu não sabia que você estava fazendo acordos com os Darlings, — eu digo, minha voz fria. — Qualquer outro Darling sob sua proteção agora, ou apenas a família de Preston?

— Apenas aquela família, — diz ele, sua voz igualmente desprovida de emoção, quase um desafio. Ele está respirando com dificuldade, mas me encara, me desafiando a dizer o contrário.

— Precisa de nossa ajuda? — Duke pergunta, verificando comigo em vez de papai.

— Eu cuidarei disso. — Eu me afasto da mesa e fico frente a frente com papai. — A bunda de mais alguém que você precisa que eu lamba enquanto estou fora?

— Você sabe como esse negócio funciona, Royal. Nós coçamos as costas deles, eles coçam as nossas. Isso significa os Roses, os Montgomerys, os Becketts *e os Delacroixs*.

— Eles são Darlings agora, — eu digo baixinho, olhando para o bastardo que me gerou. Eu sou mais alto que ele e muito mais forte, mas ele ainda puxa os cordões. Somos todos fantoches no teatro macabro desta família.

— Eu não me importo com quem ela se casou, — papai estala. — Você pode fazer o que quiser com seus brinquedos Darling, mas não toque em ninguém com uma gota de sangue Delacroix em suas veias. *Capisce?*

— Sim, pai, — eu digo friamente.

Eu entendo muito bem.

Harper Apple

Não tenho notícias de Royal na primeira semana das férias de inverno, mas acho que ele está com a família, então não dou bola para isso. Também não tenho notícias de ninguém na escola. Não que eu pensasse que iria. Na verdade, o Sr. D é a única pessoa que manda mensagens para dizer Feliz Natal, o que é muito triste e provavelmente reflete algumas das más escolhas de vida que fiz. Eu dou de ombros e passo a semana vegetando na frente da TV, assistindo a tutoriais de boxe online e socando o saco no porão. É chato pra caralho.

Fico muito feliz quando Royal me manda uma mensagem no dia seguinte ao Natal dizendo que quer me encontrar. Não consigo mais ficar parada, então saio quando vejo Blue e Olive. Atravesso o pedaço de jardim entre nossas casas e me junto a elas. Nós nos sentamos em suas espreguiçadeiras de plástico ao sol, fumando cigarros enquanto Olive alinha a coleção Hot Wheels que Blue comprou para ela.

— Como está Faulkner? — Eu pergunto. Com tudo o que aconteceu ultimamente, mal vi Blue e, embora nunca tenhamos sido próximas, sinto um tipo estranho de culpa por isso, como se a tivesse abandonado por causa dos garotos ricos. Ela não é o tipo de pessoa que iria me segurar ou me culpar por querer melhorar a mim mesma ou minhas circunstâncias, mas é como quando saímos do estacionamento de trailers. Há uma solidariedade na nossa pobreza. Estamos todas juntas nisso. Quando entro no mundo de Willow Heights, estou deixando-os para trás na miséria enquanto me levanto.

— O mesmo, — diz ela com um encolher de ombros. — Você ainda é uma das garotas populares de Willow Heights?

Abro minha boca para negar automaticamente, aquela vergonha crescendo em mim. Nunca na minha vida pensei em ser popular ou mesmo quis isso. Não penso menos das pessoas que o fazem - o sonho de popularidade de Jolene não é menos real do que o meu sonho de fuga - mas nunca foi muito atraente para mim. Quando penso na pergunta de Blue, porém, percebo que ela está certa. Fui às compras com a rainha de Willow Heights na semana passada. Eu saio

com as garotas Dolce, sento na mesa mais cobiçada, tenho a atenção do garoto mais cobiçado.

— Acho que sim, — admito.

Blue apenas acena com a cabeça e parece pensativa enquanto dá uma tragada no cigarro. Alguns minutos depois, o SUV de Royal para no meio-fio. Ele abaixa a janela e me dá um aceno preguiçoso.

Eu me viro para Blue com um encolher de ombros. — Quer ir com a gente?

O canto de sua boca se ergue em um pequeno sorriso. — Eu acho que não. Eu não saberia nem o que dizer para um cara rico.

— Basicamente, você acabou de dizer sim, — eu digo, embora eu saiba que isso me faz parecer uma prostituta. Talvez seja isso que eu sou agora, embora seja mais correto dizer que sou uma vadia burra ou vagabunda, já que não estou sendo paga para isso. Prazer é a única coisa que consigo, assim como ele.

— Vamos, Jailbird, — ele chama.

— Vejo você por aí, — diz Blue, inclinando o cigarro para mim. Posso sentir seus olhos em mim enquanto desço a passarela e subo no carro de Royal.

— Não gosta de encontrar meus amigos? — Pergunto enquanto Royal muda de marcha, afastando-se de nossa casa.

— Não teríamos nada em comum.

— Você não sabe, — eu digo. — Você pode se surpreender.

— Eu ficaria muito surpreso se tivesse algo em comum com aquela garota. — Ele sorri para mim. — Além disso, já tenho amigos. Não preciso fazer mais.

— Parece que alguém está nervoso em causar uma boa impressão.

— Eu não sou seu namorado, Harper. Não quero conhecer seus amigos. Cristo. Em seguida, você vai pedir para conhecer minha mãe.

— Ela está na cidade?

— Não, — diz ele, carrancudo para mim. — E o seu pai?

— Nenhuma pista. Nunca conheci o cara, lembra?

Ele se mexe em seu assento e olha para mim. — Você não sabe quem ele é?

Eu dou de ombros. — Algum canalha com quem minha mãe foi para casa.

— Ela nunca tentou rastreá-lo para conseguir pensão alimentícia ou algo assim?

Eu rio disso.

— O que? — ele pergunta, franzindo a testa.

— Você sabe como isso é difícil? Quanto custa rastrear alguém, levá-lo ao tribunal, forçá-lo a fazer um teste de DNA e depois fazê-lo pagar?

— Não.

— Eu também não, — eu admito. — Mas é mais do que temos. E como mamãe nunca tentou, posso garantir que ele tem menos do que nós.

Ele não diz nada por um minuto. Entramos na estrada familiar em direção à ponte.

— Fomos para Nova York, — diz ele finalmente. — É por isso que não tenho estado por perto.

— Ah, — eu digo, meu cérebro demorando um segundo para processar o fato de que algumas pessoas realmente deixam Faulkner de vez em quando, que têm dinheiro suficiente para levar uma família de quatro pessoas até Nova York só para ver a mãe dele por alguns instantes. Ou Dias.

— Você já foi? — ele pergunta.

Eu bufo com isso. — Tenho certeza que você sabe a resposta para essa pergunta.

— Você deveria ir algum dia, — diz ele. — Você pode gostar disso.

— Por que você não ficou para o Ano Novo? — Eu pergunto. — Tenho certeza de que eles têm mais sucesso do que Faulkner, Arkansas.

Ele dá de ombros. — Realmente não mantive contato com a equipe antiga. Nada para mim lá além da minha família.

— Você está tentando me garantir que não se reconectou com nenhuma antiga paixão? — Eu pergunto, sorrindo para ele.

— Não, — diz ele, carrancudo. — Não é da sua conta com quem eu fodo.

— Bem, — eu digo. — Desde que eu sei que você é do tipo ciumento, eu também não vi nenhuma antiga paixão enquanto você estava fora.

— Quem diabos os chama assim?

— Eu. — Eu me inclino sobre o console quando ele sai da estrada, envolvendo um braço em volta do pescoço e beijando-o com força. — Senti a sua falta.

— Eu também, — ele diz, sua mão caindo no meu quadril enquanto ele me puxa para mais perto, me beijando novamente.

O intocável Royal Dolce acabou de admitir que sentiu minha falta? O que está acontecendo aqui?

— Como está sua mãe? — Eu pergunto quando ele se afasta e desfaz o cinto de segurança.

— O de sempre, — diz ele, sua voz afiada com amargura. — A Sua?

— O mesmo, — eu respondo. — E seu irmão mais velho?

— Bem, — diz ele. — Muito bem. Eles vão ter um filho e tal.

— O que ele faz? — Eu pergunto.

— Ele está na segurança, — diz Royal. — Vamos. Vamos descer até o rio.

Em vez de subir no banco de trás como de costume, ele pega o cobertor na parte de trás do carro e abre minha porta.

— Você vai tentar me matar de novo? — Eu pergunto, saindo.

— Hoje não, — diz ele, abrindo um sorriso. — Você?

— Acho que vou poupar você mais um dia, — eu digo, mordendo meu próprio sorriso.

Eu senti falta dele. Isso não é bom. Eu senti falta dele, e ele está sorrindo para mim, e isso faz meu coração disparar como a porra de uma fã. Cada vez mais, recebo sorrisos genuínos de Royal, mesmo que sejam pequenos. Eu valorizo cada um. Eu sei que é estúpido, que estou perdendo de vista o objetivo, mas eles são tão viciantes. *Ele é* tão viciante.

Pelo menos eu sei que o sentimento é mútuo. Ele parece tão envolvido nisso quanto eu.

Ele pega minha mão e me puxa para debaixo da ponte, o mais longe que podemos da água. Ele se abaixa sob os suportes acima para estender o cobertor.

— Por que aqui? — Eu pergunto, afundando no cobertor. — É aqui que você pega todas as suas conexões ou tem algum significado?

— Sem perguntas, — ele me lembra, ajoelhado na minha frente e tirando minha camisa.

— Ainda estamos fingindo que não estamos quebrando nossas regras um para o outro?

— Primeiro nós fodemos, — ele diz, abrindo meu sutiã e puxando-o, jogando-o de lado antes de envolver seus braços em volta de mim e me deitar, encaixando seu corpo em cima do meu. — Então nós falamos.

Ele esfrega o nariz no meu, sorrindo para mim. Não esqueço a pergunta, mas não luto com ele por uma resposta. Ele já me contou muitas coisas. A essa altura, sei que empurrá-lo só o faz se fechar, então tiro o resto das minhas roupas e ajudo com as dele. A melhor maneira é deixá-lo me dizer o que quiser, quando quiser. Ele sempre me conta coisas, coisas pessoais sobre sua irmã e sua família. Não é nada que eu possa usar, mas eu aprecio cada revelação conforme ele as dá para mim, distribuindo-as como pequenos presentes que ele está confiando em mim dia a dia, pedaços de si mesmo. Eu os coleciono como tesouros, preenchendo um espaço em branco de cada vez no mistério gigante que é Royal Dolce.

Mas agora, eu apenas me permito tê-lo, o prazer, a dor, a sensação indutora de pânico de cair que acontece quando estamos juntos e eu sei que meu corpo

não é a única coisa sendo fodida regiamente. Antes de Royal, eu nunca desistia, nunca vivia o momento. Lembro-me de como foi estranho no Halloween, a primeira vez que fiz isso, quando ele me levou para dar uma volta em seu carro de corrida. Agora, eu faço isso toda vez que estamos juntos, me perdendo no momento, para ele. É libertador, aterrorizante e viciante, como tudo nele.

Quando estamos ambos satisfeitos, nós desabamos em uma pilha suada, nossos membros emaranhados, meu cabelo em ambas as nossas bocas, o cobertor torto sob nós, então Royal está meio caído na terra e nas pedras. Eu o seguro, não querendo me separar tão cedo. Eu gosto do jeito que ele se sente dentro de mim, mesmo depois de ambos gozarmos. Eu deito minha cabeça em seu peito, ouvindo o martelar alto de seu coração, saboreando o quão vivo ele está.

— Isso foi... estupendo, como sempre, — eu digo finalmente, pressionando meus lábios em seu peito, tentando não olhar para os olhos de sua irmã que me encaram da tatuagem que cobre um de seus enormes peitorais inteiros.

— Estupendo, hein? — Royal diz, virando o rosto para puxar uma mecha do meu cabelo de sua boca.

— Eu usei todas as outras boas palavras nas últimas vezes, — eu digo. — Estou tentando me manter atualizada aqui.

— Não acho que você precise inventar novas palavras para sexo, — diz ele. — É sexo. Todo mundo sabe como é bom.

— Nem todo mundo, — eu digo, juntando meu cabelo sobre um ombro para que fique fora de nossos rostos. — E nem todo mundo sabe como é *isso*.

Royal ergue uma sobrancelha, suas mãos se acomodando em meus quadris. — E o que é *isso*?

— Mais do que sexo, — eu digo. — E você sabe disso.

Por um segundo, procuro seus olhos escuros, esperando que ele admita algo, que seja tão vulnerável quanto eu. Mas depois de um momento, ele se senta, gentilmente me levantando dele. — Deixe-me arrumar o cobertor, — diz ele, virando-se para estendê-lo novamente antes de se acomodar nele.

Não há um traço de autoconsciência nele enquanto ele fica lá sem um pedaço de roupa em seu corpo glorioso. Engulo em seco, tentando não salivar quando o vejo, cada centímetro de seu corpo longo e grosso e esculpido com músculos como uma escultura do homem perfeito.

— O que está acontecendo nessa linda cabecinha? — Ele pergunta, agarrando minha mão e me puxando de volta para ele. Eu me acomodo nele, esticando meu pequeno corpo ao longo de seu grande corpo.

— Eu estava apenas admirando sua perfeição, — eu digo levemente. — Fisicamente, pelo menos. Sua cabeça é outra história.

Ele abre um pequeno sorriso. — Torna fácil fazer isso, difícil fazer mais.

Ele não nega, no entanto. Ele está tão confortável em sua pele, tão confiante. Normalmente não sou insegura com meu corpo, mas sei que não é o que a maioria dos caras chamaria de perfeito. Ao lado dele, é difícil não se sentir inadequada.

— Você quer mais? — Eu pergunto.

Ele fica quieto por um longo momento. — Nah, — ele diz finalmente. — Você é perfeita para isso também, Cherry. Eu não preciso de mais.

— Nem mesmo no departamento de peitos? — Eu pergunto, levantando minhas sobranceiras e sorrindo para esconder minha insegurança, sabendo que estou me abrindo para ser derrubada.

Ele ri e levanta a mão para acariciar meu mamilo. Ele endurece obedientemente contra a ponta de seu polegar, e ele fecha os olhos e balança seus quadris contra os meus. — Nem mesmo em qualquer lugar, — diz ele. — Cada coisa sobre você me deixa louco pra caralho, Harper Apple.

— Idem, — eu digo, beijando seu peito novamente. Eu sei que é bom que ele não queira mais. Não tenho certeza se poderia dizer não se ele o fizesse. Eu já fui. Eu me deixei cair, e não há como voltar atrás. A única saída é através da dor que sei ser inevitável. Mas cada vez que estamos juntos, adio um pouco mais. É bom demais para desperdiçar, para acabar com as coisas para não me machucar ainda mais. Eu já vou ser eviscerada por ele. Eu também posso aproveitar o que vem antes disso o máximo que puder.

Royal puxa as pontas do cobertor para cima, fechando-as ao nosso redor, então estamos enrolados em um cobertor burrito. É um dia mais quente, mas ainda é inverno, e o ar da noite traz um frio úmido. — Então, você vai me dizer por que este é o seu ponto de encontro agora? — Eu pergunto, abraçando seu peito largo.

— Sem perguntas.

Por um minuto, não falamos. Eu ouço seu batimento cardíaco em meu ouvido, então coloco a palma da mão em seu peito e descanso meu queixo nas costas da minha mão. — Perdi minha virgindade debaixo de uma ponte, — digo. — Essa não. Foi na cidade.

Os músculos de Royal se contraem sob mim. — Maverick? — ele resmunga, como se o nome fosse fisicamente doloroso de pronunciar.

— Nah, — eu digo. — Apenas um idiota. Ele disse a toda a equipe que eu era fácil e logo todos na escola pensaram que eu era uma vagabunda, embora eu só tivesse feito isso uma vez. Isso é o que acontece quando você é uma garota que desiste antes do ensino médio.

— Quantos anos você tinha?

— Treze, — eu digo, passando a unha ao longo de sua clavícula. — Você?

— O mesmo, — diz ele. — Mas isso era bem normal na minha escola.

— Ela era a namorada que você mencionou?

— Sim. Aparentemente, eu realmente fui péssimo, porque ela nunca quis fazer isso de novo. Ele ri baixinho. — Aprendi uma ou duas coisas desde então.

— Sim, você tem, — eu digo, inclinando-me para beijar seu queixo. — E você não pode realmente culpar a garota. Perder a virgindade com um cara com um pau grande é doloroso como o inferno.

— Ok, quem é esse idiota? — Royal pergunta. — Agora vou ter que chutar o traseiro dele.

— Ele estuda em Faulkner, — eu digo. — Você provavelmente não o conhece e, acredite, não vale a pena rastreá-lo para mudar isso.

— Vou precisar de um nome.

— Você primeiro.

— Você quer o nome da minha primeira foda?

— Por que não?

— Madison.

— Colin.

Ele se afasta para olhar para mim. — Colin Finnegan?

— Você o conhece? — Eu pergunto, levantando minha cabeça.

Ele dá uma risadinha amarga. — Sim, eu conheço Colin.

— Quão?

— Você está fodendo comigo? — ele pergunta. — Todo mundo conhece Colin Finnegan.

— Você disse isso sobre Maverick.

— Maverick é a escória de cidade pequena, — diz ele. — Colin é... Ruim.

— Por que ele luta sujo? — Eu pergunto. Mesmo que eu nunca vá às lutas dos caras, há murmúrios de vez em quando - uma lesão que tirou alguém do ringue permanentemente, a identidade de um lutador mascarado sendo revelada. E às vezes é sobre um idiota indo atrás de joelhos ou intencionalmente colocando alguém no pronto-socorro.

— Essa é uma das razões, — confirma Royal.

— Ok, então, talvez eu tenha um tipo, — eu digo, sorrindo para ele. — Notório menino mau. Parece alguém que você conhece?

Eu me inclino para beijá-lo e ele relaxa um pouco. Quando coloco minha cabeça em seu peito, ficamos em silêncio por um minuto.

— Nossas famílias fazem negócios juntas, — diz ele, quase com relutância. — Em ocasião. Há momentos em que é benéfico para ambas as famílias trabalhar em direção a um objetivo comum. Mas eu ficaria feliz em quebrar mais alguns de seus dentes para você.

— Que tipo de negócio? — Eu pergunto, meu coração martelando. Porque embora não seja verdade que todos conheçam Colin, todos de um certo... Subconjunto... o conhecem.

— Do tipo que os italianos e os irlandeses têm em comum.

Engulo em seco, meu coração martelando, com medo até mesmo de esperar que ele esteja dizendo o que eu acho que está. Royal está realmente admitindo que sua família está na máfia? Esse é o grande segredo, grande o suficiente para derrubar sua família?

Mas não. Claro que não. Não é como se eu tivesse provas, e metade da escola sussurrou esse boato para mim. Se o pai dele está na máfia, toda a cidade sabe disso e nenhum deles o derrubou. Ele simplesmente negaria.

— Droga, — eu digo, tentando manter minha voz casual enquanto minha mente corre com as maneiras que eu poderia fazê-lo dizer isso no registro. Mas mesmo admitir ligações com a máfia não faz dele um criminoso. Será? Isso é ilegal por si só, ou eu tenho que ter prova de um crime real cometido?

— Achei que você estava falando sobre a coisa adolescente do chefe das drogas que Colin está fazendo na ESF, não a máfia literal.

Royal nos rola de lado, e o cobertor escorrega. Ele olha para baixo, para nossos corpos pressionados juntos, então engancha sua grande mão na parte de trás da minha coxa, puxando meu joelho ao redor de seu quadril. Ele desliza a mão pela minha coxa antes de apalpar minha bunda. — Isso é muita tinta, — diz ele. — Quanto tempo você levou para conseguir tudo isso?

— Cerca de três meses, — digo, apoiando-me no cotovelo para admirar minhas tatuagens. — Ele fazia isso nas horas vagas, já que eu não estava pagando. Então ele apenas fez alguns centímetros de cada vez.

— Ele estava recebendo muito mais do que isso vale, — Royal resmunga, manuseando minha dobra do quadril.

— Você está com ciúmes? — Eu provoco, deixando-o olhar para a tatuagem que se estende até um lado do meu corpo. Estou completamente relaxada com ele, permitindo que ele olhe para mim e me toque de uma forma que teria me assustado a um mês atrás. Estou confortável com ele, pelo menos

nesses momentos, completamente à vontade, embora esteja nua e vulnerável. E foda-se, isso não é nada bom.

— Estou com ciúmes como o inferno, — diz Royal, apertando meu quadril. — Quando penso em outra pessoa tocando em você, tenho vontade de matá-lo. Mesmo que ele só tivesse te dado a tatuagem, eu ainda iria querer assassiná-lo. Sabendo que você transou com ele todos aqueles dias...

— Não todos os dias, — eu digo, revirando os olhos. — E foram apenas alguns meses.

— Quantas vezes você fodeu com ele? — Rosnados reais.

— Não é como se eu contasse, — eu digo, rindo de seu ciúmes ridículo. Se ele soubesse metade do que eu sinto por ele, ele saberia que não havia comparação com Mav. Mas é claro que não posso dizer isso a ele.

— Dê um palpite, — comanda Royal.

— Sinceramente não sei. Eu tinha quinze anos quando ele começou a pintar, provavelmente dezesseis quando ficamos. Foi há muito tempo. Saímos por alguns meses e, nos dois anos desde então, saímos algumas dezenas de vezes.

— Você tem dezoito anos?

— Em um mês.

— Então, exatamente quantas vezes você transou? — ele pressiona.

Estou muito frustrada para resistir, então apenas acho. — Nós saímos... Talvez umas cem vezes? E provavelmente só fiz sexo um quarto dessas vezes.

— Saiu? O que isso significa? Você chupou o pau dele?

Eu dou de ombros. — Algo parecido.

— Você chupou o pau dele cem vezes? — Royal pergunta, seu rosto escurecendo com fúria.

— Ah, vamos, — eu digo. — Eu aposto que você teve seu pau chupado uma centena de vezes. E provavelmente por uma garota diferente a cada vez.

— Você quer que eu me sinta mal por colocar meu pau em algumas bocas?

— Não, — eu digo. — Eu não quero que você se sinta mal. Eu quero que você pare de me dar merda quando você não segue as mesmas regras. Padrões duplos não são mais legais. Você não ouviu?

— Acho que perdi o memorando, — ele murmura. Ele se inclina para me beijar. — Eu sei que não deveria me importar, mas eu me importo. Eu sou um bastardo egoísta. Eu quero ser o único que sabe como você se sente, parece e tem gosto.

— Idem, — eu digo. — Mas nós não somos crianças. Portanto, teremos que nos contentar em ser os únicos que podem sentir, ver e saborear um ao outro agora.

Ele geme e puxa minha perna mais apertada em torno de seus quadris. — É melhor você parar ou eu vou querer gozar de novo.

— E a sua tinta? — Eu pergunto, correndo meus dedos sobre sua pele quente, traçando a linha do rosto de sua irmã.

— Eu não paguei por isso com boquetes, — ele diz amargamente.

Eu corro meus dedos por dentro de seu bíceps, onde sua pele morena é macia e sedosa. — Como é que você não tem uma das tatuagens de cisne que seus irmãos têm?

— Por que eu deveria?

Eu dou a ele um olhar. — Eu sei que você é um dos Cisnes da Meia-Noite.

Ele parece um pouco irritado, então se deita no cobertor. — Ninguém me diz o que colocar no meu corpo.

Claro que não. Ele é tão importante que o deixam passar sem fazer a tatuagem, embora todos os outros provavelmente devam fazê-lo. Mas vendo como eu também sou uma maníaca por controle, eu sei o que ele quer dizer. Eu não gostaria que ninguém me dissesse quais tatuagens eu tinha que fazer.

— Então, esta sociedade secreta, — eu digo, puxando-o contra mim com minha perna. — Posso participar?

Ele solta uma gargalhada. — Não.

— Por quê? Por que eu sou uma menina?

— Exatamente.

— Acho que você sabe como me sinto sobre isso.

— Acho que você sabe que eu não dou a mínima.

— Isso está nas regras em algum lugar?

— Eu não sei, — diz ele com um encolher de ombros. — Eu não fiz as regras ou a sociedade.

— Besteira, — eu digo. — Não acredito *que você* entraria em um grupo sem conhecer as regras.

— Então acredite em mim quando digo que não é da sua conta, e você precisa simplesmente esquecer isso.

— Já houve uma garota Swan?

Ele franze a testa. — Não. E você não será a primeira.

— Veremos.

— Não enfie o nariz onde não deve, — diz ele. — Você não vai gostar do que acontece.

— Lá vai você com os dois pesos e duas medidas de novo, — eu digo. — Você tem seu clube de meninos que eu não posso saber, mas você quer saber todas as minhas merdas. Eu nem quero saber com quantas garotas você já esteve, mas você me chama de vagabunda quando eu literalmente só estive com dois caras antes de você.

— Errado de novo, — diz ele. — Eu vi você dando de cara com aquele velho.

— Ok, eu dei boquete para mais de dois caras, — eu digo. — Mas só fiquei boa nisso porque é como... Um compromisso. E se você não for bom nisso, não funciona.

Sua testa franze. — O que não funciona?

— O compromisso. Se um cara está sendo insistente e não aceita um não como resposta, você tem que ser boa o suficiente para fazê-lo gozar, ou você estará sendo fodida, quer queira ou não. Assim você aprende maneiras de se defender, como dar um soco e dar uma boa cabeçada.

A mandíbula de Royal aperta, e ele puxa o cobertor em volta de mim novamente. — Essa é a coisa mais fodida que eu já ouvi.

Eu dou de ombros. — Para uma garota, é apenas a vida.

— Foi isso que aconteceu com aquele velho?

Odeio a maneira como ele está olhando para mim, como se eu fosse uma vítima, alguém digno de pena. Eu fiz essa escolha. Subi naquele carro com o Sr. Behr sabendo exatamente o que ele queria. Pode não ter sido minha melhor decisão, mas era minha.

— Não, — eu digo, minha voz endurecendo. — Ele era professor. Eu queria uma nota.

Ele balança a cabeça, como se isso não o surpreendesse. Talvez ele já soubesse disso, já procurou o cara do vídeo.

Mas então ele desvia o olhar, engolindo em seco com tanta força que posso ouvi-lo no silêncio sob a ponte. Seus dedos tocam a borda do cobertor. — Harper... A primeira vez que comi você...

— Você não estava lá, — eu digo, colocando a mão em sua bochecha. Eu espero que seu olhar encontre o meu. — Não foi você. Eu sei que...

Essa escuridão em seus olhos me aquece, me acolhendo com o doce alívio que oferece, acenando para que eu afunde e deixe ir. Mas eu sei que é ainda mais perigoso do que quando é assustador e selvagem, como uma tempestade que pode me destruir.

— Se eu pudesse fazer tudo de novo... — ele diz baixinho, tirando minha mão de seu rosto e segurando-a na dele. Ele acaricia a parte de trás com o polegar. — Eu te sentiria da primeira vez.

— Você está aqui agora, — eu sussurro. — É isso que importa.

Ele me beija, aquele beijo faminto e obliterador que me faz esquecer tudo, que me faz esquecer por que preciso lembrar. Depois de um tempo, eu aperto minha perna ao redor dele, puxando-o para dentro e deixando-o sentir como estou pronta. Ele rola sobre mim, me reivindicando, me destruindo.

Estar com Royal me enche de uma satisfação que nunca senti antes - a sensação de ser necessária e, mais do que isso, ser capaz de preencher outra pessoa, de ser o que ela precisa. E isso em si é o que *eu* preciso. Nunca há um ponto em que seja suficiente, em que não precise mais. Ele me pegou, como uma mosca em âmbar, suspensa na felicidade de sua fome por mim.

Eu sei que não vou me afastar disso. Quando ele terminar comigo, não serei forte o suficiente. Posso sobreviver, mas não serei capaz de fazer isso sozinha, mesmo quando precisar ser feito. Cada vez que estamos juntos, ele leva uma parte da minha alma, como se pudesse substituir aquela que ele perdeu. E toda vez, ele me deixa mais fraca do que antes, como um vampiro sugador de almas. Ele não me quebrou, mas está lentamente me drenando, me esgotando, até que eu sei que mesmo quando eu quiser, não poderei ir embora.

Quando chegar a hora disso acabar, será ele quem irá embora. Ele vai ter que fazer isso. Porque mesmo quando acabar, acho que nunca vou parar de precisar que ele precise de mim.

espaços sagrados

não volte, eles dizem,

isso vai acionar você.

não volte ao local do crime,

é o que os criminosos fazem.

não apague as luzes,

é quando os monstros vêm.

não ouse nadar na água corrente,

ou olhar para o cano de uma arma.

eles acham que eu sou fraco.

eles estão errados.

eles acham que estou fora de controle.

eu sou forte.

a escuridão não conta minha história.

o monstro é meu amigo.

a ponte não me controla.

Eu decido quando termina.

11

Harper Apple

Termino meu relatório na manhã seguinte e espero a resposta do Sr. D. Quando ele o faz, meus dentes se apertam em fúria.

MrD: *Eu preciso de mais do que suas façanhas sexuais, por mais fascinantes que sejam.*

BadApple: *você disse que era isso que queria*

MrD: *Eu me entreguei a você.*

BadApple: *Que merda?*

BadApple: *não*

BadApple: *eu tenho te agradado. foi isso que você perguntou.*

Estou traindo Royal toda semana, porra, e para quê? Se ele não quer isso, por que fez tantas perguntas na primeira vez?

MrD: *O que você descobriu sobre os Midnight Swans?*

BadApple: *é um clube de meninos. Sem meninas.*

MrD: *O que mais?*

BadApple: *estive meio ocupada.*

MrD: *O semestre está chegando. Lembre-se, eu sou um mágico. Eu faço as coisas desaparecerem.*

BadApple: *Gosta de corpos? Ou bolsas?*

MrD: *Sim.*

BadApple: *Acabei de dizer que o pai deles é um problema da máfia. Como isso não é o que você quer?*

MrD: *O que você acha que posso fazer com essa informação?*

Eu respiro fundo para me acalmar para não explodir em sua bunda. Ele tem razão. Eu estou falhando. Assim como eu pensei, uma adolescente dizendo que seu namorado disse a ela que seu pai está na máfia não é suficiente. Mesmo que esse namorado seja filho dele, não é como se ele tivesse me contado que seu pai afunda corpos naquele rio, e eu posso mandar os policiais arrastá-los como prova.

Arranjei um emprego, e o trabalho não era transar com Royal. O trabalho era descobrir tudo sobre os Midnight Swans. O Sr. D é um pervertido, mas ainda quer que o trabalho seja feito no final. Minhas escapadas sexuais não substituem essa informação. Eu concordei em me infiltrar nos Swans e, em vez disso, fui distraída por um pau. Forneci informações ao Sr. D sobre minha vida sexual porque isso o mantinha satisfeito enquanto eu me divertia e ignorava o trabalho para o qual fui contratada.

A fúria queima através de mim, mas é dirigida a mim mesma. Não é como se eu achasse que Royal conhecesse minha missão e estivesse intencionalmente me atraindo com aquele corpo divino e irresistível, porque ele sabe como o cheiro de dinheiro me deixa fraca e a sensação de poder me deixa molhada. Não, ele apenas viu uma posição fácil e pegou o que queria, como qualquer cara faria. Eu sou a estúpida, aquela que perdeu a cabeça, o coração. Eu é que perdi de vista a realidade. Ando tão ocupada jurando que nunca serei minha mãe que não percebi que estava seguindo os passos dela o tempo todo, jogando fora meu futuro e tudo que importa pelo fascínio de um bom pau.

BadApple: desculpe. vou fazer melhor

***MrD:** Como? Preciso saber exatamente o que estou ganhando com isso, ou vou pensar em outra maneira de você me pagar o que já me deve, e vou encontrar outra pessoa para me dar as informações de que preciso.*

Eu cerro os dentes. Não apenas porque ele está sendo um babaca, mas porque o pensamento dele encontrando outra garota para entrar e se aproximar dos garotos Dolce me deixa furiosa. E acima de tudo, porque ele está certo.

***BadApple:** festa de Ano Novo. Vou garantir que consiga algo*

***MrD:** Você faz isso.*

***BadApple:** entendido*

MrD: *E torne-o bom. Se eu não tiver nada sobre os Swans até o final do semestre, você pode voltar para Faulkner High em janeiro. Eu disse desde o início que você tem que fazer a sua parte.*

Ele também disse que eu lamentaria se não aproveitasse a “oportunidade” que ele estava me dando. Essa parte era uma porra de uma mentira. Me desculpe por ter me envolvido com sua bunda assustadora. Mas agora estou dentro e é tarde demais para ir embora. Eu devo a ele.

BadApple: *Me desculpe. Vou me concentrar inteiramente nos Swans. Eu vou ter algo em breve. Se eu não fizer, eu falhei, e eu vou voltar para a ESF.*

Eu empurro a cadeira para trás e deixo minha cabeça cair contra ela. Foda-se, foda-se, foda-se. Eu tenho quatro dias. Não se trata mais apenas de derrubar os Dolces. Não tenho certeza se isso é um objetivo. No momento, estou me divertindo com Royal. Sim, ele me tratou mal às vezes e fez o mesmo com outras garotas. Mas se eu puder ficar com ele, ele não irá atrás de mais ninguém. Eu posso lidar com o que ele prepara. Se eu fosse a namorada dele, teria domínio sobre ele. Eu o manteria sob controle, evitaria que machucasse alguém. E o que quer que ele tenha feito para mim, não é ruim o suficiente para eu ter desistido. Na verdade, eu aproveito mais do que ele. Nós dois fazemos sexo bom. Mas isso é tudo que ele consegue. Recebo status, imunidade, popularidade, amigos e até mesmo um jantar chique de vez em quando.

Embora eu possa estar hesitando em derrubá-los, ainda preciso de algo para o Sr. D. É para isso que realmente preciso do segredo. Se ele quiser usá-lo para matar o Sr. Dolce, então eu sou cúmplice. Eu posso viver com isso. Eu não preciso fazer isso sozinha. Não quero parte da glória, dos holofotes, do alvo nas minhas costas. Sou uma adolescente sem dinheiro ou conexões. O que posso fazer, afinal?

Royal me contou tanto sobre sua irmã, coisas que acho que ele não conta para a maioria das pessoas, merdas pessoais e sentimentos. Ele se abriu comigo, foi verdadeiro comigo de uma forma que acho que ele precisa, que não consegue em nenhum outro lugar. Ele me contou sobre sua família e eu contei a ele sobre a minha. E embora eu ame ouvir isso, ame tanto que ele seja verdadeiro comigo que posso realmente amá-lo se não tomar cuidado, não é disso que preciso para ganhar o jogo. Eu preciso dos Swans.

Eu poderia reunir todas as informações do mundo sobre sua irmã, e isso não derrubaria sua família. Não tenho certeza de que qualquer coisa que eu possa fazer faria. Cabe ao Sr. D agora. Eu tentei, e estou farta. Cansei de ser uma pequena informante conivente. Eu só preciso de um grande lance, um último golpe. Parte meu coração pensar nisso dessa maneira, mas esta é a minha vida, e sei que quando Royal deixar de me deixar entrar em seu mundo para se divertir, ainda estarei aqui. Em Faulkner.

Eu preciso me concentrar no objetivo real – dar o fora dessa cidade. Para fazer isso, preciso da minha bolsa de estudos. E para manter isso, preciso de mais do que as boas notas que tirei nas provas finais, apesar de passar três noites por semana satisfazendo o exigente rabo de Royal. Para manter a bolsa, preciso de algo para dar ao Sr. D, algo para tirá-lo do meu pé.

Permanentemente.

Então eu preciso cavar mais fundo, tentar mais, não deixar o pau de Royal me distrair, não importa o quanto eu goste da distração. Preciso da sujeira, da sujeira boa, de um segredo que vale dez mil dólares — a mensalidade do meu primeiro semestre. Preciso de algo que pague minha dívida com o Sr. D de uma vez por todas. Porque agora, eu não tenho nada. Royal é imune a tudo isso. Ele poderia matar alguém e sair brilhando como um superstar.

Vou pegar o troféu do Sr. D, e então vou bater. Ele pode usar a informação para o que quiser.

Sento-me lá por um tempo, tentando me convencer a não me aprofundar mais, mas bati com todos os outros quando procurei informações sobre os Swans. Eu deveria ter aprendido melhor do que aceitar favores depois do Sr. D. Mas não estou realmente pedindo um favor. Estou recebendo pagamento por serviços prestados. Finalmente, suspiro e corro até o computador novamente.

BadApple: *você me deve um favor*

SilverSwan: *o que você precisa?*

BadApple: *vai me conceder 3 desejos, gênio?*

SilverSwan: *o quê?*

Então, ele provavelmente não é o Sr. D.

Silver Swan é uma brincadeira com a raposa prateada? Isso significa que ele é velho? Talvez o avô Darling que Colt me contou comanda esse lado da família? Penso no pai de Colt, no modo como ele usava uma bengala que o fazia parecer mais velho do que é. Mas seu cabelo não era prateado. Talvez uma das outras famílias Darling. Dixie disse que há cinco.

A prata também é um aniversário. Faço uma rápida pesquisa na internet — vinte e cinco anos. Se ele é um Swan há vinte e cinco anos, ele estaria na casa dos quarenta, o que o coloca na idade certa para ser um dos cinco filhos Darling, que têm a idade de nossos pais.

Hora do processo de eliminação.

BadApple: NM. Posso te perguntar alguma coisa?

SilverSwan: Você pode perguntar.

BadApple: você não vai me dizer quem você é?

SilverSwan: Eu disse que retribuiria ajudando. Não importa quem eu sou.

BadApple: pode.

SilverSwan: quem é você, Harper Apple? Esta com os Dolces?

BadApple: Você é um Darling?

SilverSwan: sim

BadApple: você está na cadeia?

SilverSwan: não

BadApple: Já nos conhecemos?

SilverSwan: você não respondeu minha pergunta?

BadApple: às vezes

SilverSwan: Por que você salvou Lindsey se você é a cadela de Dolce?

BadApple: Uma cadela, sim. Dolces não me possuem.

SilverSwan: Esta tentando ser fofa?

BadApple: *foda-se*

SilverSwan: *diga-me o que você precisa e estaremos quites. Eu não jogo com cobras.*

BadApple: *ai*

SilverSwan: *Não estou dando informações sobre os Darlings. vá dizer ao seu amigos que deixem essa família em paz. Eles fizeram o suficiente.*

BadApple: *Eu não estou aqui por eles. Eles não sabem que estou falando com você*

SilverSwan: *Se você não precisa de mais nada, estou ocupado.*

BadApple: *Eu preciso de algo, mas se você não quer me dizer quem você é, como sei que posso confiar em você? Você Poderia ser um deles.*

SilverSwan: *Eu não sou, você não pode*

BadApple: *Não posso confiar em você? ou não posso saber se posso?*

SilverSwan: *qual é a diferença?*

Bem, pelo menos ele é honesto. Eu darei isso a ele. Mais uma pessoa em quem não posso confiar. Há tantos agora, o que importa mais um? Eu penso no que perguntar a seguir. Se for Royal, ele provavelmente vai me matar agora, mas tanto faz. Tempos desesperados. Preciso de informações, e Royal não quis me dar. Gloria e Dixie não sabem o suficiente, e o Sr. D foi excluído dos Swans. Não sei a quem mais pedir ajuda. Eu odeio isso. Eu sempre confiei em mim mesma, e eu era o suficiente. Agora não sou o suficiente. Agora tenho que contar com os outros e, como não posso confiar em ninguém, é muito difícil.

BadApple: *Você é um membro do Midnight Swans?*

SilverSwan: *sim*

BadApple: *Você ainda é membro?*

SilverSwan: *Uma vez Swans, sempre Swans.*

BadApple: *você sabe de quem é o nome de usuário Mr. D neste aplicativo?*

SilverSwan: *???*

Ah bem. Isso foi um tiro no escuro e aleatório, mas eu tive que perguntar.

BadApple: *Isso é o que eu quero. Eu quero saber como se tornar um Swans.*

SilverSwan: *é um clube de cavalheiros.*

BadApple: *uma garota pode se tornar um membro?*

SilverSwan: *não*

BadApple: *Eu não acredito em você. Está nas regras. Royal não quis me dizer. Mas acho que tem um jeito. Não acho que você sabe.*

SilverSwan: *deixe-me olhar. Mas eu quero algo de você.*

BadApple: *por favor, não se transforme em mais um pervertido da internet*

SilverSwan: *se você souber que a L está em perigo novamente, quero sua ajuda se puder e me mande uma mensagem se não puder.*

BadApple: *ok*

SilverSwan: *você vai fazer isso?*

BadApple: *sim. Ela não fez nada de errado.*

SilverSwan: *ela carrega nosso DNA*

BadApple: *então qual é a iniciação?*

SilverSwan: *na verdade não há nada que diga que uma garota não pode entrar. Acho que foi assumido. A WHPA era uma escola para meninos quando foi fundada. Então nada de garotas.*

BadApple: *sabia!*

SilverSwan: *a entrada requer o cumprimento de desafios, uma manopla e juramento*

BadApple: *isso soa como uma gangue*

SilverSwan: *Talvez do outro lado da cidade*

Finalmente estou totalmente convencida de que ele não é o Sr. D. É um alívio que, pela primeira vez, alguém não saiba toda a minha vida, onde moro, que sou um pobre lixo de trailer. Esse cara acha que sou um bom samaritano que ajudou Lindsey, mas também acha que sou uma garota Dolce, uma vadia

rica que faz festas com crianças de Willow Heights porque sou uma delas, não porque sou o brinquedinho de Royal.

BadApple: *e por que uma garota não pode fazer isso?*

SilverSwan: *há certas coisas que você tem que fazer que a maioria das garotas não faria*

BadApple: *Eu não sou a maioria das garotas*

SilverSwan: *não é divertido. Apenas para sua informação*

BadApple: *espera é isso? Você não vai me dizer o que eu tenho que fazer?*

SilverSwan: *não posso. fiz um juramento.*

BadApple: *você acabou de me contar sobre a iniciação*

SilverSwan: *você tem permissão para dizer aos recrutas em potencial o que é necessário para se tornar um membro. Os desafios usados eram escolhidos pelos membros ex-alunos, embora fossem praticamente os mesmos tipos de coisas para cada recruta. Não é permitido dizer o que eles implicam.*

BadApple: *quem escolhe agora? D meninos?*

SilverSwan: *Dolces exilou todos os Swans e colocou seus amigos no lugar. Não frequentamos mais as reuniões nem as iniciações. Eu não poderia dizer o que eles fariam, mesmo se eu não tivesse feito um juramento de sigilo.*

BadApple: *ok. Obrigada. isso foi muito útil. Eu agradeço.*

SilverSwan: *era uma dívida.*

BadApple: *dívida paga.*

Mesmo que seja domingo e Royal não vá aos domingos, pelo menos não comigo, eu sigo esse caminho mais tarde. Tento não pensar no que Dixie disse, que ele leva Lo para o Hockington nas tardes de domingo, mimando-a com um hotel chique. Porque eu fui e me deixei cuidar, meu coração ridículo continua enviando imagens para o meu cérebro que mostram principalmente banhos de espuma em banheiras em forma de coração com champanhe e morangos cobertos com chocolate que eles estão alimentando um ao outro.

Enquanto isso, eu sou fodida na bunda em uma vala na beira da estrada.

É por isso que não namoro. Meu coração não tem frio e ainda menos habilidades de enfrentamento.

Mas eu sou uma garota com uma missão, coração defeituoso ou não. Então pego a caminhonete da mamãe e vou até lá naquela noite, embora também tenham me dito que não sou bem-vinda na casa deles. Eu estaciono ao lado da estrada, escalo a cerca - certificando-me de sorrir e acenar para a câmera - e caio no cascalho do outro lado. Então sigo para a mansão branca dos Dolces.

A casa ao lado da deles, que ainda estava de pé da última vez que vim, agora é uma pilha de escombros carbonizados. Acho que alguém decidiu terminar o trabalho de queimá-lo de uma vez por todas.

Balanço a cabeça e corro pela entrada dos Dolces até a porta da frente. Quando bato, um estranho abre a porta, um cara mais velho de terno que eu nunca vi. — Hum, oi, — eu digo, de repente me perguntando o que diabos eu estou fazendo. — Royal está?

— Sinto muito, senhorita, ele está esperando você? — o homem pergunta. Percebo com surpresa que ele não é apenas um amigo do Sr. Dolce, que é tão próximo que se sente à vontade para abrir a porta. Ele é algum tipo de servo. Minha cabeça gira. Já estive aqui antes, mas provavelmente era meia-noite quando chegamos e não vi ninguém que não fosse da família.

— Eu... Não, — eu admito, totalmente desconcertada ao ver alguém que provavelmente mora no meu lado da cidade trabalhando para Royal assim. Merda. É assim que ele me vê? Sou apenas mais um servo, exceto que meu trabalho é servir o pau dele.

Um cara passa atrás do trabalhador e eu estico meu pescoço para ver além e dentro da casa. Um segundo depois, o cara se posiciona atrás de quem abriu a porta. Eu o encaro, piscando algumas vezes para fazer meu cérebro funcionar direito. Ele se parece com Royal, mas mais magro e... Mais frio. Apenas encontrar seu olhar me faz estremecer.

— Quem está na porta, Jones? — Ele pergunta, olhando para mim.

Eu deixo meu olhar cair, observando sua calça preta sob medida, camisa cor de caramelo e gravata preta. Meu cérebro gagueja quando percebo o que ele

está segurando. Um livro de nomes de bebês. É tão desconcertante na mão de um cara que parece estar segurando uma arma que de alguma forma me traz de volta à realidade.

— Você deve ser King, — eu digo, forçando um sorriso. — Eu ouvi muito sobre você.

— Isso está certo? — ele pergunta, uma sobrancelha grossa e preta subindo ligeiramente em sua testa. Ele tem o mesmo sotaque mafioso do resto da família.

Aleatoriamente, eu me pergunto se ele é um Swans também. Ou... Ele mora em Nova York. Ele gostaria de saber o que seus irmãos estão fazendo enquanto ele está fora? Este é o Sr. D?

Mas não. O Sr. D é um Swans descontente. Então, isso exclui King.

— Quem é? — uma voz chama de dentro da casa. E então outro Dolce se junta a nós - Papai Dolce.

— Olá, — eu digo, dando-lhe o meu sorriso mais falso. — Com certeza é um prazer vê-lo novamente, Sr. Dolce.

— Tony, por favor. — Ele estende a mão. Hesito antes de tomá-la. Ele dá um aperto rápido na minha mão e a deixa cair, para meu alívio. Ele está de gravata mesmo em casa num domingo à noite. Um olhar para ele, e ele parece todo agradável e cordial. Você nunca saberia que ele era um tarado que dá em cima de garotas adolescentes como os namorados desprezíveis da mamãe. Acho que as roupas realmente fazem o homem.

— Esta é Harper Apple, — ele diz, colocando a mão no meu ombro e virando-se para King, me prendendo ao seu lado. — Uma amiga de Royal.

Os olhos encapuzados de King passam por mim. — Também ouvi falar de você, — ele diz.

— Eu não sabia que você estava visitando.

— Apenas na cidade cuidando de alguns... Negócios.

A combinação de seu sotaque e a maneira como ele diz a última palavra me faz imaginar instantaneamente corpos sendo jogados no rio com sapatos de

cimento. Aparentemente, assisti muita TV durante o intervalo. Mas seriamente. Royal disse que King trabalha como segurança. Que tipo de resposta duvidosa é essa?

— Com quem você está falando? — chama uma voz familiar de dentro. A cabeça de Duke aparece sob o braço de King, e ele sorri para mim antes de se endireitar, mantendo o braço de seu irmão mais velho sobre seu ombro. Só consigo pensar que ele parece uma foca ou um cachorrinho brincando com os irmãos. Baron aparece do outro lado de King, jogando o braço em volta de seu ombro para que todos fiquem juntos na porta. Algo em meu coração se aperta do jeito que sempre acontece quando vejo a família deles, como eles são próximos, como são unidos. Aparentemente, o código de vestimenta não se aplica a eles, pois os gêmeos estão vestindo shorts e camisetas.

— Olha quem é, — diz Baron. — Nossa perseguidora.

— Acho que você teve que vir até a porta desta vez, já que queimei aquela casa filha da puta até o chão, — Duke canta.

King franze a testa para ele.

— O que? — Duke pergunta. — Harper é legal. Ela não vai me delatar para a polícia.

Engulo em seco. A razão pela qual estou aqui é porque sou exatamente isso. Uma delatora.

— Ela foi presa por causa da sua bunda, — diz Baron.

— Porque ela sabe como levar um para o time, — Duke diz, sorrindo para mim. — Não é, Cherry Pie?

Eu olho para ele, sem saber se ele está alheio ou intencionalmente ignorando o fato de que estou claramente, incrivelmente desconfortável com quatro homens Dolce me cercando, incluindo o pai deles, que ainda está com o braço em volta de mim. Não parece nojento e perverso desta vez, no entanto. Parece uma ameaça, uma faixa de ferro me segurando no lugar enquanto seus filhos me olham e falam de mim como se eu não estivesse aqui.

— Eu só vim ver Royal, — eu digo com os dentes cerrados. — Sinto muito por interromper seu tempo com a família. Se ele não estiver aqui, eu simplesmente irei. E se ele estiver, e você está tentando me intimidar com toda

a sua coisa de 'quais são suas intenções', você deveria ter acabado de com isso e somente saído com uma espingarda. É isso que pais superprotetores fazem por aqui. E não requer quatro de vocês.

— Você sabe o que aconteceu com ele? — King pergunta, apontando o queixo para mim.

— Você acha que vou sequestrar Royal? — Eu pergunto, colocando uma mão no meu quadril e dando-lhe um olhar.

— Você pode entender por que nós o protegemos, — ele diz, me nivelando com aqueles olhos frios. Eles não estão mortos como os de Royal, mas são igualmente insensíveis.

Reprimo minha atitude defensiva, sentindo-me uma pirralha, e aceno com a cabeça. Porque eu sei. Royal é especial e já quebrou de mil maneiras. Eles não acham que eu vou sequestrá-lo. Eles acham que eu vou machucá-lo.

E eles não estão errados.

— Que porra está acontecendo? — A voz familiar de Royal exige de algum lugar atrás de sua parede de irmãos.

Seu tom é afiado e irritado, mas me enche de alívio e... Outras coisas que não quero pensar agora.

— Se aquele babaca foder com a nossa casa de novo, vou estripá-lo como um peixe e pendurá-lo pelos intestinos, — diz ele, puxando Duke para trás. — Eu não me importo se ele é um Del...

Sua voz muda quando ele me vê, e sua expressão escurece. — Que porra você está fazendo aqui?

— Eu queria falar com você.

— Eu disse a você, eu tenho merda de família aos domingos.

— Eu esqueci, — eu digo com um encolher de ombros, mas minha garganta parece toda grossa. Ver sua família, sua proteção e amor por ele, me deixou totalmente revirada. Eu preciso me reagrupar. Estou muito fodida da cabeça para lidar com a raiva de Royal agora. Mas avancei como um aríete, como sempre faço, e agora é tarde demais para recuar.

Royal passa por seu irmão e agarra meu braço, me afastando de seu pai. — Não fale com a porra da minha garota quando eu não estiver por perto, — diz ele, puxando-me escada abaixo e para longe de casa.

— Deixe-me ir, — eu digo, empurrando para me libertar.

— Você sabe exatamente as chances disso acontecer, — ele rosna, me conduzindo pela entrada como uma criança sendo enfiada no armário por não ouvir a mamãe. A noite cai rápido no inverno e está quase escuro, embora cada casa esteja iluminada em todas as janelas como uma porra de Jack-O-Lantern. Afinal, as pessoas aqui não precisam se preocupar com suas contas de luz.

Meu próprio temperamento está fervendo, mas eu me concentro em porque vim aqui, em vez da maneira como ele está me maltratando. — Eu quero me juntar aos Swans, — eu digo. — Não há nenhuma regra contra a entrada de meninas.

— Besteira, — diz ele. — E de jeito nenhum.

— Eu conheço alguém que tem o livro de regras, — eu digo, torcendo meu braço e fincando meus calcanhares na estrada. — Eu sei que isso não é uma regra.

— Quem? — Ele exige, me fazendo parar. Seus olhos se estreitam, a raiva queimando nas fendas entre os cílios. — Colt?

— Não importa, — eu digo. — Eu quero me juntar.

— Não.

— Por quê? — Eu desafio. — Você acha que uma garotinha pode destruir todo o seu clube machista? Então Não deve ser muito forte.

Ele solta um suspiro. — *Você* não é forte o suficiente.

— Foda-se, — eu estalo. Posso ser muitas coisas, mas fraca não é uma delas.

— Tudo bem, — diz ele, um sorriso torcendo o canto de seus lábios. — Me leve para baixo, então. Agora mesmo. Prenda-me e conte até dez.

Eu olho para sua estrutura incrivelmente grande e musculosa. Eu provavelmente poderia derrubar um de seus irmãos, talvez até os dois. Mas Royal não é apenas maior. Ele é um lutador, como eu. Ele tem movimentos.

Mas também tenho movimentos.

— Ok, — eu digo, dando um passo para trás e levantando meus punhos.
— Se este é meu primeiro desafio, estou pronta.

— Não vou brigar com você no meio do caminho.

— Por que não? — Eu provoco. — Com medo de eu chutar o seu traseiro?

— Pare de agir como uma louca, — ele estala, virando-se e seguindo em direção ao portão.

Corro atrás de Royal, chateada demais para me preocupar em fazer uma cena. — Você é o único que me disse para derrubá-lo aqui mesmo, — eu digo.
— Isso faz parte do desafio? Conseguir que você realmente lute comigo?

— Eu não bato em garotas, — ele diz. — E por mais tentador que seja, não vou começar agora.

— Tudo bem, — eu digo. — Torna mais fácil para mim se você não estiver lutando. Eu não me importo de pisar na sua bunda.

Ele apenas zomba e continua andando. Eu tomo isso como parte do desafio. Vai ser bom bater nele por um minuto, tirar minhas frustrações. Perdi muitas lutas ultimamente, e o barulho dos ossos é como um canto de sereia ecoando em minha memória muscular, me chamando de volta.

Eu corro atrás de Royal. Posso não ter formação profissional, mas descobri algumas coisas sozinha. Já lutei contra oponentes maiores o suficiente para saber que preciso usar seu peso e tamanho contra ele. Eu vou para suas pernas, pegando a parte de trás de seu joelho no meio do caminho. Ele xinga e tropeça, mas antes que ele consiga recuperar o equilíbrio, eu caio em minhas mãos, prendendo minhas pernas nas dele - uma atrás do joelho, a outra na frente do outro tornozelo.

Seus joelhos atingiram a estrada com um estalo satisfatório.

Apenas um dos meus pés está preso sob seu tornozelo, e eu rolo antes que ele possa pegá-lo. Então estou de pé, dançando de volta, meus punhos levantados.

— Vadia louca, — rosna Royal, agarrando-se a mim.

Eu desvio do caminho e o golpeio, mas ele está pronto desta vez, desviando do golpe. Aproveito o impulso para girar, avançando com um pé na parte inferior das suas costas. Acerto no rim. Royal grunhe, mas quando eu dou um soco em seu rosto, ele agarra meu braço e me gira, prendendo-me em seu peito.

— Pare de fazer uma porra de cena, — ele rosna, soando bem e verdadeiramente chateado.

Eu fico tensa, ficando o mais longe possível para ter espaço para manobrar quando precisar lutar. Royal começa a se levantar, o que é um movimento desajeitado para qualquer um. Eu dobro meus joelhos e, em seguida, chuto o chão antes que ele possa ficar de pé, jogando meu peso em seus ombros para derrubá-lo.

Ele tropeça um passo para trás, mas se levanta, de qualquer maneira. Meus pés estão pendurados a trinta centímetros do chão, e estou presa em seu aperto de ferro, seu braço tão grande quanto minha coxa enquanto ele me prende contra ele. Eu tenho muito pouca prática lutando contra caras. Merciless provavelmente sabe como lutar contra um cara. Ela provavelmente treina para isso com seus mestres de artes marciais. Eu treino usando uma bolsa no porão. Sou boa com meus punhos e posso acertar um chute quando necessário, mas não sou párea para a força de Royal. Antes que eu possa me livrar, ele me joga por cima do ombro e se dirige para o portão.

— Ponha-me no chão, — eu lato, me debatendo em seu ombro. Eu dou uma cotovelada em seu pescoço, então me viro para acertar uma série de golpes na parte de trás de sua cabeça. Parece a porra de um tijolo. Luto com mais força, a frustração, a raiva e o desamparo tomando conta de mim. Eu odeio como ele me domina, como não há nada que eu possa fazer para vencer a porra de um gigante. Eu odeio que ele sempre consegue o que quer. Eu odeio que ele tenha uma família grande, amorosa e protetora, uma mansão e um carro novo na semana seguinte ao acidente dele, e que não importa quantas vezes ele me permita olhar dentro daquele mundo, nunca estou realmente dentro porque eu

não pertença lá. Eu odeio isso o tempo todo, pensei que ele estava se abrindo comigo, mas ele estava apenas brincando comigo.

E acima de tudo, eu odeio ter caído nessa. Ele me leva ao rio e me fode e me conta sobre sua família, mas não me contou sobre a visita de seu irmão. Ele só me diz o que quer que eu saiba, o abstrato, não o que é real e concreto diante de nós. Ele nunca vai me dizer o que eu quero saber, porque não importa o que eu faça, ele não vai me deixar fazer parte de sua vida.

Como que para provar meu ponto, ele me leva até a caminhonete. — Vá para dentro e dirija para casa, — ele estala. — E não volte aqui. Quando eu quiser você, eu vou buscá-la.

— Foda-se, Royal, — eu digo, empurrando seu peito quando ele me coloca no chão. — Você não pode simplesmente vir sempre que estiver a fim de foder e depois me perseguir como um vira-lata quando eu fizer o mesmo.

— E você não pode vir à minha casa quando estou com minha família e depois fazer birra do lado de fora quando eu digo para você sair, — ele retruca. — Pare de agir como lixo.

— Eu *sou* um lixo, — eu grito com ele, perdendo completamente a cabeça. — Você não se lembra? Você me disse isso desde o dia em que nos conhecemos e nunca parou de me tratar assim, então de que outra forma devo agir?

— Cale a boca, Harper, — ele rosna, abrindo a porta traseira da caminhonete e me enfiando lá dentro. — Acabou. Você perdeu. Você não é forte o suficiente para me derrubar, e nunca será. Vá para casa.

— Foda-se, — eu grito. — Não vou desistir tão fácil.

Eu me atiro de volta para fora, mas ele me pega, me jogando no banco e pulando para dentro, bloqueando a saída. Estendo a mão para a outra porta, mas ele agarra meus joelhos e me puxa para trás, e de repente estou de costas no banco, e ele está puxando meu jeans. Lágrimas de fúria queimam meus olhos, e eu me viro, mas não antes de vê-lo puxando o cinto com a outra mão. Ele me vira de costas novamente e mergulha em mim, abrindo minhas coxas e se enterrando em mim.

Eu grito de fúria, batendo em seus ombros enquanto ele enterra seu pau mais fundo, me xingando enquanto ele se aperta até o cabo dentro de mim.

Estamos fodendo há mais de um mês, mas ele é tão grande que ainda dói pra caralho quando ele não me prepara. A parte fodida é que a dor está começando a me excitar tanto quanto tudo o mais que ele faz.

— Deixe-me levantar, — eu rosno. — Você não merece me foder depois de me jogar de bunda na frente de sua família.

— Sua vadia maluca, — ele rosna, agarrando minhas mãos e entrelaçando seus dedos nos meus, prendendo-os no assento enquanto esfrega seu osso pélvico contra meu clitóris. — É isto o que você queria? É por isso que você veio? Você precisa de uma boa surra para colocar algum juízo em você?

Um arrepio de prazer me percorre, e quero negá-lo, mas ele pode sentir como estou molhada, tão molhada que me deixa furiosa.

— E daí se for? — Eu estalo, empurrando meus quadris, não tenho certeza se estou tentando jogá-lo fora ou empurrá-lo mais fundo, empurrá-lo para a borda, vê-lo perder o controle do jeito que eu amo fazer. — Por que eu não poderia vir quando eu quiser, assim como você faz?

— Eu disse a você o que aconteceria se você viesse, — diz ele, empurrando para dentro de mim forte e rápido, cada movimento pontuado por suas palavras duras. — É isso que você queria? Você quer que eu observe meus irmãos destruírem essa doce boceta como eu faço?

— Você nunca faria, — eu juro para ele, meus joelhos agarrando seus quadris enquanto eu torço minhas mãos, tentando libertá-las de seu aperto. Ele só me fode mais forte, batendo-me no assento como se estivesse tentando me rasgar ao meio. Ele mostra os dentes em um rosnado feroz, mas eu não deixo cair seu olhar. Eu bato meus quadris contra os dele com tanta força que espero que isso deixe hematomas, respondendo a cada impulso punitivo com o meu.

Da última vez, ele me disse que deixaria seus irmãos jogarem um trem em mim se eu viesse. Mas isso foi antes. As coisas são diferentes agora. Talvez antes de eu aparecer, ele e seus irmãos fizessem o que queriam com todas as garotas. Mas agora ele se importa. E quando se preocupa, Royal não divide com ninguém, nem mesmo com seus irmãos. Eu o conheço bem o suficiente para saber disso.

E ele parece chateado com isso. Ele agarra um punhado do meu cabelo, puxando minha cabeça para trás até eu gritar, meu corpo arqueando

automaticamente, meus joelhos se abrindo mais. Ele puxa minha perna para cima com a outra mão, enganchando-a em torno de seus quadris, a força de seus movimentos positivamente selvagem enquanto ele bate em mim com tanta força que sei que terei hematomas em meus quadris amanhã de onde colidimos, hematomas em minha perna de onde seus dedos fortes me mordem, esmagando meus músculos até eu gritar.

— Isso mesmo, baby, — diz ele, sua voz saindo em rajadas rápidas entre os golpes esmagadores de seus quadris. — Deixe-me ouvir você usar essa voz alta agora. Eu sei que você quer. Deixe sair. Grite por mim, Cherry Pie.

— Eu te odeio pra caralho, — eu rosno.

— Eu te odeio mais.

— Estou tão perto, — eu digo através de respirações ofegantes, minhas unhas arranhando suas costas.

— Grite e eu vou gozar tão profundamente dentro de você que mudará a porra do seu DNA, — ele rosna.

Eu jogo minha cabeça para trás e deixo ir, me permito gritar toda a fúria, prazer e frustração até que tudo o que sinto é alívio com a sensação de nossos corpos se unindo, mesmo que ainda estejamos em guerra com nossos corações. Royal solta um gemido gutural, seu pau latejando grosso dentro de mim enquanto ele trava seus quadris nos meus, me forçando a tomar cada centímetro dele, cada gota de seu sêmen enquanto ele flui para dentro de mim em uma onda de calor úmido.

— Jesus, porra, Cristo, — ele murmura em meu pescoço. — Se eu gozasse com mais força, teria um derrame e morreria dentro de você.

Eu empurro seu ombro. — Deixe-me por cima. Eu não gozei ainda. E é melhor você ficar duro enquanto eu faço.

Ele nos rola, deslizando suas grandes mãos pelas minhas coxas e me ajudando a encontrar meu ritmo. Seus olhos estão tão cheios, cheios de calor escuro, que quase me devora. Jogo minha cabeça para trás, montando-o enquanto ele segura meu quadril com uma mão e desliza a outra pela frente do meu corpo. Ele envolve seus dedos em volta da minha garganta, seu toque áspero, mas não violento. Seu aperto em meu quadril é punitivo, mas sua mão

em minha garganta é autoritária, mas quase terna. O contraste me faz desmoronar.

Minhas paredes se apertam em torno dele, o orgasmo me agarrando da cabeça aos pés, me fazendo empurrar em cima dele incontrolavelmente, meu corpo assumindo o controle. Eu sei o que ele quer dizer sobre acariciar. Antes dele, eu não sabia que era possível gozar com tanta força. Quando o clímax me libera, eu caio sobre ele, deslizando minhas palmas para cima em seus antebraços para segurar suas mãos do jeito que ele fez com as minhas, com meus pequenos dedos entrelaçados entre seus dedos longos e fortes.

— Puta merda, eu poderia ver você cavalgando em mim até o dia da minha morte e nunca me cansar disso, — ele murmura em meu cabelo, beijando o topo da minha cabeça.

Prendo a respiração por um minuto antes de me sentar e pressionar suas mãos no assento. — Acho que foram mais de dez, — digo com um sorriso malicioso.

— O que? — Ele pergunta, olhando para mim na escuridão.

— Eu prendi você, — eu digo. — Durante dez *minutos*.

— Merda de cobra, — ele diz, me empurrando para longe dele.

Pego minha calça jeans e deslizo sobre o console para o banco da frente, colocando alguma distância entre nós antes de vestir minhas roupas. — Eu disse a você que não tinha acabado de lutar, — eu digo. — Eu não desisto, Royal. Não está no meu sangue.

— Você nunca será um Swan, — diz ele, puxando a calça jeans para cima e saindo da caminhonete. — Os Swan têm classe.

Ele bate à porta e vai embora, mas estou sorrindo quando viro a chave. Concluí o primeiro desafio. Quer ele queira admitir ou não, eu admiti. Talvez eu tivesse que usar alguns truques diferentes dos caras que ele costumava iniciar, mas ainda assim fiz. E vou continuar passando em todos os testes até que ele não tenha escolha a não ser me deixar entrar. Se o Sr. D pensa que é aí que estão os segredos, então ele deveria estar feliz o suficiente com o meu progresso para me deixar manter minha bolsa durante qualquer período de trote que a

sociedade tenha. Agora só tenho que descobrir qual é o próximo desafio e espero sobreviver a ele.

12

Royal Dolce

— Essa é a nova garota Darling, hein? — King diz, não parecendo muito interessado no assunto. Por que ele estaria? Ele não mora por aqui. Para ele, a briga com os Darlings acabou há muito tempo. Ele ajudou papai a se vingar de todos os Darlings que o enganaram e nos ajudou a nos vingar daqueles que prejudicaram Crystal. King não via muito sentido em ir além disso. Em sua mente, a única razão para ferir a família de um homem é ferir o homem. Mas nem todo mundo pode ser a porra de um santo.

— Sim, é ela, — eu digo. — Tem algo a dizer sobre isso?

— Ela não é tão divertida quanto Mabel, — diz Duke, recostando-se em uma poltrona e distraidamente jogando uma bola de futebol para o alto antes de pegá-la. Papai foi para o escritório e Eliza está tirando uma soneca porque, aparentemente, a gravidez a faz dormir quatorze horas por dia, então somos só nós por alguns minutos. Mas o conforto entre nós morreu no ano em que Crystal morreu. Desde então, há uma cautela. Existem segredos e portas fechadas e raiva, culpa que nunca é dita, mas fica em seus olhos como uma gota d'água ficando cada vez mais pesada, até que finalmente cai. Apenas King nunca deixa cair. Ele é a porra de uma fortaleza de controle.

— Principalmente porque Royal não deixa a gente se divertir com ela, — diz Baron, desembulhando uma daquelas chupetas Dolce Sweets que ele não consegue parar de colocar na boca. — Quando ele terminar, porém... Então a diversão realmente começa.

Eu me irrita com a ideia deles fodendo com Harper, mesmo sabendo que é inevitável. Quando eu terminar, porém, não vou me importar. Eles podem acabar com ela. Só não sei quando isso vai acontecer, quando vou parar de me importar, quando vou parar de sentir naqueles momentos de fraqueza que ela é a única coisa que me dá vida, me traz de volta, me mantém respirando.

— Sabe, você não precisa continuar atrás deles, — King diz, dirigindo-se a mim, embora eu não tenha falado.

Eu dou de ombros. — Não é para o papai. É para nós.

— Ok, — diz ele, mas ele não parece convencido. — Mas você também não precisa fazer isso.

— Agora o cara da *família* está pregando o perdão? — Eu pergunto.

— As famílias perdoam quando é necessário, — diz ele, nivelando-me com um olhar frio. King é o mesmo, mas diferente. Ele ainda é nosso irmão, ainda tenta cuidar de nós quando estamos por perto. Mas ele não mora aqui, e é diferente para nós três do que para ele. Também somos diferentes. Mais forte, como ele é. Podemos não estar atirando em pessoas para nosso tio-avô, mas temos nossos próprios problemas. E ele não faz parte disso.

— Nunca é necessário perdoar um Darling, — eu digo.

Ele dá de ombros. — Ok, Royal. Mas mudar de ideia não o torna menos homem, se for o caso.

Eu sei o que ele está tentando fazer. Para me dizer que não há problema em gostar dela, que não há problema em parar agora, em deixar a dívida dela ser paga pelo que já fizemos. Mas ele não sabe merda nenhuma. Ele não mora nesta cidade, e nós somos as únicas pessoas com quem ele fala por aqui. Então, como ele poderia começar a saber o que fizemos com ela e se foi o suficiente?

— Não vai dar em nada, — eu rosno. — Eu não me importo se ela nunca ouviu o nome Darling, se ela não sabe quem ela é.

— Isso torna tudo ainda mais divertido, — diz Duke, rindo. — Ela literalmente não tem ideia de porque estamos mirando nela. Otária.

King balança a cabeça e se vira para mim. — Isso está ajudando você a seguir em frente?

Ir em frente. Quando ele se tornou um fodido terapeuta?

Oh, certo. Ele sempre foi assim, nosso conselho e segurança. Isso acabou agora. Ele precisa dar o fora do nosso negócio. Ele acha que ainda pode ajudar, sempre perguntando o que está acontecendo conosco. Mas eu fechei essa porta. A família que vem em primeiro lugar para ele não é mais a família Dolce. É a família Valenti. Ele pode pescar informações no blog da Dixie como todo mundo, se precisar de fofoca. Eu não estou dizendo a ele merda nenhuma.

Ainda assim, paro por um segundo para pensar sobre o que ele está propondo. Deixei-me imaginar o cenário em todo o seu ridículo, o que aconteceria se eu não me importasse que os Darling destruíssem minha família e minha mente. Imagino a vida em Willow Heights: andando por aí segurando a mão dela como um namorado, decidindo que faculdade frequentar onde posso jogar futebol e ela pode estudar psicologia. Trazê-la para casa sem que papai piscasse. Levando-a a todos os lugares onde ela nunca esteve, Florença e Fiji, Nova Zelândia e Nova York. Apresentá-la a mamãe e observar o horror e o choque no rosto de minha mãe — a mais inestimável de todas as fantasias.

Mas isso é tudo que sempre será. Uma fantasia. A vingança é o ímã que me mantém unido, todas as minhas peças forjadas em aço e agarradas a esse único objetivo porque é a única coisa que me impede de desmoronar em um milhão de pedaços inúteis do garoto que costumava ser. E a família dela é quem me esquartejou, arquivando minhas bordas até que não restasse mais nada reconhecível de mim, até que a única coisa que eu tinha para segurar era o ímã, a força do meu ódio que me mantém vivo.

Ela não é a razão que bombeia sangue em minhas veias. Destruí-la é a razão.

Eu olho para King. — Ela tem o sangue deles. Ela é uma inimiga.

Ele não entende. Ele não sabe mais sobre nossas vidas. É assim que funciona. Darlings devem pagar. Não vou ficar mole como papai e começar a chupar o pau deles porque o perdão é *necessário* para os negócios. Daqui a pouco estaremos todos juntos na cama.

Porra. Isto. Não acabou até que não haja uma gota de sangue de Darling envenenando Faulkner. Se não quiserem pagar, podem sair desta cidade como os babacas da porta ao lado. Quando perderam o filho, correram chorando para algum outro estado para recomeçar e lambar as feridas. Nós ficamos. Somos mais fortes do que isso. Mais forte do que qualquer Darling. Eles podem ser espertos e correr como covardes, ou podem ser idiotas e nos enfrentar, cantando sobre sua bravura enquanto os derrubamos no chão e enterramos seus cadáveres. Essas são as escolhas.

King não discute, mas me lança aquele olhar que me faz me arrepender de ter contado a ele tudo o que aconteceu na semana em que fui sequestrado. Ele e papai são os únicos que sabem de tudo — além dos que o fizeram. Na época,

parecia a coisa certa, contar para alguém. As pessoas sempre dizem essa merda, e devo ter absorvido um pouco disso enquanto crescia. Mas gostaria de nunca ter contado a ninguém. Eles não podiam fazer nada sobre isso, assim como eu não podia. Já era tarde demais.

E agora, toda vez que olho para o rosto dele, sei que ele sabe. Eu sei que ele tem pena de mim. Isso é quase pior do que papai faz, usando isso contra mim, segurando na minha cabeça se eu mandá-lo ir se foder muitas vezes. Não preciso da preocupação de King ou de sua intromissão. Eu estou bem. Estou me vingando, um bastardo do Darling de cada vez. Quando acabar, irei embora sabendo que expurguei esta cidade desse nome como um deus vingativo massacrando pecadores.

— Quanto tempo você vai ficar? — Eu pergunto ao King. Eu costumava apreciar seu olhar atento, a margem de manobra que ele me dava. Quando ele era o mais velho da casa, a pressão estava sobre ele. Eu poderia foder. Quando me tornei o mais velho, tentei. Pelo menos, acho que sim. Mas a essa altura, eu já havia destruído essa família, matado minha irmã gêmea, demolido a imagem Dolce. Agora, eu fodo quase intencionalmente. Não adianta tentar aguentar o peso dessa família. Já esmagou a todos nós. Eu também posso me deleitar com a destruição com os gêmeos.

Eu sei que King só quer torná-lo melhor, mergulhar como um herói, porque é isso que ele faz. Mas a dinâmica mudou no ano e meio desde que ele se mudou. Ele não pode mais nos salvar. Nada pode. Então eu o excluo e não digo nada a ele, mesmo que ele se intrometa e tente me fazer falar com ele, para deixá-lo saber o que está acontecendo conosco.

— Há uma festa de Ano Novo na quinta-feira, — diz Duke, virando-se de lado na cadeira e pendurando-se no braço para poder jogar a bola mais alto, em direção ao teto abobadado. — Acha que pode se livrar do dever de papai por tempo suficiente para sair?

— Vai ser como nos velhos tempos, — diz Baron, abrindo um sorriso e pegando a bola de futebol no ar antes de jogá-la do outro lado da sala para King. — Quando foi a última vez que nós quatro estivemos juntos em uma festa? A cidade não saberá o que os atingiu.

— Ele não quer vir para uma festa do colégio, — eu digo, franzindo a testa para os gêmeos. King é um adulto agora, com uma esposa e um filho a

caminho e um trabalho que deve nos fazer parecer umas vadias mesquinhas. E os gêmeos não precisam contar todos os nossos negócios para ele. Ele já tem muito com que se preocupar.

— Eu irei, — diz King calmamente, com os olhos fixos em mim.

— Nós não precisamos de você nos observando, — eu estalo. — Estamos cuidando de nós mesmos desde o ano passado e não precisamos que você venha aqui e tente nos controlar.

Ele me encara, o bastardo nunca perdendo a calma. — Eu vou ser *pai*, Royal. Eu não sou *papai*. Que porra de idade você acha que eu tenho? Eu não posso nem beber legalmente.

— Vamos sair à meia-noite, — eu o aviso.

— É no Hockington, — diz Baron. — Você pode conseguir um quarto lá com Eliza, se quiser.

O músculo na mandíbula de King se contrai, e eu desvio o olhar antes que ele possa fazer contato visual. Ele não conhece todos os meus segredos e não quero que meu rosto revele nada. O bastardo ainda pode me ler muito bem. É por isso que ele falou sobre Harper. Ele me viu com ela por um minuto inteiro e percebeu que ela tinha a minha cabeça virada para todos os lados.

Pelo menos, é melhor que seja tudo o que ele sabe. Se ele estava falando com meus irmãos ou meu pai sobre ela, eu vou matá-los. E não há como ele saber sobre ela de outra forma. Nem sabíamos que ela existia quando ele morava aqui.

— Vamos voltar aqui depois da festa, — ele diz, parecendo legal e merda, como sempre faz. Como se ele não tivesse as mesmas lembranças daquele lugar que eu. Ele não vai passar a noite com Eliza lá mais do que eu conseguiria um quarto para mim e Harper.

Eu nem a convido. Eu não preciso dela ou de King entrando no meu negócio, aprendendo algo um sobre o outro. Não preciso do meu irmão me dando sermões sobre como tratar a bunda dela, como se ela fosse alguém por quem valesse a pena se esforçar, ou ela se intrometendo na minha família como se estivesse procurando o alfinete na granada. O alfinete já foi puxado, jogado no rio e lavado, para nunca mais ser recuperado.

A festa tá chata pra caralho, como sempre. Pego uma cerveja e fico com meus irmãos, mas não estou prestes a ficar bêbado em público, para fazer papel de bobo como Duke. Cotton me informa que há uma sala de coque no andar de cima, mas não estou interessado. Fico pensando em como toda essa charada é ridícula, como é cansativa. Eu poderia estar em casa. Eu poderia estar fodendo Harper e derramando minhas entranhas para ela como se ela fosse uma estranha em um bar, do jeito que eu sempre faço.

Depois que contei a ela a primeira coisa sobre Crystal, foi um alívio. Eu pensei que era isso, que eu tinha conseguido dizer o nome dela em voz alta sem ser visto como um monstro que assassinou sua irmã gêmea ou um menino lamentável e quebrado que precisava ser sufocado e tratado como algo frágil. Todos a conheciam e viram a desgraça de nossa família explodir, ou ouviram sobre isso e pensaram que poderiam me consertar, me resgatar de algum mar de tormento imaginário.

Exceto Harper. Harper me ouviu falar sobre minha irmã morta como se ela fosse real, mas normal, como se o que aconteceu não fosse nada de especial. Então continuei falando, esperando que ela fosse como todo mundo, me lançasse olhares de pena e intenção predatória, ficasse chocada com o que aconteceu, começasse a usar luvas de pelica para lidar comigo. Quando ela não o fez, contei-lhe mais. E quanto mais eu falava, mais eu tinha a dizer.

Às vezes, ela faz perguntas ou comentários, mas quando fala sobre Crystal, ela é blasé, quase insensível. Ela não finge que não estou fodido da cabeça ou dá desculpas porque sou assim ou o que fiz por causa disso. Ela me chama nas minhas merdas e não me deixa escapar quando eu estrago tudo. E embora todas essas coisas me irritem, parte de mim anseia por isso, precisa de mais, do jeito que você lambe um dente solto, mesmo que isso cause dor na raiz.

— Aí vem o problema, — diz Baron, batendo no meu ombro com o dele.
— Quer que eu a tire de suas mãos?

Eu olho para cima e lá está ela, invadindo a porra da festa no último lugar que eu quero vê-la. Ela e Lo andam de braços dados, e metade dos caras no lugar se vira para olhar. Lo sorri serenamente, aproveitando a atenção. Harper examina o baseado como se estivesse tentando roubá-lo mais tarde. Eu não duvidaria dela. Ela não tem negócios neste lugar.

Eu corro até elas, ignorando os sussurros inevitáveis que me seguem aonde quer que eu vá. Eu quero cronometrar cada pessoa aqui, bater suas cabeças para trás para que parem de olhar. Eu não posso fazer isso, então eu atinjo Lo. No último segundo eu domino, fazendo minha voz soar fria como King, em vez de enfurecê-la do jeito que eu quero.

— Estou surpreso em ver *você* aqui, — digo a Gloria.

— Eu poderia dizer o mesmo para você, — diz ela levemente.

Eu ignoro Harper, nem mesmo olhando para ela enquanto falo com Lo.
— Vamos sair à meia-noite.

— Bem, observado, — diz ela, revirando os olhos. — Quem fica em uma festa de Réveillon depois disso?

Eu sairia pela porta agora mesmo se não tivesse negócios de merda para cuidar com os gêmeos mais tarde.

— O que você está realmente fazendo aqui? — Eu pergunto.

Lo está usando um vestidinho, mas Harper está de jeans preto, salto alto e um top brilhante. Ela está com o rosto cheio de maquiagem, provavelmente Lo tenha feito. Eu odeio cada coisa sobre isso - as roupas que fazem os caras olharem para ela mais do que já fazem; a maquiagem que a faz parecer que está tentando ser algo que não é, como se estivesse tentando impressionar alguém sendo falsa em vez de não dar a mínima e ser real, como ela faz comigo; o fato de ela estar aqui.

— Estamos aqui procurando alguns garotos para beijar à meia-noite, — Harper diz, seus lábios vermelhos puxando em um sorriso. — Conhece alguém que pode estar querendo ter sorte?

Eu arqueio uma sobrancelha e não mordo a isca. — Se você quer que eu coloque alguém no hospital, tudo que você precisa fazer é pedir, querida.

Isso apaga o sorriso do rosto dela. Bom. Ela precisa se lembrar do que é isso.

Na verdade, sou eu quem corre o risco de esquecer.

— Quem é *esse*? — pergunta Gloria, boquiaberta por cima do meu ombro.
— Acho que meus sonhos se tornaram realidade. É outra versão de você que pode não ser tão idiota.

— Ele é casado, — eu digo categoricamente.

— Oh meu Deus, eu tenho que conhecê-lo, — diz ela, agarrando o braço de Harper novamente. — O irmão misterioso em Nova York. Vamos.

Harper me lança um olhar desafiador, como se ela estivesse me desafiando a detê-las. Ela quer que eu a reivindique novamente, para mostrar a ela que me importo. Porra, não está acontecendo. Ela pode ir foder meu irmão se é isso que ela quer. Eu fecho minhas mãos em punhos para não estender a mão e impedi-las enquanto elas se afastam. Não sei por que me irrita tanto pensar nelas conversando com King. Todos eles sabem muito sobre mim, cada um deles segurando cartas diferentes que mostrei, e não preciso dessa merda reunida em um só lugar.

Quando me viro, tendo mudado de ideia, Harper está bem na minha frente. Eu não quero nem pensar em como meu peito se abre quando vejo que ela não está procurando por sujeira do meu irmão. Eu olho para ele e depois de volta para ela. — Eu pensei que você estava molhada para o meu irmão, — eu digo.

Ela me dá uma olhada. — Não me molho por quem não trabalha para isso.

— O que você está fazendo aqui?

— Sou amiga da Lo, — diz ela, dando de ombros e desviando o olhar, obviamente mentindo.

Eu sorrio para ela, chegando mais perto e deixando minhas mãos descansarem em sua cintura fina, a parte dela que parece delicada, como se eu pudesse quebrá-la em duas. — Mentirosa, — eu digo, inclinando-me e roçando meus lábios contra sua orelha. — Você está aqui esperando que eu bata nessa boceta novamente esta noite.

— Talvez, — diz ela, sorrindo maliciosamente para mim com aqueles lábios vermelhos. — Vamos dançar.

— Dança? — Eu pergunto, quase rindo do ridículo. Tem uma pista de dança e muita gente dançando, mas isso é o que está mais longe da minha cena.

— Ou apenas balançar, — diz ela. — É o único lugar onde podemos estar perto assim sem que as pessoas olhem.

— Eu não danço, — eu digo. — Mas eu vou ficar aí com você.

Ela está certa, e não tenho certeza se me irrita ou me lisonjeia que ela saiba o quanto eu odeio os olhares, os sussurros, a atenção. Ela está pensando no meu nível de conforto, e isso significa que ela se importa comigo. Eu deveria querer isso. Afinal, como posso destruí-la se ela não dá a mínima para mim? Mas não há nenhuma sensação de triunfo em mim enquanto abrimos caminho para a multidão de dançarinos para nos estacionar e balançar, onde ninguém vai prestar muita atenção porque estão todos muito ocupados dançando. Não me importo de destruir a vida de Harper, seu futuro, sua mente. Mas o pensamento de machucá-la dessa maneira revira meu estômago.

— Você está bem? — ela pergunta, deslizando as mãos em volta do meu pescoço. Ela é tão curta que seus braços mal alcançam a altura. Eu a seguro pela cintura, minhas mãos na parte inferior de suas costas, embalando seu pequeno corpo enquanto ele se arqueia contra o meu.

— Tudo bem, — eu digo.

— Você quer ir para o rio mais tarde? — ela pergunta, seus olhos azuis cheios de perguntas, mas ainda cautelosos enquanto procuram os meus. — Eu sei que é uma noite difícil para você, então se você não quiser, e você quiser vandalizar um trem, ou destruir merda, ou o que quer que seja, eu estou pronta para isso. Se você quer que eu esteja lá, eu estarei lá.

Se eu fosse o tipo de idiota que chora, eu faria isso nesta noite mais do que em qualquer outra. Mas nunca fui, e não vou começar agora. Eu não estou sentado em casa como uma cadela chorando ou comendo sorvete e chafurdando como Crystal costumava fazer. A vida continua.

— Você sabe o que significa hoje à noite? — Eu pergunto, mas é claro que ela sabe. Todo mundo sabe disso. Essa é a verdadeira razão dela estar aqui. Não sei se estou mais chateado com Glória por trazê-la ou com ela por querer estar aqui comigo em um dia em que ela acha que estarei vulnerável.

Seus dedos provocam o cabelo na parte de trás do meu pescoço. — Sim, — ela diz, mas sua voz é abafada pela música, e eu apenas leio seus lábios vermelhos. Eu me inclino mais perto, puxando-a para dentro, desejando poder estar dentro dela agora, sem pensar em nada além do calor úmido de sua boceta e como tenho que me segurar para não gozar no segundo em que a ouço impotente ofegando meu nome.

Ela roça os lábios na minha orelha, deixando-me ainda mais duro. — Ou se você quiser fazer merda com seus irmãos, eu serei sua motorista de fuga ou irei embora. O que você quiser, estou disposta, Royal. Para hoje à noite.

— Qualquer coisa que eu queira? — Eu pergunto, levantando minhas sobrancelhas. — Essa é uma grande promessa, Jailbird,

— Perder sua irmã é uma dor muito grande para esquecer.

— E se eu quiser ver meus irmãos atropelarem você? — Eu digo, então adiciono lentamente, — Todos os três.

Ela engole, seus olhos azuis procurando novamente, como se pudesse encontrar as respostas em meus olhos. — Isso é algo que você gosta de assistir?

Eu dou de ombros. — Às vezes.

— Isso soa como um monte de pau, — diz ela. — E seu irmão mais velho é um pouco assustador, sem ofensa. Mas se você realmente quisesse e me dissesse que isso ajudaria você a esquecer... quero dizer, os gêmeos são gostosos e eu nunca estive com dois caras ao mesmo tempo.

Suas palavras me fazem querer virar sua cabeça até que seu pescoço estale, mas eu não reajo. Eu sei pelo sorriso em seus lábios que ela está apenas fodendo comigo, tentando me incitar do jeito que ela faz. — E se eu quisesse foder Gloria na sua frente? — Eu pergunto, dando-lhe um gostinho de seu próprio remédio. — Você assistiria?

— Isso seria... difícil, — ela admite. — É isso que você quer? E tudo o que você quer vai ser sexual?

— É uma boa maneira de esquecer.

Ela torce os lábios para um lado e dá de ombros. — Não posso negar isso.

— Você me assistiria transar com Gloria?

— Eu não iria gostar disso, — diz ela. — Mas se você queria que eu participasse...

— Você faria um trio comigo e Lo?

— Cara, Lo é legal pra caralho e obviamente gostosa, — diz ela. — Por que eu não iria?

— Você já fez isso antes?

Ela encolhe os ombros novamente. — Você não?

Minhas mãos apertam sua cinturinha, tão pequena que meus dedos quase envolvem todo o seu corpo. Agora há mais alguns pescoços que eu gostaria de quebrar. — Com quem você fez sexo a três?

— Precisamos ter outra conversa sobre padrões duplos?

— Quem? — Eu pressiono, apertando-a com mais força.

Suas pálpebras estremecem, e eu sei que a estou machucando, mas ela não deixa transparecer. Ela suspira como se fosse um fardo revisitar o que provavelmente foi a melhor noite de sua vida. — Eu disse a você que tinha uma namorada que estava mais interessada em caras pensando que ela era gostosa do que realmente estar com uma garota.

— E o outro corpo que preciso me livrar da próxima vez que o rio transbordar?

Ela me nivela com um olhar. — Você conhece todas as três pessoas com quem fiz sexo.

Maldito Maverick.

Meu sangue é feito de raiva pura e incineradora.

— Royal, — diz ela, sua mão macia descansando na minha bochecha do jeito que ela faz quando estamos fodendo, trazendo meu rosto para ela, atraindo meu olhar para o dela. — Isso não é algo que estou procurando, ok? Eu realmente não estava procurando por isso. Estávamos entediados e jovens e não nos importávamos um com o outro ou com qualquer outra pessoa, então

por que não? Eu não esperaria que você quisesse isso, e eu não iria querer. Confie em mim, você é mais do que suficiente.

— Por que você não iria querer? — Eu pergunto. — Você gosta de garotas.

— Eu também gosto de pau, — diz ela, ficando na ponta dos pés e se inclinando para mim, pressionando seu corpinho apertado contra o meu. — Um, em particular.

Eu a beijo longa e lentamente por um minuto, segurando-a contra mim como se seu pequeno pecado de corpo pudesse me ancorar em qualquer coisa. Quando me afasto, sorrio para ela. — Então, você se preocupa comigo.

— Eu não disse isso. — Ela tenta se afastar, mas eu a seguro com mais força, não deixando que ela se contorça e erga suas paredes do jeito que ela faz.

— Eu acho que você se importa, — eu contesto.

— Pode ser. — Há um desafio em sua voz, na maneira como seus olhos brilham quando ela está agindo de maneira dura. — Você é homem o suficiente para admitir isso também?

— Homem o suficiente para admitir isso, — eu digo. — Mas não tolo o suficiente para se importar.

De repente, a música para e todos estão contando ao nosso redor. A última hora passou como um momento, o segundo em que você acorda e não lembra quem você é, o que você fez para se tornar aquela pessoa, o que você daria para mudar tudo.

Eu aperto meus quadris contra os de Harper para que ela possa sentir o que me importa, o que vou admitir. — Não haverá sexo a três quando você estiver comigo, — eu rosno em seu ouvido. — Ninguém toca em você além de mim. Entendeu?

Ela se submete ao meu aperto, deixando-me incliná-la para trás, embalando sua parte inferior das costas em minhas mãos novamente. — Entendi, — diz ela, sorrindo para mim. — Feliz Ano Novo.

Nós nos beijamos, e todos se beijam, e por mais um momento, não preciso me lembrar que há dois anos, nesta noite, matei minha irmã.

Harper Apple

— Vamos, — diz Baron, sua mão caindo no ombro de Royal. — É hora de ir. — Ele me dá um sorriso tenso, algo próximo ao arrependimento em seus olhos.

Royal fica tenso, quebrando nosso beijo. E embora seu rosto não mostre nada, eu o estudei nos últimos quatro meses. Aprendi a lê-lo um pouco, o suficiente para saber que ele não quer ir. Está na forma como ele se enrijece, quase irritado, com a interrupção. É na forma relutante como ele tira as mãos do meu corpo e dá um passo para trás.

— Vejo você por aí, Jailbird, — diz Baron. — Fique longe de problemas.

Glória aparece ao meu lado, enlaçando seu braço no meu. — Ah, mas estamos planejando ter muitos problemas esta noite, — ela diz, piscando para os meninos. — Não estamos, Harper?

— Onde você está indo? — Eu pergunto.

— Em algum lugar que você não é convidada, — Royal diz categoricamente. — E deixar o resto da minha família em paz.

Duke aparece do outro lado, já cambaleando. Um lampejo de irritação cruza o rosto de Royal, mas ele aponta o queixo para os gêmeos. — Vamos lá.

Sem uma palavra de adeus, ele se vira e sai. Os gêmeos seguem, Duke tropeçando bêbado ao lado de Baron.

— Que porra foi essa? — Eu pergunto.

— Ah, você sabe, — diz Gloria. — Rapazes serão rapazes.

— Eles estão indo para uma reunião do Midnight Swans, não estão? — Eu pergunto, lembrando da introdução do Sr. D. Ele disse que eles se encontram à meia-noite uma vez por semana. Que noite melhor do que a de Ano Novo?

— Você tem que deixá-los ter suas próprias vidas também, — diz Gloria.
— Você não iria querer Royal todo envolvido em sua vida sete dias por semana.

Royal deixou bem claro que tem o direito de se intrometer na minha vida sempre que quiser. É verdade que ele me deixa ter os sábados e eu deixo os domingos para ele, mas não há acordo além disso.

— Vamos segui-los, — eu digo, agarrando a mão de Lo e arrastando-a para a porta. — Vamos!

— Você é louca? — ela pergunta, cravando os calcanhares.

— Absolutamente, — eu digo. — Você tem seu carro aqui. É a chance perfeita de acompanhá-los e obter informações sobre uma das reuniões.

— Harper, eles não nos querem lá.

— Claro que eles não nos querem lá, — eu digo. — É por isso que os estamos seguindo. Eles nunca me quiseram em qualquer lugar. Eu com certeza não cheguei aonde estou deixando-os sozinhos quando eles me mandaram.

— Harper, — ela diz com firmeza, agarrando meu pulso e finalmente parando na porta do elegante salão de baile onde o hotel está dando uma festa para o que parece ser cada pessoa rica da cidade. — Escute a si mesmo. Você está indo para o fundo do poço. Não é assim que você se *relaciona*.

— E você sabe como se relacionar? — Eu pergunto. — Você está perseguindo um cara que não gosta de você há dois anos.

— Eu não estou perseguindo Royal, — diz ela. — E se eu estivesse, com certeza não seria uma cadela desesperada e agressiva que não sabe quando deixar tudo em paz.

— É por isso que você o deixa te trazer aqui todo domingo para transar? — Eu pergunto. — Por que você *não é* uma vadia desesperada?

— Você precisa se acalmar, — diz ela. — Deixe que ele queira você. Persegui-la. Pare de se jogar em cima dele.

— Eu não estou me jogando em cima dele, — eu digo, magoada. Eu recuo, olhando para essa garota que é minha amiga há um mês. Fiquei tão envolvida em descobrir sobre Royal que quase esqueci que ela é amiga dele

primeiro. Que ela não é como eu, ela não sabe por que estou tão desesperada por informações sobre os Swans.

— Está tudo bem para ele ter sua própria vida, — diz ela. — Ele está com seus irmãos. Ele não está com outra garota e não vai se matar. Isso não é o suficiente?

Não. Não é o suficiente. Porque se eu não conseguir essa informação, não voltarei a Willow Heights com eles. E não sou ingênua o suficiente para pensar que Royal ainda vai falar comigo, ainda quer ter algo a ver comigo. Quando eu voltar para o FHS, ele encontrará outra garota Dolce, e eu serei apenas mais um ponto em seu cinto. Ele vai deixar esta cidade quando se formar em cinco meses, e provavelmente nunca mais vou embora. Não se eu voltar para Faulkner.

Eu poderia sobreviver perdendo Royal. Mas não posso viver perdendo minha bolsa de estudos.

— Eu não me importo se ele está chateado, — eu digo. — Eu preciso saber.

— Por quê?

— Isso não te incomoda? — Eu pergunto. — Ser deixada de fora o tempo todo? Ser excluída de sua sociedade secreta só porque você é uma garota?

— Claro que me incomoda, — diz ela. — Você sabe quantas portas se abrem para Dawson e depois fecham na minha cara?

Eu nem pensei nisso. Seu irmão é um Swans. Claro que ele é. Ele é um dos três melhores amigos dos meninos Dolce.

— Então você sabe o quanto é uma droga, — eu digo baixinho.

Gloria afofa seu cabelo loiro, que ela enrolou em grandes cachos soltos, e encolhe os ombros como se nada pudesse afetá-la. — Estou acostumada com isso. Se eu perder o controle toda vez que for ofendida, não terei tempo para viver minha própria vida. Eu sei quando escolher minhas batalhas. Talvez seja algo que você deva aprender também.

Esta é a porra da minha batalha. Eu sei que é tarde demais, porém, que eles já se foram. Parte de mim se pergunta se Royal armou Gloria para isso, se

toda a razão pela qual ela me convidou para esta festa foi para que ele soubesse que eu estava ocupada enquanto ele saía para sua reunião. Mas isso é ridículo.

Não é?

Eu fiz um grande alarde sobre isso quando ele não me deixou entrar. Concluí o primeiro desafio. Talvez seja apenas outra linha de questionamento que ele interrompeu quando tentei me intrometer em sua vida, mas talvez seja mais. Talvez esta seja uma das iniciações - estar lá à meia-noite no Ano Novo.

Ou talvez Gloria esteja certa, e eu estou sendo pegajosa e louca pra caralho, e preciso aceitar a derrota e deixar isso para lá. Não é meu ponto forte, com certeza. Mas esta não é a primeira vez que alguém me diz para relaxar. Lembro-me de Colt dizendo algo nesse sentido quando estávamos trancados na lixeira no primeiro mês de escola - que eu não podia atacar tudo com força bruta. Algumas coisas exigem sutileza.

E entrar no Swans é provavelmente uma dessas coisas.

Gloria desliza a mão na minha e me oferece um sorriso malicioso. — Vamos, vamos tomar uma bebida e nos divertir tanto que Royal vai *desejar* ter ficado. Inferno, se eu tiver mais alguns, posso até ficar com você.

Eu dou um sorriso tímido e deixo ela me rebocar de volta para o open bar. Mesas compridas cheias de petiscos chiques se alinham em duas das paredes, e eu tenho que resistir a ficar boquiaberta. Eu não comi, como estive com Royal desde que entramos há uma hora. Pego um prato e encho enquanto Gloria pega as bebidas. Festas de gente rica são estranhas. Os hors d'oeuvres² provavelmente custam cinco vezes mais do que o bife com batatas, mas são cinco vezes menos satisfatórios. Eu só quero sentar em uma mesa e engolir algo sólido até que eu esteja cheia. Em vez disso, ficamos paradas como cegonhas, mordiscando nossa comida e bebendo o champanhe, fingindo que não estamos olhando para a mesa por segundos como todo mundo.

— Veja, isso é muito mais saudável, — diz Gloria. — Coma seus sentimentos e resista ao desejo de perseguir seu namorado.

² Um hors d'oeuvre, aperitivo ou entrada é um pequeno prato servido antes de uma refeição na cozinha europeia. Alguns hors d'oeuvres são servidos frios, outros quentes. Hors d'oeuvres podem ser servidos na mesa de jantar como parte da refeição, ou podem ser servidos antes de se sentar, como em uma recepção ou coquetel.

Eu forço uma risada, mas nem mesmo a comida está me distraíndo o suficiente. Não posso deixar de sentir que estou perdendo minha última chance de ficar em Willow Heights. Preciso descer lá, no covil dos Swans. Talvez Gloria não queira ser cúmplice, mas isso não significa que eu não possa ir sozinha. Eu estive sozinha a minha vida toda. Um mês tendo uma amiga não significa que sou dependente dela.

— Eu vou falar com King, — eu digo depois de um tempo. Ele está parado entre o bar e as mesas, olhando exatamente como Royal faz no café da escola.

O domínio de seu poder sobre os outros deve ocorrer na família.

— Você quer dizer a única pessoa com quem Royal disse para você não falar? — Gloria pergunta, revirando os olhos. — Você realmente não pode se ajudar, não é?

— Nem mesmo tentando, — eu admito. Eu vou deixando Gloria com algumas outras meninas da escola. King está com alguns homens, um dos quais reconheço como o pai de DeShaun. Os olhos de King se fixam em mim quando me aproximo, e ele diz algo a seus companheiros. Eles olham para mim antes de apertar sua mão e se dispersar. Se eu não me sentia constrangida ao me aproximar de um estranho poderoso, eu me sinto agora. Não perco o modo como as cabeças se voltam quando faço meu caminho em direção a King. Atenção não é o meu forte, e tenho que me forçar a manter a cabeça erguida e agir como se isso não importasse.

— Ei — digo, parando ao lado dele. Em meu estado de raiva, posso ter bebido muitas taças de champanhe, mas agarro a outra em minha mão como uma tábua de salvação.

— Harper, — diz ele. — Contento por te ver aqui. Não tivemos a chance de conversar muito antes.

— Você quer dizer quando você me deu uma advertência sobre mexer com Royal?

— Sim, — diz ele, dando-me um olhar frio. — Isso é quando passou.

— Achei que você estaria na reunião dos Swans com eles, — eu digo, decidindo jogar o ângulo que eu já sei mais do que sei. — Uma vez Swans, sempre Swans, certo?

Ele bufa um pouco pelo nariz, oferecendo-me um sorriso arrogante. — O que você sabe sobre os Swans?

Eu dou de ombros e sorrio de volta. — O suficiente.

Ele estreita os olhos, me estudando de uma forma que é um pouco intensa demais para o conforto. — Você e meu irmão são próximos?

— Você poderia dizer isso, — eu digo, tomando um gole da minha bebida e lançando-lhe um olhar que o desafia a me contradizer. Eu não sei o que Royal disse a ele, então não vou mentir e chamá-lo de meu namorado ou dizer que ele me contou tudo sobre os Swans, mas há algo sobre esse cara que me deixa desconfortável.

— Quanto tempo? — King pergunta.

— Há quanto tempo estamos próximos? — Eu digo, tentando adivinhar o que Royal diria a ele. Os caras provavelmente medem pelo tempo que estamos fodendo, então eu vou com isso. — Alguns meses.

King me estuda daquele jeito enervante por mais um minuto. Eu sinto que estou na porra do julgamento aqui, como se uma resposta errada fosse me condenar e sentenciar à execução, no estilo gangland³.

— Você se importa com ele? — ele pergunta finalmente.

— Claro que me importo com ele.

Ele me observa por mais um minuto, um ponto entre as sobrancelhas, sua mandíbula trabalhando como se ele estivesse tentando decidir se deve dizer mais alguma coisa. Por fim, ele o faz. — Ele está te tratando bem?

Essa é a última coisa que eu esperava que saísse da boca dele. E é claro que não posso responder honestamente que Royal geralmente me trata como merda, a menos que estejamos sozinhos. Então ele é uma pessoa diferente,

³ Território possuído e controlado por grandes gangues de rua. Nunca se deve entrar em 'gangland', a menos que seja 'down'. Frequentemente disputado por gangues rivais.

deixando para trás seu exterior frio e cruel e se tornando a pessoa mais intensa, avassaladora e dominante que já conheci, forçando-me a me curvar à sua vontade, seja ela qual for naquele dia. Às vezes ele é egoísta e cheio de raiva, como no dia em que ele me jogou na beira da estrada e me fodeu, e outras vezes ele é vulnerável e carente, praticamente me forçando a gozar para ele até que eu fisicamente não possa fazer isso de novo, como se ele tivesse algo a provar. E às vezes ele me trata como se eu fosse o próprio ar, a única coisa de que ele precisa, a coisa mais preciosa do universo, a única pessoa com quem ele pode compartilhar sua dor, uma história de cada vez.

E embora eu saiba melhor, estou me apaixonando por ele, apesar de todas as maneiras que ele me tratou.

— Tão bem quanto estou tratando ele, — eu respondo a King finalmente.
— E você? Vocês são próximos?

— Sim, — ele diz, observando uma garota na pista de dança enquanto ela balança os quadris e sorri sedutoramente para ele. Ele franze a testa e olha para mim. — Ou, pelo menos, costumávamos ser.

Não tenho certeza do que dizer, então me contento com o genérico: — Sinto muito.

Não é como se ele precisasse da minha bunda explicando a ele que seu irmão é reservado, difícil de amar e todas essas merdas. Ele provavelmente conhece Royal cem vezes melhor do que eu, mesmo que eles não sejam mais próximos.

— Era fácil ficar de olho neles quando todos morávamos em Nova York, — diz ele. — Eu sempre soube o que eles estavam fazendo. Agora... — Ele dá de ombros e mexe os pés, me observando com o canto do olho.

— Agora você está me pedindo para fazer isso? — Eu digo, uma bobina de inquietação se contorcendo dentro de mim. Já se passaram meses desde que considere seriamente que o Sr. D era alguém que não fosse um Darling. Mas minha pergunta anterior sobre King volta para mim. E se realmente for esse cara, alguém que quer saber sobre o irmão, mas não consegue ficar de olho nele? Eles são todos ricos. Ele poderia ter oferecido minha bolsa de estudos, e ou ele não faz parte dos Swans, ou não é isso que Royal está fazendo esta noite.

Mas por que um nova-iorquino se importaria tanto com alguma sociedade secreta no Arkansas, mesmo que seus irmãos estejam nela? E se esse cara foi expulso junto com os velhos, eles devem ter começado de novo quando os Dolces conquistaram a cidade. Posso ver por que ele ficaria chateado, depois de ajudá-los a derrubar os Darlings, se eles se virassem e o chutassem para o meio-fio. Mas por que eles iriam? O que esses meninos estão fazendo que não querem que ninguém saiba, nem mesmo o próprio irmão?

O rei

O rei nas terras distantes

Nas fronteiras de seu reino

Não vê a destruição em casa,

Dentro das paredes de seu próprio castelo,

Ou ouvir os sussurros de dissidência

Enquanto a realeza dança bêbada na sagrada sala do trono

E desfiguram seu grande trono.

Harper Apple

O dia seguinte é sexta-feira e não tenho quase nada para o Sr. D. Sinto-me estranha ao enviar uma mensagem para ele, imaginando se estive ao lado dele e conversei com ele ontem à noite, se ele vai dizer algo que denuncie que ele já sabe. Eu não segui os meninos para a reunião dos Swans.

Em vez disso, ele apenas reitera que, se eu não lhe der nada até o início das aulas, minha bolsa não estará esperando. Algum outro pobre idiota tentará a façanha de conhecer os meninos Dolce e seus segredos. Eu me pergunto quantos vieram antes de mim, ou se eu sou a primeira. Então imagino Blue recebendo as mensagens, o quanto ela precisa de uma pausa como eu. Ela aceitaria num piscar de olhos, assim como eu. Qualquer um faria. Ganhei um presente e estraguei tudo.

Mas eu não passei por toda essa merda só para terminar de volta onde comecei. Se eu perder minha bolsa de estudos e voltar para Faulkner, tudo será em vão. Todo o trabalho, vendendo minha integridade uma mensagem suja de cada vez, a batalha de conhecer Royal que é como nadar contra a corrente até que eu acho que não posso dar outra braçada sem morrer... Tudo será desperdiçado.

É por isso que no domingo me estaciono no estacionamento do Hockington Hotel como a perseguidora que Royal diz que eu sou. Ele não respondeu quando perguntei se ele estava fodendo com Gloria, e ela mudou de assunto quando mencionei seus encontros. Mas essa não é minha única preocupação. Claro, gostaria de saber se ele me expôs a alguma coisa, mas meio que racionalizei como uma cadela burra que foi longe demais para admitir a verdade. Ele já fodeu com Glória, e ela não está interessada em mais ninguém, então se ela tivesse alguma doença, teria aparecido no teste dele. E ele não é meu namorado. Ele pode enfiar o pau onde quiser, desde que não arrisque minha saúde no processo.

Mas acima de tudo, estou desesperada. Preciso dos segredos de família, preciso dos esqueletos em seu armário para começar a falar. Se eu não conseguir algo no Swans antes do início das aulas, pelo menos posso conseguir algo no

Royal, algo que me dê mais uma semana com o Sr. D. Se eu conseguir um segredo suculento o suficiente para derrubar os Dolces, talvez isso me dará o resto do ano em Willow Heights. Se não, pelo menos dará ao Sr. D esperança de que eu não valho nada, que ele pode confiar em mim para me infiltrar nos Midnight Swans se eu tiver um pouco mais de tempo.

Mamãe vendeu a caminhonete e fez uma farra no Ano Novo, o que significa que tive que puxar uns pauzinhos para chegar até aqui. Eu não estava prestes a vigiar o hotel em um carro que Royal viu, então o de Blue estava fora de questão. O que me deixou gastando mais vinte do meu estoque que parece encolher em vez de crescer a cada semana, e peguei emprestado o último junker do Sr. Hertz para a tarefa.

Eu me mexo no banco, lembrando da primeira vez que tentei espionar os Dolces, quando percebi que era péssima nisso. Estou muito impaciente para ficar sentada aqui por horas enquanto nada acontece.

Mas algo vai acontecer, eu me lembro. Royal deixou bem claro que não tenho permissão para incomodá-lo aos domingos, e Dixie me disse por quê. Royal e Gloria aparecerão em algum momento.

Eles estão recebendo um carregamento de drogas e vendendo aqui? Fazendo pornô ruim? Ele a está proxenetizando?

Ou talvez eles estejam apenas fodendo, e você é estúpida pra caralho, diz uma vozinha na minha cabeça. Estou tão desesperada para acreditar que sou importante para ele que me iludi acreditando que um caso simples é algum grande esquema criminoso? Na verdade, Lo tem mais direitos sobre ele do que eu. Ela é ferozmente leal e protetora com ele. Qualquer um com um cérebro pode ver que ela o ama. Além disso, ela é sua garota Dolce original. Ela é a namorada dele há mais de um ano. Eu sou a amante.

Que direito eu tenho de vir aqui agindo como a mulher injustiçada?

Estou ficando louca de tédio por ficar tanto tempo sentada no carro, e estou tão irritada comigo mesma que estou prestes a sair quando vejo um Range Rover preto entrar no estacionamento. Luto contra a vontade de me sentar direito e ficar boquiaberta.

Bem, puta merda. Dixie estava certa.

Eu inclino o banco para trás até que mal consigo ver pela janela, esperando o carro estacionar. Royal sai do lado do motorista e Gloria desce do banco do passageiro, uma mochila no ombro. Minha mente corre pelas possibilidades. Drogas? Dinheiro? Equipamento de câmera?

Royal está vestindo calça social, camisa de botão e gravata, como se estivesse indo para a escola, mas sem o blazer. Ele parece... como Royal. Irritado, tenso e infeliz. Sua mandíbula está rígida e ele mal olha para Gloria, embora ela esteja falando e gesticulando enquanto caminham em direção ao hotel. Ela está vestindo jeans e um moletom, mas ela está totalmente maquiada e linda como sempre. Ainda mais, já que ela parece totalmente tranquila, ao contrário da escola, quando ela está sempre colocando a frente da vadia.

Eles caminham até a frente do hotel, encostando em uma das colunas antes da entrada, onde os carros podem parar e estacionar por um minuto se precisarem descarregar. Gloria se inclina contra o pilar, apoiando um pé atrás dela. Royal tira algo do bolso e acende. Ele oferece o baseado para Glória, que olha em volta, parecendo mais nervosa agora. Ela vira as costas para o estacionamento, Royal bloqueando sua visão da outra direção, para que ela possa dar algumas tragadas.

Grande coisa, a garotinha mesquinha e malvada fuma maconha. Depois de vê-la jogar no corredor comigo e depois correr na rua, estou zero por cento surpresa.

Minha antiga irritação aumenta novamente.

Então Gloria acena um pouco para Royal e entra com a mochila enquanto ele espera. Eu mastigo uma unha pendurada, meu coração batendo forte enquanto espero sua conexão aparecer. Depois de alguns minutos, ele verifica o telefone, coloca-o de volta no bolso e se vira para o fundo do estacionamento. Uma senhora bem-vestida caminha naquela direção. Ela para, para falar com ele por um minuto, e eu estou prestes a deslizar de volta para o banco, pensando que ela está apenas pedindo informações, então ela terá uma desculpa para falar com um cara que se parece com Royal. Mas então ela bate no braço dele de uma forma estranhamente sedutora, abaixando a cabeça e rindo de algo que ele está dizendo.

Ele acende o baseado de volta, levantando uma sobrancelha e estendendo para ela. Ela acena, cobrindo o coração como se estivesse escandalizada. Royal

dá um passo à frente, coloca um braço em volta das costas dela e a inclina para trás como...

Meerda.

Quando Dixie disse que namorou garotas mais velhas, pensei que ela quis dizer isso - *garotas mais velhas*. Não mulheres mais velhas. Esta senhora deve ter pelo menos o dobro da idade dele.

Royal a beija bem na boca, e eu tento não vomitar.

Não é porque ela é muito mais velha. Faça como quiser. Minha mãe tem me dito que homens adultos vão querer me foder desde antes de eu ter minha primeira menstruação. Inferno, eu me ofereci para foder o Sr. D, e dei a Behr muitos boquetes. A idade é um número.

Mas ver Royal beijar outra pessoa me dá uma reação física para a qual não estou preparada. Vê-la, em seguida, dar um passo para trás e tossir a fumaça que ele soprou em sua boca, do jeito exato que ele fez comigo quando me beijou do lado de fora de sua casa no primeiro dia em que tentei persegui-lo, me faz perder a cabeça. Estou tentada a marchar até eles e dizer a eles o que penso.

Em vez disso, deito-me no banco e aperto meus olhos fechados e me lembro de respirar, que ele não é meu e nunca fingiu ser. Se meu tolo coração esqueceu disso, isso é culpa minha, não dele.

Sento-me bem a tempo de vê-los desaparecer dentro das portas de vidro do hotel, a mão de Royal em suas costas.

Eu sento lá por um tempo, reunindo meus pensamentos. Ok, então Royal fode mulheres mais velhas. Ou talvez ela esteja vendendo maconha para ele, que diabos eu sei. De qualquer maneira, não é um grande escândalo. Um pequeno escândalo, talvez, se todos na escola soubessem como suas 'garotas mais velhas' realmente são. Mas nada que o Sr. D possa usar.

Depois de cerca de trinta minutos, relaxo o suficiente para sair do carro e entrar. Não vou aprender nada sentada no meu carro assistindo. Eu já sei disso. Eu sei que os segredos Dolce estão enterrados fundo demais para serem vistos através de uma janela ou mesmo vasculhando suas mesas. Para descer fundo, tenho que deixá-lo me puxar. Tenho que estar disposta a correr o risco, para saber que posso me afogar.

Quando entro pela porta, a primeira coisa que vejo é a mesa à minha direita. Atrás da mesa, com o cabelo preso em um coque profissional, vestindo um uniforme do hotel, está Gloria Walton.

Seu rosto fica branco como giz quando ela me vê. Estou igualmente surpresa, mas ando como se não esperasse mais nada. Eu inclino meu cotovelo no balcão e olho para ela. — Ei, Lo.

— Harper, — diz ela, engolindo em seco e procurando a sala com os olhos, como se estivesse procurando uma saída. — O-o que você está fazendo aqui?

Eu levanto uma sobrancelha. — O que *você está* fazendo aqui?

— Eu trabalho aqui. — Ela alisa as mãos sobre a camisa polo verde-escura com o logotipo do hotel no peito.

— Por quê? — Eu pergunto, estreitando meus olhos.

— Porque, — diz ela, levantando o queixo e apertando os lábios. — Fica bem nas inscrições para faculdades.

— Ou... Talvez por que você não seja exatamente quem todos pensam que você é?

— Eu sou exatamente quem todo mundo pensa que eu sou, — ela diz. — Sou Gloria Walton.

— Mas você é Gloria Walton, menina rica? Ou Gloria Walton, bolsista como eu?

Ela estende a mão por cima da mesa e agarra meu antebraço, suas longas e iridescentes unhas postiças cravando em minha pele. — Você não pode contar a ninguém, — ela sibila. — Eu estarei arruinada. E não apenas eu. Minhas irmãs. Meu irmão - bem, ele provavelmente vai ficar bem, ele é um cara. Eles sempre se recuperam. Mas você sabe o que isso faria com a minha reputação?

— Sim, — eu digo, tirando a mão dela do meu braço e nivelando-a com meu olhar mais feroz. — Eu sei exatamente o que é ser uma estudante bolsista em Willow Heights. Você se certificou disso desde o primeiro dia.

— Escute, eu disse que sentia muito, — diz ela. — E eu realmente sinto. Você sabe que eu quis dizer isso.

— Ou talvez você só esteja falando sério porque foi pega.

— Não, — diz ela, levantando a mão. — Eu gosto de você, Harper. Eu fui uma vadia, mas tentei compensar você. Te Convidei para o centro comercial, para o jogo e para a festa de Ano Novo. Não só para compensar isso, mas porque gosto de sair com você. Mandamos mensagens o tempo todo. Agora somos amigas. Certo?

Ela procura meus olhos, e eu cruzo meus braços e a encaro. — Nós somos? Não sei o que pensar agora. Não tenho certeza se conheço você.

— Olha, eu não sou perfeita. Eu cometo erros. O que você quer? Eu tenho dezessete anos.

— Eu também tenho dezessete anos.

Ela cruza os braços, imitando minha pose, como se estivéssemos em um impasse. — Você também não é perfeita.

— Não, — eu digo. — Sou puta, vagabunda, lixo, escoria... Do que mais você me chamou? Uma barata, talvez? É tão difícil acompanhar todos os insultos.

— Achei que já tínhamos passado por isso, — diz ela, parecendo realmente magoada com minhas palavras, como se elas não tivessem saído de sua boca primeiro. Mas veja, isso é o que acontece com as palavras. Eles não quebram ossos como paus e pedras. Eles cortam sua alma em pedaços, fazem você acreditar que não é digna. As feridas dos punhos cicatrizam. Palavras, elas duram muito mais do que hematomas ou mesmo um dente quebrado.

E mesmo que ela esteja certa, e eu realmente a considere uma amiga, ao primeiro sinal de traição, tudo vem à tona. Ela me tratou como merda por meses e, o tempo todo, ela não era melhor do que eu. Ela também é bolsista. Mas ela nunca me deixou esquecer isso por um minuto.

— O que Royal está fazendo com aquela mulher? — Eu pergunto.

Ela engole. — Eu... eu não sei do que você está falando.

— Besteira.

Um homem de terno entra e faz o check-in. Antes de sair, ele me olha de cima a baixo como se fosse me pedir um cardápio. Quando ele sai, Gloria se inclina sobre o balcão e abaixa a voz para um sussurro. — Royal não é seu namorado, Harper. Ele disse que você sabia disso.

— Isso não significa que o que ele está fazendo não me afeta, — eu digo. — Eu deveria ser capaz de tomar decisões informadas sobre minha saúde e o resto da minha vida, e isso é exatamente o que significa dormir com alguém, se eles não estiverem seguros com seus outros parceiros. Se eles estão fazendo o que eu acho que estão fazendo...

Ela parece um cachorrinho chutado. — Não é o que você pensa.

— Eles não estão fodendo?

— Olha, eu não posso falar com você sobre isso agora, — diz ela, olhando para um carro estacionando do lado de fora. — Estou trabalhando.

— Eu vou esperar.

Ela parece que vai discutir, então aperta os lábios e acena com a cabeça. — Meu intervalo é em uma hora.

— Eu estarei bem aqui, — eu digo, apontando para uma cadeira de pelúcia no saguão. Sento-me e pego uma revista de viagens, folheando-a sem realmente ver as páginas. O homem de terno volta e olha de soslaio para minhas pernas por um tempo. Eu o ignoro. Quando ele sai, outro cara entra no saguão e senta na cadeira ao lado. Ele pigarreia algumas vezes, como se estivesse tentando chamar minha atenção. Depois disso, um cara que acabou de deixar sua família na sala de bilhar pergunta se estou ocupada mais tarde esta noite.

Por que todo mundo pensa que eu sou uma prostituta?

No momento em que Gloria dá a volta na mesa e faz sinal para que eu a siga, estou prestes a atacar um deles. Eu nem estou usando roupas de sacanagem.

— Vamos sair de volta, — diz ela. — Vou precisar de um cigarro para isso.

— Eu não sabia que você fumava, — digo, seguindo-a por uma porta dos fundos até um estreito conjunto de degraus de concreto com uma grade de metal.

— É o Sul, querida, — diz Gloria, tirando um maço de Parliaments da bolsa. — Todo mundo fuma. Mas as pessoas acham que é nojento, então não saio por aí mostrando.

— Então, como vai? — Eu pergunto.

— Em primeiro lugar, o que estou prestes a contar é uma informação ultrassecreta, — diz ela. — Ninguém pode saber que eu te disse, e você nunca pode repetir o que estou prestes a dizer a ninguém.

— Ok.

— E segundo, se eu te disser isso, você nunca pode contar a ninguém que eu trabalho aqui, ou que não sou rica, ou que estou em... uma *bolsa de estudos*. Ela sussurra a última palavra, embora não haja ninguém para nos ouvir além de uma lixeira.

— Combinado.

— E por último, você não pode contar a ninguém que eu fumo. Só pessoas pobres e sem valor devem fumar.

— Nesse caso, me dê um, certo?

Ela me entrega um cigarro. — Jure que não vai contar a ninguém nada do que estou prestes a lhe contar.

— Eu juro, — eu digo, culpa roendo minhas costelas. Eu odeio mentir para ela e ser uma cadela com ela, mas vim de muito longe para ir embora agora. Eu posso sentir isso, como se eu estivesse de pé na borda da ponte, prestes a deixar ir. Foi para isso que vim, e sei que vou contar ao Sr. D ou não faria sentido obter a informação para começar.

Ela se senta no degrau e dá um tapinha no local ao lado dela. Sento-me de costas para o corrimão e pego o isqueiro.

— Ok, então, você sabe como as pessoas chamam o Hockington?

— Sim, — eu digo. — Eu vivi aqui toda a minha vida.

— Ok, ok, — diz ela, balançando a cabeça e acendendo. Sua mão está tremendo e ela precisa de três tentativas para acender o cigarro. Tipo, o que diabos ela está prestes a me dizer? É realmente isso? O que vai me deixar quites com o Sr. D? Eu posso sentir a excitação dentro de mim como um ovo prestes a chocar algum monstrinho darkling⁴.

— Olha, eu sei pelo que é conhecido, — eu digo. — E se não tivesse, teria feito depois de passar a última hora no saguão. O que não entendo é porque Royal está contratando prostitutas. Ele obviamente pode obtê-lo gratuitamente. Ele é, tipo, um serial killer que os mata por que ninguém percebe quando eles desaparecem?

— Ele não está contratando acompanhantes.

Eu trago o cigarro, esperando enquanto ela olha para mim com expectativa, como se eu devesse tirar algo disso.

— Então o que? — Eu pergunto.

Ela suspira. — Então, mais ou menos uma vez por mês ele vem aqui com uma senhora, uma senhora mais velha como você viu hoje, assim, não *velha*, mas mais velha. Tentei avisá-la. Eu disse que ele não namora garotas do ensino médio.

— Tem certeza que eles não são, tipo, parentes ou algo assim? — Eu sei que é estúpido. Eu o vi beijar aquela mulher. Parte do meu cérebro simplesmente não consegue aceitar isso, no entanto. Ele é um maldito deus. Ele poderia pegar qualquer um.

— Não, — diz ela, balançando a cabeça. — Ele as leva para fora e jantar com vinho e sessenta e nove.

Eu balanço minha cabeça. — Não. Você está errada. Royal não faz isso.

— Okaaay, — diz ela, fumando nervosamente em seu cigarro. — Eu não quis dizer isso literalmente. Eu estava tentando dizer isso de uma maneira legal, mas talvez não haja uma maneira legal de dizer isso. Eu sinto muito. Eu sei que você realmente não quer saber disso. Mas é verdade. Eu sou a única que sabe, e você não pode dizer a ele que eu te contei ou ele vai, literalmente, me matar.

⁴ Escuro, preto, sujo.

Eu balanço minha cabeça, querendo me levantar e ir embora, para não ouvir o que ela está me dizendo. — Eu não sei o que você está dizendo.

— Jesus, — ela estala. — Eu pensei que você fosse inteligente. Estou dizendo *que ele é* o acompanhante, Harper. Royal faz os truques.

Ficamos sentadas em silêncio por um minuto inteiro porque meu cérebro se recusa a compreender o que ela acabou de me dizer.

— Isso não é possível, — eu digo, minha voz soando ingênua aos meus próprios ouvidos. Continuo vendo aquela gaveta na escrivaninha dele, aquela que eu abri quando estava lá. Aquela cheia de dinheiro e fichas de apostas... E recibos de hotéis. O que ele está fazendo com todo esse dinheiro?

Eu balanço minha cabeça novamente, enchendo meus pulmões com o amargor da nicotina para me distrair. — Não faz sentido. Por quê? Ele é pobre como você?

— Obrigada, — diz Gloria, revirando os olhos.

— Não entendo. Você é amiga dele. Você não perguntou?

— Você já tentou fazer uma pergunta a Royal?

Fecho os olhos por um segundo, como se pudesse apagar o conhecimento tão facilmente quanto bloquear o sol do fim da tarde. — Devemos contar ao pai dele.

Ela agarra meu braço, suas unhas cravando em minha pele. — Você não pode contar a *ninguém*. Você jurou.

— Mas ele precisa de ajuda, — eu digo. — Ou... Uma intervenção? E é o pai dele. Sim, ele é um idiota total, mas a maioria dos homens é. E ele se preocupa com seus filhos. Ele gostaria de saber. Talvez ele possa ajudá-lo.

— Você não pode contar a ninguém, — diz ela novamente. — Eles saberão que eu disse a você. E especialmente, você não pode dizer nada para Royal *ou* seu pai. Você prometeu. Você sabe o que eles fazem com as pessoas que os cruzam. Você não pode fazer isso comigo. Por favor, Harper.

Ela parece tão desesperada que meu coração dói por ela. — Por que não podemos contar ao pai dele?

Ela suspira, parecendo cansada, e cai contra a parede. — Quem você acha que paga pelo quarto de hotel?

Eu a encaro. — O pai dele sabe?

— Eu disse a você tudo o que sei, Harper.

Meus pensamentos estão disparando rápido demais. Tudo o que quero fazer é me mover, correr até o Presídio e esmagar a cara de alguém até esquecer o que ela disse. É por isso que ele luta? Para esquecer isso? Ou isso é apenas mais uma coisa autodestrutiva que ele faz, o mesmo que as lutas ou a maneira como ele joga futebol como se estivesse tentando quebrar o pescoço.

— Temos que fazer alguma coisa, — eu digo, meu joelho quicando a cem milhas por hora.

Ela balança a cabeça, sua expressão miserável. — Sou amiga de Royal. Eu amo-o. Não do jeito que você faz, do jeito que eu costumava fazer. Talvez ainda mais profundo, no entanto. Eu o ajudaria se soubesse como ou pensasse que ele queria minha ajuda. Mas quando eu pergunto, ou insinuo, ele simplesmente desliga.

— Então, você não faz nada.

Ela engole em seco, seus olhos brilhando com lágrimas. — Não sei o que fazer, Harper. Ele se odeia e tenho medo de fazer qualquer coisa que possa piorar as coisas. Tudo o que sei fazer é estar aqui para ele. Então, quando ele sair depois do encontro hoje à noite, vou sentar aqui com ele, e vamos fumar um cigarro, e vou aceitá-lo, tudo dele, porque é a única maneira que conheço de amar ele.

Ela está chorando agora, enxugando as lágrimas com tanta força que fico surpresa por ela não ter arrancado um olho com suas unhas pontudas e iridescentes.

Eu não sei o que dizer, o que fazer também. Não posso dizer nada a ele, e não só porque ele saberia que Gloria me contou. Eu não faria isso com ela, mas também não faria isso com ele. Ele não quer que ninguém saiba, e não porque seja uma grande operação ilegal que pode derrubar o império Dolce. Embora seja ilegal e possa derrubar sua família, se seu pai souber e não o impedir... Ou o obrigar a fazer isso.

Tento imaginar alguém obrigando Royal a fazer qualquer coisa. Ele não tem respeito por ninguém, nem pelos professores nem pela lei, muito menos pelo pai. Quando eu os vi juntos, ele falou com ele como todo mundo, como se ele fosse um merda. Ele me disse que gostaria de nunca ter conhecido seu pai. Isso explicaria o porquê.

— Por favor, não diga nada, — diz Gloria. — Imagine como você se sentiria se ele descobrisse que *você* fez isso por fora.

Não é difícil imaginar. Ouvi histórias sobre garotas no estacionamento de trailers, sobre amigas da minha mãe. Inferno, pelo que sei, ela pegou dinheiro uma ou duas vezes. Ela com certeza trocou uma noite de drogas por uma noite em seu quarto, se não tão formalmente quanto tudo isso. Mas somos pobres. Espero que minha mãe fique bêbada e fique com qualquer um que lhe dê uma garrafa de uísque ou pílulas. Pessoas desesperadas fazem coisas desesperadas, e mesmo que ela esteja apenas desesperada para fugir da realidade, para se sentir bem novamente por uma noite, eu entendo.

É assim que os ricos fazem. De alguma forma, é quase pior. Ou talvez seja apenas chocante porque ele não tem razão. Não entendo por que um garoto como Royal faz isso, um garoto que tem tudo - mais dinheiro do que eu poderia sonhar, uma gaveta cheia de dinheiro parado ali como se fosse lixo eletrônico, um carro que causa inveja na escola, um rosto que poderia enfraquecer a garota mais bonita do mundo, e um corpo que poderia deixá-la de joelhos. A única coisa que ele não tem é sua irmã, e isso com certeza não vai trazê-la de volta.

Ainda. Posso imaginar como isso torna tudo pior, mais vergonhoso para ele. Ele tem tudo e, no entanto, vende seu corpo para estranhos. Por quê? É algum tipo de penitência por algo pelo qual ele se culpa, talvez lutando contra os Darlings e perdendo sua irmã por causa disso? Alguma coisa sexual fodida que tem a ver com o sequestro dele? Ele está realizando alguma fantasia de sequestro com essas mulheres?

Seja qual for o caso, posso imaginar como me sentiria envergonhada, embora todos esperem que eu seja uma prostituta. Ninguém ficaria surpreso. E, no entanto, se eu tivesse que olhar Royal nos olhos e dizer a ele que não poderia namorar porque nos fins de semana eu era paga para fazer sexo com homens mais velhos, eu morreria.

— É melhor você ir, — diz Gloria, fungando o nariz escorrendo com um bufo grande, longo e nada feminino. — A última coisa que ele precisa agora é ver você e saber que você sabe.

Concordo com a cabeça, levantando-me e espanando a parte de trás da minha calça jeans. Me mata ter que deixá-la para confortá-lo, para vê-lo em seu estado mais vulnerável, mesmo que eles não reconheçam o porquê. Deveria ser eu sentada aqui com ele em silêncio, dividindo um cigarro.

Mas se eu ficasse, seria pior. Ele ficaria tão envergonhado se eu soubesse. E mais do que isso, ele saberia que nunca poderei vê-lo da mesma forma. Por sua vez, ele nunca me veria igual, nunca me olharia sem saber que eu sei esse segredo vergonhoso sobre ele. É por isso que ele parou de foder Gloria? Por que como ele ainda pode querer alguém e transar com ela com aquela vergonha pairando sobre sua cabeça?

Deus, é tudo tão fodido. Como disse Gloria, quando não há mais nada a fazer, você apenas dá a alguém o que ela precisa, sem obrigá-la a pedir, sem julgar, sem piorar ou aumentar sua vergonha. Então, agradeço a ela, digo que ela é uma boa amiga e vou embora. Às vezes, essa é a coisa mais gentil que você pode fazer. Às vezes, respeitar o direito de alguém aos seus segredos, sua dignidade humana, é mais importante do que se vingar de quando não respeitou o seu.

Royal Dolce

Eu fico no chuveiro com a água quente, como sempre faço. Eu deixo cair minha testa contra a parede fria de azulejos, não me importando se é um hotel e foda-se não se sabe quando foi limpo pela última vez. Eu quero a sensação dela fora de mim, o cheiro dela desaparecendo.

Lembro-me do que King me disse.

Cuide dos nossos irmãos.

Lembro-me do que mamãe me disse.

Pare de inventar histórias.

Lembro-me do que papai me disse.

— *Há um novo comprador para uma pequena rede de lojas na cidade neste fim de semana.*

Minhas costas enrijeceram, minhas palmas ficaram úmidas e o resto de suas palavras foram abafadas.

— *Tenho tentado colocar Dolce Drops em suas lojas por anos, mas os filhos da puta dizem que somos muito obscuros e caros. Esta nova garota está aberta para nos ouvir. Vou me encontrar com ela amanhã, mas se ela precisar de um empurrãozinho extra...*

— *Eu odeio quando você me pede para fazer isso, — eu disse com os dentes cerrados, não me importando se ele ouvisse uma cadela chorona que não faria o que precisava ser feito pela família.*

Ele ergueu a mão. — Espero que tudo corra bem amanhã e não tenhamos que tratá-la com nada extra. Mas preciso que você seja capaz de fazer com que ela se divirta se ela estiver em cima do muro. Leve-a para fora, deixe-a saber que cuidamos de nosso povo.

Meus dedos se fecharam em punhos, e eu queria estender a mão sobre a mesa e estrangular cada grama de vida do bastardo.

— *Não, — eu disse calmamente. — Eu não estou mais fazendo isso.*

— Filho, — disse ele. — Esta empresa é sua. Eu sei que King é o mais velho, mas ele tem suas próprias coisas agora...

— Você quer dizer sua coisa, — eu disse. — Você o vendeu para a máfia. Não faça parecer que ele começou seu próprio negócio.

— É um negócio, — disse ele, nivelando-me com um olhar.

— Deveria ter sido eu, — eu bati. — Eu teria sido bom nisso. King não foi feito para essa merda.

— Ele também era muito bom nesse negócio, — disse papai. — Ele nunca reclamou como você. Mas ele não está aqui, então a responsabilidade recai sobre você, filho.

Eu olhei para ele. — Terminei.

Ele se recostou na cadeira e me estudou. — Um homem deve saber administrar o negócio que vai herdar. Tudo isso pode ser seu. Mas você não é o único que herda o que construí. Tenho outros dois filhos que recebem sua parte.

Engoli em seco, balançando a cabeça. Eu disse a King que protegeria os gêmeos, e fiz um péssimo trabalho, mas esta é uma linha que nunca cruzarei. — Você não vai trazê-los para isso.

Ele cruzou os braços, quase se regozijando agora que me pegou. O filho da puta. — Eu não sei, — disse ele. — Eu já considereei isso antes. Acho que Duke seria o melhor dos gêmeos, não é? Ele é um canhão solto, mas sabe como se divertir.

— Eu vou fazer isso, — eu cerrei os dentes cerrados.

— Sabe, eu não escolhi você só porque você é mais velho, — ele disse. — Achei que ajudaria você a seguir em frente depois de tudo o que passou. O que faz um homem se sentir mais viril do que seduzir uma bela mulher, uma mulher casada, que simplesmente não consegue resistir a ele?

— Terminamos com essa conversa, — eu disse.

— Isso não tem nada a ver com a garota Darling, tem? — ele perguntou. Ele é um filho da puta megera, eu vou dar isso a ele.

— Não, — eu disse, olhando para ele, desafiando-o a me contradizer. Sou maior do que ele, mas ele tem armas que eu não tenho.

— Bom, — disse ele. — Você já fodeu com Preston por causa de uma garota.

— Não foi por isso, — eu disse, meus lábios rígidos. — E agora que você está se curvando para que a família dele possa te foder na bunda, você deveria estar feliz por eu não o ter matado.

Eu me virei e saí antes que ele pudesse responder. Quando ele começar a travar suas próprias batalhas, poderá me ensinar como luto as minhas. Eu fodi tudo com Preston, mas nunca admitiria isso para o papai. Poderíamos tê-lo pego, mas ele me pegou. Ele estava observando muito de perto, descobrindo merda mesmo quando ele deixou a escola e se escondeu, tendo suas aulas online como um maricas para que ele não tivesse que nos enfrentar todos os dias. Mas ele conhecia a única pessoa que eu defenderia, então ele foi atrás dela como um maldito rato em vez de nos enfrentar.

Ele andou na formatura, saiu da escola e desapareceu de volta no esgoto ao qual pertence. E não tocamos em um fio de cabelo em sua cabeça - porque ele não tocou em Gloria.

Eu desliguei a água, minha pele da cor de uma queimadura de sol. Gloria não sabe disso, e pretendo continuar assim. Ela já tem merda o suficiente para se preocupar. Vou me preocupar com Preston.

Eu saio do banheiro. Sair é sempre a pior parte, evitando seus olhos, sabendo que elas sabem o que você é sob o pacote bonito.

Pego os documentos assinados que ela deixou para papai e saio da sala. Glória está lá fora, já cheirando a fumaça. Sento-me ao lado dela nos degraus. Eu posso dizer que ela está chorando.

— Você está bem? — pergunto, tirando a caixinha de madeira onde guardo meus baseados. Estou feliz por termos algo para conversar, algo para encher o ar além do peso dos segredos não ditos.

Ela solta uma risada trêmula. — Você está me perguntando isso agora?

— Sim, — eu digo, acendendo. — Por que eu não iria?

Ela aceita o baseado com os dedos trêmulos e inala, segurando a fumaça e fechando os olhos, deixando a cabeça cair para trás contra a parede de pedra. Ela exala lentamente antes de devolvê-lo. — Você é um bom amigo, Royal, — ela diz. — Melhor do que eu mereço.

— Exatamente o que todo cara quer ouvir.

— Você não quer ser mais do que isso, — diz ela, revirando os olhos.

Eu não, e eu não posso. Mas eu quero tornar a vida dela mais fácil.

— Vale a pena dizer apenas para fazer você parar de parecer que alguém chutou seu cachorro. — Dou outro trago e passo de volta para ela. — Então, você vai me dizer por que está chorando?

— Nada, — diz ela. — Apenas me sentindo emocional.

— Você acha que isso vai me assustar e ficar em silêncio?

Ela sorri. — Pode ser.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo.

— Você está pensando no seu pai? Ou aquele cara? Eu pergunto.

— Que cara?

— Você sabe que cara, — eu digo. — O cara que você deixou para trás. Seja qual for o nome dele.

Ela olha para mim com o canto do olho. — Por que você pergunta isso?

— Essas são as duas coisas pelas quais eu já vi você chorar.

Ela dá de ombros e apoia os cotovelos nos joelhos, batendo no baseado como um cigarro. — E se eu disser que foi outro cara?

— E ele te fez chorar? — Eu pergunto, recuando para olhar para ela. — Então eu perguntaria o nome dele e faria uma visitinha.

— Você é bobo, — diz ela, me empurrando com o ombro. Quando não caio com seu peso minúsculo, ela descansa a cabeça no meu ombro. Então, é assim que seria ter uma irmã. Às vezes, quase esqueço. Não ela — eu nunca a esqueceria — mas eu. Do jeito que era para mim quando ela estava aqui. Eu odeio Dawson por não saber o que ele tem, e como é perdê-la.

Terminamos o baseado em silêncio.

— Você sabe o que eu penso? — ela pergunta.

— O que você acha, Lo?

— Acho que vou ter problemas por fazer a maior pausa para fumar da história.

— Pego você às oito.

Sento-me no carro esperando por Lo e pensando em outra pessoa. Sobre uma garota que eu não deveria estar pensando. Uma garota que nunca mais me tocaria se soubesse o que eu estava fazendo. Ela tem o direito de saber. Mas não vou contar a ela. Tomarei todas as precauções, todas as proteções, e direi a mim mesmo que basta. Assim como digo a mim mesmo que isso vai parar, que papai não vai me pedir para fazer isso de novo, todas às vezes. Como eu digo a mim mesmo, não é grande coisa, não está machucando ninguém.

É diferente agora, no entanto. Agora, machucaria alguém se ela soubesse. E porque sou um bastardo assim, digo a mim mesmo que esconder isso dela é a coisa certa a fazer, que é protegê-la dessa dor. Digo a mim mesmo que não me importo se isso a machuca. Eu não deveria me importar. Eu não deveria pensar nela.

Eu quero ir até sua pequena cabana de merda, porém, rastejar em sua pequena janela e deitar ao lado dela em sua cama de solteiro. Quero contar a ela todas as merdas que já fiz, como se ela fosse minha confidente, e quero que ela me diga que estou absolvido.

Mas sei que ela não mentiria para mim.

Eu sei que ela não me daria o que eu quero, me deixaria rolar em seus lençóis, respirá-la, me cobrir com seu perfume para apagar a memória de hoje e de todos os outros dias no quarto 504. Eu não pediria isso a ela. Posso ser um monstro, mas nem eu descí tão baixo. Mesmo se ela ligasse agora, se ela me convidasse, e eu fingisse que não estava onde eu estava, se ela me deixasse entrar em sua cama e seu corpo, eu não iria. Não essa noite. Nem mesmo um Darling merece isso.

Harper Apple

Passei o primeiro dia de volta a Willow Heights olhando por cima do ombro, assombrado por uma paranoia ridícula, como se fosse ser parada por policiais por invasão de propriedade quando pus os pés nos salões sagrados do antigo prédio de pedra. Como se o Sr. D pudesse aparecer em carne e osso, entrar na minha classe e anunciar para toda a escola que minha bolsa foi rescindida porque minhas histórias de sexo obsceno ficaram chatas. Royal me mataria se soubesse o que eu disse ao Sr. D sobre nossos encontros, e não posso deixar de me perguntar se o Sr. D vai me expor como punição por ter falhado com ele.

Mas eu não vou deixar Willow Heights até que eles me tirem de lá, e ninguém faz um movimento quando eu entro nos corredores familiares cheios de crianças com olhos turvos que ficaram acordados até tarde em sua última noite de liberdade. Ainda no limite, vou para o meu armário e depois para a aula. Ninguém me incomoda. Afinal, sou uma garota Dolce. Nada mudou.

Exceto que tem. Tudo mudou no domingo.

Eu sabia que estava me apaixonando por Royal, mas até aquele momento, não sei se percebi o quão fodida eu já estava. Não perdoei exatamente Royal pelo que ele fez comigo - me fazendo ajoelhar nua no chão e chupá-lo em troca da promessa de apagar um vídeo, apenas para liberar o vídeo para me mostrar que ele poderia. Não sei se as faculdades vão ver, se algumas vão decidir não oferecer bolsa de estudos para uma garota como eu.

Mas sei que não posso odiar Royal. Não mais. Não por isso, e nem mesmo pelo que ele fez com Colt.

Sim, Colt era meu amigo. Mas eu amo Royal.

Pronto, eu disse isso, mesmo que apenas para mim mesma. Eu amo esse garoto confuso, terrível, quebrado, vulnerável e monstruoso. E é fodido como o inferno que eu acho que saber sobre sua pequena agitação lateral é o que o selou. Como posso amá-lo mais, mesmo sabendo que ele está transando com outras mulheres? Não faz sentido. Mas quando penso na Glória naqueles

degraus chorando como ela me contou, tenho vontade de chorar também. Quero abraçar Royal e segurá-lo e nunca mais largá-lo. Quero dizer a ele que o amo, da mesma forma que Gloria, e mais um pouco. Que não importa para mim o que ele faz. Eu o amo, tudo dele, exatamente por quem ele é.

Mas quando me sento ao lado dele na aula, não sei o que dizer. Nenhuma palavra vem, e ele não parece especialmente tagarela. Sou grata pelo silêncio, pelo tempo para me ajustar a estar em sua presença sabendo o que sei. Embora eu sempre sentisse aquela escuridão nele me chamando, eu não percebi o quão verdadeiramente eu respondi, deixei minha própria escuridão se juntar a ele. A dele é muito maior, porém, mais poderosa, não consigo segurar. Está me desgastando, me comendo viva, me puxando para baixo. Por fim, não consigo mais prender a respiração e tenho que inspirar. Agora está dentro de mim, apodrecendo como uma doença.

Eu sabia que ele tinha alguma merda fodida em sua vida que o tornava assim, mas talvez eu não soubesse o que significava sua escuridão. Eu pensei que isso significava que éramos iguais, mas as sombras que minha vida de merda deixou em mim como hematomas na minha pele não podem ser comparadas ao *trauma profundo* que Royal passou. Compará-lo é como comparar um dedo do pé machucado com um acidente de trem.

Lembro-me da primeira vez que nos encontramos, nas pistas quando ele gravou aquele vídeo, e como eles riram de mim quando eu disse alguma merda ingênua sobre como eles eram ricos, então eles não conheciam as dificuldades. Que coisa idiota de se dizer. Sempre imaginei que os ricos simplesmente jogavam dinheiro em seus problemas e eles desapareciam.

A esposa te abandona? Obtenha um mais jovem e mais quente. Sentir-se uma merda? Vá para a terapia e pegue algumas pílulas caras. Ser preso? Encontre um advogado chique para tirá-lo disso. Tudo isso pode ser verdade, mas agora que conheço algumas pessoas ricas, sei que não é tão simples.

E o que quer que esteja entre mim e Royal também não é simples. Não posso dizer a ele que sei e não quero agir de maneira diferente ou vê-lo de maneira diferente, mas algo sobre o que ele está fazendo simplesmente esmaga meu coração. Quero saber por que ele faria isso, mas é claro que não posso perguntar. Se e quando ele quiser me contar, a decisão será dele.

Depois da escola, Royal passeia até meu armário, parecendo menos mal-humorado do que na sala de aula e mais como o idiota de sempre. Baron e Duke flanqueiam-no de ambos os lados.

— Cherry Pie, — diz Duke. — Eu mal te vejo há um mês. Você mantém essa boceta molhada para o meu garoto aqui?

— Você não gostaria de saber, — eu digo, fechando meu armário e dando a ele meu sorriso mais doce.

— Pare com isso, — rosna Royal, olhando para Duke. — A boceta de Harper é da minha conta e apenas da minha conta.

Duke me dá um sorriso de qualquer maneira. — Eu ouvi que uma festa de boas-vindas está chegando. Talvez você possa se ocupar com meu irmão contra o carro enquanto eu estou desmaiado por dentro de novo, como você fez da última vez.

Eu arqueio uma sobrancelha e olho para Royal. — Tem certeza que fomos nós?

— Só tenho que dizer, que precisa repetir quando não estou bêbado, — diz Duke. — Não acredito que perdi tudo.

— Onde você ouviu tudo isso? — Eu pergunto.

— Dos meus meninos, — diz Duke. — E eu não ouço uma negação lá em qualquer lugar.

Eu sorrio e me inclino para perto dele, ficando na ponta dos pés para sussurrar em seu ouvido. — Foi gostoso pensar em você bem ali atrás de nós, sabendo que você poderia acordar a qualquer momento e nos ver.

— Foda-se, — ele geme, agarrando sua virilha como se eu o tivesse chutado e caindo contra os armários. — Você está me matando, Jailbird.

— Não brinque com meu irmão, — Royal diz, olhando para mim.

— Tenho certeza que é ele quem está fodendo comigo.

— Vamos, — diz Baron. — Temos basquete.

— Você pratica todos os esportes? — Eu pergunto.

— Nem todos eles, — diz Royal com um sorriso. — Mas terá que mudar nosso cronograma de encontros. Eu te mando uma mensagem mais tarde.

Eu aceno para eles e saio, sentindo como se tivesse perdido alguma coisa. Sei que sou só eu, que Royal nem sabe que descobri o segredo dele, mas preciso da proximidade que sinto quando estamos juntos. Porra. Não quero precisar dele, não quero precisar de ninguém, mas esta escola me quebrou. Tenho pelo menos um amigo de verdade, três se contar os gêmeos. O que eu não tenho é a porcaria de me apaixonar por um cara como Royal, precisar dele e a sensação de fazer parte de algo que se instala em meu peito quando estamos juntos no rio. É algo que não recebo de mais ninguém, esse sentimento de pertencer, não apenas a ele, mas *a* ele. Nunca na minha vida pensei que gostaria de me sentir assim por alguém. Mas Royal não é qualquer um.

Eu quero pertencer a ele. Isso me faz sentir especial, quase orgulhosa. Ele me faz sentir necessária de uma forma que eu não sabia que estava faltando, de uma forma que eu não sabia *que* precisava. Seus irmãos me fazem sentir parte de algo. Glória é a cereja do bolo. Todos eles juntos me aceitaram, mesmo quando eu não percebi isso acontecendo. E agora não quero perder isso, perder nada disso. De alguma forma, eu me encaixo nisso, no quebra-cabeça dos quatro. Sou o quinto elemento, a peça que falta, aquela que de alguma forma completa o todo. Nunca fiz parte de um todo, algo necessário para o funcionamento da unidade. Não se trata apenas de sentir falta deles quando volto para casa sozinha naquela tarde. É sobre sentir que sentiriam minha falta se eu fosse embora.

Em casa, tento fazer o dever de casa e não me preocupar com o Sr. D. Ainda preciso conseguir algo para ele, já que não posso contar a ele o que sei sobre Royal, mesmo que isso arruíne os Dolces. Em uma cidade como esta, uma pequena cidade no cinturão da Bíblia, um escândalo como esse derrubaria qualquer um. Claro, lavar dinheiro é obscuro, mas são os rumores sexuais excitantes que acabariam com eles. Isso é o que as mulheres que almoçam realmente vão explodir em um escândalo.

Não consigo me concentrar no dever de casa. Sempre que tento, imagino aquela mulher em quem ele soprou fumaça. Eu confio que ele usou proteção, mas ainda me faz estremecer, sabendo que seu pênis estava nela, que ela o pagou por seu corpo. Eu saio e encontro Blue e compartilho um cigarro. Quando ela me pergunta o que pessoas como nós poderiam ter em comum com pessoas como os Dolce, respondo que não sei.

Por fim, consigo terminar meu dever de casa e fazer uma caixa de macarrão com hambúrguer para o jantar. Depois, sento e planejo. O Sr. D queria informações sobre os Swans. Não preciso contar a ele sobre Royal. Só preciso de informações sobre a sociedade secreta, começando quando eles se conhecerem.

Royal e seus amigos jogavam futebol às sextas-feiras, então não pode ser nessa hora. Ele faz sua agitação lateral no domingo. Ele queria se encontrar aos sábados antes de eu rejeitar essa ideia, o que significa que ele está livre naquela noite - nada de reunião dos Swans. Segunda e quarta nos encontramos no rio durante todo o semestre passado, e às vezes ficávamos até bem depois da meia-noite. O que deixa as terças e quintas-feiras como opções para os encontros Swans. Como a véspera de Ano Novo foi na quinta-feira e eles tiveram uma reunião naquela noite, coloquei meu dinheiro naquela noite.

Infelizmente, essa também é a primeira noite em que Royal quer se encontrar no rio desde que as aulas recomeçaram. Uma parte de mim instantaneamente recua, querendo recusar. Eu sinto por ele, mas ele também está me traindo... Na minha mente fodida, de qualquer maneira. Ele não está realmente trapaceando. Ele me disse desde o início que não poderia ter uma namorada. Eu simplesmente nunca soube o motivo pelo qual seria tão doloroso.

Mas não posso recusar sem que ele fique desconfiado, então subo no Rover e seguimos em direção à ponte. É um daqueles dias quentes de janeiro que fazem as pessoas esquecerem que Arkansas tem inverno. Royal estaciona o carro no acostamento e descemos a margem como fizemos naquele dia, um mês atrás. Fazemos nossas coisas e depois deitamos juntos no cobertor que Royal guarda em seu carro. Eu me pergunto se ele já usou isso com um de suas clientes, mas eu afasto o pensamento.

Eu estava com medo de não conseguir agir normalmente enquanto fazíamos sexo, mas é muito fácil esquecer. O que suponho ser uma bênção, já que não quero que Royal saiba que descobri e se sinta estranho perto de mim. Eu o abraço forte depois, deitada em seu peito e pressionando meu ouvido em seu coração, ouvindo a batida forte. — Seu irmão voltou para Nova York? — Eu pergunto finalmente.

— Sim, — diz Royal, sua voz sonolenta enquanto ele preguiçosamente corre os dedos pelo meu cabelo comprido. — Alguns dias atrás.

— Com que frequência você o vê? — Eu pergunto, colocando a palma da mão em seu peito e descansando meu queixo nas costas da minha mão para que eu possa vê-lo enquanto conversamos.

— Não com muita frequência, — diz ele. — Feriados. Ele só veio ver o papai porque o papai não foi para Nova York conosco.

— Quando você vai ir lá de novo? — Eu pergunto. — Férias de primavera?

— Nah, — diz ele, continuando a acariciar meu cabelo. — Os caras querem esquiar este ano.

— Você quer dizer os gêmeos?

— Eles, Cotton, DeShaun, Dawson, — diz ele. — Alguns outros caras da escola.

Meu peito aperta, mas tento manter minha voz leve, para que ele não perceba que isso me incomoda. — E as irmãs Walton?

— Elas e seus amigos também.— Royal inclina a cabeça para olhar para mim, um sorriso malicioso em seus lábios. — Você esta com ciúmes?

Não adianta esconder. Royal me conhece muito bem. — Se houver uma pequena chance de seu pau acabar em outra pessoa, então estou com ciúmes pra caralho.

Ele aperta os braços em volta de mim. — Então venha.

Eu o encaro, sabendo que isso é impossível e que há uma razão para eu não ter sido convidada, embora eu seja uma garota Dolce. Eles sabiam que eu não poderia pagar. Já conversei com Royal sobre viajar depois de alguns de nossos encontros. Ele ficou surpreso quando eu disse a ele que nunca tinha saído do estado. E eu sei que ele não quis dizer isso, que o convite é espontâneo, impulsivo. Nós dois sabemos que não podemos durar. Podemos nem estar juntos até lá. Mas ainda. Por um momento, deixo-me sonhar como uma inocente, como quem ainda acredita que suas fantasias podem se tornar realidade.

E então eu protejo quaisquer pedaços do meu coração que eu ainda não tenha dado a ele rindo como se eu não estivesse interessada em tudo isso.

— Isso não é meio que... Namorado? — Eu pergunto. — Estamos apenas fodendo, lembra?

— Vamos, eu pago por você. E você pode ter certeza de que meu pau não vai parar em qualquer lugar que você não queira, — ele oferece, deslizando as mãos para baixo e apertando minha bunda. — Exceto talvez aqui.

— Uau, minha bunda vale uma viagem para Aspen agora? Achei que só valia a pena jantar no Cliff's.

— Talvez não Aspen, — diz ele. — Mas, para sua sorte, vamos para Park City este ano.

— Este ano? — Eu pergunto. — Então você simplesmente sai voando para esquiarmos quando quiser?

— Claro, por que não?

— Deus, é como se você vivesse em um universo alternativo. — Não é como se eu nunca tivesse ouvido falar de alguém esquiando. Eu tive que ouvir todas as crianças da Faulkner recontarem suas viagens de férias de primavera para Aspen e Destin todos os anos. Eu nunca prestei tanta atenção. Eles eram os garotos ricos e suas vidas não me afetavam.

— Estamos alugando, — ele oferece. — Não temos nem propriedade lá. Não é tão absurdo assim.

— Mas você tem uma propriedade em Nova York, — eu digo. — E aqui. Em qualquer outro lugar?

— Uma casa de férias, — diz ele. — E papai está comprando um monte de propriedades no leste de Faulkner, mas isso é para negócios.

— Que propriedade? — Eu pergunto, recuando em surpresa.

— O shopping, — diz Royal. — Ele quer construir um cassino.

— Puta merda, — eu digo. — Alguém mais sabe sobre isso?

— Não, — diz ele. — E não é um negócio fechado. Ele seria o primeiro em Arkansas, e a comissão de jogos está dando merda para ele, e o governador está hesitando, então... Não vá espalhar isso por aí, certo?

Meu coração está batendo tão forte que tenho medo de que Royal ouça. Não tenho certeza se o Sr. D poderia derrubar os Dolces com isso, mas é muito grande. Muitas pessoas aqui estão apaixonadas por sua imagem de Faulkner como uma pequena cidade com valores familiares, um lugar simples onde as pessoas ainda vivem de acordo com as regras de uma época passada. Eles não querem admitir que gangues já invadiram os bairros do meu lado dos trilhos, que drogas e violência fazem parte da vida lá.

Mas um cassino... Isso não é algo que pertença a uma cidade pequena. É extravagante e comercial e tudo o que a cidade pensa que não é. Provavelmente tudo o que eles disseram sobre o shopping quando foi construído nos anos 80, mas as pessoas estão acostumadas com isso agora. É uma parte da nostalgia da cidade agora. Gloria disse que estava fechando, mas não pensei muito nisso. Eu com certeza não sabia que o pai de Royal estava comprando. É incrível que alguém possa comprar um shopping inteiro para começar.

Mas isso me dá mais uma semana, me dá mais tempo. Então, no dia seguinte, conto ao Sr. D sobre o shopping e o cassino e, mais uma vez, ele me pergunta se tenho provas além da conversa de travesseiro. Novamente, eu digo não.

Gloria quer sair no sábado, e depois há um jogo de basquete e uma festa. Na semana seguinte, as coisas voltam ao normal. Mas estamos na metade de janeiro e estou com medo de perder minha bolsa. Então, naquela semana depois que Royal me deixou em um horário respeitável pela segunda quinta-feira consecutiva, peguei o carro de Blue emprestado e fui para a escola às quinze para meia-noite.

Estaciono na beira da estrada a um quarteirão de distância, embora esteja chovendo, e vou a pé para a escola, não querendo que Royal veja o carro se ele estiver lá. Quando entro no estacionamento, tenho que correr de volta para as sombras das árvores para evitar ser vista. Meia dúzia de carros estacionados no estacionamento lateral onde Colt foi espancado naquele dia, e dois caras com guarda-chuvas estão do lado de fora do carro de Royal fumando maconha, se o cheiro no ar for uma indicação.

Eu me encolho ao lado de uma árvore, rezando para que a chuva abafe o som dos meus passos. Meu coração está batendo tão forte que mal consigo ouvir suas vozes por causa do baque surdo em meus ouvidos e do barulho da água no asfalto. Prendo a respiração quando um pequeno Tesla familiar entra

no estacionamento e para ao lado do carro de Royal. Baron e Duke saem, jogando as mochilas nos ombros.

— Preparados? — Duke chama.

— Sim, — responde Royal, afastando-se do Rover.

Estou tão animada que estou tremendo. Ou talvez seja o fato de estar quatro graus e eu não ter guarda-chuva. Mas é isso. O que eu estava esperando. Minha única chance de ser livre, de obter a última informação que terei para dar ao meu mestre de marionetes. Não vou embora até conseguir algo realmente bom, porque cansei de ser o fantoche do Sr. D, seus olhos, sua informante. Assim que receber isso, entrego e vou embora. Para todo sempre.

Custe o que custar, vou entrar lá esta noite. Eu sei melhor do que ir pelos canais regulares, no entanto. Não posso ir à reunião dos Midnight Swans e pedir para ser uma recruta, como um garoto faria. Royal vai me jogar para fora. Vou ter que ser mais sorrateira do que isso.

Observo Royal destrancar uma porta lateral e mantê-la aberta, gesticulando para que seu rebanho entre. Ele olha ao redor e então entra na escuridão lá dentro, fechando a porta atrás de si. Só quando eles se foram posso soltar minha respiração. Espero alguns minutos e então rastejo para a frente até alcançar a cobertura dos carros. Tenho certeza de que ninguém mais está vindo, mas você não pode ser muito descuidada. Depois de um olhar furtivo ao redor, corro pela chuva até a porta do prédio. Não estou surpresa em encontrá-lo trancada. Um exame rápido me diz que esse não é o tipo de fechadura que pode ser arrombada com um grampo ou cartão de crédito. Nenhuma surpresa lá também.

Vou até a janela do lado direito da porta, uma grande vidraça com vista para o estacionamento. Lá dentro, consigo distinguir um laboratório de ciências pela pouca luz que vem do corredor. Mesmo aquelas estão fracas, apenas as luzes de segurança que a escola deixa acesas a noite toda. Empurro a vidraça, sabendo que Willow Heights tem o tipo de janela que abre, mas está trancada. Movendo-me ao longo da parede, verifico cada janela. Cada uma está bloqueada.

Eu não estou prestes a desistir, no entanto. Continuo me movendo, verificando cada janela da próxima sala de aula e da próxima, até que finalmente

encontro uma que dá. Jackpot⁵. Eu sabia que pelo menos um dos professores estaria muito ocupado e distraído para verificar todas as janelas antes de sair todos os dias. Abro a janela e arranco a tela com meu canivete. Então é bom velejar. Eu me arrasto pela janela e caio no chão, certificando-me de cair na ponta dos pés para ficar quieta. Então recoloco a tela, fecho a janela e entro na ponta dos pés no prédio. Meus sapatos molhados rangem no chão, então eu os tiro e caminho de meias.

Há algo assustador nos corredores escuros e silenciosos de uma escola, como se os fantasmas de nosso eu diurno de alguma forma assombrassem o lugar. Já andei pelas ruas de Faulkner, do meu lado da cidade, uma centena de vezes, mas nunca me senti tão nervosa quanto andar pelos corredores vazios dessa rica escola preparatória à noite.

Estou totalmente exposta como a única pessoa no corredor, e todas as portas da sala de aula estão fechadas e provavelmente trancadas. Se um dos Swans sair, estou ferrada. Corro em direção à biblioteca, meu coração martelando em meus ouvidos. Até o ruído suave de minhas meias no chão soa ampliado, ecoando pelo longo corredor e saindo dos armários de madeira. Quando chego à biblioteca, também a encontro trancada.

Bem, foda-se.

Eu me ajoelho na frente da porta, tiro o cabelo molhado dos olhos e examino a fechadura, aliviada ao descobrir que não é tão resistente quanto a da porta externa. Dou um agradecimento silencioso a Lauren, minha ex que me ensinou a arrombar fechaduras como um delinquente comum. Pelo menos eu tirei uma coisa boa desse relacionamento. Cinco minutos com a picareta de metal no meu canivete e estou dentro.

Eu estremeço com o rangido quando a porta se abre, mas pelo menos o chão é acarpetado aqui, então meus passos são silenciosos enquanto eu me esgueiro pela sala. Estou quase na seção da estante que se afasta quando geme, a luz se espalhando por uma rachadura ao lado. Eu mergulho sob a mesa de circulação, meu coração trovejando em meus ouvidos, assim que a porta se abre.

Porra, porra, porra.

⁵ Um jackpot é um prêmio acumulado em máquinas de cassinos ou em sorteios de loterias, onde o valor do prêmio aumenta sucessivamente com cada jogo efetuado e não contemplado com o prêmio máximo.

A luz cai contra a parede na direção em que a porta se abre, mas o suficiente chega até a mesa para que eu saiba que estarei ferrada se alguém olhar para cá. Ouço murmúrios e passos quando alguém atravessa a biblioteca. Prendendo a respiração, eu lentamente me acomodo ainda mais sob a mesa, fora do caminho da luz e nas sombras.

A porta chacoalha, e então os passos cruzam de volta para o porão. — Está trancado, — diz uma voz que tenho certeza que pertence a DeShaun. Então ele puxa a estante de volta ao lugar, mergulhando a biblioteca na escuridão. Obrigada porra. Eu fecho meus olhos, derretendo contra a madeira em alívio. Pela primeira vez, vou reinar em meu hábito de espancar meu caminho pela vida e ter paciência.

Se eu entrar no meio da reunião, eles provavelmente nunca me deixarão entrar como membro. Se eu esperar até que eles saiam, posso me esgueirar até lá e dar uma boa olhada ao redor, talvez encontrar algumas pistas sobre o que eles estão fazendo.

A única vez que Royal foi até lá comigo e depois surtou, ele saiu por outra porta. O que significa que há mais no porão do que o quarto que eu vi. Eu me enrolo em uma posição confortável com minhas costas apoiadas na parte de baixo da mesa, coloco meus fones de ouvido, ligo *Harlow and the Honey Badgers* e me acomodo para esperar. É tarde, mas estou muito ligada para me preocupar em adormecer.

Pelo menos uma hora se passa antes que eu ouça o gemido da estante se abrindo novamente. Tiro meu telefone do bolso, me xingando por mantê-lo ligado. Mal consigo desligar a música e esconder a tela antes que as vozes encham a biblioteca.

— Os fundadores rolariam em seus túmulos se deixássemos uma garota entrar, — diz DeShaun. — Mesmo que não esteja nas regras.

Meu coração dá uma cambalhota. Eles estão falando sobre me deixar entrar?

— Mas não ela, — Royal diz. — Ela é uma Darling. Ela é praticamente um legado.—

Então, não eu.

Mabel? Ela completou os desafios?

Talvez seja hora de fazer uma visita ao Colt. Se ele não me disser como entrar, talvez pelo menos me diga como entrar em contato com Mabel. Ela é uma garota. Ela pode estar mais inclinada a ajudar outra garota a entrar.

— Se você realmente quer irritá-los, escolha alguém que eles odiariam ver se juntar, — diz outra voz que soa familiar, mas não tenho certeza se é Cotton ou Dawson ou outro de seus amigos.

Eu espero que Royal diga meu nome, para me apresentar como alguém que os fundadores dos Swans odiariam em se juntar ao seu exclusivo clube chique de garotos. Se seu objetivo é irritar os velhos esnobes, quem melhor do que uma pobre garota de um estacionamento de trailers? Eu sou o mais longe que uma pessoa pode chegar de ser um Swans.

— Devo anotar os minutos e trancar? — Baron pergunta.

— Mabel já completou os desafios, — diz Duke. — Ela já é como um Darling honorário.

Então, eu estava certa. A próxima tarefa pode ser rastrear um Darling.

— Por acidente, — diz Baron, e ouço a estante voltar ao lugar. — Ela não estava completando para nós.

— Além disso, ela nunca faria o juramento, — diz Royal.

Estou prestes a gritar de frustração quando eles saem da biblioteca, me isolando do resto da conversa. Estou tentado a segui-los em vez de descer no velho porão mofado para vasculhar e tentar encontrar pistas. Esta é uma reunião ao vivo, acontecendo agora.

Mas não há como eu rastreá-los pelo corredor sem que eles percebam.

Caramba.

Espero um minuto para ter certeza de que todos estão fora, uma sensação de derrota já pesando dentro de mim. Eu queria ouvir essa conversa. Ainda assim, estou aqui para obter informações para o Sr. D, não para espionar para ver se alguém está falando de mim pelas minhas costas. Concentro-me na tarefa

que tenho pela frente e rastejo até a estante. A fechadura é antiquada tanto que eu nunca encontrei antes, mas quando puxo a prateleira, ela cede.

Já era hora de eu pegar um golpe de sorte. Baron estava muito distraído com a conversa de Mabel e não trancou a porta. Enfio os pés de volta nas botas úmidas e entro, fechando a porta atrás de mim para que ninguém perceba nada de errado.

A luz no porão ainda está acesa, já que aparentemente ninguém nesta escola percebe que a eletricidade é algo que as pessoas têm que pagar. Desço as escadas e olho ao redor. Em vez de apenas algumas cadeiras puxadas para o lado, seis cadeiras estão ao redor de uma mesa baixa cheia de garrafas de cerveja no meio da sala, confirmando minha suspeita de que deve haver mais quartos aqui embaixo. Ainda assim, a mobília extra não é exatamente algo que o Sr. D possa usar. Atravesso a sala, examino a estante em busca de algo digno de nota e, em seguida, tento a porta ao lado das prateleiras.

Essa está trancada, mas é uma fechadura mais nova, e só levo alguns minutos para arrombá-la. As luzes estão apagadas nesta sala, então ligo a lanterna do meu telefone e olho ao redor. A sala é ainda mais assustadora do que a primeira, que tem piso de cimento e uma lâmpada nua no alto. Esta tem chão de terra e paredes de pedra tosca com teias de aranha nos cantos. No meio da sala há uma enorme pedra que pode ser uma mesa ou uma laje onde sacrificam pessoas. É difícil dizer.

Do outro lado da sala há uma porta aberta que leva a um túnel escuro e sujo. E é aí que minha jornada termina. Não estou prestes a entrar voluntariamente em algo que parece um pesadelo esperando para acontecer. Volto para o primeiro quarto, pensando em como é irônico que este quarto pareça seguro em comparação com o outro, mesmo sendo este o quarto onde os Dolces me despiram e me forçaram a chupar o pau de Royal.

Afasto o pensamento e circulo pela sala, verificando o fundo da mesa e das cadeiras em busca de envelopes secretos. Nada. Porra. Voltando à estante, examino novamente, desta vez mais detalhadamente. Meu olhar para em uma lombada elegante com pelo menos cinco centímetros de largura, com impressão em folha de ouro, mas sem título. Eu engancha meu dedo no topo e o puxo para fora, ouvindo um baque oco dentro. Meu pulso falha e eu o viro para um lado, Tateando ao longo da borda da capa até encontrar um pequeno fecho.

Desfaço e abro a tampa para revelar o interior oco. Dentro da caixa habilmente disfarçada de livro está outro livro, este de couro preto, com cantos dobrados e bordas gastas. Eu o levanto, meus dedos tremendo. As páginas são finas e amareladas, com linhas de texto manuscrito sangrando no papel com o tempo.

Sento-me à mesa e volto para o início. Na primeira página, em letra cursiva elegante e antiquada, estão as palavras *The Midnight Swans*.

Mal posso acreditar em meus olhos. Isso é tudo que eu tenho procurado, tudo que eu preciso. A chave da minha bolsa de estudos. Está aqui o tempo todo, bem embaixo da escola que frequento há meses.

Eu folheio as páginas de nomes e datas, reconhecendo metade dos nomes na primeira página - Darling, Rose, Montgomery, Delacroix. Todas as famílias ricas, fundadoras da cidade, com várias coisas nomeadas em homenagem a eles, de estradas, pontes e riachos a alas hospitalares, escolas primárias e empresas. Além das listas de membros, encontro o juramento escrito em tinta desbotada e, em seguida, uma seção chamada “Recrutas”.

Meu coração martela enquanto leio as linhas inclinadas da letra cursiva.

Um Swans é FORTE

Um Swans é BRAVO

Um Swans é LEAL

Até a sepultura.

Cada promessa é colocada

Para esses três testes

Para eliminar as ervas daninhas dos fracos

e guarde o melhor.

Para mostrar sua FORÇA

Para mostrar o seu poder

Você enfrentará um Swans

e se vencer a luta.

Uma demonstração de LEALDADE

Seguirá adiante

Traira um amigo

Para um Swans.

a última virtude

é o teste número três

Encare seu medo

Para provar sua bravura.

Então, esses são os três desafios que o Silver Swans mencionou. Quando pedi para entrar, Royal realmente me deu a primeira tarefa - lutar contra um Swans e vencer. E de certa forma, eu fiz. Mostrei mais astúcia do que força, mas ei, completei o desafio. Talvez ele tenha tocado no assunto, e é por isso que eles estavam falando sobre deixar uma garota entrar.

A próxima página é sobre fraternidade, incluindo uma linha sobre “um vínculo forjado por um ato vergonhoso” que ninguém mais conhece. Isso meio que me assusta, mas até onde eu sei, essa é a única menção da manopla, já que a próxima página tem uma lista de regras. Eu os leio, já que a maioria é sobre sigilo, e então leio o código de conduta, o que faz parecer que os Swans já foram modelos íntegros para a escola, em vez de bandidos que governam pelo poder da intimidação.

Depois disso, há páginas e páginas de atas de reunião.

Por fim, volto ao início e pego meu telefone. Eu me xingo por ouvir música, pois a bateria já está no vermelho e, considerando a resistência do meu telefone antigo, não tenho certeza se vai durar fotografando cada página. Começo com as mais importantes, aquelas que imagino que o sr. D quer ver, que são as atas das reuniões desde que os Dolce assumiram. Como não tenho tempo de ler todos para descobrir exatamente quando os antigos foram

expulsos, encontro uma data de cerca de dois anos atrás e procuro seguir em frente.

Estou no meio do caminho quando a luz do teto se apaga. Eu me empurro para cima, minha respiração presa na minha garganta. Tem alguém na sala comigo?

Não, isso é impossível. Eu os teria ouvido indo para o interruptor de luz. Eu não?

Engulo em seco, tentando não entrar em pânico. Este não é um espaço pequeno. É subterrâneo, e sim, pesadelos de ser enterrado vivo ou o telhado desmoronando já estão passando pela minha cabeça, mas eu me forço a respirar. Meu telefone não morreu. Eu posso encontrar meu caminho até as escadas e dar o fora.

Obrigando-me a ficar calma, fecho o livro e tateio, derrubando uma garrafa de cerveja da mesa antes de encontrar a caixa do livro para esconder o livro real. Qualquer que seja. Quem vai notar uma garrafa quebrada?

Pego o livro *Midnight Swans* e uso a luz da tela do meu telefone para encontrar o caminho até a prateleira e recolocá-lo.

Assim que eu o coloco de volta onde ele pertence, um assobio estridente ecoa de cima, abafado pelo teto. Ele continua repetindo, o som familiar de uma sirene de tornado. Que porra está acontecendo? A chuva lá fora se transformou em uma tempestade maluca? Ou alguém disparou o alarme de propósito? Minha mente pisca para aquela laje de pedra na outra sala. Talvez meu pensamento improvisado sobre ser para sacrifícios humanos não esteja tão longe, porque se eles de alguma forma souberem o que eu tenho feito, eles vão me matar. Eu nem procurei por câmeras escondidas.

Uma coisa é certa, porra. É hora de pagar a fiança.

Eu corro para as escadas, esperando que eles apenas acionem algum alarme e não decidam se divertir um pouco queimando a escola para sua última travessura. Subindo correndo as escadas, seguro meu telefone moribundo em uma das mãos, a determinação me mantendo em movimento. Quando chego ao topo da escada, jogo meu ombro contra a porta como se estivesse fugindo de um bando de psicopatas que acabaram de me fazer explodir seu líder de

joelhos. É como bater em um tijolo. Em vez de se abrir, a porta se mantém firme.

Certo. Eu fechei.

Respiro fundo, tentando acalmar meus medos irracionais, e agarro a maçaneta da porta.

Não dá.

Porra, porra, porra!

Eu a bato freneticamente, como se de alguma forma tivesse esquecido como uma porta funciona, como se fosse encontrá-la magicamente destrancada. Fechaduras modernas são uma coisa, mas nunca abri algo assim não é a qualquer momento, vou fazê-lo no escuro.

Desligo a tela do meu telefone e respiro fundo algumas vezes. Entrar em pânico não vai resolver nada. Pego meu canivete e encontro a picareta pelo toque. Abrir uma fechadura não requer ver o que você está fazendo, de qualquer maneira. É tudo uma questão de *sentir* o que você está fazendo, e sou perfeitamente capaz disso. Eu deslizo para dentro da fechadura e fuço ao redor, tentando encontrar o mecanismo de travamento.

É quando ouço um barulho de luta em algum lugar abaixo de mim. Eu congelo, meu sangue gela.

— Você ouviu isso? — pergunta uma voz familiar com sotaque novaiorquino. — Deve haver um rato aqui embaixo.

— Ou talvez uma rata, — responde outra voz semelhante. Um segundo depois, o facho de uma lanterna cai sobre mim.

Eu me encolho instintivamente, muito presa em meu medo para jogar com calma e agir duro.

— Veja?— Baron diz. — Uma rata.

— O que você está fazendo aí, Jailbird? — Duke pergunta, uma provocação em sua voz. — Já Vai embora tão cedo?

Harper Apple

Levo alguns segundos para recuperar meu juízo e colocar minha cara de jogo. Então eu endireito meus joelhos e puxo a faca da fechadura. — O que quer que você pense que vai fazer comigo, nem faça, — eu digo. — Vou dar o fora daqui.

— Mas você está? — Baron pergunta.

— Você tem a chave, — eu digo. — Destranque a porta.

— Sim, exceto que eu não tenho a chave.

— Besteira, — eu digo, descendo as escadas, apesar do brilho ofuscante da lanterna de seu celular em meus olhos. — Você disse a Royal que iria trancar.

Não adianta fingir que não estava me escondendo e espionando eles. Eu já estou presa.

Ele dá de ombros. — Eu dei para Royal.

— Por que Royal nos trancaria aqui?

Nossos olhos se encontram, e os de Baron estão cheios de curiosidade.

— Essa é uma boa pergunta, — diz Duke. — Ele sabia que estávamos aqui embaixo. Por que ele iria nos trancar?

— Talvez ele também soubesse *que ela* estava aqui, — diz Baron.

— E ele quer que nos divirtamos com ela, — diz Duke, com um sorriso surgindo em seu rosto. Mal consigo distinguir seu olhar turvo no escuro, mas sua voz revela o quão bêbado ele está. Excelente. Estou trancada em um porão com minha versão menos favorita de Duke, o detestável bêbado, e Baron, que ainda é um mistério para mim, e não do tipo divertido.

Duke dá um passo em minha direção, mas levanto os punhos. — Toque-me e eu vou arrancar seu pau com minhas próprias mãos.

— Agora, isso não é uma coisa muito legal de se dizer para o cara que você está tentando seduzir.

— Deixe-me sair, — eu digo, apontando para a porta no topo da escada.

— Há outra porta, — diz Baron, sem se mover de onde está. Há uma imobilidade calculada sobre ele, como uma cobra que pode atacar a qualquer momento. — Tem que rastejar um pouco, mas chega lá.

— E ficar presa em um túnel quando você me atacar? — Eu pergunto com um escárnio. — Não, obrigada.

— Meu irmão me disse que você quer ser um Swans, — diz Baron, inclinando a cabeça. — O quanto você quer isso?

— O que? — Eu pergunto, meu coração batendo forte. Sinto uma armadilha e não tenho interesse em cair nela.

— Enfrente seus medos, — diz ele. — Esse é um dos desafios.

Reviro os olhos. — Você acha que é o que eu mais temo?

— Nós somos? — ele pergunta.

— Não.

Esses garotos podem me machucar fisicamente, mas já me machuquei muitas vezes no Presídio. Royal é o único deles que poderia realmente me machucar, o único que eu temo. Royal poderia me obrigar a fazer a única coisa que eu mais temo no mundo - me perder.

Mas não vou dizer isso a esses meninos. Nós nos encaramos por um longo momento. Então Duke tira a bolsa do ombro e a abre, tirando uma garrafa de cerveja. — Bem, parece que estamos tendo uma festa do pijama, — diz ele. — Beba, baby. Você vai precisar de algo para aliviar a tensão. Estaremos revezando com sua bunda a noite toda.

— Não conte com isso.

— Você sabe, não importa o que você diz, — diz Duke. — Podemos dizer a Royal que transamos com você, e ele acreditará em nós. Ele nem vai questionar. Você terminou com o nosso garoto. Você também pode se divertir um pouco conosco agora.

Eu estreito meus olhos para ele. — Por quê?

— Por que o que? — Baron pergunta.

— Por que você não me quer com Royal?

— Você não é boa para ele, — diz Baron. — Você precisa ir. Royal pode ter muitas boas qualidades, mas o perdão não é uma delas.

— Então você vai dizer a ele que me comeu, e fazê-lo terminar comigo?

— Agora ela entende, — diz Duke. — Não importa se você faz ou não. Contanto que ele acredite, pode muito bem ser verdade.

Ele toma um gole de cerveja e tropeça, deixando cair o telefone com um estrondo no chão de concreto. Ele xinga e bate nele duas vezes antes de pegá-lo. Endireitando-se, ele balança em seus pés.

Eu posso pegar sua bunda bêbada em um segundo. Seus reflexos são uma merda agora. Baron é quem me preocupa.

— O túnel sai daqui? — Eu pergunto.

— Sim, — diz Baron. — Se a porta do outro lado estiver destrancada.

— Você acabou de vir por ali, — eu digo. — Está trancado?

Ele dá de ombros. — Não me lembro. Duke?

Duke solta uma risadinha bêbada. — Eu não sei, porra. Eu sei que quero alguma ação, no entanto. Harper, venha aqui e monte em mim. Estou esperando para entrar nessa boceta suculenta há meses.

— Vá se foder, — eu digo. — Essa é a única ação que você terá esta noite.

Ele ri e engole metade da cerveja em um longo gole, depois arrota alto. — Eu prefiro foder a sua cara, — ele diz. — Baron, você quer a bunda dela? Aposto que Royal ainda não afrouxou muito.

— Acho que vou enfrentar o colapso do túnel, afinal, — eu digo, indo para a outra porta. — Não pode ser pior do que sofrer na companhia desse babaca bêbado.

— Ei, você sabe o que é um jogo divertido para todos? — Duke pergunta, seus olhos se iluminando por trás de seu brilho vítreo. — Apagamos as luzes e nos revezamos para lambar sua boceta, e quem fizer melhor vai te foder primeiro.

— Você já pensou em alguma coisa além do seu pau?

— Às vezes penso na sua boceta, — diz ele, balançando para frente e para trás. — Especialmente quando estou me masturbando no chuveiro. É quando imagino minhas bolas batendo naquela boceta molhada e rosada e meu esperma enchendo-a, dando a você uma boa e succulenta torta de creme.

— Sim, meu desgosto por você supera meu medo de espaços apertados, — eu digo. — Vou verificar o túnel. Se a porta estiver trancada, posso cavar para sair.

— Divirta-se, — diz Baron, tirando um pirulito do bolso. — Espero que sua lanterna não morra.

Porra. Meu telefone está com cerca de 1% de bateria. Ainda assim, é melhor do que a outra alternativa.

Fico tensa quando passo por Baron, certa de que ele vai me agarrar. Ele me deixa passar, mas Duke estende a mão e aperta meu peito. Ok, falar merda é uma coisa, e suas piadas de estupro são ruins o suficiente, mas agora ele colocou a mão em mim.

— Oh, você quer se machucar? — Eu pergunto, minhas mãos se fechando em punhos.

— Sim, — diz ele com um sorriso desleixado. — Isso mesmo, baby. Deixe-me provar essa doce torta de cereja.

Eu balanço e ele nem se abaixa. É um lindo gancho de direita que acerta sua têmpora com a pontaria de um maldito arqueiro. Ele cai no chão em uma pilha, e eu pulo para trás, punhos levantados e adrenalina bombeando através de mim, pronta para Baron vir para mim.

— Você vai vir pegar o seu? — Eu pergunto.

Ele apenas balança a cabeça. — Eu já senti seus punhos. Além disso, gosto mais do desafio do que pegar o que posso pela força bruta.

Não confio nele nem por um segundo, então volto para a próxima sala. Está escuro lá dentro, já que ele é a única lanterna. Engulo em seco, enxugo as mãos na calça jeans e tato o caminho até o túnel de terra. Está frio no porão e minhas roupas ainda estão úmidas da chuva. Pelo menos, digo a mim mesma que é por isso que começo a tremer no segundo em que minhas canelas estão no chão de terra fria do túnel. Eu me forço a seguir em frente, meu coração martelando em meus ouvidos. Para evitar pensar no teto desabando, concentro-me no túnel atrás de mim, tentando ouvir se Baron está vindo comigo. Cada arranhão dos meus próprios joelhos no chão me faz tremer.

Deus, é tão apertado. Meus ombros estão pressionados contra as paredes, e me pergunto se talvez este túnel não leve para fora. Talvez leve a... Nada. Estarei presa em um beco sem saída no escuro, esperando que Duke venha me estuprar e provavelmente me matar. Porque foda-se se eu vou ficar lá e tomá-lo sem lutar. Já vi muitos filmes em que as pessoas entram em uma caverna ou túnel procurando uma fuga e, em vez disso, encontram uma pilha de esqueletos deixados por todos os outros idiotas que tentaram escapar antes deles.

O teto do túnel roça minhas costas — ou foi um morcego? — eu acho que vou vomitar. Fecho os olhos e tento respirar, embora pareça que não há oxigênio no túnel. Que porra estou fazendo? Eu basicamente me enterrei viva.

Pressiono as palmas das mãos na terra fria sob elas e penso nas noites que passei trancadas no armário em casa. As horas que eu ficava lá, às vezes tão longas que eu me molhava antes que mamãe levantasse a bunda de ressaca e se lembrasse de onde eu estava. Então ela ficava furiosa comigo e me batia um pouco e me dizia para me limpar, que eu era uma porco nojenta. Ou se ela tivesse um namorado, ela uivaria de tanto rir das minhas calças molhadas porque não queria que os homens a vissem chateada. Afinal, o senso de humor é sexy. Ninguém gosta de uma mulher com raiva.

Eu tomo outra respiração irregular, forçando-a nas vias aéreas restritas para meus pulmões em pânico. Isso não é tão ruim. E se eu pudesse limpar a mim mesma e ao armário sem chorar naquela época, com certeza não choraria agora. Eu não surtei na época e não vou surtar agora.

Uma vez, ela me trancou em um armário porque disse que eu perderia minha claustrofobia se a encarasse. Fiquei enrolada como uma bola, com os joelhos no peito, por horas. Tenho todo o espaço do mundo aqui. Eu poderia me deitar e engatinhar de bruços. Eu posso rolar. eu posso me mover.

Eu começo a avançar novamente. Depois de um tempo, ouço brigas ecoando lá em cima. Estendo a mão hesitante e não consigo sentir o teto. Eu subo de joelhos, depois meus pés. O alívio flui através de mim em uma onda que traz lágrimas aos meus olhos e um grito de alívio à minha garganta. Piscando para afastar a umidade, coloco uma mão na minha frente e outra na parede, e ando até que a parede desapareça. Ligo o telefone pela última vez. Sem esqueletos. Nenhuma gaiola com Mabel Darling sendo mantida em cativeiro como Gretel esperando que a bruxa a comesse.

Existem dois túneis ao lado de uma sala cavernosa. Continuo em frente e, do outro lado da sala, encontro uma porta, como Baron disse.

Com o coração galopando em meu peito, encontro a maçaneta e giro. Ela não se move.

Porra. Eu afundo no chão, tremendo com a energia gasta, a adrenalina deixando meus membros. Meus dedos estão tremendo e rígidos de frio, mas mesmo assim tento arrombar a fechadura por um tempo. Quando não posso, penso em dormir aqui. Pelo menos estou longe dos caras. Mas está tão frio, e estou tremendo tanto que não consigo relaxar. Meu telefone morre e, de repente, a escuridão parece próxima, opressiva e aterrorizante. Embora eu não estivesse usando a luz, havia conforto em saber que era uma opção se eu precisasse.

Agora, o detestável Duke bêbado parece preferível a ficar aqui sozinha, sem saber se alguém vai entrar pela porta e quem pode ser.

Mas voltar para os gêmeos significa enfrentar o túnel novamente.

Eu fiz isso antes, no entanto. Eu posso fazer isso de novo. Sei que não há bifurcações até que o túnel se abra, o que significa que só preciso encontrar o túnel no escuro e torcer para que seja o caminho certo. Não é muito difícil. Eu só tenho que seguir em frente.

Reúno toda a minha coragem e rastejo pela sala no escuro. Quando encontro o túnel, respiro fundo e entro. Não penso, apenas avanço o mais rápido que posso. De alguma forma, não parece tão ruim no caminho de volta. Quando finalmente vejo uma luz fraca à frente, meu coração dispara de alívio. Eu saí do túnel para a sala de terra no porão de Willow Heights. A familiaridade em si é um alívio, e posso finalmente respirar aliviada. Duke está sentado em

uma cadeira, com uma cerveja na mão, os olhos desfocados e o queixo caído. Um caroço já se formou onde eu o derrubei.

Baron está sentado na laje de pedra, seu telefone ao lado dele com a luz acesa. — Como foi? — ele pergunta, segurando sua cerveja.

— Foda-se, — eu digo. — Você sabia que estava trancada.

— Enfrentou seus medos, porém, não foi? Mais um desafio do Midnight Swans pronto.

— É isso mesmo? — Eu pergunto. — Minha iniciação?

— Depende, — diz ele. — Poderia ser.

— Besteira. Royal disse que eu nunca poderia entrar.

— Royal não é o único Swan, — retruca Baron.

— Ele é o seu líder.

— Ele vai terminar com você depois desta noite, e então ele não vai se importar com o que acontece com você. É assim que funciona com ele. Quando ele termina, você não existe mais para ele.

— Tudo bem, — eu digo, colocando minhas mãos em meus quadris. — O que eu preciso fazer a seguir?

— Você me diz, Garota Perseguidora.

— Trair um amigo por um Swans. Veja, esse pode ser difícil, já que não tenho amigos.

— Gloria é uma amiga, — diz ele. — Eu sou um amigo.

— Mas você é?

Ele estende uma cerveja, a tampa ainda colocada. — Tome uma cerveja. Relaxe. Estaremos aqui por um tempo.

— Gosto de ficar afiada.

— Eu também, — diz ele, tomando um gole de sua cerveja. — Mas uma cerveja não vai doer.

Eu cedo e pego. Pelo menos pode me aquecer um pouco e, para ser honesta, preciso me acalmar e pensar sobre isso. Como quando me jogaram na lixeira com Colt, estou atacando um grande problema com uma faquinha. Se eu relaxar e esperar, alguém abrirá a porta. Se isso é algum tipo de trote para os Midnight Swans, então preciso ver o que eles querem que eu faça. Então, eu me sento na laje de pedra ao lado de Baron.

— Qual é o último desafio? — Eu pergunto. — A manopla.

— Para uma garota? — ele pergunta. — Isso significa que nós transamos com você.

Eu me forço a engolir minha cerveja sem reação. — Quem fez?

— Todos nós.

Aperto a garrafa gelada para evitar que minhas mãos tremam. — Todos os Swans?

— Um gangbang, baby,— Duke calunia, segurando sua cerveja.

— E isso já aconteceu antes? — Eu pergunto.

— Não, — diz Baron. — Porque nenhuma garota nesta escola faria isso. Mas aposto que você sim.

— Você apostou errado.

— Bem, tecnicamente, o desafio requer apenas a participação de três Swans, — diz ele. — E você já fodeu Royal. Então você é o terceiro do caminho até lá.

— Esta é a sua chance, — diz Duke. — Três por três. — Ele se inclina para a frente na cadeira, depois se inclina lentamente até cair, como se estivesse em câmera lenta. Seria cômico, mas estou um pouco preocupada que ele vá engasgar com o vômito e morrer durante o sono.

— Ele não está errado, — diz Baron.

Duke rola de costas no chão. — Vou descansar meus olhos, — ele murmura. — Então vamos marcar a equipe dela.

— Meu telefone morreu, — eu digo depois de um minuto, apontando para a luz de Baron. — Quer ligar para alguém para nos deixar sair?

— Não posso fazer, — diz ele, tomando um gole. — Sem serviço aqui embaixo.

— Certo.

Tomamos nossas cervejas em silêncio por alguns minutos. Então Baron desce da rocha e se senta no chão ao lado de Duke. — Meu telefone vai morrer se eu não desligar a luz, — diz ele. — Todos nós deveríamos apenas dormir um pouco.

— Por que não confio em você no escuro?

— Porque você é paranoica e acha que todo mundo quer transar com você.

— Diz o cara que estava apenas tentando entrar nas minhas calças.

— Fui eu, — diz Duke, sem abrir os olhos.

— Venha sentar-se conosco, — diz Baron. — Vai ser mais quente. Não vou mexer com você.

— Tudo bem, — eu digo, deslizando para fora da pedra e sentando-me ao lado deles. Apesar do comportamento de idiota bêbado de Duke, eles não fizeram nada. Baron está certo. Eles são meus amigos. Estamos saindo juntos há alguns meses. Sento-me com eles todos os dias na hora do almoço, vou a seus jogos, faço parte de seu círculo. Não é como no começo do ano, antes de eu ser uma menina Dolce. Estou sob a proteção de Royal agora. Eles podem *querer* que ele acabe comigo, podem tentar me convencer de que é verdade. Mas eu sei que não, e eles sabem disso também.

Ele não nos trancou aqui. Baron fez. O Baron tem a chave. Ele quer que Royal me dê um fora, mas não vai arriscar a raiva de seu irmão tocando em seu brinquedo antes que Royal dê o ok.

Baron apaga a luz e nós dois nos deitamos. Ele se vira para mim e eu fico tensa, mas ele apenas coloca um braço sobre mim. — Então, não quer ser um Swans se isso significa que você tem que trabalhar para isso?

— Você deixaria três caras transarem com você para entrar?

— Touché.

Por um tempo, nenhum de nós fala. Depois de um tempo, Baron suspira. — Você sabe, é aqui que eles mantiveram Royal quando ele foi sequestrado, — ele diz sonolento.

Um arrepio explode em minha pele e perco o fôlego por um segundo. — O que?

— Não na sala principal, — diz Baron, acariciando meu cabelo distraidamente. — Aqui de volta, na terra como um animal.

— E ele ainda vem aqui? — Eu pergunto, lembrando daquele estranho encontro no escuro, quando ele me trouxe até aqui e começou a me beijar e disse todas aquelas coisas assustadoras...

É seguro aqui, no escuro. Não dói mais.

De repente, fico tonta com a percepção de como tudo isso é doentio - ele forçando as garotas aqui a chupá-lo, aquelas coisas que ele disse que provavelmente algum doente disse a ele...

— Você está de brincadeira? — Duke pergunta. — Nosso irmão não tem medo de nada.

Eu posso ouvir o orgulho em sua voz, e é doce, o quanto ele pensa bem em seu irmão mais velho. Mas isso não muda o quão fodido isso é. Talvez tenha sido ele quem me trancou aqui com seus irmãos, sabendo o que eles poderiam fazer comigo.

— Foi ele quem quis manter os Swans funcionando depois que a escola e a polícia os fecharam, — diz Baron. — Ele queria vir aqui quando todos pensávamos que era uma má ideia. Mas ele queria manter as reuniões aqui.

— Por quê? — Eu pergunto, horrorizada demais para sequer pensar nisso.

— Provavelmente para mostrar o quão pouco isso o afeta, — diz Baron. — Para mostrar aos Darlings que eles não venceram.

Não estou convencida. Na verdade, isso me mostra o quanto isso ainda o afeta. Ele não pode deixar passar, assim como não pode parar de ir para a ponte,

onde tenho certeza que sua irmã morreu. Em vez de evitar tudo, ele se deleita com a dor como um masoquista, nunca se deixando esquecer. Ele está se punindo, embora eu não consiga imaginar o que ele acha que fez de errado em qualquer caso.

— Ele não vai deixar essa merda tomar conta dele, — diz Duke. — Ele governa seu passado.

— Posso te perguntar uma coisa? — Eu digo depois de um minuto. — Quando ele foi sequestrado... Ele foi agredido?

— Sim, — diz Baron. — Eles bateram nele. Tipo, metade dos dentes dele são implantes. Ele teve uma concussão, mas queria voltar para o campo.

Ele parece tão orgulhoso, como se isso tornasse seu irmão um herói. Minhas costelas doem só de pensar em Royal precisando se provar tanto assim.

— Papai teve que encontrar um médico que autorizasse ele a jogar, — diz Duke, rindo e depois soluçando. — Ele estava tão chateado que o primeiro não quis. Acho que ele o demitiu. Então ele encontrou um bom.

— Agora eles jogam golfe juntos, — diz Baron com uma risada. — Você nunca sabe quando vai precisar de um profissional médico. Ajuda a ter todos os tipos no bolso.

Um arrepio percorre meu corpo. Eu me pergunto quanto dessa luta foi de Royal e quanto foi do Sr. Dolce. Foi assim que eles tomaram o poder. Pagando as pessoas para fazerem o que querem, intimidando aqueles que não fariam. Nada fica em seu caminho - como pai, como filhos. Apesar do ressentimento de Royal, eles estão todos do mesmo lado, todos juntos. Royal tem dezoito anos. Ele não precisa obedecer ao pai nem morar lá. Ele poderia parar de ir para o Hockington se quisesse, mas algo o faz voltar. É a mesma coisa que o faz voltar aqui, algum tipo de penitência?

Eu limpo minha garganta. — Eu quis dizer, tipo, agredido sexualmente.

— Cara, isso é foda, — calúnia Duke. — Royal é um homem.

— Os homens também são estuprados.

— Royal nunca levaria isso na bunda, — diz Baron. — Você realmente está doente, Harper.

— Sim, — Duke entra na conversa. — Como você pode perguntar isso sobre um cara que está fodendo com você? Ele parece gay para você?

— A ignorância dessa declaração é honestamente surpreendente.

— Nada disso aconteceu, — diz Baron categoricamente. — O velho Darling o trouxe aqui, e ele foi espancado até quase morrer, teve metade de seus dentes arrancados, seu crânio fraturado, costelas quebradas, ombro deslocado... Ele estava faminto e desidratado e todo tipo de merda. Mas nem pense em nada pervertido assim.

— Porque nada disso é pervertido, — murmuro.

— Onde está minha cerveja? — Duke pergunta.

— Eles pegaram o cara? — Eu pergunto.

— Mais ou menos, — diz Baron. — Toda essa investigação foi malsucedida desde o início, no entanto. Os policiais caipiras daqui não sabem como lidar com problemas reais.

Ou talvez os problemas não fossem tão reais quanto Baron pensa. Dixie me contou que a própria irmã deles mandou uma carta dizendo que era tudo falso. Mas Royal não poderia ter fingido isso, poderia? Quero dizer, acho que ele poderia ter deixado alguém espancá-lo e depois dizer que eram os Darlings, mas caramba. Esses são alguns cumprimentos extremos para ir apenas para incriminar alguém. Mas então, Royal não é nada se não extremo.

E Dixie pode estar errada. Talvez não houvesse nenhuma carta e, se houvesse, talvez não fosse de Crystal, mas de uma Darling tentando fazer com que as acusações fossem retiradas. E aqui estou eu, ajudando-os.

— Você o encontrou aqui? — Eu pergunto, esfregando meus braços, tentando fazer o arrepio passar.

— Alguém viu minha cerveja? — Duke pergunta, tateando para mim até eu dar um tapa em sua mão. Sua voz é arrastada e sonolenta, porém, e eu sei que estamos prestes a perdê-lo esta noite.

— Ninguém o encontrou aqui, — diz Baron. — O pai de Devlin o colocou no sótão para escondê-lo até que ele morresse. Mas eles o encontraram antes dele.

— Quem o encontrou?

— Crystal e Devlin.

Eu estremeço mais forte. Tudo o que já ouvi de Colt e Dixie e até de Royal é como Crystal era ótima - que todos a amavam, a desejavam. Ela os ensinou muito. Ela era uma pessoa tão boa e altruísta. Mas eu não ouvi esta parte.

— Depois que seu pai tentou matar Royal, ela ainda escolheu Devlin em vez dele? — Eu pergunto.

— Sim, — diz Baron. — Royal a questionou também. Ele é franco pra caralho. Ele acha que fez algo errado por causa disso, mas ela precisava ouvir. E Royal nunca teve medo de bater nessas duras verdades, sabe? Ele vai dizer o que todo mundo está pensando, fazer a merda que ninguém mais quer fazer. Ele não deixa nada ficar em seu caminho. Ele faz merda.

Eu praticamente posso ouvir Baron e Duke se enchendo de orgulho toda vez que falam sobre Royal. É claro que eles o adoram. Mas isso não significa que eles sempre concordam com Royal. Esta é a primeira vez que ouço alguém pintar Crystal como algo menos que uma santa.

Eu quero ouvir mais, mas estou com muito frio para ignorar. — Alguma chance de alguém ter deixado uma jaqueta aqui embaixo? — Eu pergunto. — Ou uma muda de roupa seca?

A mão de Baron encontra a minha no escuro. — Droga, você está com frio, — diz ele, sentando-se. Ele se move e, um segundo depois, seu moletom quente me envolve em seu tecido aconchegante e seu cheiro, como meninos e colônia fraca ou desodorante. Puxo-o sobre mim e me aninho nele com tanta gratidão que poderia ficar tentada a transar com ele novamente se ele pedisse.

— Venha aqui e coloque sua cabeça em mim, e eu vou contar a vocês uma história para dormir, — diz Baron. — Eu tenho um pirulito extra que você pode comer enquanto escuta. Este é um pequeno conto que gosto de chamar de *A Queda dos Darlings*. Não se preocupe. Tem um final feliz.

Harper Apple

Eu ajusto minha posição para que eu esteja deitada perpendicularmente a Baron para que eu possa descansar minha cabeça em seu estômago. É melhor do que o chão frio. — Você vai me contar sobre como Royal ligou para sua irmã sobre escolher os Darlings em vez dele, e ela foi em frente, de qualquer maneira?

— Fodido, certo?

Não posso deixar de concordar com ele. Quem escolheria alguém em vez de Royal?

Mas então, isso não é justo. Estou aprendendo como o amor enlouquece uma pessoa. Quem pode dizer que eu não venderia minha própria família por Royal?

— O pai dele foi para a cadeia? — Eu pergunto, pensando no Sr. D, que queria viver indiretamente através de minhas histórias de sexo. Nenhuma visita conjugal, aparentemente.

— Por alguns meses, — diz Baron, pressionando um pirulito na minha mão. — Eles o acusaram de conspiração ou intenção ou algo nesse sentido. Mas seu advogado o livrou. O sistema legal aqui é ainda mais fodido que o de Nova York. Mas temos justiça.

Eu desembrulho o pirulito lentamente no escuro. — Você o matou?—

— Nah, — diz Baron. — Royal não acredita em assassinato. Ele diz que a morte é fácil. *A vida* é sofrimento.

— Então, ele é como um Buda zangado?

Baron ri. — Claro. Se você morrer, seu sofrimento termina. Se você viver, pode sofrer por muito tempo.

— E você o fez sofrer?

— Toda a família, — diz Baron com orgulho. — Enquanto o pai de Devlin estava na prisão, fizemos da mãe dele nosso brinquedo. Isso durou alguns meses, até que ela se internou em Cedar Crest.

Mesmo que pessoas como eu nunca pudessem pagar o Cedar Crest, é claro que ouvi falar do centro de tratamento. É uma das poucas reivindicações locais à fama, já que as celebridades se escondem lá para tratamento de vez em quando. É basicamente um resort ou um hospital psiquiátrico para ricos e famosos.

— Ela ainda está lá? — Eu pergunto, de repente me perguntando se o Sr. D é um homem.

— Nah, quando o pai de Devlin saiu da prisão, ele a tirou de lá e eles se mudaram. Nunca mais voltei para ver se eles poderiam salvar alguma coisa do fogo.

— Essa é a casa ao lado? — Eu pergunto. — Casa de Devlin?

— Sim, — diz ele. — Tal tragédia foi perdida em um incêndio.

Reiro os olhos no escuro. — Tenho certeza de que você não teve nada a ver com isso.

— Faríamos algo assim? — ele pergunta, seu tom cheio de falsa inocência.

— Você não sabe para onde ele foi?

— Nós sabemos, — diz ele. — Mas eles se foram de Faulkner, então seguimos em frente. Sabe o que foi muito divertido, Harper? Vendo seu império desmoronar enquanto o desmontávamos tijolo por tijolo.

— Alguém já te disse que você é um sociopata?

— Ah, agora, você também gosta de observar as pessoas, não é, Harper? Sempre bisbilhotando nossas vidas, investigando a vida de Royal. Tentando envolvê-lo em seu dedo mindinho. Não somos tão diferentes, você e eu.

Eu encolho meu ombro contra seu lado. — Talvez você esteja certo.

Eu não tenho tanta certeza, no entanto. Eu não me vanglorio na queda das pessoas.

Ou talvez eu faça. Antes que Royal significasse algo para mim, jurei derrubá-los. Não para assumir o trono, mas apenas pela alegria de vê-los cair. Talvez eu seja exatamente como o Baron, só não odeio mais os Dolces. Quando eles eram meus inimigos, eu queria vê-los queimar.

Depois de um minuto chupando nosso doce em silêncio, Baron se mexe para ficar confortável e então continua. — O avô Darling, John, teve sete filhos. Tudo começando com J. Então passamos por todos eles. Depois do pai de Devlin, Justin, há Joseph - o pai de Preston - e Jacob. Esse é o pai de Colt e Mabel. Joseph foi para a prisão por assassinato. Aquele cara estava definitivamente envolvido no sequestro de Royal. Pegue isto. Ele é tão idiota que até Preston se recusou a ser uma testemunha de caráter em seu julgamento.

Esse é o Darling que eu suspeito ser o Sr. D. Aquele a quem tenho alimentado informações. Já pensei nele como um amigo antes, mas sei que é uma ilusão criada pela minha própria falta. Ele não é um amigo. Ele é um cara tão mal que seu próprio filho não o defendeu. E tenho dado a ele informações sobre um garoto que amo. Isso me deixa doente e suja de uma forma que nem mesmo seu interesse sexual assustador fez.

Baron continua quando eu não respondo. — Fodemos um pouco com Lindsey, mas ela era muito fácil, e então Preston ameaçou Gloria, então passamos para a família de Colt. Nós nos divertimos um pouco com eles.

Penso no dedo que falta na mão de Colt, nas cicatrizes de queimadura. O dedo perdido do pai e a bengala. Mabel não apenas fugiu da cidade, mas mudou seu nome para que eles não pudessem rastreá-la. Engulo em seco, querendo ouvir os detalhes sobre os quais estive no escuro por tanto tempo, mas foda-se. O tom blasé na voz de Baron faz minha pele arrepiar.

— E então há Jeremiah e Jedediah. Gêmeos, na verdade. Jed sofreu algum tipo de acidente e morreu devido à perda de sangue. Ele tinha filhos, mas eles já tinham crescido e se mudado. Jeremias tem dois filhos. Seu filho estaria no segundo ano este ano, mas desapareceu misteriosamente pouco antes de começar em Willow Heights. Mas ele não mudou de nome, e veja, eu sou muito bom em encontrar pessoas. Estaremos de olho, e se ele voltar, estaremos prontos. E então a filha deles, Magnolia, será caloura no ano que vem. Isso vai ser divertido.

— Você nem conhece essas pessoas e está literalmente torturando-as até que morram?

— Eles torturaram Royal, — diz ele, como se isso explicasse tudo.

— Uma garotinha de doze anos torturou Royal? Ou, espere, ela teria dez anos na época?

— Ela é uma Darling, — diz ele. — Eles teriam feito o mesmo conosco. Eles tentaram. A diferença é que onde quer que eles tentem, nós conseguimos.

— Tudo por que um deles ousou amar sua irmã?

— Eles mataram nossa irmã, — diz ele, com a voz dura. — Há mais dois homens Darling também. Eles foram renegados pelo avô e mudaram de nome, mas nós os encontramos. Um deles havia se mudado, mas um deles na verdade morava no mesmo estacionamento de trailers de onde acredito que você veio. John Jr. Ouvi dizer que ele era próximo de sua mãe um tempo atrás, talvez quando você era muito pequena?

Eu não digo nada sobre isso. Muitos homens foram próximos de minha mãe, e não é como se eu quisesse explicar ao Baron Dolce que minha mãe é uma vadia de trailer.

— Nunca ouvi falar dele, — digo depois de um minuto, porque parece que Baron está esperando alguma coisa.

— Oh, bem, acho que ele teve uma overdose, então ele está fora de cena, de qualquer maneira.

— Você literalmente estudou a história da família Darling e encontrou alguém com esse nome e simplesmente destruiu suas vidas?

— Não apenas o nome deles, — diz ele. — O *sangue deles*. O sangue faz a família, não um nome. Um nome é algo que você pode se esconder ou fugir, mas não pode esconder seu DNA. O sangue deles é veneno para esta cidade. E o veneno tem que ser eliminado.

— Isso é áspero.

— Eles começaram.

Eu fico lá sem saber o que dizer. Eu quero rir da mesquinhez ridícula de sua resposta. Isso é tudo que ele tem a dizer? Eles começaram? Essa é a desculpa de uma criança de cinco anos no parquinho. Estou chateada com os Darlings e mal conheço um deles. Mas merda. Não é de admirar que as pessoas digam que os Dolces são maus. Eles são brutais pra caralho, e Baron soa como se estivesse contando uma história chata sobre nossos avós quando ele fala. Isso não é algo que aconteceu com outra pessoa, no entanto. Ele e Duke e sim, Royal, fizeram tudo isso. Levar pessoas ao suicídio. Mandou-os presos e internados em instituições mentais.

Estremeço só de pensar no que eles fariam se descobrissem que eu estava relatando a alguém sobre eles. Eles me matariam, ou sei lá o quê. Então é melhor eu conseguir o que o Sr. D quer e cortar todos os laços, quanto mais cedo melhor.

— Os Darlings começaram sequestrando Royal? — Eu pergunto, puxando o pirulito da minha boca.

— Isso, e roubar Crystal, e mesmo antes disso, eles foderam com nosso pai quando ele estava na escola aqui. Um Dolce nunca esquece.

— Posso te perguntar uma coisa? — Eu digo depois de pensar sobre isso. — Por que você faz qualquer coisa que seu pai diz? Royal tem dezoito anos e você o quê? Dezesete? Você não precisa fazer isso.

— Você não entenderia, — diz ele. — Você vem de uma família fodida.

— E a sua é tão funcional.

— A família é tudo para os Dolces, — diz ele. — Foi isso que Crystal esqueceu.

— Droga, — eu digo. — Isso é frio.

— É um fato, — diz ele. — As pessoas sempre dizem isso – verdade dura e fria, fatos duros e frios. Mas os fatos não são mais frios do que quentes. São apenas fatos.

E essa é a parte fria, penso comigo mesma. Esse cara não é apenas frio, seu coração é feito de gelo. Royal pode se tornar assim, mas há algum interruptor que ele aciona para chegar lá. Mas Royal *sente*. Ele sente muito, provavelmente

mais do que ele quer. O suficiente para que ele entre naquele modo de olho morto para se proteger.

Baron, no entanto... Baron é gelado até o âmago.

Lembro-me de pensar isso sobre o Sr. D, e me pergunto mais uma vez se entendi errado, se não é um velho nojento, mas um jovem gostoso.

— Então, ela esqueceu e morreu por isso, — eu digo. — É isso que seu pai diz para fazer você obedecê-lo? Ele ameaça matar você?

— Papai nunca nos ameaçaria, — diz Baron. — Ele costumava usar Crystal para fazer Royal fazer o que ele queria, no entanto. Mas ele não é direto como Royal. Com papai, é sempre uma sugestão sutil, um lembrete gentil de onde estamos.

— Você o admira, — eu digo. Está presente em cada palavra que ele fala, em seu tom de voz, tão claro quanto sua admiração por seu irmão. Isso o torna muito mais assustador. Ele é tão distante que não é natural e é um pouco assustador. Como esse mesmo garoto pode estar aqui deitado acariciando meu cabelo e acariciando minha cabeça, me dando seu moletom quando estou com frio e dizendo que sou amiga dele?

— Ele é um milionário que se fez sozinho, — diz Baron. — O que há para não admirar?

O fato de ele proxenetizar seus próprios filhos, em primeiro lugar.

Eu não digo nada, no entanto. Não sei se o pai deles faz isso ou se é obra de Royal. Não sei se os gêmeos sabem, ou se também fazem. E não vou espalhar esse tipo de informação para ninguém, nem mesmo para o irmão de Royal, sem saber.

— Duke desmaiou, — diz Baron depois de alguns minutos. — Acho que estamos sozinhos.

— Sim, — eu digo, movendo-me para sentar.

A mão de Baron aperta meu cabelo, porém, e ele se senta, então minha cabeça está em seu colo. — Fique, — diz ele. — Talvez agora que temos um minuto a sós juntos...

— O que? — Eu pergunto, virando-me para ele, embora eu não possa vê-lo no escuro. — Você vai dar em cima de mim?

— Ninguém saberia, — diz ele, seus dedos acariciando suavemente meu cabelo.

— Eu sei, — eu digo. — Você saberia.

— Só um pouco de merda? — ele pergunta, e um segundo depois, ele se empurra contra o meu rosto. Não sei quando ele colocou o pau para fora, mas é duro, quente e tão chocante que, por um segundo, não me mexo.

Então a realidade entra em ação e eu me afasto. — Que porra é essa, Baron.

— Você me deixa tão duro, — diz ele. — Tenho pensado nisso desde que vi você caindo no do Royal. E ouvir você lamber esse pirulito... eu sei que você sente isso também. Você está atraída por mim.

— Olhe, Baron, — eu digo. — Claro, admito que você é gostoso. Talvez se eu não gostasse do seu irmão, estaria a fim de você. Mas eu não estou.

— Só por um minuto, — diz ele, sua voz quase implorando. Ele pega minha mão e dá um pequeno aperto. — Eu só quero sentir sua boca. Não vou nem fazer você engolir.

Ele puxa minha mão para baixo, envolvendo meus dedos em torno de seu comprimento duro. Ele lateja na minha mão, e eu engulo com a sensação.

— De jeito nenhum. — Eu puxo minha mão para trás, meu coração martelando. — Você nem deveria estar perguntando. A única maneira de isso acontecer é se você estuprar meu rosto como seu irmão fez.

— Eu não vou forçá-la a fazer nada, — diz ele. — Se eu fizesse, você contaria a Royal, e ele chutaria minha bunda. Mas se você quiser fazer isso, ninguém vai dizer a ele. Será apenas entre nós. Nosso segredinho. Como o que eu disse aqui esta noite. Eu confiei em você. Você não confia em mim?

— É um pouco difícil quando você está literalmente me dizendo para manter um segredo do cara que eu... o cara que estou saindo.

Ele fica quieto por um segundo, e acho que ele vai perguntar o que eu estava prestes a dizer, se eu ia deixar escapar a palavra com A.

— Só desta vez? — ele pergunta em vez disso.

— Foda-se, Baron, — eu digo, levantando-me e tateando meu caminho no escuro. Não sei para onde estou indo, mas quero ficar mais longe possível dele e de seu pau. Meu pulso ainda está gaguejando, e não gosto nem um pouco da sensação de incerteza em minha barriga.

— Eu poderia fazer valer a pena, — diz ele. — Eu poderia fazer de você uma Swans.

— O que?

— Só porque você não nos deixou revezar com você, isso não significa que ainda não poderia contar. Se você fodesse vários Swans... Você seria sexualizada.

— Você disse três de vocês.

— Aposto que poderia convencer Duke, — diz ele. — Talvez se você apenas desse um boquete para ele também... Não é nem sexo. Mas poderíamos dizer a eles que foi.

— E eu seria uma Swans.

— *Trair um amigo por um Swans ...*, — diz ele, citando os desafios que li.

— E eu enfrentei meu medo na passagem?

— Você não fez?

— Então esses seriam todos os desafios. E o desafio — explodindo você e Duke — me colocaria dentro.

— Exatamente como você quer.

Eu penso sobre isso por um segundo. Eu poderia estar por dentro. Eu daria ao Sr. D tudo o que ele quisesse.

Mas eu perderia Royal e, em algum momento, ele se tornou mais importante.

— Eu vou passar, — eu digo. — Tento não sair por aí trocando favores sexuais para conseguir o que quero.

— Nem mesmo quando é o que você quer também? — Ele pergunta, sua voz mais próxima do que eu esperava.

— Toque-me, e você verá exatamente o quanto eu quero, — eu digo, deixando cair a haste no chão para que meus punhos estejam prontos. — E você vai mijar com um buraco na lateral do seu pau pelo resto da vida.

— Jesus, — diz ele. — Você está fodida, você sabe disso?

— Você sabe o que é mais fodido? Você continuou a me assediar mesmo quando eu disse que não estava interessada. Estou interessada no Royal. É isso. Nem você, nem Duke, nem nenhum dos seus outros Swans.

— Você vai mudar de ideia quando for a carne em um sanduíche duplo, — diz ele. — Mas eu vou deixar você fazer do seu jeito. Por enquanto.

— Nossa, obrigada por não me estuprar. Não deixe que eu esqueça de lhe dar uma estrela dourada quando saímos.

— Eu apreciaria isso.

Eu caminho para o lado da sala e encontro uma cadeira. Eu me enrolo nela para esperar pela manhã. Mesmo com o moletom, está tão frio que estou tremendo, no entanto.

— Vamos, não durma aí, — diz Baron. — Eu guardei meu pau. Venha aqui por nós. Está muito frio para dormir sozinho.

— Prefiro não ser estuprada durante o sono.

— Esse não é o nosso estilo, — diz ele. — Embora, se você tiver alguma dúvida sobre isso, tenho um amigo que pode ajudá-la.

— Não, obrigada.

— Pelo amor de Deus, apenas relaxe, — diz ele. — Eu só estava vendo se você queria muito. Obviamente, você não. Você não está comprometida o suficiente para ser uma Swans.

— E você não vai tentar me molestar durante o sono?

— Que diversão teria nisso? — ele pergunta. — Se você não revidar, não vale a pena pegá-lo.

— Você está realmente vendendo isso.

— Vamos, — diz ele. — Está frio aqui, e você roubou meu moletom, e eu não quero me aconchegar na bunda preta do meu irmão. Você vai congelar aí sozinha. Eu prometo que não vou mais foder com você. Entendo. Você é de Royal, e até que ele termine com você, você está fora dos limites.

— Estou dormindo com meu canivete na mão, — digo. — Eu vou cortar você se você me apalpar.

— Combinado, — diz ele. — Agora venha aqui e deixe-nos mantê-la aquecida.

Eu faço meu caminho de volta e deslizo ao lado de Duke. Baron se aproxima e envolve um braço em volta de mim. Eu tenho que admitir, é bom senti-los em cada lado de mim, me mantendo aquecida como ele prometeu, em vez de segurar meu orgulho e congelar minha bunda em uma cadeira. Ainda assim, não durmo até senti-lo relaxar, sua respiração ficando mais profunda quando ele cai no sono primeiro.

Eu pisco acordada quando a eletricidade volta, a luz no teto piscando algumas vezes antes de permanecer acesa. Leva um segundo para meus olhos se ajustarem e verem Royal de pé sobre nós.

Eu me levanto, meu coração batendo forte no meu peito. Minhas mãos voam como se para me defender da acusação em seus olhos. — Não é - estávamos apenas dormindo.

— Você transou com eles? — ele pergunta baixinho.

— Não, — eu digo, minhas mãos caindo para os lados. Lembro-me da ameaça de Duke na noite passada. Não importa o que aconteceu, não há nada que eu possa fazer para convencê-lo se eles disserem o contrário.

— Não por falta de tentativa, — diz Duke, esticando os braços sobre a cabeça.

Baron se senta e pega seus óculos e minha faca do chão antes de se levantar. — Não toquei nela, — diz ele. — Nós tentamos tudo o que você disse.

Pego minha faca de volta e me viro para Royal. — Que porra é essa? Isso é algum tipo de jogo para você?

Ele me dá um olhar legal. — Você queria ser um Swans. Eu só queria saber o quanto você queria entrar.

— Você estava me testando? Você realmente acha que eu transaria com seus irmãos? Isso nem faz parte da iniciação, não é? Você só queria um motivo para terminar comigo.

— Ei, não fique chateada com isso, — diz ele com um sorriso preguiçoso. — Você passou.

— Você nunca ia me deixar entrar no Swans, ia? Isso tudo é apenas um jogo hilário para você, vendo o que você pode me fazer. Mesmo que eu passasse em todos os desafios, você nunca me deixaria entrar no seu pequeno clube de garotos mauricinhos.

— E você deveria me agradecer por isso, — ele diz baixinho, seus olhos escuros ficando sérios.

— Foda-se, Royal, — eu digo, passando por ele e subindo as escadas.

— Oh, eu vou, — diz ele atrás de mim. — A única questão é, devo deixar você se acalmar primeiro ou te foder com raiva agora mesmo?

— Tente e veja o que acontece, — eu estalo. É bom entrar na biblioteca e bater à porta na cara dele. Estou cansada e dolorida de dormir no chão, sem contar que estou com a mesma roupa de ontem, mas com uma boa quantidade de sujeira. Além disso, eu nem tenho minha mochila. Mas faltam apenas quinze minutos para o início das aulas, o que significa que não posso ir para casa sem perder o primeiro período.

Não importa o que eu disse a Baron na noite passada, eu ainda odeio Royal na metade do tempo.

BadApple: Eu consegui o que você queria

MrD: O que você tem para mim, querida?

BadApple: informações sobre Swans incluindo regras antigas e novas.

MrD: Que novas regras?

BadApple: Eles disseram que uma garota pode entrar, mas tem que ser 'sexuada' por 3 membros atuais

MrD: Então faça isso.

BadApple: risos

BadApple: isso sera um não

MrD: Para que você acha que posso usar essa informação?

Eu cerro os dentes. Eu odeio quando ele faz essa pergunta. Sempre significa que não dei a ele o que ele queria.

BadApple: também obtive minutos de reunião por cerca de 6m depois que você foi inicializado

MrD: Bom trabalho.

BadApple: capturas de tela no meu telefone. Quer um encontro para que você possa pegá-los?

MrD: No devido tempo. Você pode enviá-los por e-mail.

BadApple: como é que você queria me encontrar no início, mas não agora? Você tem medo de que eu o reconheça agora?

MrD: Eu faço as perguntas. Você responde.

MrD: Quando eu quiser que nos encontremos, nos encontraremos.

BadApple: Ok. para onde você quer que as fotos sejam enviadas?

MrD: Vou criar um endereço de e-mail para eles.

BadApple: Então terminamos. Eu consegui as informações que você queria. Minha dívida está paga.

MrD: Eu já lhe disse antes. Não é assim que funciona, Harper. Realmente, é cansativo.

MrD: Eu vou te dizer quando você terminar. Enquanto você estiver na WHPA, fará o que eu pedir.

BadApple: isso é besteira

MrD: Eu pago sua mensalidade. Mês a mês. O primeiro mês em que você não fizer valer a pena será o seu último mês lá.

BadApple: Não concordo com esses termos

MrD: Então limpe seu armário e volte para o FHS.

Royal Dolce

Eu não posso deixá-la ir. Eu não sei por quê. Só sei que estou prolongando o inevitável, mas é bom demais para desistir ainda. Nos meses seguintes, fomos à ponte duas vezes por semana, mas não é o suficiente. Ela vem aos meus jogos, mas preciso de mais. Não sei como vou aguentar duas semanas sem ela nas férias de primavera, e odeio isso. Mas é apenas o corpo dela que eu preciso. E não vai ser difícil encontrar alguém para transar na pousada. Eleanor vai se curvar se eu olhar para ela direito.

Mas eu não quero Eleanor. Essa é a parte fodida.

Isso e o fato de que, quando Harper olha para *mim* direito, também faço qualquer coisa. Vou sair do treino para dar uma rapidinha no depósito do ginásio. Vou encontrá-la em seu armário como se ela fosse minha namorada porque sei que ela vai me recompensar com anal. Ela vai me enviar uma mensagem sexy e estarei na casa dela nas manhãs chuvosas, para que ela não precise ir de bicicleta para a escola.

E quando ela me disser que é seu aniversário de dezoito anos, estarei na fila para comprar ingressos de cinema como se fôssemos uns idiotas de um filme adolescente dos anos noventa. Não estamos nem vinte minutos no show quando Harper estende a mão e pega minha mão, entrelaçando seus dedos com os meus.

— O que você está fazendo? — Eu exijo, como se eu não trouxesse isso para mim.

— Estou segurando sua mão, — diz ela, piscando os olhos para mim, uma imagem de inocência. — Isso é um problema?

Porra, até os dedos dela são bons, tão pequenos entre os meus, como se eu pudesse mantê-la segura. Se eu pudesse mantê-la segura de mim, eu a deixaria fazer isso. Mas essa coisa toda já foi longe demais. Eu deveria ter terminado com ela agora, não arrastar isso por um ano letivo inteiro. Eu sei que estou sendo um idiota, que deveria acabar logo com isso e pronto. Essa é a coisa gentil a se fazer, a coisa que eu faria se realmente me importasse com ela do jeito que

minha cabeça fodida pensa que eu me importo. Mas não devo me importar tanto quando penso, porque não consigo acabar com isso e acabar com seu sofrimento.

Toda semana nós vamos cada vez mais fundo, passando tempo juntos, saindo de festas juntos, saindo com meus amigos como se fossem dela também. Mesmo eu não acredito que estamos apenas fodendo mais. Não tenho certeza se alguma vez fomos. Mas é definitivamente outra coisa agora. Algo perigoso para nós dois.

— Eu não pensei que você fosse uma daquelas garotas, — murmuro.

— Somos todas *aquelas* garotas. Algumas garotas apenas fingem que não são porque querem impressionar você.

— Baby, se você quer me impressionar, fique de joelhos e chupe meu pau do jeito que você faz.

— E então eu posso segurar sua mão?

Eu dou a ela um longo olhar. — Claro, — eu digo com um sorriso. — Chupe-me por essa pequena garganta apertada e engula o que eu der a você, e eu seguro sua mão. Já que é seu aniversário.

— Desafio aceito, — diz ela com um sorriso. Ela se inclina em seu assento para me dar um beijinho. — E quem disse que o compromisso está morto?

Eu deveria ter pedido anal. Tenho certeza que ela gosta de chupar pau tanto quanto eu gosto de receber.

Eu deslizo meus dedos em seu cabelo e trago seu rosto, beijando-a com força por um minuto antes de me afastar. — Agora enrole esses lindos lábios em volta do meu pau, aniversariante, — murmuro contra sua boca. — Gosto de ver meu brinquedinho com os joelhos sujos.

Ela olha em volta para se certificar de que ainda estamos sozinhos na fila de trás antes de deslizar para fora do assento, com um sorrisinho travesso animado no rosto. Eu amo seu lado aventureiro, sua vontade de fazer qualquer coisa comigo, o jeito que ela fica molhada quando eu a chamo de minha putinha. Ela está pronta para qualquer coisa e é viciante como o inferno.

Eu não sabia como era estar com alguém assim, por meses a fio, e nunca me canso dela. Nunca fiz parte de um casal, muito menos de um que queira transar constantemente. Quando não estamos juntos, minha mente está sempre na próxima vez que vou sentir sua boceta escorregadia apertada ao meu redor ou ouvir seus gritinhos ofegantes e impotentes enquanto ela goza ou seus ruídos de engasgo quando ela engasga com meu pau.

Eu mal posso passar um dia inteiro sem estar dentro dela. Cada momento que estamos juntos é gasto na agonia da antecipação até que um de nós cede e dá o sinal. Saímos da aula de ciências para transar em uma sala vazia, ou saímos do almoço para foder embaixo das arquibancadas, ou saímos de nossas aulas separadas para nos encontrar no porão, onde posso passar o tempo com ela, como se ela fosse algo que valesse a pena saborear.

Nunca esqueço quem ela é, mas isso só torna as coisas melhores. Não preciso me preocupar com ela ser uma namorada ou ter que tratá-la como se fosse respeitável. Ela não é.

Eu posso arrastá-la para o banheiro e fodê-la contra a parede, puxar seu cabelo e cuspir em seu rosto, e ela gozará em uma cachoeira. Eu posso dizer a ela que ela é uma puta suja que não significa nada para mim, que eu a odeio, e ela vai dizer isso de volta. Nada a desanima.

E isso me excita.

Mas, ao mesmo tempo, eu a odeio por isso. Odeio não conseguir esquecer quem ela é. Eu odeio que ela seja uma cobra na grama, que eu tenha que observar cada movimento dela. Eu odeio o próprio sangue que corre em suas veias como uma doença. Eu odeio que ela foda com minha cabeça, meu coração, até mesmo meu corpo. Eu odeio isso cada vez com mais frequência, me pego imaginando algo que faremos juntos em um ano, um mês, até mesmo uma semana, antes de me lembrar que é impossível. E o mais perigoso de tudo, odeio que seja impossível.

Eu sei que devo agir, que estou em um tempo emprestado agora. Quanto mais espero para neutralizar a ameaça, mais perigo ela traz não apenas para mim, mas para toda a minha família. Ela é o escorpião da fábula. Não posso mudar o que ela é, e se não a destruir primeiro, seu veneno envenenará a todos nós.

Mas que tipo de idiota termina com uma garota no aniversário dela?

Então, vou esperar mais um dia. Vou gozar em sua garganta e vou segurar sua mão, e ela vai cair mais fundo, e um pouco mais dela vai morrer quando eu puxar o plugue. Digo a mim mesmo que é por isso que estou esperando. Digo a mim mesmo que é ela quem vai quebrar quando eu for embora. Que é ela quem vai doer.

E eu quase acredito nisso.

Harper Apple

Não quero mais ser a espiã do Sr. D, mas também não quero voltar para Faulkner. Não posso confiar que o Sr. D não fará algo obscuro se eu fizer isso. Apesar do que ele diz, não tenho certeza se ele me deixaria ir tão facilmente. Ele já investiu muito em mim.

Depois de sua recusa em me deixar ir embora após a fracassada iniciação de Swans, não tenho certeza do que fazer. Eu poderia contar a alguém, mas não tenho certeza a quem contaria neste momento. Ironicamente, a única pessoa que poderia ajudar é provavelmente Royal, e não posso contar a ele sem ser morta. Afinal, ganhei muito com o acordo com o Sr. D. Não tenho certeza se ele é o cara mau aqui. Talvez eu seja.

Se eu contasse para minha mãe, ela apenas riria.

Eu disse para você não ir para aquela escola chique. O que você esperava? Nada na vida é grátis.

Nenhum dos meus amigos pode saber e, mesmo que soubessem e quisessem ajudar, não poderiam. Mesmo se eu fosse o Baron Dolce e o fizesse usar suas habilidades de hacker para descobrir quem é o Sr. D, isso não ajudaria. Não importa quem ele seja, estou em dívida com ele até sair daquela escola. A única saída é desistir de tudo e voltar para Faulkner e perder qualquer chance de conseguir uma bolsa de estudos nesta cidade. Essa é a única coisa neste mundo que não estou disposta a fazer.

E não é como se eu pudesse ir à polícia, mesmo se eu fosse o tipo de pessoa que faria isso. Não fiz nada ilegal para o Sr. D, e ele não está fazendo nada ilegal. Mesmo que ele tenha feito comentários obscenos, eu sou uma adulta. Quando ele começou a enviar mensagens, quando eu tinha dezessete anos, eu estava acima da idade de consentimento neste estado, então não é como se ele estivesse se aproximando de uma garotinha. Toda vez que penso no que disse a ele, no que fiz por ele, sinto-me mal. Comecei a fazer essa merda para conseguir o que quero, mas agora quero sair e estou presa.

Não posso sair sem me autodestruir. Estou presa. Desamparada. Tudo que eu mais odeio no mundo.

Então, continuo fazendo minha lição de casa e tirando boas notas, e entro na escola chique todos os dias como se pertencesse. Continuo saindo com Royal, mantenho meus amigos e mantenho meu segredo. E isso me corrói todos os dias, presa em cada passo meu, até que eu não tenha certeza do motivo pelo qual estou fazendo tudo isso. Então, eu faço o que qualquer pessoa presa em uma situação ruim faz.

Eu minto.

Se o Sr. D não vai me deixar ir, e eu não quero mais delatar meus amigos, que outra opção resta? Quando chega a hora de pagar as mensalidades de março, digo ao Sr. D que fodi com os gêmeos e agora sou uma Swans. O que ele vai fazer sobre isso? Ninguém além de mim e eles sabem que não é verdade.

O último dia de aula antes das férias de primavera finalmente chega. Royal me encontra no meu armário e me dá aquele aceno arrogante que ainda me faz querer bater nele na metade do tempo. — Vamos lá.

— Sim, sua majestade, — eu digo, revirando os olhos. Mas fecho meu armário e o sigo porque ele não tem mais prática e não o verei por duas semanas. Não estou perdendo nossa última tarde no rio antes da separação.

Os gêmeos e as Waltons saem conosco, mas só eu subirei no Range Rover com Royal. Então, ele é todo meu.

Quando chegamos à frente do estacionamento, acenamos para as Waltons, que se dirigem para seus carros. Eu tento não deixar meu ciúme aumentar, sabendo que elas estarão no chalé de esqui com Royal, provavelmente tentando se aconchegar perto do fogo depois de bater nas pistas. Eu confio em Gloria, e Everleigh é um pouco risonha demais para fazer o tipo de Royal. Eu não colocaria nada além de Eleanor, no entanto. Ela nunca me perdoou por arruinar sua tacada.

— Vejo você hoje à noite, — diz Baron, subindo no banco do passageiro do Hummer de Duke. Duke entra e entramos no Rover.

Royal vira a chave e um estrondo ensurdecador balança o carro. O capô voa com tanta força que atinge o para-brisa. Vidro se estilhaça, nos espirrando

no rosto. Chamas disparam sob o capô. Eu ouço Royal xingando através do zumbido em meus ouvidos da explosão.

Ele avança sobre mim, abrindo minha porta.

— Saia da porra do carro, — ele late, me empurrando com tanta força que eu saio voando.

Eu rolo uma vez antes de bater minha cabeça no estribo do veículo de Duke. Antes que eu possa me recuperar, Duke me agarra pelos braços e me puxa para cima, me jogando por cima do ombro e correndo atrás do Hummer. Royal está parado xingando e limpando o sangue do rosto.

As pessoas estão correndo em nossa direção, se reunindo, a pequena multidão tirando fotos e falando em seus telefones.

— Onde está o Baron? — Eu pergunto, tentando colocar minha cabeça no lugar.

Royal acena com a cabeça em direção à frente do carro, e eu me viro no ombro de Duke para ver Baron parado na frente do Range Rover, filmando em seu telefone.

— Você pode me colocar no chão agora, — eu digo a Duke, que me coloca de pé novamente, me empurrando para Royal.

Royal me gira e me agarra pelos ombros, olhando por cima do meu rosto e pescoço. Ele pega alguns pedaços de vidro da minha pele e tira meus ombros. — Você se machucou?

Eu balanço minha cabeça, olhando para ele da mesma maneira. — E você?

— Tudo bem, — diz ele, sua mandíbula apertada.

Eu pego um pedaço de vidro cravado em seu queixo, mas ele se afasta e vai até o Hummer, subindo no banco do motorista e batendo a porta. Ele abre o capô, pula e empurra Gloria e Baron para trás quando eles tentam abrir o capô. Eu quero gritar para ele parar, que ele vai se explodir, mas ele é muito rápido. Ele levanta o capô e minha garganta trava. Por um segundo, não consigo respirar.

Quando nada acontece, meu coração se transforma em um líquido ondulante em meu peito. Como se ele pudesse dizer que estou prestes a perder a cabeça, Duke envolve seus braços em volta de mim por trás e pressiona o queixo no topo da minha cabeça, me ancorando como fez no rio naquele dia. Estou muito aliviada para me afastar e jogar com calma, muito grata por seus braços fortes me segurando para que eu não tenha que fazer isso sozinha pela primeira vez.

Royal e Baron ficam para trás, e Gloria remexe sob o capô por alguns minutos antes de dar um sinal de positivo para Royal. Ele sobe de volta para o banco do motorista.

— O que ele está fazendo? — Eu pergunto, correndo para frente.

— Apenas espere, — diz Duke, agarrando-me pela cintura e me puxando para trás. Um murmúrio sobe da multidão e eu tento me afastar, meu coração martelando. Quase para quando Royal vira a chave. Mas o carro liga normalmente.

Uma exalação coletiva percorre a multidão e, em seguida, conversas animadas quando eles percebem que o show acabou e é hora de reviver a emoção.

Gloria fecha o capô e Duke me solta e pula no banco do passageiro.

Baron desliza para a parte de trás do Hummer e abre a porta, me dando um olhar questionador. — Vamos?

Eu subo, e Royal recua enquanto as pessoas se espalham para fora do caminho. Ele ruge para fora do estacionamento, os nós dos dedos brancos no volante.

— Se importa em me dizer o que diabos acabou de acontecer? — Eu pergunto.

— Eu sabia disso, — rosna Royal. — Eu sabia que ele ainda estava aqui.

— Preston Darling deu as caras, — explica Baron.

— Ele atacou seu carro? — Eu pergunto. Mais uma vez, há uma razão para eu ficar fora dos negócios de gangues, e é por merdas como esta. Não tenho interesse em guerra ou explodir merda. Mas estou envolvida, quer eu

esperasse isso ou não. Eu sabia que entrar com os Dolces era perigoso. Todo mundo me disse. Você não consegue tanto poder sem fazer inimigos, e os inimigos deles também são muito perigosos.

— Perseguidor de merda, — diz Duke, balançando a cabeça. — Ele luta como uma menina.

— Inteligente? — Eu pergunto.

— Como um maricas, — diz Duke. — Ele nunca vai sair do esconderijo e lutar contra nós como um homem de verdade.

Talvez porque haja três de vocês, e apenas um dele, eu acho, mas não vou dizer essa merda em voz alta. Além disso, um pensamento horrível e repugnante revirava meu estômago. E se não fosse Preston Darling? E se fosse o Sr. D?

Ele tem outros espiões além de mim? Alguém ainda no Swans? Colt disse que os Darlings têm aliados escondidos por toda a cidade, com medo de aparecer. Se um dos amigos dos meninos Dolce for um simpatizante do Darling e disser ao Sr. D que estou mentindo, ele teria como alvo o garoto que me fez mudar de aliança? Ou ele viria atrás de mim?

— Temos que expulsá-lo, — diz Royal.

Ninguém diz nada por um longo minuto.

— Nós tentamos isso, — Duke diz finalmente.

— E papai disse que a família deles está fora dos limites.

— Espere o que? — Eu pergunto, minha mente correndo. Estou tão emaranhada nesta teia que não consigo encontrar o fio para me libertar. Os meninos sabem que não sou um Swans. Se eles contassem ao Sr. Dolce, e ele dissesse ao Sr. D — o pai de Preston — pensando que é um amigo, e o Sr. D fosse atrás de seu filho para me punir... O Sr. Dolce virá atrás de mim a seguir? Isso é muito complicado. Se eu quisesse essa confusão desastrosa de violência, traição e confusão em minha vida, teria apenas tentado ser popular na Faulkner. Eu não me inscrevi para essa merda. Eu só queria ir para a faculdade.

— Foda-se, — diz Royal, me ignorando. — Ele teve sua vingança. Ele não pode nos impedir de conseguir a nossa.

— Poderíamos ir atrás de Magnolia, — diz Duke.

Isso quase me encharca em água gelada. Esse problema é muito maior do que eu.

— Preston acha que é o chefe dessa família agora, — diz Baron. — Se a alvejarmos, ele pode sair e defendê-la.

— Você está falando sério sobre transar com uma garota de doze anos? — Eu pergunto.

— Ela não tem doze anos, — diz Baron. — Ela é quatro anos mais nova que nós. Você sabe como as meninas são nessa idade. Ela ficará lisonjeada com a atenção de três caras mais velhos. Inferno, vai ser como tirar doce de um bebê.

— Então ela tem treze anos? — Eu exijo, olhando para ele. — Isso é foda, pessoal. Tipo, criminalmente.

— Você fodia garotos quando tinha treze anos, — realça Royal.

— Não *caras*, — eu digo. — Um cara. E foi um grande erro.

— É assim que você aprende, — diz Duke, exibindo um sorriso arrogante.

— Oh, entendo, — diz Baron lentamente, balançando a cabeça enquanto me estuda.

— Não tente me psicanalisar para desculpar a merda doentia *que você está* falando que vai fazer, — eu retruco.

— Não precisa ser Magnolia, — diz Royal. — Há uma outra pessoa para quem aquele sanguessuga egoísta virá correndo.

— Sim, mas ela está na Califórnia, — diz Duke.

— Não Dolly, — diz Baron, estalando os dedos. — Lindsey.

Há um silêncio carregado.

Sou eu quem quebra. — Você está indo atrás de sua irmãzinha fraca de novo? O que ela fez com você?

Lembro-me da crise de choro de Lindsey na festa de destruição. Ela não conseguia nem sair do armário e abrir caminho no meio da multidão. Não há como ela lidar com esse tipo de merda de guerra de gangues.

— Não é sobre o que ela fez, — explica Baron, como se eu fosse estúpida por ter esquecido o que ele disse no porão. — É sobre o que a família dela fez.

— Então, você está indo atrás de uma garota inocente porque odeia o irmão dela.

— Ele vai mostrar a cara por ela, — diz Royal.

— Você só pode estar brincando comigo, — eu digo. — Você está usando-a só para pegar o irmão dela, por que ela é uma menina e não pode se defender de um bando de bandidos?

— É assim que o mundo funciona, Apple, — diz Duke. — Bem-vinda a bordo.

— De jeito nenhum, — eu digo. — Você vai ter que pensar em outra coisa.

— Ele foi atrás de Gloria primeiro, — diz Royal calmamente. — Foi assim que ele escapou da última vez.

— O que ele fez com Glória?

— Nada, — ele murmura.

— Porque cedemos e o deixamos ir, — diz Baron. — É hora de ele provar esse remédio.

— Então, ele jogou sujo, e isso faz com que esteja certo? — Eu pergunto.

— Não se trata do que é certo, Cherry Pie, — diz Duke. — Tudo é justo.

— É uma boa ideia, — diz Baron. — Deixamos Lindsey sozinha porque ela cedeu depois de dois dias, e não foi nada divertido. Ela é patética demais para se incomodar em quebrar, mas sua vez esta chegando. Tique-taque, vadia. Acabou o tempo.

— O que você vai fazer com ela? — Eu pergunto, cruzando os braços e olhando para ele do outro lado do assento.

— O que for preciso, — Royal diz calmamente.

— O que isso significa?

— O que você acha que isto significa? — Duke pergunta, com um sorriso maníaco no rosto. — Não se preocupe. Vamos torná-lo rápido e indolor. Ou pelo menos rápido.

— E se ela não souber onde ele está?

— Então vamos enviar uma mensagem a ele, — diz Baron, um brilho de excitação iluminando seu rosto. — Os vídeos dão mais força, você não concorda, Harper?

Quero destruí-los novamente toda vez que penso no vídeo que todos viram, riram e divulgaram. Já faz um tempo que eu queria vingança, mas não esqueci o que fizeram comigo. Pessoas inteligentes perdoam, mas nunca esquecem.

— Como você sabe que foi Preston quem explodiu seu carro? — Eu pergunto.

— Como Você sabe que não foi? — Royal pergunta, me observando pelo retrovisor. — Existe mais alguém que poderia ter sido?—

— Não, — eu digo rapidamente. — Eu não sei nada sobre essa merda.

Ele e Duke trocam um olhar, e eu quero gritar de frustração porque estou perdendo alguma coisa, e eu odeio não saber o que é. Eu tenho um segredo que poderia destruir Royal, mas ele tem muito mais, e ele nunca compartilhou nenhum deles comigo. Estamos juntos há meses. Fui presa por eles, provei minha lealdade a ele naquele porão. Vou aos jogos dele, transo com ele de todas as maneiras que ele quer, saio com os amigos dele. Eu fiz de tudo, e ele me apoiou, mas nunca confiou em mim.

Se ele não é o Sr. D, como ele sabe que não posso confiar?

— Foi Preston, — diz Duke. — Ele ainda está chateado com o que fizemos com a casa dele.

— Lindsey é a nossa melhor chance, — diz Baron. — Ela é irmã dele e vai quebrar em cinco minutos.

Eles estão certos. Lindsey é fraca. Talvez todas as mulheres Darling sejam. Talvez seja por isso que os homens Darling as escolhem. Lembro-me de sua mãe gritando enquanto a carregavam. Lembro-me do que Baron disse sobre as outras - duas em uma instituição mental, uma morta por suicídio. Isso tem que acabar.

E não apenas para os Darlings. Tem que acabar para todos. Esses meninos precisam de ajuda. Eles estão fora de controle e não estão apenas destruindo os Darlings. Eles estão se destruindo. Lembro-me do tom não afetado de Baron quando ele descreveu o que eles fizeram, como ele é insensível com a coisa toda, então ele nem mesmo vê que está errado. Talvez ele realmente seja um sociopata e não saiba que isso é errado. Mas Duke sim. Sua bebedeira constante me diz isso - ele acha que pode entorpecer tudo e faz um bom trabalho nisso. E então há Royal, com seus olhos vazios e mortos que quase nunca mais vi.

Ele precisa de ajuda mais do que ninguém.

Já se passaram quatro meses desde que ele bateu em Colt, quatro meses desde que ele teve que ver um Darling na escola. Os Darlings o sequestraram, e eu fico querendo vingança. Eu entendo a necessidade de vingança tanto quanto qualquer outra pessoa, mas em algum momento você tem que seguir em frente e deixar de lado a fantasia. Em algum momento, você tem que deixar outra coisa importar mais. Em algum momento, a vingança de Royal tornou-se apenas mais uma de suas tendências autodestrutivas. Ele não está apenas prejudicando os Darlings. Ele está machucando os Dolces - ele e seus irmãos.

— E se Preston não sair, ou ele nem estiver mais em Faulkner, você arruinou a vida de sua irmã por nada? — Eu pergunto, mantendo minha voz firme, embora eu queira colocar algum sentido em todos os três.

— Então foi Colt, — diz Royal. — Ouvi dizer que ele voltou do hospital com um rosto bem novo. Se ele for estúpido o suficiente para foder com a gente, ele merece se virar e voltar para hospital.

Não. Foda-se não. E foda-se tudo isso. Eu já tive o suficiente.

Fiz muitas coisas este ano das quais não me orgulho. Já me perguntei se sou mesma uma boa pessoa, se a escuridão de Royal e a podridão de seu mundo rico me transformou em uma pessoa de quem não gosto muito. Afinal, é minha própria ambição, meu desejo de permanecer na escola de elite deles, que está por trás de tudo de ruim que fiz.

Mas é aqui que eu traço a linha.

Uma coisa é andar com bandidos com ligações criminosas ou arruinar uma casa. Já é ruim o suficiente foder o homem que quase matou meu amigo ou ouvir o que eles fizeram no passado. Este não é o passado deles. Isto é agora.

E acaba agora.

— Não fique tão assustada, — Duke diz, virando-se no assento e piscando para mim. — Não vamos matá-la. Vamos apenas nos divertir um pouco com ela até que seu irmão saia rastejando de seu buraco para tentar ser um herói.

— Então você vai estuprar uma garota inocente porque o irmão dela danificou seu carro?

— Você faz isso soar tão bárbaro, — Duke diz com zombaria em sua voz.

— Isso é.

— Talvez você esteja certa, — diz Baron. — Mas esta é a linguagem que os Darlings entendem Claro, é um pouco primitivo., mas funciona.

— As pessoas fazem essa merda desde os tempos dos vikings, baby, — diz Duke. — Somos todos apenas saqueadores, não somos?

Não.

Não, não somos. Eu queria entrar para o grupo dos Dolce, ser amiga deles e ser aceita no clube masculino. Mas não estou participando disso. Não parecia certo destruir a casa deles, mas destruir uma pessoa... Isso está muito além de uma linha que estou disposta a cruzar. Especialmente quando essa pessoa não fez nada de errado e não merece isso de forma alguma. Só porque ela nasceu em uma família que eles odeiam, isso não deveria torná-la um alvo. Não conheço os sentimentos dela sobre ser uma Darling, mas não posso deixar de me lembrar da história de Colt sobre o que eles fizeram com sua irmã. Foda-se se eu vou deixar isso acontecer de novo.

Royal para do lado de fora da minha casa e estaciona. — Saia.

— Onde você está indo? — Eu pergunto.

— Não é da sua conta, — ele retruca. — Isso não é da sua conta.

Porra. Eu não deveria ter protestado em voz alta. Eu deveria ter entrado no jogo, descoberto quando e onde eles vão levá-la. Agora eles sabem que não estou disposta a isso e não vão dizer nada na minha frente. Eles podem até suspeitar da verdade - que estou planejando avisá-la.

Minha mente corre pelas possibilidades. Não sei o código do portão do bairro Darling, e a casa dela estava basicamente demolida da última vez que a vi. Não sei se eles a reconstruíram e se mudaram de volta. Onde quer que ela esteja, ela vai ficar com a mãe — presumindo que a mãe dela tenha sobrevivido, já que nunca ouvi falar ao contrário — espero que em algum lugar seguro. Eu poderia tentar localizá-la fora do ESF, mas não tenho certeza de que carro ela dirige ou quando sai da escola. Ela provavelmente já foi para casa hoje, sem falar que minha bicicleta está na escola, então não tenho transporte agora. Não tenho o número dela nem de nenhum de seus amigos, já que obviamente estamos em grupos diferentes.

Não consigo pensar em outra opção agora. Eu sei que não devo tentar mudar a opinião dos garotos Dolce. Eles já suspeitam o suficiente de forasteiros. Assim que mostrei qualquer dúvida, acabou. Eles não vão confiar em mim para saber mais.

Estendo a mão para a porta, mas Baron agarra meu pulso. — Mantenha a boca fechada sobre qualquer coisa que você acha que ouviu hoje, — diz ele. — Nós saberemos se você falar, e isso não vai mudar nada para ela. Isso só vai mudar as coisas para você.

Nossos olhos se encontram e um arrepio percorre minha espinha. Não quero nem pensar no que ele quis dizer com isso. Mas também sei que não vou sentar e não fazer nada e deixá-los destruir a vida de outra garota. Eu sou dura. Eu posso pegar o que quer que eles sirvam. Lindsey não pode. Um aluno da oitava série não pode. E quem sabe quantas vidas de outras garotas eles já arruinaram, e quantas mais vão destruir se eu não me levantar e lutar por todas elas. Para todas *nós*.

Eu saio do carro. Na metade do caminho, ouço uma porta bater atrás de mim. Meu primeiro instinto é correr. Correr pela passarela e entrar na casa e trancar a porta. O medo dispara através de mim quando ouço passos pesados no concreto atrás de mim. Os meninos Dolce sempre anunciam sua presença com seus passos, como se até seus passos dominassem tudo ao seu redor. Eles estão aqui, e é bom que o mundo preste atenção.

Royal caminha ao meu lado. Ele não diz nada até chegarmos à porta. Se alguma vez imaginei Royal me acompanhando até a porta, não foi assim. Há apenas pavor dentro de mim. Sinto como se estivesse no corredor da morte.

Garota morta andando.

— Posso entrar? — ele pergunta.

De jeito nenhum. Mesmo que estivéssemos em boas condições agora, ele não estará vendo como eu vivo.

Eu me viro para encará-lo, jogando meu cabelo para trás. — O que quer que você tenha a dizer, apenas diga.

Ele encontra meus olhos diretamente, e sua voz é plana quando vem. — Acabou.

Harper Apple

Luto para não cair para trás com a força do golpe. Eu sempre soube que estava chegando, e ainda assim, de alguma forma, isso me atordoa mais do que a porra do carro-bomba sob o capô de Royal.

— O que? — Eu consigo, porque sim, sou uma masoquista que precisa ouvir isso de novo.

— Vou tirar suas coisas do meu carro e trago hoje à noite, — diz Royal.

— Você está brincando comigo? — Eu pergunto. — Nós temos uma briga e você vai acabar com isso?

— Sim.

— Você é inacreditável, — eu digo. — Você estava esperando por isso o tempo todo, não estava?

— Sim, — ele diz novamente, sua voz sem emoção.

— Uau. Então, o tempo todo, você estava apenas esperando por uma desculpa para terminar comigo. O primeiro sinal de desacordo e você sai correndo.

— Não foi um desentendimento, — diz ele. — Você ficou do lado deles. Eu sabia que você faria. Mas isso sempre seria o fim.

Eu luto contra uma risada incrédula. — O que — este é outro de seus testes? Você realmente bombardeou seu próprio carro para ver se eu escolheria você em vez deles?

Uma centelha de aborrecimento aparece em seu rosto. — Eu não danificaria meu carro por você.

Cruzo os braços sobre o peito. — Você está errado, — eu digo. — Eu não fiquei do lado deles. Eu escolhi você. Escolhi lutar contra o que você está fazendo porque machuca você, Royal, não eles. Eu mal os conheço. Mas eu

conheço você. E eu sei que isso não é bom para você. Eu sei que você é melhor do que isso. Que você pode ser melhor.

— Você *não* me conhece, — diz ele categoricamente. — Ou você saberia que é uma desculpa de merda para o que você acabou de fazer.

— Sabe o que eu acho, Royal? Acho que você está com medo de realmente sentir algo pelo menos uma vez na vida. Que você está com medo que eu te entenda e que eu ainda me importe com você, mesmo que você não ache que mereça. Você é um homem grande e forte que gosta de estar no controle, e te irrita por não poder controlar nada disso. Você não consegue lidar com isso, e essa desculpa esfarrapada é a melhor que você pode inventar para escapar da melhor coisa que aconteceu com você em anos.

O canto de sua boca se ergue em um sorriso indulgente, e ele estende a mão e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você se dá muito crédito, Cherry Pie, — diz ele. — A única coisa que aconteceu comigo é que encontrei outra puta que abriu as pernas e me deixou transar com ela nos três buracos até ficar entediado com todos eles.

— Você é um péssimo mentiroso, Royal.

Não é verdade, no entanto. Suas palavras cortam mais fundo do que eu jamais vou deixá-lo saber.

— E você foi um brinquedo bonito, — diz ele, seu sorriso terno, quase apologetico. — Mas isso é tudo que você é. Foi divertido ver o que eu poderia conseguir que você fizesse, mas uma vez que eu sabia que você estava desesperada o suficiente para se rebaixar a qualquer nível para o meu prazer, era apenas uma questão de tempo. Você está toda esgotada e desgastada agora. E eu não transo com garotas largas, então não vou ver você de novo.

Ele se vira e vai embora, deixando-me fervendo de raiva no passo. Eu quero gritar atrás dele, mas não vou ser tão patética, então eu me viro e bato a porta. Espero que ele foda todos as três Waltons, e cada uma delas lhe dê uma nova doença.

Estou tão furiosa que quero bater no saco no porão pelas próximas cinco horas, imaginando o rosto de Royal enquanto faço isso. Mas então me lembro do motivo de toda a briga de separação e sei que não posso ignorá-lo e dar um soco nos meus problemas. Eu preciso alertar as pessoas.

E foda-se, meu telefone está na minha bolsa, que está no carro destruído de Royal na escola. O que significa que não tenho o número de ninguém.

Sento-me e inicializo o antigo computador de mesa na sala de estar. Leva uma eternidade, porra, e estou prestes a arrancar minha própria pele antes que ela se conecte à internet. Mas, finalmente, abro o aplicativo *OnlyWords*, que é tão bom quanto enviar mensagens de texto. Eu posso fazer isso. Mando uma mensagem para Dixie, perguntando se ela conhece Lindsey ou se tem o endereço do Messenger dela.

Ela não.

Em seguida, peço o endereço de Colt e mando uma mensagem para ele, nem mesmo querendo saber o que ele pensaria de mim agora. Estou transando com Royal Dolce, seu maior inimigo, há meses. Da última vez que o vi, Royal também era meu maior inimigo. Agora, não tenho tanta certeza. Sim, eu quero arrancar os dentes dele agora, mas isso não significa que todo o resto foi embora. Eu sei que ele está fodido da cabeça, e eu sinto por ele, mas o que ele está fazendo agora... Não há desculpa para isso.

Colt não responde.

Lembro-me do pedido do Silver Swans, então mando uma mensagem para ele também. Nenhuma resposta lá também.

Eu vasculho meu cérebro, tentando pensar em quem mais contatar. Eles podem estar a caminho agora. Eu preciso fazer algo, mas, novamente, estou presa. Eu não tenho carro aqui. Depois que eu não trouxe o carro da mãe de Blue para casa por uma noite e um dia inteiro da última vez que o peguei emprestado, não acho que eles o emprestarão novamente tão cedo. Até minha bicicleta ainda está na escola, trancada no bicicletário.

Tudo o que tenho é esse aplicativo estúpido. Então, vai ter que servir.

Eu olho através das pessoas que eu mandei antes. Não tenho as informações de Chase. Não tenho informações de ninguém na FHS que possa conhecer Lindsey, ou de alguém próximo aos Darlings, exceto Dixie.

E mais uma pessoa.

Sr. D.

Eu digito o nome dele, e nossa conversa preenche a tela, as linhas de texto verde em blocos no fundo preto da última vez que o atualizei, quando disse a ele que era um Swans. Eu fico olhando para a tela por um longo tempo. Há uma verdade que eu nunca disse a ele. O único segredo que é exatamente o que ele precisa - aquele que pode derrubar os Dolces.

BadApple: *Você pode entrar em contato com a Lindsey?*

Eu espero por dois minutos antes de ficar muito nervosa para ficar sentada lá esperando. Droga, por que ninguém está respondendo quando eu preciso? Ando de um lado para o outro, depois vou para a cozinha, abrindo e fechando os armários. Eu me pergunto se eles já estão na casa de Lindsey, onde quer que seja. Lembro-me do caos em sua casa chique. Eu me pergunto quanta comida foi desperdiçada na guerra de comida. Abro a geladeira e fecho de novo. Penso naquele bife que Royal comprou para mim no Cliff's, como derretia na minha boca. Eu me pergunto quantos mantimentos poderíamos ter comprado, quanto tempo mais esse dinheiro teria durado, e me sinto instantaneamente culpada por ter pegado aquela comida, por ter pegado qualquer coisa do Dolces. Eles não são apenas crianças confusas. Eles são maus.

Pego um pacote de bebida com sabor e misturo em um copo de água. É aquela coisa genérica de marca que você tem que ficar mexendo sem parar ou vai tudo para o fundo, então a parte de cima fica com gosto de bunda aguada e a de baixo é tão doce que derrete os dentes. Quando volto para a sala, há uma mensagem.

MrD: *Por quê?*

BadApple: *Ela está com problemas. O Dolces estão indo machucá-la para atingir 2Preston. Você pode avisá-la?*

MrD: *Eu poderia tentar.*

MrD: *Ou você pode ir junto... Veja o que eles vão fazer.*

BadApple: *Achei que você fosse o pai dela. Você não deveria estar pirando?*

MrD: *O que te fez pensar isso?*

BadApple: *Eu?*

MrD: *Eu poderia ser.*

BadApple: *nós dois já sabemos o que eles fazem com as garotas. Eles farão o mesmo que fizeram comigo, mas provavelmente pior. Eles não vão deixar-me filmar. Será minha palavra e dela, se ela testemunhar, contra a deles. N sabemos quem vai ganhar.*

MrD: *Então, o que você vai fazer sobre isso?*

BadApple: *O que eu vou fazer?*

MrD: *Depende do que você me diz.*

BadApple: ...

Eu sento lá por um longo minuto. De jeito nenhum eu vou concordar e vê-los estuprar uma garota. Nem mesmo para o Sr. D. Nem mesmo para uma bolsa de estudos de vinte mil dólares.

Mas há algo que posso fazer para detê-los. Se eu conseguir que ela se esconda, fique quieta, até que a merda chegue ao ventilador...

Bem, eles provavelmente vão esquecer tudo sobre ela então.

Eu tenho o que o Sr. D precisa. Está na ponta dos meus dedos. Eu não ia contar a ele. Planejei levar para o túmulo o que Gloria disse. É muito pessoal, muito terrível, para compartilhar com um estranho, mesmo alguém que deseja a mesma coisa que eu.

Mas é a chave. Eu sei que é. É por isso que me sinto mal só de pensar nisso. Porque eu sei que é uma arma tão terrível quanto qualquer coisa que os próprios Dolce usariam.

Eu mexo minha bebida e tomo um gole. O açúcar atinge meu estômago vazio, tornando-o azedo.

Porra. Porra. Porra.

Posso realmente fazer isso com Royal? Eu penso nas consequências. Como isso vai arruiná-lo na escola. Como isso pode arruinar sua família nesta cidade. Um escândalo desses...

Seria tão ruim assim se ele não fosse o rei de Willow Heights? Não seria ruim para a escola, tenho certeza disso. As pessoas poderiam viver sem o medo constante de serem alvos. As meninas não teriam que ser suas escravas, carregando suas bandejas ou atendendo suas ligações porque não podem

recusar. E os Dolce têm muito dinheiro. Eles podem fazer as malas e deixar a cidade, recomeçar em outro lugar, como aquelas famílias Darling fizeram. Faulkner não vai doer muito na ausência deles. Eles vão perder algum dinheiro, mas pelo que ouvi, a maior parte desse dinheiro é do tipo corrupto, de qualquer maneira - subornos e favores por baixo da mesa.

Talvez Royal consiga parar o que está fazendo. Ele vai se formar em breve e deixar a casa de seu pai.

Penso na escola sem os meninos Dolce. A escuridão, perigo e emoção que eles trazem. Como seria vazio sem eles, como se não tivéssemos propósito. Penso em quanto Royal me odiaria se soubesse que fui eu quem vazou seu segredo. Eu penso em quanto vai doer ver seu lugar vazio ao meu lado na aula de ciências, sair do meu armário todos os dias sabendo que não vou vê-lo pairando no corredor, tempestuoso e assustador e tão sexy que dói até o chão. Centro do meu ser.

Penso na saudade dele, no buraco que ele vai deixar na minha vida. Ele me largou, no entanto. Ele irá embora de qualquer maneira. Eu não serei uma garota Dolce. Serei ninguém. O vazio já está se insinuando como o frio úmido que se arrasta pelo chão no inverno e assombra a casa como um fantasma nesta época do ano.

Imagino viver o resto da minha vida sabendo que nunca mais me sentirei assim, o vínculo que se estende entre nós até doer... Olhando em seus olhos e sabendo que encontrei minha alma gêmea negra.

Mas sua alma sombria foi distorcida em outra coisa, algo doentio e mortal. Minha espécie pode ser um hematoma nesta cidade, mas a dele é o câncer.

Um vazio frio aperta dentro do meu peito até doer. Ele já se foi. Ele nunca foi realmente meu, para começar, mas eu me permiti acreditar. Eu me deixei cair, e agora estou pagando. A dor está apenas começando. Mas eu sei que é isso que tem que ser feito. Ele faria o mesmo comigo.

Não, ele *fez* o mesmo comigo. Expos minha vergonha mais profunda para o mundo ver. Usou isso contra mim, me machucou com isso, e por nada mais do que me mostrar que ele podia. Pelo menos estou tentando ajudar alguém, talvez muitas garotas no futuro que não estarão sujeitas a garotos tóxicos e perigosos como esse. Doce Magnólia, onde quer que ela esteja. A inocente Lindsey.

E Colt.

Meus dedos estão tremendo quando começo a digitar. Faço uma pausa após cada frase. Mudo de ideia e apago algumas vezes, apenas para começar de novo. Meu coração está batendo de forma irregular e as lágrimas caem no teclado, mas eu continuo forçando. Sei que estou arrancando meu próprio coração, que estou cortando um laço que vai até minha alma. Eu nunca vou voltar disso. Não pode haver perdão para uma traição tão profunda.

Mas eu sei que é a coisa certa a fazer por todos os outros. Que estou destruindo o garoto que amo, e meu próprio coração, para o bem desta cidade e de todos nela.

As palavras de Duke ecoam na minha cabeça.

Não é sobre o que é certo. Tudo é justo.

Isso, porém... Isso não é justo. É muito além de lutar sujo. É bater em algum lugar pessoal, em algum lugar vergonhoso. Está destruindo alguém, como fazem aqueles garotos.

Quando finalmente termino, apago cada palavra. Então eu olho para a tela em branco. O açúcar no meu estômago se agita de forma doentia.

Destruir os Dolces não é exatamente o que pretendo fazer? Derrubá-los, para que não pudessem destruir mais nenhuma garota do jeito que fizeram com Mabel, do jeito que tentaram fazer comigo? Isso é pior do que lançar um vídeo meu chupando o pau de um velho?

Eu rolei e aguentei por tanto tempo, como Royal disse. Eu não estava desesperada, mas estava distraída do gol. Assim como minha mãe, abri mão do que queria para um homem. Eu corri atrás de pau até que eu não só queria, eu adorava. Eu o amava. Assim como todos os homens por quem minha mãe se apaixonou.

Mas nada disso importa. Foram realizadas.

Terminei. Eu fiz tudo por uma razão, e esta é a razão. Eu disse que faria o que fosse preciso para descobrir o segredo dele, e fiz. Como ele disse, eu abro minhas pernas e deixo ele me foder, deixo ele me humilhar e me rebaixar. E claro, eu gostei da maior parte. Não era apenas para seu prazer. Fizemos essas coisas juntos. Para nós dois. Não sofri a cada momento ou mesmo na maioria

dos momentos. Mas isso não muda os fatos. Eu posso ter deixado alguns orgasmos explodirem minha mente, mas eles não vão me fazer perder a cabeça.

É hora de fazer o que eu me propus a fazer o tempo todo. Derrubar os Dolces.

Eu começo a digitar novamente, meus dedos voando desta vez.

Este é o momento da verdade. Se eu não fizer isso, se eu hesitar agora e não puxar o gatilho, eu sou apenas uma idiota que pegou toda a sua merda e comeu com um sorriso no rosto enquanto ele comia caviar. Uma coisa é comer merda porque você sabe que no final vai sobreviver e que derramou arsênico no caviar dele. Outra é vacilar, retirar e abortar a missão. Apesar do que ele pensa de mim, não sou patética ou desesperada. Eu nunca quis ser uma garota Dolce apenas por um pouco de sua atenção. Fiz isso para receber algo em troca, não para me tornar seu cachorrinho obediente que vinha quando ele ligava ou um capacho para ele limpar os pés. Não sou a tola amoroso de ninguém, a lixeira de ninguém e o brinquedo de ninguém.

Sou uma jogadora no jogo, igual a Royal Dolce, e sempre fui.

Este é o verdadeiro teste.

Faço uma pausa, lendo minhas palavras, meu dedo pairando sobre o botão enviar. Eu sou forte o suficiente para fazer isso?

Sim.

Eu sou.

Respirando fundo, fecho os olhos e clico em enviar.

Minhas mãos estão tremendo. Minha respiração está acelerada. Quando olho para baixo, minhas mãos estão molhadas. Eu toco meu rosto, e minhas bochechas estão molhadas também.

Antes que o Sr. D possa responder, digito uma última mensagem.

BadApple: *Isso é mais do que suficiente para derrubar os Dolces e pagar minha dívida. Terminei. estou bloqueando vc. Você nunca mais ouvirá falar de mim. Obrigada pela bolsa de estudos. Se acabar em abril, foda-se. Mas eu vou viver. Não preciso de sua caridade se esse for o preço.*

BadApple: *1 última coisa. Você é um bastardo doente e precisa de ajuda. Eu sinceramente espero que você consiga. Vc me ajudou quando precisei. Talvez alguém possa te ajudar.*

Eu bloqueio seu identificador de me enviar mensagens. Em seguida, excluo o aplicativo do computador, embora agora saiba que ele vem com o navegador e não há realmente uma maneira de excluir minha conta.

Mas eu fiz isso. Descobri o segredo dele e o expus.

Talvez isso signifique que também sou um câncer. Talvez eu seja mais parecida com Royal do que gostaria de admitir, mais distorcida, mais cruel. Para fazer o que acabei de fazer... eu sei que sou. Um bom homem não pode derrubar uma família como os Dolce, nem uma boa menina. A família deles luta sujo. Para derrubá-los, não posso seguir os canais legais ou mesmo seguir as regras. Eu tenho que lutar sujo também. Eu tenho que jogar de acordo com minhas próprias regras, e a verdade é que minhas regras são as regras deles, a única regra pela qual eles sempre jogaram - tudo é justo.

Eles lançaram um vídeo meu com um homem mais velho. Agora estou divulgando a história dele com uma mulher mais velha. Nossos segredos podem ser os mesmos, mas como sempre, a diferença se resume a dinheiro e poder. Eu não precisava ir tão longe. Nunca tive muito, então não tenho muito a perder. Os ricos têm muito mais a perder quando seus segredinhos sujos vêm à tona. Pessoas como Royal, eles caem longe.

Sempre quis vê-los cair, mas não há triunfo nisso. É tão amargo, vazio e cru como meu coração. Eu sei que é isso, que vai quebrá-los. Só não esperava que isso me destruísse também. Eu não previ o quão feio seria, o quão exposta eu me sinto. Eu não sabia que iluminar sua vergonha mais sombria seria como apontar uma lanterna para um espelho. Não apenas ilumina. Ele reflete de volta minha própria escuridão. A verdade que não quero admitir.

Mesmo que eu diga a mim mesma que é pelos motivos certos, mesmo que esteja fazendo isso para o bem de outra pessoa, ainda assim estou fazendo. Não importa o que ele passou ou o que eu tenho. Sob todas as armadilhas e traumas, o dinheiro e a pobreza, o poder e o status, na escuridão de nossas almas com apenas uma lanterna e um espelho, tenho que enfrentar a verdade. O lado sombrio dele é outra metade da minha alma, o reflexo no meu próprio espelho.

É por isso que olhar em seus olhos é tão desconcertante. Neles, não vejo apenas o vazio. Vejo o mesmo monstro que vejo no espelho.

Ao expô-lo, estou me expondo também. Tenho que admitir para mim mesma que sou capaz do mesmo mal. Que o tempo todo eu não fui atraída apenas pelo garoto danificado que se esforça para ser bom para mim. Também sou atraída pelo monstro. O lado dele que me apavora e emociona e, acima de tudo, me liberta. Esse lado dele me reconhece pelo que sou, mesmo quando eu mesma não quero ver. Isso me permite ser eu mesma, meu próprio monstro, de uma forma que ninguém mais fez. Agora, sou forçada a enfrentar essa escuridão sozinha, sem ele ao meu lado. E não tenho certeza se sou forte o suficiente para derrotá-lo.

Liberdade

No topo da encosta,
Assim como você empurra,
Há uma adrenalina, como voar
Fora da ponte antes de atingir a água
Sobre os trilhos antes que o trem te atinja
A emoção que desta vez
Pode ter acabado.
Você não terá que pensar sobre
A irmã que você matou,
Os irmãos que você falhou,
Os homens que você desfigurou,
As vidas que você arruinou,
As garotas que você quebrou,
Nunca

Novamente.

Harper Apple

Passo a próxima semana amaldiçoando tudo. Minha mãe por deixar a eletricidade ser cortada novamente, Willow Heights por estar fechada, e até mesmo o tempo ruim, já que chove tanto que nosso porão alaga, e eu não posso nem ir descarregar minha fúria no saco de pancadas. Que tipo de escola precisa de duas semanas de férias de primavera? Duas semanas para as crianças sofrerem em casa. Pelo menos a falta de eletricidade significa que não há internet, o que significa que não posso perseguir masoquistamente os Dolces online e vê-los se divertindo com as Waltons como se eu nunca tivesse existido.

Eu continuo xingando Royal por não devolver minha mochila como ele disse que faria, por terminar comigo, por me fazer me apaixonar por ele em primeiro lugar. Eu me odeio por me importar, mas estaria mentindo se dissesse que não chorei em uma tigela de sorvete como uma cadela que levou um fora. Ei, eu sou apenas humana. Às vezes, uma garota tem que chafurdar antes de seguir em frente. Estou mais chateada comigo mesma, de qualquer maneira. Já me arrependendo do que fiz, tomando a decisão precipitadamente, sem pensar nas consequências.

Uma semana depois do intervalo, acordo com minha mãe parada ao meu lado, gritando comigo por ter escondido dinheiro dela. Meu coração quase para. Eu me endireito na cama, certa de que ela descobriu meu esconderijo. Mas ela não está segurando meu dinheiro suado. Ela está acenando com um pedaço de papel na minha cara, perguntando onde consegui tanto dinheiro.

— Eu nem sei do que diabos você está falando, — resmungo, jogando o cobertor para longe e saindo do quarto. Eu tropeço no banheiro, deixando a porta aberta para a luz.

Para provar seu ponto, mamãe entra furiosa no banheiro e enfia um papel na minha cara antes de sair, gritando sobre como eu poderia me dar ao luxo de pensar em outra pessoa, para variar. Eu esfrego minha têmpora e olho para a conta. Não, não é uma conta. Uma receita.

Alguém pagou a eletricidade - mil dólares. Porra. Eu fico olhando para ele, minha mente hesitando com o número, relendo-o várias vezes, como se tivesse havido algum tipo de erro. Isso cobrirá meses de contas. Um verão inteiro de ar condicionado.

Eu não paguei e obviamente mamãe também não, então quem pagou?

Quem sabe que nossa eletricidade acabou?

Quando estou totalmente acordada e vestida, ligo o computador de mesa e me sento. Mamãe está ao telefone com a companhia elétrica tentando convencê-los de que ela pagou demais por engano para poder sacar o dinheiro da nossa conta e provavelmente gastá-lo em drogas. Abro primeiro as redes sociais da Glória porque quero saber quem está contabilizado, quem está em Park City com ela, alheio à minha falta de luz.

Assim que vejo as fotos, desejo não ter visto. Mas responde a essa pergunta. Todos os putos Dolces estão lá. Os Waltons, os Roses e os Montgomerys também estão lá, junto com o prefeito e sua família.

Saio do modo perseguidora, encontro alguns pedaços de pão em um saco e faço torradas enquanto penso. A conta é um suborno do Sr. D para me fazer continuar espionando? Uma desculpa? Um agradecimento por finalmente dar a ele o que ele precisa, a informação para derrubar seus inimigos?

Sei que leva tempo, mas me pergunto quando ele vai atacar, quando vai se apresentar. E o que vai acontecer comigo quando ele fizer isso? Então me atinge, todo o peso do que eu fiz.

E provavelmente o que custou minha bolsa de estudos de qualquer maneira. O Sr. D vai cancelar se estiver chateado porque eu o cortei. E mesmo se ele não.... Eu não estou apenas fodendo com Royal. Estou fodendo com a família deles, aquela que destruiu uma das famílias fundadoras desta cidade - três gerações deles, incluindo o mais velho e sete filhos e todos os seus filhos. Royal quase admitiu que tem laços com a máfia. E acabei de colocar um alvo enorme nas minhas costas. Não é com os garotos em sua sofisticada estação de esqui que eu preciso me preocupar. É a porra da própria máfia.

— Algum esquisito estava aqui procurando por você um minuto atrás, — Blue diz enquanto passo por cima da poça no buraco em nossa passarela. — Você acabou de perder ele.

Acabei de voltar de uma corrida em Willow Heights para pegar minha bicicleta e ver se o carro de Royal ainda estava lá para que eu pudesse pegar minha bolsa. O carro tinha sumido, então ainda estou sem telefone, mas pelo menos peguei minha bicicleta.

— Quem era? — Eu pergunto, olhando em volta, ainda me sentindo nervosa, embora nada tenha acontecido desde que contei ao Sr. D. Era ele? Primeiro ele não vai me encontrar, e agora ele está aparecendo na minha casa? Eu já sei que ele não tem nenhum problema em parecer um maldito perseguidor. Talvez ele queira me convencer a não desistir de Willow Heights, a manter minha bolsa de estudos e continuar sendo sua delatora.

Ou talvez tenha sido algum assassino da máfia...

Blue está tirando água da caixa de areia de Olive com uma caneca de café enquanto Olive se ajoelha no chão lamacento ao lado das cadeiras de jardim, alinhando seus carros Hot Wheels e cantarolando uma música de Brody Villines para si mesma.

— Não sei — diz Blue, afastando o cabelo escorrido dos olhos com a parte de trás do pulso e sentando-se sobre os calcanhares. — Ele perguntou se nós conhecíamos você, e se era onde você morava, e então ele deu a volta, tipo, olhando sua casa ou algo assim. Foi um super esboço, então levei Olive para dentro até ele sair.

— Mas ele não pegou meus carros, — Olive se voluntaria. — Blue me fez deixá-los aqui, mas eles ainda estavam exatamente onde eu os deixei quando saímos.— Ela sorri para mim como se eu devesse estar impressionada por aquele canalha não ter roubado uma criança.

Cruzo os braços sobre o peito, um arrepio percorrendo meu corpo. Quem diabos está olhando na minha casa?

Os Dolces ainda estão em Park City. Eu sei por que meu lado masoquista não aguentou com o blecaute total da internet, e eu checo as redes sociais da Glória todos os dias desde que voltamos a ter luz. Eu gostaria de poder parar.

Eles parecem tão felizes - todos eles. Isso parte meu coração. Eles não sabem o que os espera quando voltarem.

— Você já o viu antes? — pergunto a Blue, balançando a cabeça para desalojar as imagens gravadas em meu cérebro, imagens das garotas Walton no colo dos garotos Dolce na banheira de hidromassagem, no teleférico, em um restaurante. Sorrindo abraçados nas encostas, como meninos ricos sem nenhuma preocupação no mundo, que nunca conheceram a dor. Eu sei melhor agora, mas ainda dói. — Como ele era?

— Essa é a parte realmente assustadora, — Blue começa.

— Ele estava com uma máscara, — Olive interrompe. — Como se fosse Halloween! Mas não é Halloween, então mamãe disse que isso significa que ele é louco.

— Que tipo de máscara? — Eu pergunto. — Tipo, uma máscara de esqui? Ou uma máscara de gorila?

— Mais como uma máscara de disfarce, — Blue diz, voltando a pegar água nas bordas da areia. — E ele tinha um caminhão chique.

Eu me viro para Olive. — Você sabe de que tipo?

Ela me dá um olhar como, *cadela, por favor*. — Um Escalade EXT, — diz ela. — Isso é da Cadillac, se você não sabia.

Normalmente eu responderia com sarcasmo a pequena espertinha, mas estou muito estranha para me incomodar.

— Não conheço ninguém que dirija isso, — digo, repassando os carros Dolce em minha cabeça. Eu vi todos os carros deles e o do Sr. Dolce quando fui à casa deles. Também vi os carros que todos os amigos dirigem e, embora não estivesse prestando muita atenção, consigo imaginar cada um quando tento — todos os Waltons dirigem carros esportivos e Cotton dirige um jipe. DeShaun dirige um caminhão, mas não é um Escalade. E cada um deles está em Utah agora.

Mas há outras pessoas ricas nesta cidade. Incluindo aquele que dirigia um belo SUV que foi destruído e talvez substituído por um caminhonete, um menino que teve o rosto bagunçado e pode querer cobri-lo se não tiver feito todas as cirurgias.

— Ele tinha cabelo loiro? — Eu pergunto, engolindo em seco.

— Não sei, — Blue diz, jogando água na grama lamacenta. — Ele estava usando um gorro.

— Ele tinha tatuagens no pescoço? — Eu pergunto. — Ou em suas mãos?

Blue dá de ombros. — Eu não percebi, honestamente. Acho que não, mas a máscara estava me distraindo, e senti uma vibração estranha e entrei em casa depois que ele perguntou sobre você.

— Bem, obrigada, — eu digo. — Se você o vir de novo, me mande uma mensagem, ok?

Não que isso importe. Eu não tenho meu telefone.

Ando pela casa, olhando as pegadas do homem na lama. Choveu na primeira semana de férias, mas não choveu nos quatro dias seguintes. E há mais de um par de pegadas. Eu me agacho, tentando engolir e não entrar em pânico. Existem dois padrões diferentes dos sapatos que ele usava, mas eles parecem ter o mesmo tamanho. Um é novo, mas o outro é mais velho, a lama escorrendo para obscurecer as bordas, parcialmente secas.

Eu aperto meus olhos fechados e tento respirar. Ele esteve aqui antes de hoje. Eu estava dentro de casa? Alguém estava olhando em minhas janelas para mim? Ou vigiando o lugar, esperando que eu esteja em casa para que ele possa atacar?

Eu vou para dentro, mas é difícil não ficar nervosa quando há trepadeiras misteriosas farejando ao redor. Ele é um cara da máfia? E se ele plantou uma câmera espiã em algum lugar?

Estou quase assustada o suficiente para mandar uma mensagem para o Sr. D, cedendo novamente. Eu poderia usar alguma proteção. Mas então, quem pode dizer que não era ele aqui, tentando me assustar para fazer exatamente isso? E se ele estiver na cadeia, não poderá me proteger. Eu o cortei, de qualquer maneira. Ele provavelmente está chateado e não pouparia mais recursos para mim, mesmo que pudesse.

Verifico todas as persianas e encontro algumas que estão tortas, deixando um ponto em um canto por onde alguém pode olhar. Minha pele se arrepia quando abro as janelas e examino o parapeito em busca de algo estranho, como

uma pequena conta. Não tenho certeza de como as câmeras espiãs realmente se parecem, mas não vou correr nenhum risco. Digo a mim mesma que estou sendo ridícula e paranoica, mas sei que não. Eu cruzei com algumas pessoas muito poderosas nesta cidade, e não espero sair sem um arranhão. O outro sapato cairá. A única questão é quando?

E quem estava fora da minha casa?

Não era um dos Dolces... Pelo menos, acho que não. Gloria poderia ter postado as fotos ontem, mas as tirou dias atrás. Ou poderia ter sido King, o de Nova York. Ele não está em nenhuma das fotos das férias de primavera. Ainda assim, Blue já viu os meninos Dolce antes. Se fosse alguém que se parecesse com eles, ela teria adivinhado antes de qualquer outra pessoa. Eles poderiam ter enviado um de seus amigos, mas não é típico deles serem sorrateiros.

O Sr. D definitivamente poderia ter aceitado. Ele sabe onde eu moro. Não sei por que ele usaria uma máscara, considerando que queria me encontrar quando começamos a conversar. Mas então, ele recusou mais tarde, quando eu perguntei. Se ele precisava usar uma máscara, porém, isso significa que ele é alguém que eu conheço e não queria que eu o reconhecesse. Isso me faz tremer ainda mais.

A última opção é Colt. A máscara faz sentido de certa forma, tanto para esconder seus curativos quanto porque eu o reconheceria. Se ele está se esgueirando, isso significa que está atrás de mim. Meu coração dói ao pensar que ele é mais uma pessoa que quer me derrubar. Éramos amigos, almas gêmeas.

Mas não posso culpá-lo por me odiar agora. Eu o espanquei quase até a morte. E pior, não o vinguei por isso, como faria qualquer amigo meio decente. Inferno, do jeito que qualquer ser humano decente faria. Em vez disso, eu me apaixonei por seu agressor, mesmo sabendo que ele era um monstro que não era apenas capaz de tal coisa, mas que quase mataria meu amigo bem na minha frente, não porque ele tivesse algo pessoal contra ele, mas para provar um ponto para mim. A frieza de Royal naquele momento me gelou até os ossos, mas não me impediu de amá-lo.

Agora não tenho nada para mostrar. Eu perdi os dois. Colt se foi sabendo que sou uma traidora da pior espécie. Royal se foi pensando que sou uma

traidora, mas sem saber o quanto ele está certo. Glória se foi, embora ainda não saiba que também a trai.

Não tenho mais amigos nesta cidade, nem mesmo um homem anônimo online. Não há ninguém em quem eu possa confiar. Até Blue me jogaria para fora do bote salva-vidas na primeira ameaça a Olive. Inferno, pelo que sei, o cara não estava usando máscara, ela só inventou isso porque ele disse a ela para não me contar como ele era. Se ele olhasse para Olive, ela tomaria isso como uma ameaça. E ela não me deve nada. Por que ela iria? Provei que a única pessoa a quem sou leal sou eu mesma.

Só agora percebo como isso é perigoso. Achei que estava me mantendo segura, sem me importar com ninguém, sem confiar em ninguém. Mas agora, quando preciso de proteção, estou sozinha. Eu sou a presa se desviando do rebanho, e os predadores estão circulando. Também não sou apenas uma gazela solitária sendo observada por um leão. Sou uma gazela solitária prestes a pisar em uma jiboia enquanto é cercada por um bando de leões, um bando de hienas, um leopardo e uma chita.

Não estou sendo paranoica. E não estou com medo. Estou petrificada.

Queria que você estivesse aqui

Três irmãos

Com três amigos flanqueando,

Seis meninas dobradas em nossos braços,

Nossos queixos em cima de suas cabeças,

Mostrando nossos dentes em sorrisos que escondem rosnados

Enquanto nos alinhamos como uma execução

“Pronto Apontar Fogo!”

Tente não vacilar com os cliques

Enquanto onze pais afastam oito irmãos

Nas encostas brancas ofuscantes
Para capturar o momento que eles precisam
Para continuar fingindo
Nós temos tudo.
Três irmãos
Ficando juntos,
Sozinho entre amigos
Eles não permitiram nenhuma evidência fotográfica
Como eles fizeram as coisas exigidas deles
Para os inimigos eles foram apontados
“Pronto Apontar Fogo!”
Tente não pensar nas garotas
Nós poderíamos ter poucado
Se parar fosse uma opção
Ou o fato de que eles não vão ver
Que atrás da neve e dos sorrisos e dos amigos e das garotas
Não temos nada.

Harper Apple

Na noite anterior ao retorno das aulas, ouço uma batida na porta. Meu coração dá um pulso na garganta e meu pulso começa a acelerar. Meu primeiro pensamento é sobre o rastejador no Escalade. Mamãe está em casa, mas tirando uma soneca da farra da noite passada, e embora não seja como se ela fosse me proteger, estar basicamente sozinha em casa quando ele vem bater me deixa nervosa. Penso em não atender, mas a batida vem de novo, forte e exigente. Se eu não responder, ele vai derrubar a porta, e nem mesmo minha mãe de ressaca conseguiria dormir com isso.

Pego minha faca e a enfio em minha bota de combate antes de abrir a porta. Duke Dolce está parado na varanda. Eu quase salto para fora da minha pele.

— Ei, Apple, — diz ele, com um sorriso sedutor no rosto. — Quer dar uma volta?

Ele cheira a cerveja e parece a sombra da minha traição. Cruzo os braços e não me afasto da porta. — Nem um pouco.

— Tudo bem, — diz ele, balançando a cabeça. — Eu estava tentando tornar isso divertido. Mas precisamos que faça um boletim de ocorrência. É claro que algum idiota ligou para a polícia sobre o Rover outro dia. Eles querem que qualquer testemunha faça uma declaração.

— Não me diga. Alguém realmente chamou a polícia sobre um carro-bomba?

— Uma merda, — diz ele. — Só explodiu o motor. Você nem se machucou.

— Você parece desapontado.

Ele franze a testa. — Por que você diria isso? Royal poderia ter sido morto.

— Então, você sequestrou Lindsey? Ou a deixou ficar confortável e baixar a guarda antes de fazer um movimento?

— Agora você está entendendo, — diz ele, como se estivesse orgulhoso por eu conhecer suas mentes intrigantes tão bem. — Não corremos de um lado para o outro jogando granadas uns nos outros. Há sutileza nessas coisas. Não somos selvagens.

— Tem certeza disso?

— Podemos flertar no carro? — ele pergunta. — Royal está pronto para acabar com isso.

Meu coração para.

Royal. Claro que ele está aqui. Eu esperava que ele não evitasse aqui depois do rompimento como uma vadia? Royal não evita nada doloroso. Ele é ainda mais masoquista do que eu.

— Tenho certeza que os policiais já têm depoimentos suficientes, — eu digo. — Apenas diga a eles que não me machuquei e não sei nada sobre isso. Eu tenho dever de casa, então... — Eu começo a fechar a porta, mas Duke se inclina na porta, impedindo-a de fechar.

— É a última noite de folga e sua bolsa ainda está em nossa casa, — diz ele, estreitando os olhos. — Eu sei que você não está fazendo o dever de casa.

— Tudo bem, — eu digo, revirando os olhos. — Estou limpando a casa.

— Harper Apple, — diz ele, abrindo um sorriso. — Que desculpa bonitinha.

Ele tenta ver além de mim, mas eu passo na frente dele. Estou mentindo descaradamente. Eu só não quero estar com eles, não apenas porque não estou exatamente animada para estar em um carro com Royal, mas porque não sei quando o Sr. D vai agir.

— Sério, você está sendo esquisita, — Duke diz. — Qual é o problema? Você pode dar seu depoimento aos policiais e pegar sua bolsa. Você vai ter que ver Royal na escola amanhã de qualquer maneira.

— Ok, — eu digo a contragosto. Se eu continuar dando desculpas, ele vai ficar desconfiado. Obviamente, o Sr. D ainda não os expôs, ou eu saberia disso. E se eu agir de forma estranha agora, quando sair, eles podem pensar neste

momento e começar a se perguntar. A coisa mais segura a fazer é agir como se eu estivesse apenas sendo uma vadia sobre a separação.

— Você sabe que não vou aceitar um não como resposta, de qualquer maneira, — Duke diz, balançando as sobrancelhas. — Mas você pode fazer uma cena se quiser que eu a carregue por cima do ombro. Isso pode ser meio quente. Pode até deixar Royal com ciúmes. O que você acha?

— Não tenho interesse em deixar Royal com ciúmes.

— Que pena. — Diz Duke, ele se inclina ao meu redor e leva as mãos à boca. — Sra. Apple, estamos pegando sua filha emprestada. Não se preocupe, vamos trazê-la de volta imediatamente.

— Cale a boca, — eu digo, empurrando-o para longe da porta e fechando-a atrás de mim.

— Eu poderia entrar e falar com ela se você preferir, — diz ele, estendendo a mão para a porta. — Sou muito persuasivo.

— Você não vai conhecer minha mãe.

— Ah, por que não? Ela não gostaria de mim?

— Demais, — resmungo. Eu o sigo até seu Hummer, meu coração batendo forte. Eu nem preciso fingir essa parte. Eu realmente sou a maricas que não quer enfrentar Royal. Ele não sabe o que eu fiz, mas eu sei.

Enquanto Duke dá a volta para pular no banco do passageiro, como de costume, subo na parte de trás do Hummer com Baron, mas meus olhos permanecem em Royal.

— Ei, — eu digo, tentando quebrar o constrangimento doloroso.

Ele não se vira ou mesmo me reconhece. Nós decolamos, e as portas se trancam automaticamente, e eu imediatamente tenho uma sensação estranha. Tenho certeza de que a culpa é minha, mas ainda estou alerta, sentada na beirada do meu assento e debatendo se devo fugir no primeiro sinal de pare, embora isso definitivamente os indicasse algo acontecendo.

Entramos na estrada do centro da cidade que leva à delegacia de polícia e começo a relaxar. Já estive aqui o suficiente para saber que estou mais ou menos

segura lá dentro. Mas, quando chegamos ao estacionamento, Royal pisa fundo no acelerador e passamos pela estação. Eu agarro a maçaneta da porta, o pânico batendo em meu peito.

— Aonde estamos indo? — Eu pergunto, puxando a maçaneta. Ele colocou a porra das travas de segurança para crianças.

Meu coração bate contra minhas costelas. *Porra. Porra. Foda-se.*

— Estamos apenas fazendo uma pequena viagem, — Duke diz, virando-se para sorrir para mim. — Todo mundo gosta de uma viagem, não é, Harper?

Eu engulo em seco, tentando não perder absolutamente a cabeça. Royal atravessa um cruzamento sem sequer olhar. Um caminhão vem direto em nossa direção. Eu quase grito. O motorista buzina, pisando fundo no freio enquanto a grade se agiganta do lado de fora da minha janela. Passamos correndo no último segundo enquanto eles derrapam para fora da pista e caem em uma vala. Royal não percebe.

— Você disse que íamos falar com a polícia, — digo, porque não sei o que dizer, o que fazer, exceto protelar.

— Sim, veja, nós já fizemos isso, — diz Baron, alcançando atrás do assento e arrastando minha bolsa para cima. Ele o joga no meu colo, mas nem percebo os livros pesados machucando minhas coxas. A bolsa cai no chão. Eu considero pegar minha faca, mas as chances de sair do carro não são grandes se eu cortar um deles. Royal vai nos jogar no rio e nos afogar de propósito. Seria mais inteligente esperar até que eles parassem e então cortar e correr.

Baron puxa meu telefone do bolso, seu polegar acariciando a tela. — Eu ia devolver isso, mas posso ficar com ele por um tempo. Tem muita informação interessante sobre isso.

Eu não posso respirar. Eu não consigo engolir. Eu não consigo nem pensar.

Mas não. Ele está fodendo comigo. Tem uma senha.

E ele é um hacker mestre.

Estou tão tonta que acho que vou desmaiar. — Me dê meu telefone, — eu digo, meus lábios rígidos.

Baron dá de ombros e entrega como se não fosse nada. Agarro-o até meus dedos doerem, me perguntando como poderia descobrir o que ele viu e se ele me mataria se eu tentasse chamar a polícia agora.

— Você sabe o que é divertido fazer em uma viagem? — Duke pergunta, aquele sorriso desagradável ainda em seu rosto enquanto ele olha para mim do banco da frente. — Jogar jogos.

Baron me encara, seus olhos brilhando com o brilho sádico que eles têm quando está prestes a se divertir fazendo algo que ninguém deveria achar agradável. — Você quer jogar um jogo, Harper?

— Não, eu não quero jogar a porra de um jogo, — digo baixinho quando Royal vira para a rampa para a interestadual em direção ao norte. — Deixe-me sair do carro.

— Agora, onde está a diversão nisso? — Duke pergunta. — Estamos apenas começando.

— Que tal vinte perguntas, — diz Baron.

— Eu tenho uma pergunta, — Royal diz, falando pela primeira vez desde que entrei no carro. Sua voz é baixa e calma – estranhamente calma. — Quem diabos é o Sr. D?

Royal Dolce

Paro no acostamento da rodovia e desligo o carro. Não importa quem nos vê. Nada salvará Harper agora.

Eu deveria saber. Isso é o que eu continuo pensando. Eu deveria saber!.

Ela é uma Darling.

Você nunca pode confiar em um Darling.

No segundo em que destranco as portas, ela sai do carro e corre pelo campo encharcado ao lado da estrada, uma espécie de fazenda com fileiras de terra marrom e brotos verdes, trincheiras de água entre eles.

— Tem cobras lá dentro, — Duke grita atrás dela, uma provocação em sua voz.

Ela hesita, olhando de nós para o campo. Então ela corre.

Garota esperta.

Ela teria sorte se fosse atingida por uma cobra. Cobras não podem machucá-la tanto quanto nós. Eles vão matá-la rápido. Não vamos mostrar a ela a mesma misericórdia.

— Acho que ela prefere estar com sua espécie, — Baron diz, pegando uma bolsa do porta-malas.

Começamos a atravessar o campo, chapinhando na lama escorregadia e esponjosa. A água fria corre para dentro das minhas botas. Harper já está no meio do campo para as árvores além, onde o preguiçoso sol da primavera se filtra por entre os galhos em flor. É quase bonito, seu último pôr do sol.

Não estou preocupado em perdê-la. Ela não pode fugir de nós. Ela só está facilitando nosso trabalho. Ela poderia ter nos feito carregá-la.

Não que isso importe. Acabou para ela. Este sempre foi o fim, mesmo que tenha chegado antes do que eu queria, mesmo que seja mais final que as outras.

Geralmente não terminamos com elas. Nós as deixamos viver suas vidas quebradas, lembrando o que elas tiveram e perderam. Harper nunca teve nada a perder. Foi isso que me surpreendeu. Ela tem apenas sua vida para dar.

Estou tranquilo, sabendo o que tem que ser feito. A raiva veio rápido e durou mais tempo, afundou mais do que o normal, mas agora está sob controle. Eu sei que não estou apenas com raiva de Harper, que minha raiva é maior do que ela, do que qualquer um de nós. Estou furioso comigo mesmo por minha fraqueza. Para cuidar. E mesmo que eu não tentasse, nem percebesse, eu confiava nela de alguma forma. Não com informações, mas o suficiente para me deixar sentir algo novamente. Ela descobriu uma fraqueza. Esse foi o meu erro. Agora estou pagando.

Ela vai pagar também. Ela deveria ter pensado melhor antes de cortar a crosta de pedra dentro de mim com suas garras de britadeira. Ela deveria saber que a fúria ardente da lava abaixo iria engolir nós dois.

Eu dei para o monstro, e ele voltou à vida, veio para nos proteger. Só ele pode esfriar a raiva. Ele é frio, focado. O monstro não lida com a moeda da emoção. Ele está aqui para cobrar uma dívida de um Darling, e isso é tudo.

Chegamos ao outro lado e aponto para o local onde ela entrou na floresta. Podemos ouvi-la chapinhando na água que fica ao redor da base das árvores neste pântano sombrio e pantanoso. Ela não é difícil de encontrar, mesmo quando para e se esconde nas árvores. As ondulações na água a denunciam. Eu fico para trás e observo Baron e Duke correndo atrás dela enquanto ela corre para longe deles. Eles gostam de brincar, e eu deixo.

Quando eles a pegam, ela escorrega de suas mãos. Ela cai, afundando na água. Eu poderia tornar as coisas mais fáceis para ela, empurrá-la para baixo e observar as bolhas saindo de sua boca e a vida saindo de seus olhos.

Mas meus irmãos a arrastam para cima. Eles querem jogar mais. A fraqueza dentro de mim aumenta, mas não a reprimo. Eu a seguro, forçando-o a ver, a aceitar. Ela não é mais minha. Eles podem fazer o que quiserem com ela.

Ela dá um soco, derrubando Duke para trás, então dá uma joelhada nas bolas de Baron e acerta o rosto dele em seu joelho. Ele tropeça para trás, sangue jorrando de seu nariz.

No segundo seguinte, ela tem uma faca na mão, cortando a garganta de Duke. Ele a empurra para o lado, e a faca atravessa seu ombro em vez de seu pescoço, deixando um corte profundo no músculo. Ele xinga, e ela gira, levantando a faca enquanto Baron cambaleia para trás, ainda segurando sua virilha. Ela avança na água, a faca brilhando, os dentes à mostra, os olhos selvagens como um animal preso. Ele levanta a mão para bloqueá-la. Ela passa a faca pela palma da mão dele, golpeando rápida e ferozmente.

Vermelho redemoinhos na água e pulsa em minha têmpora.

É o bastante. Eles terminaram de jogar.

Esse é o último sangue Dolce que essa Darling vai tirar. Eu pulo nela, pegando-a por trás antes de girá-la e jogá-la contra uma árvore, seus pés levantados do chão. Ela brande a faca, mas tenho instintos melhores que meus irmãos. Eu também sou um lutador. Eu agarro seu pulso e torço, sentindo os ossos estalando e seu grito de dor como se estivessem longe. A faca cai na água, e eu envolvo minha mão em torno de sua garganta e aperto, assim como fiz na primeira vez que a vi. Eu deveria tê-la matado então.

Ela chuta e luta, mas eu não sinto. Eu aperto até ela parar de respirar, e então deixo seu corpo cair. Em vez de afundar sob a superfície, ela cai de mãos e joelhos na água, ofegando e chorando na água. Porra. Eu não segurei o suficiente, não a nocauteei. Mas isso não importa. Temos tempo.

— Não a mate, cara, — diz Duke. — Você prometeu que poderíamos tê-la quando você terminasse.

Harper começa a tatear na água em busca de sua faca. Ela está encharcada e tremendo, coberta de lama e água do pântano. É aqui que ela sempre pertenceu, na sujeira e na imundície, e para onde ela retornará após os últimos momentos de sua curta vida.

Duke e Baron lutam para que ela se levante e a levem para frente, até uma pequena colina levantada da água, uma grande árvore em pé no centro dela. Observo meus irmãos amarrarem os braços dela e depois amarrarem a corda em volta de uma árvore. — Royal, — ela implora, virando-se para me ver. Seus olhos estão arregalados de terror. Posso dizer que ela está tentando me alcançar, tentando encontrar a conexão entre nós. Mas ela cortou isso com a lâmina de sua vingança muito antes de levantar uma faca para meus irmãos. — Eu sinto muito. Por favor.

Eu a encaro.

— Eu não sei quem ele é, — diz ela. — Eu pensei que ele poderia ser um de vocês, mas então percebi que ele era um Darling. Eu devia a ele, e ele não me deixou parar. Tentei protelar, dar a ele detalhes sem importância, para não ter que machucar você.

Quero rir, mas não consigo me lembrar como.

— Você leu todos elas? Até o fim? — ela pergunta, sua voz desesperada e suplicante.

Uma vez ela me disse que nunca imploraria.

Ela sempre foi uma mentirosa.

— Eu o cortei, Royal. Eu sabia há meses e não ia contar a ele. Eu não poderia fazer isso com você. Mas você estava indo atrás de pessoas inocentes... Me desculpe por ter dito qualquer coisa. E eu sinto muito que você tenha que fazer isso. Eu queria ajudar você. Mas você está arruinando pessoas que não merecem.

— Você merece isso.

— Eu disse a ele que nunca mais falaria com ele.

— Você realmente acha que eu me importo? — Mal posso acreditar na audácia dessa vadia. Mas esta não é minha primeira dança com uma Darling. Eu sei o que eles fazem, como eles pensam.

— Por favor, — diz ela. — Por favor, não me mate.

— Eu não vou matar você, — eu digo. — E eu não vou falar com você de novo.

— Por favor, — ela diz novamente, como se tivesse esquecido todas as outras palavras.

Então, eu digo as palavras, aquelas das quais me arrependi nos últimos dois anos. Parece apropriado, de alguma forma, que sejam minhas últimas palavras para ela também. Falo lentamente, saboreando a dor dolorosa e o peso de cada uma. — Você está morta para mim.

É bom dizê-la. Depois de repeti-la em minha cabeça cem mil vezes nos últimos dois anos, dizê-la em voz alta traz uma espécie de encerramento. É um alívio, como se eu tivesse cortado um membro gangrenado. Isso é o que é um coração. Um parasita me consumindo, uma doença me corrompendo um dia de cada vez, me levando a pensar que ainda sou o pequeno Royal em algum canto escuro da minha mente. Mas eu não sou o Pequeno Royal. E agora ele foi cortado de forma limpa, e eu sou apenas o monstro.

— Ela é de vocês, — digo aos meus irmãos. — Faça o que vocês quiserem.

Eu não me viro. Não gosto de ver a cena, mas não vou me poupar. Vou testemunhar isso e testemunhar como sou capaz de não sentir nada. O monstro engordou em dois anos de raiva e dor, e ele é mais poderoso do que qualquer emoção que um homem mortal sentiria. Ele tem controle total. É realmente impressionante.

Eu os vejo silenciá-la. Despindo-a. Eu a observo lutar e os vejo dominá-la e puni-la. Por um momento eu vacilo. Uma parte de mim quer matá-los por tocá-la. Mas isso é fraqueza, e o monstro não permite fraqueza.

O monstro sou eu agora, e eu sou ele. E ele sabe o que deve ser feito. Misericórdia é fraqueza, e embora ela possa ter sido minha fraqueza, ele não tem nenhuma.

Isso não é sobre ela. Eu poderia ter seguido as pegadas pela casa dela até os fundos e atirado nela pela janela enquanto ela dormia. Por aqui... Esse é o jeito do monstro, o jeito dos gêmeos. Esta é a única maneira de mostrar a verdade ao meu coração cego - ela não é mais minha.

Ela nunca foi.

Quando terminam, abrem as cervejas e fazem um brinde. Não estou aqui para a celebração. Não estou aqui para ver que tormentos doentios eles podem inventar. Eu já vi o suficiente. Eu cuidei para que ela fosse punida, me tornei testemunha o suficiente para garantir que nunca seria fraco o suficiente para vê-la como minha novamente. Agora acabou e não sinto nada. É definitivo.

Eu me viro e vou embora.

Essa é a diferença entre ela e Crystal. É por isso que aquelas mesmas cinco palavras me destruíram uma vez e me libertaram pela segunda vez. Eu não quis dizer isso quando os disse a Crystal. Isso nunca foi para ser um adeus.

Foi um adeus para Harper. As palavras apropriadas quando a deixo para morrer.

***** Final opcional *****

O último capítulo é a mesma cena do ponto de vista de Harper, contada com mais detalhes gráficos. Por favor, vá para o Livro 4 se você estiver se sentindo estimulado. Sua segurança vem em primeiro lugar.

Harper Apple

Enquanto corro do carro, xingo a mim mesma em silêncio. Eu deveria ter saltado para a estrada e tentado obter ajuda. Não que alguém na estrada pudesse ter parado a tempo de evitar me atingir.

É tarde demais agora, no entanto. Corro para os arrozais porque está daquele lado do carro. Pelo menos estou viva, o que significa que tenho uma chance. É isso que importa. Se eu quiser continuar viva, porém, não posso cometer erros. Não consigo tomar decisões por instinto e medo. Eu sabia que isso estava chegando. Quantas vezes eu disse a mim mesma que se eles descobrissem o que eu disse ao Sr. D, eles me matariam - e isso foi antes de eu revelar o segredo que poderia destruí-los. Mas eu queria me divertir e transar também, então continuei saindo com Royal, mesmo sabendo que seria pior quando ele descobrisse.

Enquanto corro, penso nos avisos. Baron me disse que Royal era muitas coisas, mas perdoar não era uma delas. Royal me disse para deixá-los em paz ou eu me arrependeria. DeShaun me contou o que aconteceu com as pessoas que cruzam o Dolces. Mas eu não precisava de nenhum deles para me avisar. Eu já sabia que eles eram perigosos, até mortais. Eu deveria ter um plano em prática.

Tento ligar meu telefone para discar 911, mas está mudo. Eles nunca chegariam aqui a tempo, de qualquer maneira. Fico pensando se consigo chegar às árvores, posso me esconder. Cottonmouths⁶ estão fora, mas a água ainda está fria no final de março e elas serão lentas. Eu vou arriscar eles ao invés dos garotos Dolce depois de uma traição como a minha.

Está quase escuro, o sol se pondo atrás das árvores. Eu envio uma oração de gratidão quando chego ao outro lado dos arrozais e corro pelas ervas daninhas até as árvores, meus pés afundando no chão pantanoso a cada passo. Eu posso me esconder aqui.

⁶ Cottonmouth são cobras geralmente consideradas como tendo veneno mais potente

Eu me escondo atrás de uma árvore, meu coração martelando em pânico selvagem.

— Saia, saia, de onde quer que você esteja, — canta a voz provocativa de Duke.

Sua risada ecoa na água turva.

Permaneço perfeitamente imóvel, minhas costas pressionadas contra o tronco grosso, meus pés na base inchada da árvore acima da água. Engulo em seco quando vejo uma cobra flutuando à minha direita.

De repente, Baron está à minha esquerda, tentando me agarrar. Eu salto para longe da árvore, em direção à cobra. Quase caio, mas fico de pé, correndo pela água e me escondendo atrás da próxima árvore e da seguinte. Mas a porra da água me denuncia. As ondulações os levam direto para mim, não importa quantas vezes eu corra, e arrastar meus pés na água na altura dos joelhos começa a me exaurir. Nós nos aprofundamos no pântano, na escuridão sombria sob as novas folhas e o céu crepuscular.

Eu quase escapo dos gêmeos. Quando eles finalmente me pegam, eu chuto e golpeio, líquido gelado espirrando em nossas canelas enquanto lutamos.

Mas há mais um.

Posso ser uma lutadora e talvez escapar dos gêmeos, mas Royal também é um lutador. Royal tem movimentos. Ele é maior e mais forte e tão habilidoso quanto eu. Quando sua mão aperta meu pescoço, minha mente volta para os trilhos da ferrovia, para o dia no corredor em que ele me sufocou. Vejo o mesmo vazio em seus olhos agora e tento alcançá-lo como fiz antes. Agora sei que nosso monstro é o mesmo, e uma parte de mim se apega à esperança de que ele reconheça que me matar matará uma parte dele.

Mas a escuridão é muito profunda e não consigo encontrar nem uma sombra do garoto que amo.

Quando começo a perder a consciência, desta vez dou as boas-vindas. Eu quero apagar. Eu quero que isso acabe rapidamente. Prendo a respiração e tento me forçar para baixo.

— Não a mate, cara, — diz Duke. — Nós temos que nos divertir um pouco com ela primeiro.

Royal me joga na água, e meu corpo traidor suga o ar, como se quisesse viver, mesmo que isso signifique que nossas últimas horas sejam uma tortura. Eu ouço um caminhão na estrada e me imagino de volta ao Hummer, me jogando em seu caminho. Mais uma vez, eu me xingo por fugir. Ser esmagada por um caminhão de dezoito rodas teria doído menos do que sei que está por vir.

Os gêmeos me colocam de pé, juntando minhas mãos na minha frente. Não sei quando deixei cair meu telefone ou minha faca. Ainda estou lutando para recuperar a consciência quando sinto uma corda áspera cortando meus pulsos. Baron habilmente amarra minhas mãos. Começo a me debater, lutando em pânico, dando uma cotovelada na boca de Baron onde esmaguei meu joelho e Duke no ombro machucado, mas eles são fortes demais. Acabou no momento em que Royal entrou.

Duke me empurra para frente, para um pequeno trecho de terreno elevado sob uma árvore. Meu cérebro ainda está atordoado pela falta de oxigênio de quando Royal me sufocou, e mal consigo andar. Acho que estou chorando, mas talvez seja apenas água do pântano escorrendo pelo meu rosto. Os gêmeos enrolam a corda em volta da árvore acima da minha cabeça, então minhas mãos são puxadas contra ela. Tento não uivar de dor quando minha mão quebrada é esmagada contra a casca áspera. Recuando, eles me olham, respirando com dificuldade e cuspidando sangue de seu esforço enquanto me subjugam.

— Estou esperando para colocar meu pau nela desde o primeiro dia, — diz Baron, limpando a boca com as costas da mão. — Eu vou aproveitar isso. Eu até trouxe brinquedos.

— Seu bastardo doente, — Duke diz, batendo em seu ombro e colocando sua própria mochila no chão. — Só trouxe cerveja. — Ele abre uma e toma um longo gole. Baron desembrolha um pirulito. Eles me assistem chorar e implorar como a vadia patética que Royal diz que eu sou. O que eu tenho a perder? O orgulho nunca fez merda nenhuma para mim.

Quando finalmente aceito que Royal se foi, que não pode ser alcançado naquele lugar onde ele está dentro de si mesmo, volto-me para os gêmeos.

— O que vocês vão fazer comigo? — Eu pergunto, todo o meu corpo tremendo.

— Eu acho que você sabe o que, — Duke diz com um sorriso, seus olhos percorrendo meu corpo de uma forma que faz o cabelo da minha nuca se arrepiar.

— Nós vamos foder você, — diz Baron, observando minha reação com grande interesse.

— Já era hora de Royal compartilhar esse traseiro suculento, — diz Duke. — Quero vê-lo pular.

Baron sorri também, um sorrisinho torto que me deixa toda gelada. — Eu quero provar aquela boceta que deixou meu irmão de joelhos.

— Royal, — eu choro, girando em direção a ele. Ele não olha para mim. Ele não olhou para mim desde que disse que eu estava morta para ele. Ele vai me matar. Eu sei que vai. É como se eu já estivesse morta, um fantasma que ele não consegue ouvir. Os gêmeos olham para ele, esperando para ver se ele vai me responder. Esperando sua permissão.

Duke estende uma cerveja para ele. Ele abre a garrafa e toma um gole, os olhos vazios como os de uma boneca. — Eu terminei com ela, — diz ele com um encolher de ombros. — Faça o que vocês quiserem.

Suas palavras cortam linhas irregulares em meu coração. Quantas vezes ele disse que sou dele, vezes que não apreciei, vezes que lutei contra? Eu não queria ser o brinquedo dele. Agora vejo que idiota eu fui. Pertencer a Royal, deixá-lo me possuir, ser sua garota Dolce, sua putinha, até mesmo seu brinquedo, é a melhor coisa que poderia acontecer a uma garota como eu. Minha mãe está certa. Eu nunca deveria ter atirado para as estrelas, nunca acreditei que merecia algo melhor. Eu deveria ter aceitado o que me foi dado e agradecido. Mas eu queria mais. Mirei muito alto e, como Ícaro, estou em queda livre sem nada para me pegar.

Baron dá um passo em minha direção. Eu xingo e me contorço, puxando as cordas até senti-las queimando minha pele, rasgando-a. — Deixe-me ir, — eu grito, cuspiendo como um gato, me contorcendo quando ele vem para cima de mim.

— Não se preocupe, — ele sussurra. — Você vai adorar isso. Você queria no porão, mas não podia porque estava com Royal. Mas agora você não está. Você pode ter o que sempre quis, nós três. Assim como uma Swans.

— Você disse que não iria dominar alguém, que você gosta do desafio, — eu deixo escapar, agarrando-me a qualquer coisa que possa me ajudar a alcançar os garotos dentro desses monstros.

— Oh, é um desafio, — diz Duke, intensificando-se do meu outro lado. — Eu vou fazer você gozar, baby. Qualquer um pode foder uma cadela. Fazê-la gozar é o verdadeiro desafio.

— Gosto de vencer, — diz Baron. — Você lutou muito, mas nós vencemos. Agora reivindicamos os despojos.

Baron pega uma faca e corta meu moletom enquanto Duke luta contra minha calça jeans. Eu chuto para fora, acertando sua boca com meu joelho. Seu nariz já está sangrando e sinto com satisfação o ranger de seus dentes. Mas por mais que eu lute, eles me despojam.

— Cale a boca dela, — diz Royal, encostado em uma árvore e tomando um gole de cerveja, uma expressão ligeiramente irritada, o único sinal de humanidade em seu rosto. — Ela usou aquela boca mentirosa pela última vez.

Baron corta o capuz do meu moletom e o puxa para baixo sobre meu rosto, envolvendo-o com um pedaço de corda. Eu começo a me debater. Eu não posso ver. Eu não posso respirar. Quando tento gritar, ele puxa a corda com mais força, cortando minha boca, deixando meu maxilar aberto. Ele envolve-o apertado até que eu esteja amordaçada. Tento respirar pelo nariz, através do tecido. Para não entrar em pânico e desmaiar.

Eu não vou chorar de novo. Eu prometo a mim mesma isso. Vou aguentar e não vou dar a eles a satisfação de mais emoção. Eles espreitam ao meu redor, me tocando, os dedos de Baron quentes em minha pele fria, os de Duke úmidos da garrafa de cerveja. Minha pele se arrepia e eu reprimo um gemido. Estou exposta, como se estivesse naquele porão. Mas desta vez, Royal não está interferindo.

— Quem vai primeiro? — um deles pergunta. — Ou devemos ir os dois de uma vez?

— Vamos Jogar uma moeda? — o outro diz. Percebo que, sem vê-los, não consigo diferenciá-los. Não sei qual é qual. O pânico me atinge em ondas implacáveis.

Estremeço quando ouço um tilintar suave. Eles riem. E então um par de mãos cai em meus quadris. Eu mordo a corda, tentando não fazer barulho.

— Olha essa bunda, — ele diz. — Eu vou foder isso mais tarde.

— Vamos jogar sobre isso também.

— Eu não preciso fazer você gozar, — ele ronrona em meu ouvido. — Gosto de andar a seco.

Ele me empurra contra a árvore, me segurando presa. Acho que é o Baron. Eu me apego a isso, alguma pequena familiaridade que torna menos assustador, saber quem é. Eu o ouço abrindo, sinto o calor terrível de seu pênis contra a minha pele. Ele chuta meus pés e se posiciona entre minhas coxas. Quero acreditar que não é real, que Royal vai impedi-los, como fez toda vez que eles brincaram sobre isso. Ele tem que impedi-los. No último segundo ele os impedirá.

Mas ele quer isso. Ele disse para eles me levarem.

Baron empurra para dentro de mim, e eu engasgo com a mordaca, chocada com a dor quando seu pau grosso abre caminho através da minha abertura apertada. — Oh sim, — ele geme, alcançando meu corpo e deslizando uma mão entre minhas coxas, tocando cada parte de mim enquanto ele empurra para dentro de mim por trás. — Valeu a pena esperar por uma boceta tão boa, não é, queridinha?

Lágrimas de dor escorrem dos meus olhos, mas não faço barulho. Eu não estou chorando. É apenas a pontada de dor fazendo meus olhos lacrimejarem. Eu me concentro na respiração enquanto ele se arrasta para fora e empurra mais fundo, abrindo caminho em minha carne seca que parece que está se despedaçando a cada estocada. Parece que um cabo de vassoura estilhaçado está me perfurando. Mordo a corda para não gritar.

— Continue, — diz Duke, sua voz aquecida, bem ao lado do meu ouvido. — Prepare-a para mim.

— Cristo, ela é tão apertada que mal consigo entrar, — Baron geme, empurrando até o fim dentro de mim. — Vou destruir a boceta dela com tanta força. — Ele me fode com mais força, segurando meus ombros contra a árvore

enquanto ele me penetra. Para meu alívio, sinto-me alisando seu pênis, facilitando sua entrada.

— Puta merda, olhe para isso, ela está sangrando como uma virgem, — diz Baron, sua voz rouca de luxúria. — Isso me deixa tão duro. Eu vou gozar.

— Goze dentro dela, — diz Duke. — Eu a quero pingando para mim.

— Onde mais eu gozaria? — Baron pergunta.

Eles riem.

Mordo com mais força quando ele goza, me batendo contra a casca áspera da árvore. — Deus, ela se sente tão bem. — Ele geme as palavras, moendo-se em mim, seus quadris contra minha bunda, pequenas rajadas de calor líquido preenchendo minhas entranhas ardentes. Ele não usa camisinha. Ele está tirando minha dignidade, fazendo o ato mais íntimo possível comigo. Ele violou meu núcleo cru e desprotegido, como se tivesse direito a isso.

— Cara, é a minha vez, — diz Duke, puxando-o para fora. — Eu esperei muito tempo para sentir essa doce boceta ordenhando meu pau.

Acho que fiz um som, mas se perdeu atrás da mordaca. Meu cérebro está cambaleando com o choque. Eu posso sentir o sêmen escaldante de Baron escorrendo pelas minhas coxas frias, e a repulsa destrói meu corpo.

As mãos de Duke se movem sobre mim, provocando, acariciando, beliscando meus mamilos com força suficiente para me fazer choramingar.

— Nossa pequena perseguidora, — ele ronrona em meu ouvido. — Você é melhor nisso do que pensávamos. Você é o pacote completo, não é? Quente, inteligente e resistente. Ideal para nós três. E nós três podemos nos divertir antes de terminarmos com você.

Suas mãos se movem sobre mim lentamente, até que estejam quentes da minha pele. Sua respiração é quente contra a minha nuca, e vejo meu corpo respondendo mesmo nesta situação horrível. Uma parte doente e instintiva de mim o quer por perto, quer a familiaridade quente de um corpo em vez da escuridão fria do pântano e da crueldade de seu irmão. Duke é quem tem consciência. Ele me segurou no rio. Ele me puxou para longe do carro-bomba e me segurou com força, me firmando. Como posso alcançá-lo?

Seu corpo está encostado no meu, seus dedos gentis na minha pele, seu pau duro e quente. — Sua boceta está molhada para mim, Cherry Pie? — ele sussurra em meu ouvido, sua mão mergulhando entre minhas pernas, acariciando suavemente. — Eu sei que você queria isso desde o dia em que nos conhecemos. Eu vejo como você me olha quando meu irmão não está olhando. Você quer isso e agora pode finalmente admitir.

Seus dedos exploram mais profundamente, acariciando meu clitóris. Um arrepio passa por mim e o calor pulsa em meu núcleo. Suas mãos se movem para minha bunda, e ele abre minhas bochechas, empurrando seus quadris para frente para que seu pau fique entre eles. Seus dedos cavam em minha carne, e a base de seu pênis pulsa contra meu buraco nodoso.

Eu balanço minha cabeça, chorando para ele parar com a mordança.

Ele ri. — Você não quer meu pau nessa bunda apertada? — ele provoca. — Eu quero saber por quê. É como foder uma virgem todas as vezes, e eu não consegui foder você quando você era virgem. Você já era uma putinha suja quando nos conhecemos, não era? Abrindo as pernas para velhos em estacionamentos. Quanto ele pagou a você, puta?

Balanço a cabeça com mais força, engasgando com a mordança. Lágrimas ameaçam, mas eu as forço de volta, mesmo quando a dor de segurá-las vai direto para minha garganta, e um som estrangulado vem espontaneamente.

— Você não quer isso? — Duke pergunta.

Eu balanço minha cabeça e forço um som por trás da mordança.

— Então, você quer que eu foda sua boceta? — ele pergunta.

Eu aceno freneticamente, e ele ri. — Eu sabia que ela me queria.

Quero sentir raiva, fúria, humilhação, mas não posso. Há apenas medo.

— Pare de brincar com ela e a castigue, — rosna Royal. — Ela não merece gozar.

Eu quase tinha esquecido que ele estava aqui. Por fim, lágrimas de verdade queimam meus olhos, vergonha e dor cravando uma faca em meu coração. Ele está aqui. Assistindo. Entregando-me a seus irmãos. Compartilhando-me com eles contra a minha vontade, como um brinquedo que era dele, e agora ele está

passando adiante. Sua boneca quebrada, seu brinquedo usado. Ele está sancionando isso, talvez ordenando. O castigo pela traição.

— Ah, mas é minha única chance de jogar, — Duke diz a ele, deslizando um dedo dentro de mim. — E você sabe como eu gosto de jogos.

Baron ri atrás dele, e meu corpo se contrai de terror novamente. São todos psicóticos, piores que cobras, piores que qualquer coisa que eu imaginei. Eles não são meus amigos, não são meus protetores. Eles vão assistir Duke me reivindicar, sabendo que ele ama o jogo, a atenção. Estão todos adorando, menos eu. Todos eles querem isso. Eles querem que eu me machuque, grite, quebre. E eles sabem como fazer isso acontecer.

Ainda segurando meu quadril, Duke move a mão e, de repente, uma intensa vibração vibra ao longo de seu pênis enquanto ele posiciona a cabeça na entrada quebrada que Baron usou. O alívio de que ele não está me machucando mais do que deveria, combinado com a vibração e o calor de seu pênis nu contra minha carne inchada, envia uma pulsação involuntária através de mim. — Foda-se, sim, — Duke geme. — Eu amo uma boceta pingando, toda suja de sangue e esperma. Quero comer aquela torta de cereja depois de transar com ela.

O horror ondula através de mim, mas não deixo escapar um som quando seu pau grosso e longo desliza para dentro de mim. — Oh, Deus, — ele respira contra o meu pescoço. — Deixe-me sentir você gozar, sua puta suja. Você gosta de paus velhos e enrugados dentro da sua boceta apertada, não é? Você abrirá as pernas para qualquer um. Não há vergonha em gostar de um pouco de humilhação.

Afasto suas palavras, concentrando-me no murmúrio familiar de sua voz, como um cobertor me acalmando. É apenas Duke. Em meio a todo o horror da noite, uma coisa é certa: Ele não está me machucando. Enquanto seu pênis desliza para dentro de mim mais e mais, a vibração do anel aumenta a tensão dentro de mim, enrolando-a cada vez mais. Não vou gozar, mas também não vou piorar. Quando ele me diz para relaxar, deixo minhas pernas ficarem moles, então meu peso repousa sobre seus quadris a cada impulso. Talvez seja ele quem vai me salvar. Eu sei que Royal não vai. Baron era ainda mais sádico do que eu esperava.

Mas Duke é diferente. Ele é sempre rude, bêbado e desagradável, e fala tanto que, se você não prestar atenção, pode não perceber que ele nunca diz nada. Eu pensei que o Baron com seu exterior analítico e observação silenciosa era difícil de saber, mas é o Duke que eu conheço menos do que tudo. Com a tenacidade de um pit bull moribundo, agarro-me à esperança de que, em algum lugar sob toda a impetuosidade e bravata, ele tenha uma consciência. Talvez ele vá junto, mas não quer.

De repente, volto a mim com clareza nítida. Este é Duke, sim, mas ele não vai me ajudar mais do que os outros. Só porque ele não está me torturando, ele ainda está me fodendo como se fosse um esporte para espectadores. Duke, que ajudei a subir no carro quando ele estava bêbado, que me segurou no rio e me manteve aquecida, agora está se revezando comigo enquanto estou amarrada em um pântano. Ele observou seu irmão me amordaçar e me foder até secar, e ele não fez nada além de rir e animá-lo e oferecer-lhe uma bebida.

E Royal. Meu coração desmorona só de pensar nele assistindo isso, ordenando como uma execução. Royal, que lutou tanto para me afastar, que eu estava finalmente conseguindo me deixar entrar, mesmo que fosse um pouquinho. Royal fez isso.

Minha mente ferve de raiva de repente, mas meu corpo responde de uma maneira diferente. Os quadris de Duke esmagam os meus contra a árvore, prendendo-me como uma borboleta indefesa, uma mão ainda se estendendo para acariciar meu clitóris com dedos hábeis e seguros. Seu pênis lateja por dentro, chegando ao fundo, enquanto o anel massageia minha carne sensível, enviando uma onda de prazer através de mim. — Goze para mim como você faz para ele, — ele sussurra em meu ouvido, seus lábios traçando a coluna do meu pescoço. — Deixe-me sentir você como ele faz. Finja que sou ele se isso te levar até lá, querida. Eu quero sentir você gozar tanto. Estarei lá com você.

Eu tento me segurar, mas quando ele desliza seus dedos lentamente em um círculo ao redor do meu clitóris e sua boca acaricia minha orelha, é demais. Meus dedos dos pés se curvam, formigamentos trêmulos subindo por minhas pernas e se enrolando entre elas como um gatinho. Calor sobe pelo meu pescoço e floresce em minhas bochechas. Minhas mãos se fecham em punhos impotentes e meus lábios se abrem em uma fúria sem palavras. Meus mamilos se projetam dolorosamente contra a casca áspera da árvore, e minhas coxas tremem quando ele se esforça dentro de mim.

Eu não vou dar a ele essa satisfação. Eu não vou.

E então, de repente, minha bainha começa a vibrar impotente em torno de seu pênis, e um grito estrangulado se aloja em minha garganta. Não é um grande clímax, mas forçado, amargo, que atinge apenas meu corpo, não meu coração. Mas ele sente e seu corpo responde. Seu calor corre para dentro de mim, me enchendo enquanto seu pau empurra dentro de mim de novo e de novo, derramando seu esperma. Por um minuto depois, nenhum de nós se mexe. Posso ouvir a água pingando no pântano, um som suave de ondulações quando alguém se move, os carros na estrada passando pelos campos. Posso sentir seus braços quentes ao meu redor, uma falsa sensação de proteção depois do que ele fez. Espasmos percorrem seu corpo e pequenas pulsações vibram dentro de mim, mas não sei dizer se é ele ou eu.

Por um minuto, esqueci o que era. Por um minuto, foi apenas meu corpo me dando a única coisa que podia, um momento em que não tive que suportar a dor da realidade. E então ele se afasta, e o ar atinge minha pele suada, e uma vergonha como nada que eu já senti toma conta de mim, tão forte que perco o fôlego e penso, naquele momento, um pouco da minha mente. Um soluço engasga na minha garganta, mas não consigo gritar.

O que há de errado comigo? Eu realmente queria isso?

— Eu fiz isso, — Duke canta. — A vagabunda totalmente gozou! Agora ela nunca pode dizer que não queria.

Eu ouço suas risadas, cruéis e insultantes, e o prazer do meu corpo desaparece como se eu tivesse mergulhada de volta no pântano gelado. O som da pele batendo na pele enquanto eles dão mais cinco pedras através de mim como se estivessem batendo no meu rosto. A humilhação cai sobre mim em ondas, apagando o calor do meu corpo como água fria, cinza e usada. Eu estremeço, lutando para me libertar, para puxar meus braços e pernas, para cobrir meu corpo em toda a sua exposição e vulnerabilidade. Mas não há escapatória, não há como se esconder.

— Estou entediado, — Royal fala lentamente, soando como se ele não fosse genuinamente afetado pela cena que acabou de testemunhar. Como se ele tivesse visto um milhão de vezes, e nem mais registra. — Vamos lá.

Eu aperto meus olhos fechados atrás do capuz e queimo com suas palavras frias e sem coração. Ele está entediado de ver seus irmãos se revezarem comigo.

Acho que ele está farto de se agarrar à sensação de alívio que esse pensamento traz. Está quase acabando.

Mas quando ouço seus pés chapinhando na água, minha mente grita de pânico. Não, não, não. Eles não podem me deixar aqui. Eles não podem me deixar amarrada. Ninguém nunca vem aqui. Não consigo nem gritar para alertar alguém que possa trabalhar no campo. Eu vou morrer antes de ser encontrada.

— Sabe, ouvi uma história sobre uma cobra que rastejou para dentro de uma garota para se aquecer no inverno, — diz Baron. Seus dedos roçam minha coxa e eu tremo de terror. Não sei o que é pior. Ser deixada aqui para morrer, ou eles ficarem para me torturar mais.

— Cara, não acredito que Royal está nos deixando, — diz Duke. — A diversão estava apenas começando.

Eu ouço um som de movimento e, um minuto depois, algo queima minha pele na parte de trás do meu quadril. Eu grito em choque com a dor, o som abafado por trás da mordaca. Duke ri loucamente. Ele pressiona com mais força, e eu posso sentir o cheiro de pele queimada mesmo através do capuz.

— Vamos deixar Royal e voltar, — diz Baron, baixando a voz. — Ele terminou com ela. Ele disse para deixá-la aqui. Não há motivo para não nos divertirmos um pouco com ela antes que ela morra.

— Foda-se, sim, — Duke canta, afastando o que quer que ele estivesse me queimando. — Vamos chamar os caras. Podemos trazer amigos. Você sabe que Cotton está sempre pronto para um pouco de estupro e pilhagem.

— Tudo o que eles tentaram fazer com nossa irmã, conseguimos fazer com eles, — diz Baron. — São as regras. Royal sabe disso.

— Colin diz que ela levou toda a equipe como caloura na Faulkner, — diz Duke. — Parece justo que ela faça isso em Willow Heights se ela for para lá.

— Acho que ela não vai a lugar nenhum depois disso.

Eu empurro as cordas, ouvindo-os rir de sua trama enquanto eles fecham suas malas. E então eles estão atravessando a água, me deixando amarrada e amordaçada no pântano úmido. Eu grito, esperando que eles ouçam os sons abafados e tenham pena de mim. Eu só preciso que eles me desamarrem, para que eu possa chegar em casa. Eu faria isso. Eu andaria descalça ao longo da

estrada, cada milha de volta para Faulkner, como se valesse a pena voltar. O que importa se eu tenho roupas? Se alguém me pegar e me sequestrar, e daí? Já passei pelo pior e ainda estou respirando.

Se eles me ouvem, porém, eles não param. Não há misericórdia nesses meninos para uma garota que traiu seus segredos mais sombrios para o inimigo.

Quando eles se vão, há silêncio, exceto pelo zumbido dos mosquitos e um respingo ocasional que faz meu coração parar. Eu temo ouvi-los retornar. Eu temo uma noite aqui sozinha. Pode ser que chegue a cinquenta graus, mas estou nua e molhada, apenas com a cabeça coberta. Isso será suficiente para me matar? Uma cobra realmente rastejaria dentro de mim?

Não, isso é ridículo. Estou em pânico. Preciso me concentrar em minhas mãos. Elas sempre me salvaram. Elas são as únicas coisas que podem me salvar agora.

Tento soltar as cordas, mas minha mão direita está mutilada, os ossos quebrados e o inchaço tão grande que meus dedos parecem salsichas desajeitadas. Trabalho com a mão esquerda, embora esteja dormente por tanto tempo acima da minha cabeça. Se eu conseguir ficar livre, posso liberar minha mão direita. As cordas são tão apertadas, porém, que nem consigo ver que tipo de nó eles deram. Dobrando meu pulso em um ângulo estranho, eu me atrapalho com ele, tentando colocar meus dedos nos nós que parecem ter sido soldados juntos.

Uma e outra vez, digo a mim mesma que nada disso importa. O que eles acabaram de fazer não importa. Eles não importam. Royal não importa. O Sr. D é uma memória desbotada. O que eu disse a ele também não importa. Tudo o que importa é aqui, agora. Me libertando. Eu. Minha vida. Eu importo. Isso é tudo.

Eu trabalho até meus dedos ficarem em carne viva, minhas unhas rasgadas e sangrando, muito duras de frio e dormentes por serem erguidas acima dos meus ombros. A queimação em meu quadril lateja a cada batida do coração, minhas mãos são uma chama de dor e entre minhas coxas está em carne viva e dilacerada. Já deve ser meia-noite e não estou livre. Eu não posso me libertar. O desamparo é o pior de tudo.

Eu me afundo contra a árvore e tento respirar através do capuz molhado. Eu quero gritar, derramar minha raiva ardente sobre a terra e não deixar nada

além de uma cratera queimada de minha fúria. Eu deveria cuidar de mim. Eu sou a única pessoa que faz isso. E eu falhei. Eu falhei, porra.

Enquanto descanso, tento pensar em uma saída.

Ninguém virá por mim. Pode levar dias para mamãe ficar sóbria o suficiente para perceber que não voltei para casa. Ela vai presumir que estou saindo com um cara, provando que sou igual a ela. Será tarde demais quando alguém começar a procurar, se é que o fará. Mais provavelmente, eles vão presumir que eu fugi. Afinal, sou uma garota pobre. Nós fazemos essa merda, então por que desperdiçar recursos procurando?

Ninguém mais me ajudaria, mesmo que pudesse. Eu não tenho amigos. Nenhum pai. Nem mesmo o Sr. D. Eu o cortei. Afastei todos. Se eu nunca os deixasse fechar, eles nunca poderiam sair. Eu disse a mim mesmo que era o suficiente, que *eu* era o suficiente. E agora não sou, e vou pagar por esse erro com a minha vida. Minha única esperança é o inimigo, as mesmas pessoas que me deixaram aqui para morrer.

Eu não tenho mais ninguém. Só eu. Então, eu tenho que tentar. Mais uma vez.

Minha última noite de luta, a luta pela minha vida.

Trabalho com as mãos dormentes até sentir o sangue escorrendo das cordas pelos braços. Quando meus dedos perdem toda a sensibilidade, eu puxo meus braços, ficando cada vez mais desesperada. Eu me jogo de um lado para o outro, esperando poder serrar meus próprios pulsos com a corda. Se eu tivesse que sair sem as mãos, pelo menos estaria viva. Eu grito silenciosamente, minha voz sumindo, engasgando com a mordaça, meus ombros torcendo até que a dor me domine, e eu não consigo mais puxar as amarras.

Não sei quanto tempo estou aqui. Cada caminhão que ruga na estrada me faz pular, cada rangido das árvores faz meu pânico disparar. Sapos e insetos abafam qualquer outro som. Quando ouço vozes de novo, um alívio horrível cresce em meu peito.

Eles estão voltando para mim.

Sussurros flutuam pela água parada e, em seguida, voltas suaves e ondulantes no chão perto dos meus pés. Eu não posso dizer onde eles estão.

São os gêmeos - apenas os gêmeos? Tudo ecoa estranhamente no pântano aquoso. Um arrepio percorre minha espinha, arrepiando os cabelos da minha nuca. Suas últimas palavras se repetem em minha mente. Quando ouço o barulho se aproximando, o terror substitui o alívio, e o sangue em minhas veias se transforma em cristais de gelo.

Eles estão voltando para mim...

Continua...